PÔSTERES: Metallica (Ride The Lightning) e Body Count • COLLECTION: Andre Matos

ROADIE CREW

y Metal & C Rock

By_Lu*Ch@qu£

DEEP PURPLE

WHOOSH!

UM SOPRO DE VIDA

OS CONTOS DE IAN GILLAN

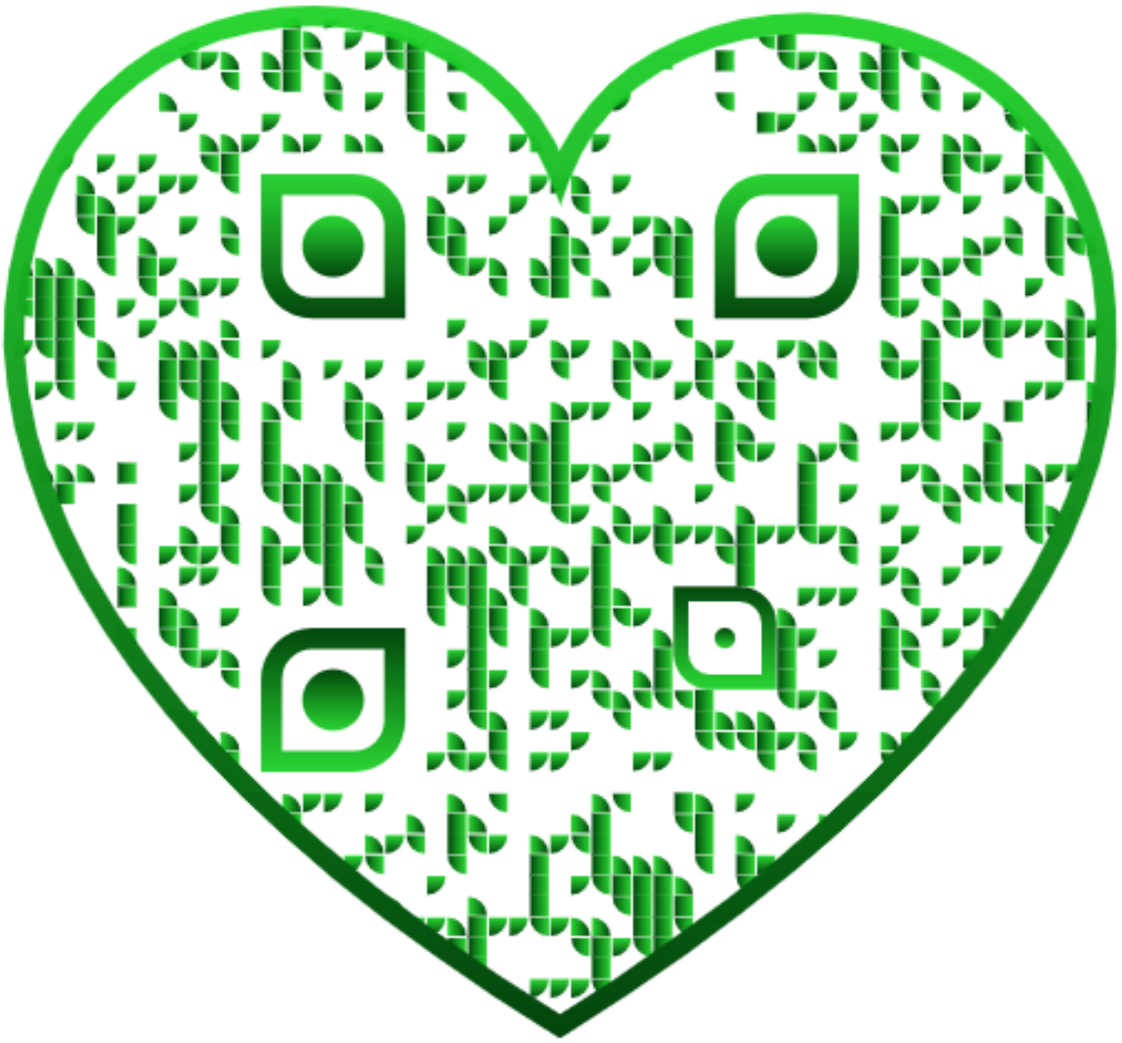
ESPECIAL

RUPTURAS E SEPARAÇÕES NO

HEAVY/ROCK

Sepultura | Angra | Shaman | Black Sabbath | Kiss | Ratt
Guns N'Roses | Iron Maiden | Venom | Queensrÿche... e mais

ENTREVISTAS: Nervosa • Crypta • Vader • My Dying Bride
Black Swan • Vulcano • Cloven Hoof • Bad Wolves



By_Lu*Ch@qu£

IAN PAICE
DON AIREY
IAN GILLAN
STEVE MORSE
ROGER GLOVER

e·a·r MUSIC

Shinigami 死神 Records

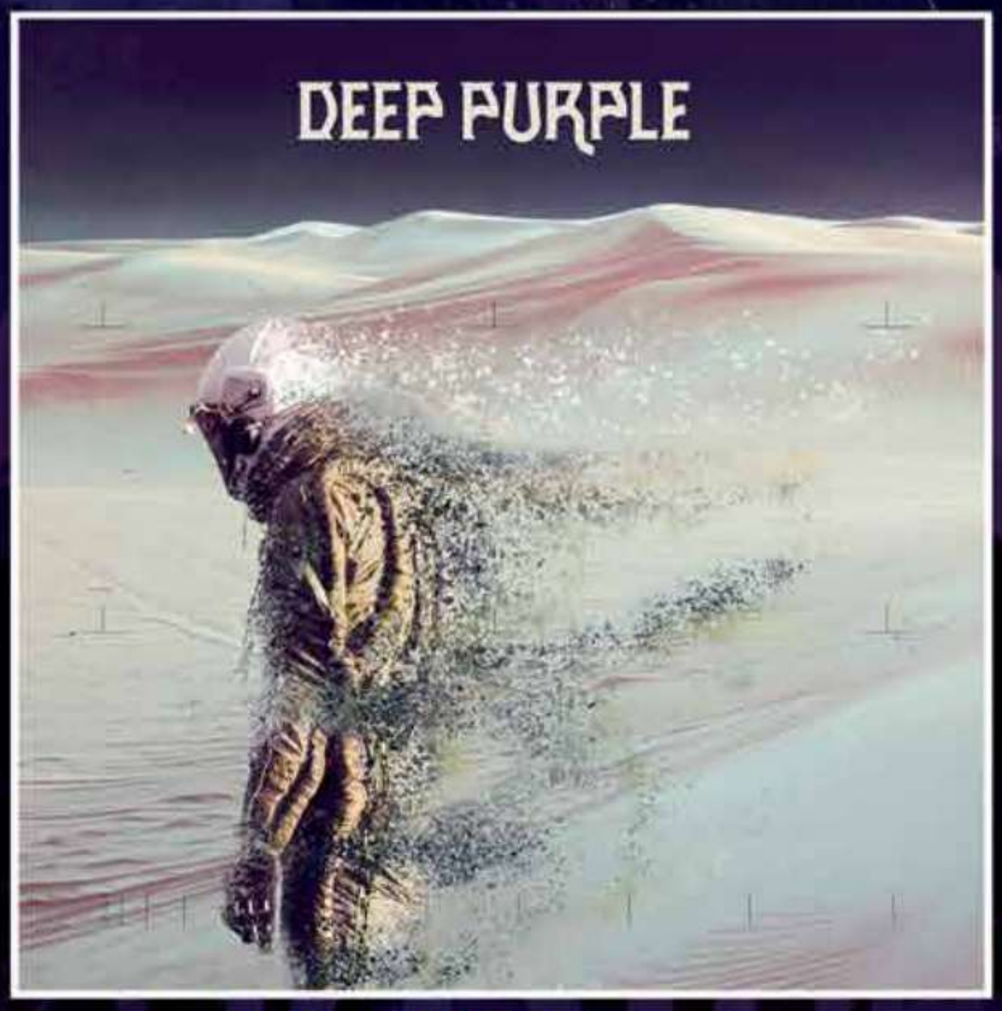
DEEP PURPLE

"Isso é excelente."
Classic Rock Reino Unido

"Um dos melhores álbuns de 2020."
Rock Hard Itália

"Incrivelmente forte."
Classic Rock Alemanha

"Um trabalho fenomenal para figurar entre os melhores do grupo"
Roadie Crew



DEEP PURPLE *WHOOSH!*

O hard rock improvisado, destemido e de espantosa classe está de volta.
Mais um trabalho incrível da lenda chamada Deep Purple.
Ian Gillan, Roger Glover, Ian Paice, Steve Morse e Don Airey

JÁ DISPONIVEL

DEEP PURPLE
LIVE IN NEWCASTLE, AUSTRALIA 2014

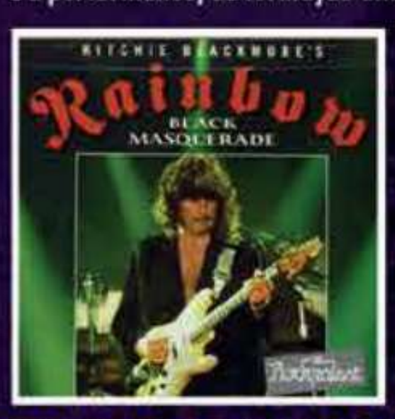
Um novo conjunto de gravações de concertos Purple,
The Soundboard Series, começa com o Live In Newcastle 2001.
Gravado em Newcastle, na Austrália, a qualidade do áudio é alta.
E a performance, da formação Gillan / Glover / Lord / Paice / Morse, é magistral.

JÁ DISPONIVEL

DEEP PURPLE
LIVE IN ROME, ITALY 2013

O show leva o público de volta a turnê "Now What?!" de 2013,
quando Ian Gillan, Ian Paice, Roger Glover, Steve Morse e Don Airey
comemoraram o primeiro álbum após a morte do ex-colega de banda e amigo Jon Lord.
"Live In Rome 2013" captura uma performance enérgica e emocional. Mais uma vez, o Deep Purple
prova sua extraordinária qualidade não apenas no estúdio, mas também no palco.

arte: www.jduartedesign.com



RITCHIE BLACKMORE'S RAINBOW
BLACK MASQUERADE

HEAT
II

MYRATH
LIVE IN CARTHAGE
CD + DVD

YES
OPEN YOUR EYES

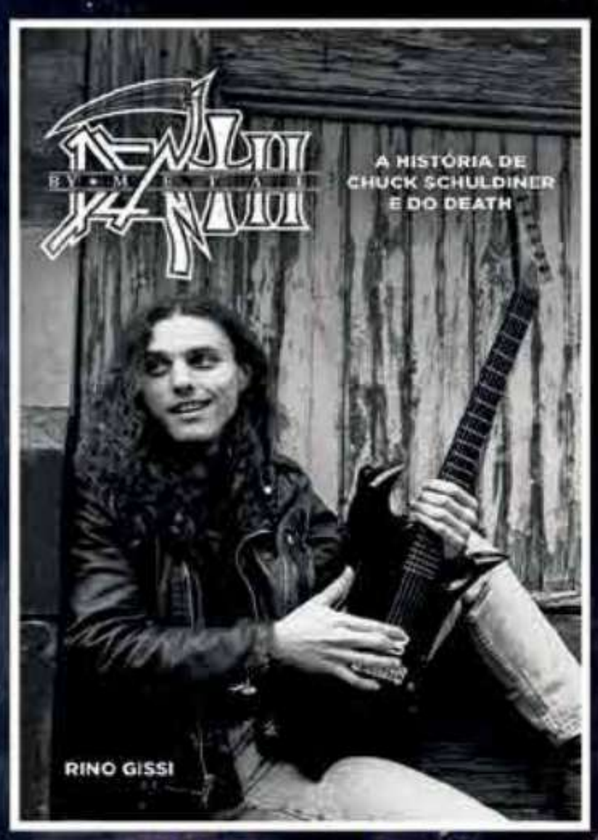
YES
THE LADDER

11 3719-0993
www.shinigamirecords.com.br
loja@shinigamirecords.com

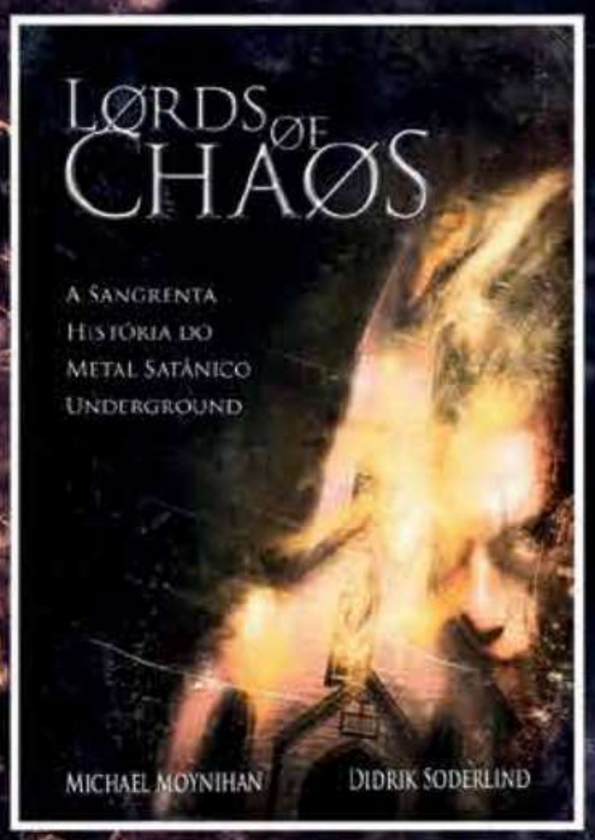
By_Lu*ch@qu£

IRON MAIDEN PARA CRIANÇAS
Livro ilustrado totalmente colorido.
126 págs.

RONNIE JAMES DIO
Única biografia já escrita sobre Dio.
230 págs.

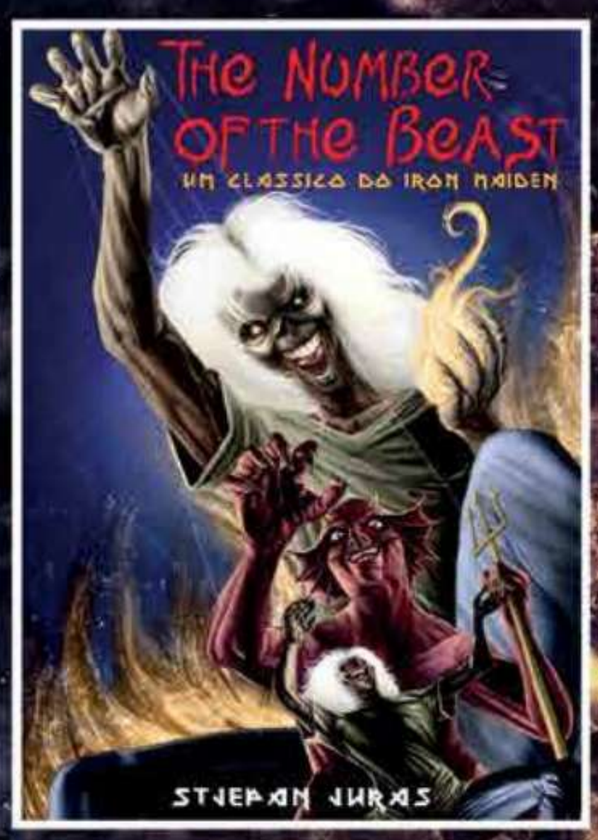


DEATH BY METAL
A História de Chuck Schuldiner.
260 págs. Capa Dura.



LORDS OF CHAOS
440 págs. 220 fotografias.
Capa Dura. Limitado a 666 cópias.

WHITESNAKE
A História de David Coverdale.
312 págs. Capa Dura.



THE NUMBER OF THE BEAST
Coleção de livros sobre álbuns do
Maiden. 320 págs. Capa Dura.

USE O
CUPOM DE DESCONTO
"ROADIE10"
E GANHE 10%
DE DESCONTO NAS
COMPRAS NO SITE.

WWW.ESTETICATORTA.COM.BR
VÁLIDO ATÉ 31/08/2020

O SENHOR DOS METAIS
A Influência de Tolkien d Rock & Metal.
350 págs. Capa Dura.

Estética Torta
esteticatorta
esteticatorta

By_Lu*Ch@qu£

ÍNDICE

06 CENÁRIO
16 ROADIE MAIL
17 PORTAL ROADIE CREW
18 DEEP PURPLE
26 NERVOSA
30 CRYPTA
34 ESPECIAL: RUPTURAS E SEPARAÇÕES NO HEAVY/ROCK
52 RELEASES
55 FRONT COVER (MARCELO VASCO)
Deep Purple - Stormbringer
57 ROCK AVERAGE
Armored Saint - Symbol Of Salvation
62 CLOVEN HOOF
64 VADER
68 PLAYLIST
Manu Joker (Uganga)
70 HIDDEN TRACKS
Holy Terror
72 BLACK SWAN
76 VULCANO
78 ETERNAL IDOLS
Little Richard
80 CLASSICREW
Entombed, The Band e Destruction
82 BACKGROUND
Ozzy Osbourne (Parte 6)
88 COLLECTION
Andre Matos
90 BAD WOLVES
92 MY DYING BRIDE
96 COLUNISTAS
It's Only Rock'n'Roll / Brotherhood / A Look At Metal / Campo de Batalha
98 PROFILE
Alyson Garcia (As The Palaces Burn)

FOTOS:
Deep Purple: Ben Wolf

CARTA DO EDITOR

HOMENAGEM A UM PROFISSIONAL DE (E DA) VERDADE

No último dia 17 de julho, o Brasil perdeu **JOSÉ PAULO DE ANDRADE** (78 anos), um dos maiores profissionais de comunicação do país, com atuação no rádio e na TV, mas que dedicou 60 anos de sua vida especialmente ao rádio, 58 deles na Rede Bandeirantes. Como ouvinte da emissora desde criança, acompanhei sua carreira por esses anos todos e sempre o vi como um modelo de profissionalismo e de paixão pelo trabalho. Começou no esporte, tendo o futebol como uma de suas grandes paixões, mas depois se destacou no jornalismo geral como apresentador e comentarista, e nunca escondeu seu amor também pelo rock: foi grande fã de John, Paul, George e Ringo – eis aí afinidades que nos aproximaram. No futebol teve a felicidade de acompanhar bem de perto nada menos que o **Eterno Rei Pelé**, inclusive trabalhando no jogo em que o maior jogador de todos os tempos marcou seu milésimo gol. Zé Paulo também viveu uma grande emoção ao assistir em 30 de junho de 2006, em Las Vegas (NV-EUA), seu filho **Cesar Andrade**, patinador profissional, se apresentando na estreia do espetáculo do Cirque du Soleil "The Beatles LOVE", que é baseado na carreira da banda, e nessa noite estavam presentes Paul McCartney, Ringo Starr, Yoko Ono, Cynthia Lennon, Julian Lennon, Olivia Harrison, Dhani Harrison e George Martin. O "Canhão do Rádio", como foi apelidado por Milton Neves (também da Rádio Bandeirantes), era tio de **João Maurício de Andrade Bellemo**, que foi vocalista da banda **Swingfire**, em que o baterista era o Chefe da Redação da **ROADIE CREW**, o nosso **Ricardo Batalha**. Essa era uma ligação do Zé Paulo com o heavy metal, e que faz o Batalha lembrar de suas observações sobre o som do Swingfire dizendo que a banda era "muito pesada" para ele. Sentimos demais sua partida e manifestamos nossos sentimentos aos seus familiares e amigos, com uma especial referência ao seu grande parceiro Salomão Esper.

Como já é de conhecimento de grande parte dos nossos leitores, em agosto de 2018 foi deferido pela Justiça o pedido de Recuperação Judicial das empresas do Grupo Abril, incluindo a DINAP, responsável pela distribuição de revistas em bancas para todo o país. Essa empresa que já vinha enfrentando dificuldades na realização de suas atividades, teve seu trabalho ainda mais comprometido com a dispensa de grande parte dos empregados. Desde 2017 as indústrias do setor editorial já começaram a sentir fortemente os efeitos de uma crise neste segmento da economia e tivemos o fechamento de duas grandes gráficas que nos prestaram excelentes serviços: a Prol, em 2017, e a Bandeirantes, em 2018. Com isso nossa editora passou a encontrar problemas para conseguir colocar a revista nas mãos dos leitores com a regularidade desejada. Os atrasos na produção e distribuição passaram a acontecer, até chegarmos ao ponto de que, para não acumular esses atrasos, decidimos reduzir a frequência da impressão juntando janeiro e fevereiro numa edição. Mas, quando voltaríamos à normalização deu-se a chegada da pandemia do Covid-19, que afetou diretamente as indústrias e os canais de distribuição, inclusive os correios.

Mantemos a confiança de que tudo voltará ao normal, e, por enquanto, quem tiver dificuldade de encontrar a revista em bancas pode adquirir diretamente conosco através do site (www.roadiecrew.com/roadie-shop), por telefone/WhatsApp (11-96380-2917) ou e-mail (assinaturas@roadiecrew.com).

Airton Diniz

ROADIE CREW
Heavy Metal & Classic Rock

EDIÇÃO: 255
JULHO-AGOSTO/2020
ANO 23

EDITORES:
Airton Diniz - airton@roadiecrew.com
Claudio Vicentin - claudio.vicentin@roadiecrew.com

DIRETORIA ADMINISTRATIVA:
Vera Diniz - vera@roadiecrew.com
Cintia Diniz - cintia@roadiecrew.com

REDATOR-CHEFE (REDAÇÃO):
Ricardo Batalha - rbatalha@roadiecrew.com

REDATOR:
Antonio Carlos Monteiro - tony@roadiecrew.com

DIRETOR DE ARTE:
Leandro de Oliveira - leandro@roadiecrew.com

COLABORADORES:
Alessandro Bonassoli, Daniel Dutra, Écio Souza Diniz, Guilherme Spiazzi, Heverton Souza, Ivanei Salgado, João Messias Jr., Leandro Nogueira Coppi, Leonardo M. Brauna, Luiz Cesar Pimentel, Maicon Leite, Marcelo Vasco, Matheus Vieira, Sergiomar Menezes, Thiago Prata e Valtemir Amler

Fotógrafos: Carlos Delagusta, Renan Facciolo e Roberto Sant'Anna

Traduções: Carlo Antico

COLABORADORES NO EXTERIOR:
EUA: Chris Alo, Ken Sharp, Mitch Lafon e Steven Rosen

ASSINATURAS E EDIÇÕES ANTERIORES:
Maria José Diniz - zeze@roadiecrew.com
ou assinaturas@roadiecrew.com
Tel.: (0xx11) 5058-0447

PUBLICIDADE:
Depto. Comercial - anuncios@roadiecrew.com
Tel.: (0xx11) 5058-0447

DISTRIBUIÇÃO EXCLUSIVA PARA TODO O BRASIL:
DINAP - Dist. Nacional de Publicações Ltda.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO:
Grafilar

ROADIE CREW é uma publicação
da Roadie Crew Editora Ltda.
Caixa Postal 43015 - CEP: 04165-970
São Paulo/SP - BRASIL
F.: (0xx11) 5058-0447 - Fax: (0xx11) 5058-6047
E-mail: redacao@roadiecrew.com

Site: www.roadiecrew.com
facebook/twitter: roadiecrewmag

ISSN 1415-322X

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização expressa dos editores. Todos os artigos aqui publicados são de responsabilidade dos autores, não representando necessariamente a opinião da revista

For International Contacts: +55 11 5058-0447

SOMOS FILIADOS ABEMÚSICA

By Lu*Ch@qu£

MASTERCLASS
MUSIC BUSINESS

20 CONVIDADOS DE PESO, ENTRE ELES ARTISTAS COMO

DEE SNIDER
(Twisted Sister)
ALBERTO RIONDA
(Avalanch)
JIMMY LONDON
(Matanza Ritual / Jimmy & Rats)
MARCELO BARBOSA
(Angra)
THOR MORAES
(Malta)
JUNIOR BASS GROOVADOR
BRUNO SUTTER
(Massacration)
ROY Z
(Bruce Dickinson / Andre Matos / Judas Priest)

E mais:

Produtores musicais
Empresários
Diretores de gravadoras
Diretores de videoclipes
Diretores financeiros
Imprensa
Roadies
Donos de casas de shows

Com conteúdos cobrindo:

Liderança e Comportamento
Produção Musical
Booking And Tour Management
Gravadoras
Videoclipes
Finanças
Marketing & Promotion
Técnicos de instrumentos e roadies
Estruturas de shows

57 AULAS cobrindo todo o universo do Show Business em 360 graus.

MASTERCLASS DEFINITIVA DO SHOW BUSINESS

PAULO BARON

ROCKING YOUR LIFE

ROCK century

Empreendedorismo Musical: www.**RockCentury**.com.br

@RockCenturyOficial /RockCenturyOficial
@TopLinkMusic /TopLinkMusicOficial

By_Lu*Ch@qu£

BRAVE

PREVISÃO DE NOVAS VITÓRIAS EM NOME DO POWER METAL

Ricardo Carbonero, Carlos Bertolazi, Sidney Milano e Carlos Alexgrave seguem na luta em prol de seu brutal power metal
Sissi dos Santos/Divulgação

"O estúdio é o oráculo, e o palco é o campo de batalha". Esse lema acompanha a trajetória de mais de duas décadas dos paulistas do Brave, originário da região de Sorocaba (SP). Durante esse percurso, entre vitórias e obstáculos superados no underground, mudanças ocorreram até o grupo estabilizar sua formação com Sidney Milano (vocal), Carlos Bertolazi (guitarra), Ricardo Carbonero (baixo) e Carlos Alexgrave (bateria), a mesma que gravou o segundo álbum, *Kill the Bastard* (2016). Quatro anos depois, tal bordão volta à tona, e nunca fez tanto sentido. Em *The Oracle* – entenderam a razão, né –, o quarteto demonstra maturidade musical, com a promessa de angariar novas conquistas ao vivo, ostentando a bandeira de seu 'brutal power metal'. Pelo conteúdo sonoro apresentado aqui, a previsão deve se confirmar.

Queria iniciar esse papo com a relação estabilidade-entrosamento-qualidade. O quanto essas três palavras se conectam dentro da banda para os resultados positivos apresentados tanto em *Kill the Bastard* quanto no mais recente trabalho, *The Oracle*?

Sidney Milano: Estamos juntos pela música, pelo metal e pela contínua construção de nossas amizades, além de estarmos aprendendo a nos conhecer cada vez mais. Entrosados por semelhanças e também por diferenças. É um desafio pessoal-coletivo satisfatório para nós. No final, a essência se resulta pelo consenso. Temos isso em comum, de nos melhorar a cada etapa.

Ao mesmo tempo, é importante salientar que os três discos do Brave possuem suas próprias características. De que maneira vocês os descreveriam? O que há de similaridades e diferenças?

Sidney: *The Last Battle* (2012) é tradicional, bélico e consolidador. É o início em que se agrupa a historicidade do Brave. Foi exposto à rebeldia, à projeção das temáticas e à vontade de se fazer power metal para bravos guerreiros. *Kill The Bastard* é desafiador, enérgico e conservador. Foi uma nova etapa de continuidade e de adaptações. A proposta era manter a força e a mensagem das temáticas, com novos elementos de execução musical sem perder a ideia original. E *The Oracle* é explorador, confiante e vigoroso. Continuamos como o Brave deve ser... Uma somatória desse trajeto, só que mais depurado, forte e engajado.

Falando especificamente de *The Oracle*, algo que chama atenção é que ele consegue ser um álbum direto e ao mesmo tempo bem trabalhado, dosando elementos do power e do heavy. Sei que vocês o encaram como o disco mais maduro do Brave, então queria que nos relatassem o que foi crucial para atingir esse objetivo.

Sidney: Dar ouvidos à experiência de cada um, humorizar sensos críticos quando necessário e flertar com a inspiração. Assim, chegamos a uma harmonia nas decisões. Não tivemos medo em usar o simples e o limite daquilo que nos impulsiona. O 'job' neste álbum e para os shows é darmos alto vigor e boa dosagem.

O Brave é rotulado como uma banda de 'brutal power metal'. Realmente ouvimos um som mais pesado e encorpado em canções como *Firestorm* e a faixa-título. Por outro lado, a banda cede o lado mais brutal para um início quase power ballad em *Valhalla*. Como é construir tantos vieses na banda?

Sidney: É super legal! Todos temos dinâmicas musicais de experiências a oferecer. Em cada 'curti' em conjunto, há um laboratório em prática.

Ainda com relação à pergunta anterior, o power metal por vezes é considerado uma vertente saturada, mas há bandas que conseguem revigorá-lo. No caso do Brave, o que vocês diriam que é o diferencial para manter acesa a chama do power, além da brutalidade de seu som?

Sidney: Além das temáticas serem praticamente universais (o que favorece em ser atemporal), podemos dizer que é, na prática, 'criar power metal'. Estamos caminhando e criando trilhas, buscando integração. O estilo por si só já pede alguma inovação, e procuramos dosar o 'peso' e a 'melodia' ao nosso modo.

Além do instrumental e dos vocais de alto nível, *The Oracle* traz letras que falam de temas pagãos. O curioso é que no release do disco, vocês citam que são temas que podem estar no cotidiano brasileiro. Gostaria que nos falassem a respeito.

Sidney: De fato! Os temas são universais. Mas devem ter uma intenção, um caráter. Quem não se encontrou reconhecido num momento de devoção, quem não se vê enfrentando situações de batalha parecendo não ter mais o que fazer, ou até de forma heroica, ultrapassando seus próprios limites por um ideal? Somos guerreiros hodiernos. Por aí, temos vários exemplos. Cabe dar jus a uma forma de liberdade poética.

Outro ponto interessante é no que diz respeito às metáforas. Vocês classificam o estúdio como o 'oráculo' e os palcos como 'campos de batalha'. O que os fãs podem esperar então das apresentações ao vivo quando assim for possível?

Sidney: Palcos e ensaios são como um ritual sagrado, e as apresentações como campos de batalha. É exatamente isso! Esperem por muita expressão, energia e força brutal.

Vocês gravaram e masterizaram o disco em dois estúdios no interior paulista. Como foi essa experiência? E nesse sentido, acreditam que *The Oracle* também está um passo à frente dos demais álbuns?

Ricardo Carbonero: Foi uma ótima experiência. A princípio tivemos um pouco de receio, pois não conhecíamos o Teochi Studio (N.R.: em Itu), mas foi uma ótima experiência, igualmente com a masterização (N.R.: feita no Absolute Master, em Capivari). Acreditamos que o novo álbum está bem à frente dos anteriores pela maturidade como as músicas foram gravadas e compostas, e também pela vontade de se fazer realmente um trabalho com seriedade por toda a banda.

Para encerrar, quais as próximas metas traçadas pela banda?

Ricardo: Temos lançamentos audiovisuais para cada uma das músicas do *The Oracle*. O primeiro foi o videoclipe de *Fall To The Empire*. Na sequência, lançaremos outros videoclipes, lyric videos, making of etc.

Thiago Prata

By_Lu*Ch@qu£

HELLGARDEN

THRASH/GROOVE COM VERDADE E SEGURANÇA

A eterna dança da inovação, reinvenção, transformação e renascimento é uma das características mais interessantes nesses cinquenta anos de heavy metal. Observar a maneira como o gênero se transforma em uma besta cada vez mais feroz e perigosa, que ao mesmo tempo se reinventa e revisita o passado é tão interessante quanto vital para manter o metal como um gênero relevante e de âmbito mundial, e é com orgulho que percebemos que o Brasil continua fazendo sua parte, revelando ao mundo bandas como o HellgardeN. Mesclando elementos do thrash metal clássico, com o groove típico dos anos 90, e mais doses intensas de crust, sludge e doom, o quarteto atualmente promove o debut, *Making Noise, Living Fast*, um álbum que cresce a cada nova audição. Confira o que o baixista Guilherme Biondo nos contou sobre esse primeiro registro.

Caick Gabriel, Matheus Barreiros, Guilherme Biondo e Diego Pascuci não aliviam o peso do groove/thrash em seu álbum de estreia

Divulgação

Consta que os primeiros passos para o nascimento do HellgardeN foram dados em 2015, mas que na época a banda atendia por outro nome. O que pode contar sobre essa banda pré-HellgardeN?

Guilherme Biondo: Caick Gabriel (guitarrista) e Matheus Barreiros (baterista) tocam juntos desde seus 11, 12 anos de idade, na época de escola, sempre fazendo parte da cena local. Assim, conheceram Diego Pascuci (vocal), que fazia parte de outra banda. Em 2015, o trio se juntou com todas as ideias alinhadas, e sabíamos desde o primeiro ensaio que essa era a escolha certa. Em 2017, já com nova formação, nascia o HellgardeN propriamente dito.

Com nome definido e formação estabilizada, 2017 marcou também o início das composições ou vocês tinham material previamente composto? Quando começaram a trabalhar nas músicas que, de fato, fizeram parte do repertório de *Making Noise, Living Fast*?

Guilherme: Nos primeiros ensaios de 2015 já tínhamos algumas ideias, riffs, grooves que hoje fazem parte de *Making Noise, Living Fast*. Desde o 'dia um' focamos em dedicar as jams para compor, evoluir como músicos e banda para criar nossas próprias músicas.

***Making Noise, Living Fast* foi gravado em 2018, em Petrópolis/RJ. Como foi essa primeira experiência em estúdio?**

Guilherme: As músicas estavam bem prontas, porém, houve muito espaço para improviso como solos, linhas de vocais, baixo e algumas partes na bateria. Mas estávamos 110%, sabíamos o que queríamos, e tudo fluiu muito bem. Foram 15 dias respirando música, hospedados no próprio estúdio ForestLab em Petrópolis, dedicando toda nossa energia na em cada faixa desse álbum.

É verdade que decidiram registrar o álbum em analógico? Quais são as principais vantagens que sentiram neste sentido?

Guilherme: Sim, *Making Noise, Living Fast* foi gravado diretamente na fita, sem edições, sem samples e sem correção de nada. Tudo que você escuta é realmente o que o HellgardeN é ao vivo. Sentimos que ficamos muito mais livres para nos expressar, os timbres são muito mais verdadeiros e únicos, o som vem 'quente' e na cara. Parece que você está junto com a gente dentro do estúdio, sentindo um som muito mais poderoso e visceral.

Chegamos em 2020, quando finalmente o grande público teve acesso a *Making Noise, Living Fast*. Como veio o contrato com a Brutal Records e por que o álbum teve esse grande período até o lançamento?

Guilherme: Esperamos o momento certo para a distribuição ser feita corretamente e, principalmente, pela possibilidade de distribuir fisicamente nos EUA, Canadá, Europa, Japão, etc. Também fizemos muito shows importantes nesse período, antecipando o álbum na íntegra. Conquistamos um bom público nesses shows e também no exterior, com o lançamento do single *Learned to Play Dirty*, que conta com um vídeo oficial dirigido por Thiago Victal. Agora, com o apoio da gravadora Brutal Records, chegou o momento.

Musicalmente, o álbum caminha por trilhas que vão do groove/thrash ao noise/sludge, uma sonoridade forte que muitos identificam com a década de 1990. Você concorda com essa visão? O que buscaram expressar musicalmente?

Guilherme: Sim, certamente os anos 90 foram uma época da música que todos nós gostamos muito, é natural as influências virem de lá. Mas também escutamos muitas bandas novas que vem surgindo, e as 'old school' sempre. Nós basicamente criamos o que gostaríamos de ouvir, algo visceral, com atitude e verdadeiro.

Quanto ao aspecto lírico, existe uma orientação clara nas letras do HellgardeN? Que tipo de mensagem buscam explorar e como adequam isso ao caos sonoro da música de vocês?

Guilherme: As letras abordam especialmente a nossa realidade em que vivemos, temas pessoais e críticas contra o sistema. Mas também teve espaço para músicas para abrir uma cerveja e endoidar. As letras são exatamente o que somos e o que pensamos.

Qual a importância de ter o álbum na maior variedade possível de formatos? Vocês também são colecionadores de mídias físicas?

Guilherme: Não somos colecionadores, mas gostamos muito de ter o físico de bandas que gostamos. A importância é muito grande, significa que o nosso som chegará para muito mais pessoas ao redor do mundo e também irá atender quem consome material físico seja CD, LP ou K7, pois no Metal há um público enorme que consome e coleciona material físico e isso é animal!

Como o álbum foi gravado há dois anos, existe novo material de estúdio sendo produzido? Quando deveremos ouvir o sucessor de *Making Noise, Living Fast*?

Guilherme: Não podemos divulgar data de um novo material, pois estamos muito focados nesse disco e iremos trabalhar duro para mostrá-lo ao mundo. Hoje já existem muitas ideias para músicas novas e o que podemos adiantar é que certamente será algo forte. Muito obrigado, ROADIE CREW, obrigado aos leitores da revista e, principalmente, para todos que nos acompanham e nos fortalecem.

Valtemir Amler

By_Lu*Ch@qu£

VIKRAM

CRIATIVIDADE E MISTÉRIO 'POR TRÁS DA MÁSCARA'

Unir, criar e expandir. Essas três palavras estão presentes na alma do Vikram. Nascida em 2012, a banda brasileira, formada por músicos de várias partes do país, agrega componentes de culturas orientais a um prog metal cheio de possibilidades, dando luz a uma musicalidade única e que vem ganhando uma repercussão altamente positiva no exterior. Além disso, o quinteto formado por Guilherme de Siervi (vocal), Tiago Della Vega (guitarra), G. Morazza (baixo), Tiago Zunino (teclado) e Marcus Dotta (bateria) expande sua música para os campos do audiovisual (confira os super produzidos videoclipes do grupo), literatura (está previsto um livro para o debut *Behind the Mask I*)...

G. Morazza, Marcus Dotta, Guilherme de Siervi, Tiago Della Vega e Tiago Zunino unem música oriental ao prog metal

Gerson Bisol

O Vikram vem chamando atenção em vários países, e isso, consequentemente, culminou em contratos com diversos selos, como o japonês Spiritual Beast, o italiano Rockshots e a Som Livre, no Brasil. Isso sem contar que o disco por aqui foi lançado pela Shinigami. A longo prazo, qual a importância de tantas parcerias desse peso?

Tiago Della Vega: Ter tantas gravadoras e empresas trabalhando com a banda para o lançamento do álbum de estreia é algo muito improvável de se acontecer. Tivemos a felicidade de conseguir isso até com certa facilidade. Acredito que se deva ao fato de cuidarmos muito de cada ponto do material da banda; cada passo foi extremamente bem pensado.

Não apenas as gravadoras, como também o público e a crítica têm se 'rendido' ao debut *Behind the Mask I*. A que se deve tanto reconhecimento? O que vocês apontariam como fundamental, além, é claro, da mistura de prog metal com elementos da música egípcia, persa, hindu, entre outras culturas?

Della Vega: Sem dúvida a mistura com prog metal e a sonoridade oriental, aliada ao talento individual de cada músico, fez uma grande diferença para conseguimos uma sonoridade única. Muitas partes do álbum foram muito discutidas e pensadas, porém várias delas foram sendo criadas quase que de forma instantânea. Era mágico de se escutar o resultado durante o processo, pois parecia que algo no ar estava sendo ditado para nós, e a gente simplesmente escrevia o que já existia, de certa forma, em algum lugar. Foi incrível!

Trata-se de um álbum conceitual, parte de uma trilogia. Nos falem da história que gira em torno do personagem Nathaniel Frost e sua jornada de autoconhecimento.

Guilherme de Siervi: Nathaniel Frost é um personagem que, na busca por vingança, foi amaldiçoado com a imortalidade. Ele agora vaga pelo mundo e pelas eras em busca de iluminação espiritual e um propósito para sua vida.

São 14 músicas, algo que, na teoria, não é tão comum nos dias atuais para bandas de prog metal. Mas a sensação que se tem é que essa quantidade de faixas acaba sendo algo positivo, em função da qualidade e da riqueza dos detalhes. Como se deu o planejamento de composição do disco?

Della Vega: O álbum é baseado na trilogia que criei e que foi escrita por Damien Void (escritor). Foi um processo extremamente longo e complexo, mas muito gratificante e prazeroso, pois tínhamos o desafio de criar uma trilha sonora para cada capítulo. E em cada capítulo, a personagem central estava em uma cultura diferente. O trabalho de pesquisa foi enorme.

Podemos esperar algo semelhante para as outras duas partes da trinca? E quando devem sair os próximos trabalhos?

G.Morazza: O universo oriental é muito amplo, então tem espaço para muitas coisas. Mas a essência, aquilo que define o som do Vikram como único, pesado, técnico e veloz, isso obviamente não se muda. Ainda para este ano lançaremos diversos produtos, como o livro, que contém a primeira parte da trilogia, e songbooks.

Nota-se um cuidado também nos videoclipes para *The Mortal Dance Of Kali* e *Requiem for Salem* e no lyric vídeo para *The Burden*. Ao que parece, vocês se cobram muito em busca de um alto nível de som e produtos audiovisuais, certo?

Guilherme: Sim, existe um preciosismo de nossa parte. Somos 'meio' chatos com isso. Mas acreditamos que, se você quer lançar algo para se orgulhar para o resto da vida, tem que dar o máximo de si sempre.

Quais os aspectos nas culturas orientais que mais fascinam a banda? E, falando da música, o que mais os inspirou?

G.Morazza: A cultura oriental é fantástica! Sua literatura, seus contos, as danças, suas cores, todo seu contexto artístico é riquíssimo. Um grande mar a ser explorado. É unânime entre nós que a música indiana e a árabe realmente inspiraram a gente: suas regras composicionais, seus ornamentos, seus elementos rítmicos e, principalmente, o konnakol (N.R.: Linguagem proveniente do Sul da Índia; se refere a uma combinação de sílabas faladas ao mesmo tempo em que os músicos marcam o tempo com as mãos) e ragas (N.R.: Um raga pode ser visto como um conjunto de normas de como construir uma melodia), da Índia, e o maqam árabe (N.R.: Um modo melódico heptatônico, utilizado para a música instrumental ou o vocal).

O Tiago Della Vega é bastante conhecido por já ter entrado para o Guinness Book como o guitarrista mais rápido do mundo. O quanto essa menção no passado contribuiu em termos de popularidade e convites em programas, workshops etc? E para a banda?

Tiago Zunino: O Della Vega já tem sua carreira consolidada há muitos anos, isso com certeza contribuiu com a banda de uma forma geral. Ele sempre é uma influência em qualquer área do campo musical, assim como todos os músicos da banda exercem influência para que o Vikram possa ter credibilidade e consiga alcançar o patamar das maiores bandas do gênero. Todos possuem carreiras consistentes e impecáveis, facilitando toda a parte artística e o próprio business da banda.

Além das duas próximas partes de *Behind the Mask*, o que o futuro espera ao Vikram?

Marcus Dotta: Tocar o máximo possível ao vivo, não apenas com shows, mas também workshops, eventos mais didáticos mostrando o potencial técnico das músicas. Devido a essa pandemia global, o que estávamos agendando ficou para o segundo semestre. Fora isso, estamos finalizando o livro que conta a história do primeiro disco da trilogia, a ser disponibilizado na Amazon!

Thiago Prata

NOVO ÁLBUM DE UMA DAS BANDAS
MAIS ATUANTES DE FORTALEZA-CE

CRASHKILL

O COMEÇO DA NOVA ERA em CONSUMED BY BIOMECHANICS

"O Thrash do quinteto continua agressivo e variado"
-Roadie Metal

"O timbre das guitarras é muito bom, possui linha de baixo intensa e bateria cheia de pegada"
-Arte Metal

"A banda tem conhecimento de causa no som que pratica"
-Metal no Papel

"Este álbum chegou mostrando a evolução de um time que apostou na ousadia"
-Roadie Crew

"Riffs que não dão trégua em nenhum momento"
-Headbangers Brasil

"Uma empolgação que é difícil de resistir"
-Metal Mind Reflections

@CRASHKILLTHRASH
crashkillthrash@gmail.com

Spotify DEEZER YouTube MUSIC

Distribuição
EXCLUSIVA

Extreme Sound Records
www.extremesound.loja2.com.br

By_Lu*Ch@qu£

EVE DESIRE

ROUBANDO A CENA NO TEATRO DA VIDA

Surgida oficialmente em 2012, a Eve Desire pode ser considerada uma banda em constante transformação. De cover do Nightwish à criação da autoral foi um salto, interrompido por um longo período de 'inatividade'. A gravidez da vocalista Arya Medeiros foi apenas um dos fatores que levaram a demora para o lançamento do debut, mas *Prelude to Singularity* está disponível. Com fortes orquestrações, vocais líricos e coros muito bem encaixados, além de boas doses de metal, o álbum revela uma das grandes surpresas do nosso cenário na seara do chamado metal sinfônico. Confira o que a vocalista nos contou sobre este primeiro capítulo, que já tem os próximos passos planejados.

Arya Medeiros: paixão pela música erudita e heavy metal

A Eve Desire surgiu originalmente fazendo um tributo ao Nightwish, mas por quanto tempo existiram como banda cover? Como foram esses anos para vocês?

Arya Medeiros: Sim, foi o começo, mas nunca pensamos em ser cover muito tempo, pois o projeto era para fazer música autoral desde o começo. Trabalhamos dois anos com o cover. Aí, depois de lançada a demo e de iniciar os trabalhos com Thiago Bianchi, paramos. Porém, tínhamos muitos pedidos de show e, então, começamos outra banda para seguir em paralelo com a Eve Desire, que tinha se tornado autoral, e fundamos a Ever Dream, que ficamos mais uns três anos. Ela estava parada, mas agora foi reativada por uma das minhas alunas de canto, Alle Borges, e vai retomar o cover de Nightwish. Nosso diferencial era fazer apenas a fase da Tarja, foi ótimo, aprendemos muito, conhecemos pessoas e tivemos nossas primeiras conquistas profissionais com esse projeto. Acho essencial ter uma banda nesse modelo para começar, para aprender como funciona a noite, o palco, ganhar vivência, algo que só se adquire caindo na noite para tocar. Com banda cover tem mais espaço para agenda cheia, funciona para ganhar experiência e network.

De que maneira você diria que essa experiência anterior tocando covers ajudou a moldar o caráter sonoro do Eve Desire?

Arya: Eu comecei a cantar por causa de três vocalistas e suas bandas: Tarja, Andre Matos, com quem tive a honra de estudar em 2016, e Thiago Bianchi. Eles faziam trabalhos que juntam minhas duas paixões: música erudita e heavy metal. Acho que são sonoridades tão próximas, tão perfeitas quando estão juntas! Estudei muitos anos de canto lírico oficialmente, e só depois fui estudar canto contemporâneo. E o Cappia (tecladista e meu marido, com o qual construí tudo isso desde o começo), é pianista erudito por formação e tem exatamente o mesmo feeling musical. Seria inevitável que fizéssemos um álbum assim!

Você lembra como foram os primeiros passos na direção de uma banda autoral? *Vitruvia* foi a composição que marcou o início desta nova jornada? Como foi o trabalho nela?

Arya: Cappia trouxe a música em piano e eu letrei e fiz a melodia. Depois fizemos os arranjos dos instrumentos. Esse é nosso jeito de compor até hoje. Foi uma música que nasceu rápido e gravamos num estúdio de um amigo. A letra falaria de um tema que gostamos: tempo e espaço. Gostamos muito de física e matemática. Defendi um TCC sobre isso no meu curso de Regência; Cappia vem da área de exatas, flui. Pensamos em uma sonoridade única, vocal lírico, claro, além de dissonâncias, desordem, e começo. A versão final está no nosso disco e mudou muito, pois já tem mão do produtor. Adoro as duas versões.

Em 2020, finalmente temos o lançamento de *Prelude to Singularity*. O título nos permite interpretar que se trata de uma prévia de algo maior, que deverá ser descoberto. Qual é o significado dele no universo criado pela Eve Desire?

Arya: Ele é o primeiro disco de uma trilogia. E falar sobre o tempo nunca esteve tão em voga, sem querer. O episódio de viver uma pandemia mundial, onde as pessoas estão repensando o tempo e a vida, acabou fazendo ainda mais sentido. *Prelude*, de prelúdio, de anúncio de algo que virá. *Singularity*, de algo único, de algo especial. Temos, como enredo, a história do Homem, que conhece o amor e a morte. E cai num buraco negro, onde vê tudo que poderia ter feito – ou será que foi feito, em outras dimensões, pensando realidades simultâneas? Aborda também a questão do feminino e da mulher, da nova mulher, que rompeu com todos os estereótipos até então conhecidos. Aguardem os próximos discos.

A temática em *Prelude to Singularity* é quase 'bergmaniana', já que mostra o ser diante da morte, refletindo sobre a vida e o amor. Poderia nos falar um pouco sobre este conceito?

Arya: É um álbum conceitual, é um 'acorda, sua vida está passando, então trate de realizar alguma coisa'. As pessoas estão, ou estavam até a pandemia, perdendo a noção da vida real, de realizar coisas no mundo real, imersos em um mundo virtual. E, aqui, o tempo passando, verdadeiros adolescentes de 30 anos, sem amadurecer, sem viver, sem sentir o mundo real que vivemos, escondidos num mundo irreal digital. Como falei, não imaginava que esse tema viria tanto à tona quando escrevi as letras e escolhi o tema anos atrás. Gosto, pesquiso, faz sentido para mim pensar e deixar meu legado para o mundo com o que aprendi sobre tudo isso. No plano científico, muitas descobertas estão sendo trazidas a público, como existência de realidades simultâneas, a questão dos buracos negros, da pentadimensão. Vemos a explosão dos seriados sobre o tema, filmes, enfim, o século XXI começou! E podemos não ter percebido, mas não somos os mesmos. Não estamos no mesmo lugar – literalmente.

Por fim, gostaria de citar um dos meus momentos favoritos do repertório, que é *Eternally*. Ela tem um tom mais melancólico e contido, com uma performance vocal extremamente cativante e emotiva. O que pode nos contar sobre ela?

Arya: É a música que reflete a nova mulher. O homem vê a mulher que ele deixou, o amor. E espera que ela esteja em frangalhos com a partida dele, porque é assim que a sociedade ainda pensa, mas não. Não por falta de amor, nem se trata disso, mas porque a mulher não pode ser mais vista com a sua felicidade e realização sempre amarrada numa questão amorosa. As coisas mudaram. Sentir uma perda, ok, mas seguimos em frente e somos autossuficientes. *Eternally*, nas entrelinhas, fala disso. Ela está bem, livre, indo em frente, sem fantasmas. Mas para o homem, é um choque vê-la tão bem. É um lamento. É onde ele reflete sobre o tempo que perdeu – quem disse que ele viveu cada segundo que teve com ela naquela realidade? E outra dica: ele morreu ou está vendo outra dimensão? O que é realidade?

Valtemir Amler

By_Lu*Ch@qu£

JUSTABELI
EM NOME DA GUERRA

JUSTABELI: EM NOME DA GUERRA

Trilhando os caminhos do black metal desde 2001, o Justabeli foi aos poucos se estabelecendo no cenário. Não por poucos motivos, é considerado um dos nomes fundamentais da atual safra do metal extremo nacional. Chegando ao seu terceiro álbum completo, *Intense Heavy Clash*, que sucede o EP *Blast The Defector* (2017), eles adicionam ainda mais peso à sua fórmula já consagrada, mantendo-se, com orgulho, aferrados aos velhos valores do metal negro. Conversamos com o vocalista e baixista War Pheris e com o baterista Morbus Deimos (Gabriel Guerra), que nos contaram tudo sobre o processo de criação deste novo petardo.

Morbus Deimos, War Pherys e Blasphemer: satanismo e guerra no terceiro álbum completo do Justabeli

Fotos: Divulgação

Gostaria de começar com um pequeno mergulho no tempo, para o ano de 2017. Ao todo, foram quantos shows na turnê com o Nervochaos? Qual foi o saldo para o Justabeli?

War Pheris: Foram 27 shows em 30 dias e, com o saldo é extremamente positivo. A turnê levou o Justabeli à conquista de novos territórios e nos trouxe muitas oportunidades. As comemorações durante e após os shows foram fartas e inesquecíveis! Voltamos com as mais diversas histórias, ameaças de morte, brigas, uísque e drogas... Tudo isso é muito divertido! Dividir um ônibus com os mesmos caras por tanto tempo não foi e não é fácil, pois não é sempre que acordamos com um bom humor, mas depois de cada show realizado, o copo está cheio novamente e é sempre muito recompensador. Um salve aos guerreiros que estiveram e estão com a gente na frente de batalha. RIP Cherry Sickbeat. Grande amiga e guerreira!

Também em 2017, houve o lançamento do EP *Blast The Defector*, que teve ótima acolhida. Naquele momento já existia o plano de um novo álbum completo?

Gabriel Guerra: O full estava em processo de gravação quando houve a oportunidade para realização da turnê em 2017. Diante do desafio, alteramos os planos para realizar o lançamento do EP em tempo suficiente para divulgação na tour. Apesar de acelerar de todas as etapas importantes do lançamento, passamos por todo o processo inebriados e com um grande prazer sombrio, garantindo que o conceito satânico e bélico fosse bem explorado, abordando, principalmente, o tema deserção. O EP contou com a produção do próprio Justabeli, as artes do desenhista Emerson Maia e foi acompanhado por uma série de merchans customizados para o lançamento.

O álbum *Intense Heavy Clash* foi gravado em estúdios diferentes. Como isso facilitou o trabalho de vocês?

Gabriel: Após o processo de composição e pré-produção, a gravação definitiva tomou forma através de diferentes aliados. As cordas e bateria foram gravados no Bellum Corp. Studio. Os vocais guturais foram gravados no Hot Jail Studio e os vocais limpos no homestudio de Pedro Nascimento. Os planos foram feitos, refeitos e adaptados à realidade. Esta foi a melhor combinação possível para defender nossos interesses e garantir que atingíssemos o objetivo.

Música, letras, mixagem, arte gráfica, basicamente tudo aqui ficou sob o controle do Justabeli. Quais são as principais vantagens que este tipo de controle sobre o processo traz para vocês?

Gabriel: O processo de autoprodução foi uma grande introspecção misantrópica no mundo sombrio, caótico e conflituoso que nós, membros do Justabeli, compartilhamos. É um mundo que construímos e dele saíram hinos que divulgaremos orgulhosamente pelo resto de nossas vidas. A ausência de terceiros reforçou o radicalismo e o ódio que pregamos sem medo das consequências. É importante ressaltar que, na finalização do petardo, tivemos olhares externos de aliados qualificados: Victor Prospero (ajustes na masterização), Leandro Cherutti (fotos) e Marcos Cerutti (ajustes de cores no encarte).

Gostaria que comentassem algumas músicas em especial. A primeira, claro, é a faixa-título. O que vocês sentem que tornou essa uma música especial, para carregar o nome do álbum?

War Pheris: *Intense Heavy Clash* foi desenvolvido a partir de excessos, descomedimentos e desequilíbrios. A obra é um grande tributo ao metal negro, com toda sua obscuridade, morbidade e notoriedade, que nos atingiu de forma assombrosa quando jovens e fez parte de nossas vidas e das vidas de tantos outros, fiéis ao extremismo e ao radicalismo, como era praticado no passado. Com certeza você já trocou socos com alguém na rua, num bar, no puteiro ou seja lá qual foi o lugar, você sente aquela adrenalina monstra, que de fato é viciante, este, é o mesmo sentimento que sentimos no palco, ódio puro! É tempo ruim o tempo todo! Uma faixa com um forte significado é a *In the Jaws of Death*, que trata do medo, desesperança, ceticismo e desespero, sentimentos presentes na frente de batalha e na vida dos bons militares.

War Pherys, você pode nos apresentar seus novos parceiros, já que nenhum deles esteve no álbum anterior?

War Pheris: Morbus Deimos, baterista, passou ou gravou para bandas como Kanvass, Carpatus e Spiritual Hate. Blasphemer, guitarrista, ex Sardonic Impious. Com esta formação, considerada a melhor formação da banda, estamos prontos para defender os interesses da cena black metal. Garantimos que todos que comparecerem junto a nós na frente de batalha serão recompensados com o mais límpido metal negro do 'necrounderground'.

Em épocas de confinamento social e agenda de shows pausada, quais são os próximos passos do Justabeli? Está sobrando tempo para compor, ou você tem outras coisas em mente?

Gabriel: Em nosso horizonte está a participação em um tributo ao Iron Maiden, videoclipe, lançamento de um split, participação em festivais e avanço com novas composições e outras novidades que serão anunciadas nos canais oficiais da banda conforme apropriado. O Justabeli tem como grande objetivo criar uma experiência que se possa observar com um grande sorriso, mas também com preocupação. Afinal, não é normal sorrir ao assistir adoradores do demônio realizando uma cerimônia. Mantenham-se fiéis ao black metal. Sem entendimento, sem conciliação, apenas guerra.

Valtemir Amler

By_Lu*Ch@qu£

ZERODOZE
O EQUILÍBRIO ENTRE O ROCK E O METAL

Já se vai um bom tempo desde que a banda Hangar se tornou uma das principais do cenário nacional, e até por isso o nome do guitarrista Cristiano Wortmann não é novidade para nenhum fã do estilo. Mas, com o Zerodoze, a proposta é diferente. Ao menos em parte, já que ao longo dos anos, o 'power-trio' formado por Wortmann (vocal e guitarra), André Lacet (baixo) e Jean Montelli (bateria) vem incorporando elementos de metal em sua fórmula rock'n'roll. Para marcar esse momento e celebrar os anos de sucesso nos palcos, chega agora o DVD *Zerodoze Ao Vivo*, que revisita a jornada do grupo gaúcho. Confira o que Wortmann tem a nos dizer sobre esse outro matiz de sua jornada musical.

André Lacet, Cristiano Wortmann e Jean Montelli: jornada revisitada no DVD Zerodoze Ao Vivo

Divulgação

Para muitos fãs de heavy metal, a Zerodoze se tornou conhecida primeiramente como a 'outra banda do guitarrista do Hangar', por conta de sua presença. Quais são os prós e os contras deste tipo de conexão?

Cristiano Wortmann: Eu acho excelente essa conexão, pois o Hangar tem um público muito grande e uma história muito legal. Ao longo desses anos, a Zerodoze sempre teve uma receptividade muito boa por parte dos fãs do Hangar. Talvez um contra seja que o fã do Hangar pode pensar que vai conhecer algo parecido, e acaba escutando um som diferente.

Apesar da conexão intrínseca com o metal, o Zerodoze tem uma sonoridade mais voltada para o rock mais direto e simples. Por que optaram por este caminho?

Cristiano: Somos apaixonados também por um rock mais direto, estilo Kiss, AC/DC e Van Halen. Apesar de o metal estar no nosso sangue e presente nas nossas músicas, o objetivo sempre foi dar uma cara mais rock para as nossas composições.

A busca por um som mais direto foi causa ou consequência da decisão de seguir como um trio? Quais são as vantagens de seguir adiante neste formato?

Cristiano: Desde o início queríamos fazer um som mais direto e o trio acaba fortalecendo essa proposta, pois você tem que focar em arranjos que funcionem ao vivo sem perder o peso. O que você escutar nos nossos álbuns, vai escutar ao vivo. O power trio precisa ensaiar muito e ter uma conexão forte para soar bem ao vivo. Todo mundo sabe que uma banda é um casamento e, com um trio, as decisões são mais fáceis de serem tomadas. A parte da venda dos shows também se torna mais simples.

O quarto e mais recente álbum, *Tornado*, pode ser considerado o mais pesado da carreira contando, inclusive, com elementos de metal. Os riffs intensos de *Intensamente*, *Ratos, Dojão* e *Fighter* são parte de uma evolução que deverá seguir nos próximos álbuns?

Cristiano: Muito legal essa pergunta. Temos orgulho de ter composto essas músicas que você citou e elas estarão sempre presentes em nossos shows. Estamos compondo muita coisa nova e, certamente, essa evolução vai estar presente no nosso próximo álbum, sem esquecer nosso lado mais rock e hard rock.

E quanto a canções mais acessíveis, como *Ontem, Nosso Filme* e *Fotos*, como sentem a importância delas no contexto da trama musical da Zerodoze?

Cristiano: Essas músicas são muito importantes para a nossa carreira. Todos os integrantes têm diferentes influências e eu, particularmente, admiro vários artistas com uma veia mais pop. Muitas bandas pesadas têm esse lado mais 'tranquilo' e a Zerodoze se identifica muito com isso.

Ao longo dos anos, vocês foram sendo reconhecidos como uma banda boa de palco, o que se confirma com shows ao lado de Ozzy Osbourne, Slash, Motörhead, entre outros. Além da lembrança, o que aprenderam com esses shows?

Cristiano: Sempre batalhamos muito para conseguir soar como uma banda pesada e verdadeira ao vivo. A gente fica extremamente feliz de escutar exatamente isso das pessoas que assistem aos nossos shows. Tocar ao lado dos nossos maiores ídolos foi um sonho e vamos levar isso nos nossos corações para sempre. Nós aprendemos muito, principalmente como funciona toda a mega estrutura de eventos como esses. Na 'Monsters Tour', ficamos no mesmo espaço que o Ozzy, Judas Priest e Motörhead. O nosso camarim era ao lado da praça de alimentação das bandas e convivemos durante todo o dia com eles.

Nestas ocasiões chegou a rolar aquele momento fã, de se pegarem emocionados diante de seus ídolos? Como foram recebidos, já que gente como Rob Halford e o saudoso Lemmy sempre tiveram fama de serem atenciosos?

Cristiano: Parece que você adivinhou. A produtora que nos escolheu disse para não fazermos nenhum tipo de tietagem, nem foto, porque fazíamos parte da estrutura. Depois de nosso show estávamos comemorando no camarim e, de repente, entrou Lemmy com o segurança para nos cumprimentar. Ficamos em estado de choque. Ele elogiou bastante e disse para a gente nunca desistir do rock'n'roll. Foi um dos momentos mais marcantes das nossas vidas. Alguns meses depois ele faleceu.

Celebrando doze anos e com quatro álbuns lançados veio o lançamento do DVD *Zerodoze Ao Vivo*. Como foi decidir o repertório?

Cristiano: Existiu um cuidado especial porque queríamos mostrar o que tinha de melhor dos nossos quatro álbuns. Claro que muitas músicas que estão no DVD fazem parte do nosso set list atual, mas colocamos algumas surpresas também, inclusive duas em formato acústico.

Tudo correu como devido ou houve percalços que tiveram que ser superados na noite do show?

Cristiano: Algumas câmeras puderam ser usadas e tivemos que repetir três músicas por causa de um problema técnico no som. Porém, como já participei da gravação de outros DVDs, isso foi muito pouco. Tem que funcionar muita coisa ao mesmo tempo na hora do show e, por isso, sempre ocorrem imprevistos.

O DVD foi gravado em 2019, mas chega agora para aplacar um pouco essa nossa 'seca' de shows devido aos efeitos da pandemia. Como estão passando por este período?

Cristiano: Tivemos que desmarcar alguns shows que faríamos para divulgar o DVD e isso nos afetou. Mesmo assim, a procura pelo DVD está sendo excelente. Estamos planejando 'lives' e já participamos de outras. Estamos aproveitando para compor e pré-produzir o novo álbum. Apesar de tudo isso que está acontecendo, estamos entusiasmados com as novas músicas. Tenho certeza que esse momento de incertezas vai passar e voltaremos mais fortes.

Valtemir Amler

TRIBUTE TO IMPURITY
"COLETÂNEA"
DIGIPACK / CD

SAGRADO INFERNO
"BÍBLIA DO DIABO"
JEWEL / CD

AGAUREZ
"THE FIVE SIGILS"
JEWEL / CD

MURDER RAPE
"MALUM ABSOLUTUM"
DIGIPACK E SLIPCASE / CD

SARCÓFAGO
"ROTTING"
DIGIPACK / CD + DVD

WARFARE NOISE
"COLETÂNEA"
SLIPCASE / CD

cogumelo
40 anos

MUTILATOR
"IMMORTAL FORCE"
DIGIPACK / CD

OVERDOSE
"ADDICTED TO REALITY"
DIGIPACK / CD + DVD

CALVARY DEATH
"JESUS, INTENSE WEEPING"
DIGIPACK / CD

DROWNED
"7TH"
DIGIPACK / CD

LOUCYFER
"WORSHIP FLESH"
DIGIPACK / CD

APOIO:

ARISE CAMISETAS

VOICE MUSIC
vendas@voicemusic.com.br

Distribuído nos EUA por
GREYHAZE RECORDS
www.greyhazerecords.com

COGUMELO RECORDS
www.cogumelo.com

VENDAS:
cogumelorecords.loja2.com.br
facebook.com/cogumelorecoficial

By_Lu*Ch@qu£

SEVENTH SIGN FROM HEAVEN
AGORA SIM, O PRIMEIRO CAPÍTULO

Na ativa desde 2016, os piauienses da Seventh Sign From Heaven já tinham um primeiro trabalho na bagagem, o EP *Judgement of Egypt*, que foi tema da nossa primeira conversa, no ano passado. Com o passar do tempo, a banda ganhou ares mais profissionais, cresceu em qualidade e visibilidade, e aquelas músicas que conhecíamos receberam um melhor tratamento, evidenciado no debut, *The Woman and The Dragon*. A diferença é tão grande que podemos dizer que agora, sim, a Seventh Sign From Heaven dá o seu primeiro passo profissional, com tudo o que isso envolve. Conversamos novamente com Mark Neiva, que nos falou sobre esse importante passo.

Divulgação

Álvaro MkBrian, Mark Neiva, Zinha Soares e Filhim Nascimento repetem a parceria do EP no primeiro álbum

No ano passado, conversamos sobre o EP de estreia da Seventh Sign From Heaven, *Judgement of Egypt*. Agora falamos sobre o primeiro álbum completo. O quanto ele estava adiantado quando nos falamos?

Mark Neiva: Bem, enquanto falávamos do EP *Judgement of Egypt*, já estávamos em fase final de pré-produção do álbum, e com 90% das músicas definidas e compostas. O nome e a capa estavam definidos, faltando ainda compor apenas *Rise*. Entramos em estúdio no segundo semestre de 2019.

O álbum traz um balanço entre as novas composições e as conhecidas, mas existiu uma razão principal para trazerem as composições do EP?

Mark: Sim, existiu uma série de fatores que nos levaram a essa inclusão das músicas do EP no álbum. A principal é o fato de não ter extraído todo potencial delas na gravação do EP, pela limitação técnica à época, seja do estúdio ou da maturidade musical. As que também estão no EP passaram por algumas mudanças estruturais por sugestão de Thiago Bianchi, nosso produtor. Elas ficaram perfeitas nessa nova gravação, e entendemos perfeitamente que o balanço entre as músicas ficou equilibrado, pois existem muitos elementos explorados nas novas músicas que não poderiam ser feitos em momento anterior. E esses se conectam entre todas as faixas.

Você comentou o intuito de ter Thiago Bianchi na produção e isso realmente aconteceu!

Mark: Sim! Podemos dizer que seu trabalho foi determinante para encontrarmos a evolução na sonoridade que buscávamos, pois gravar no Estúdio Fusão foi uma experiência única. O conhecimento musical e de produção do Thiago nos abriu uma gama de opções. O nome dele surgiu durante uma conversa minha com Edu Falaschi, em uma viagem de carro no dia posterior a um show dele que abrimos. Poucos meses depois, entramos em contato e fechamos essa parceria, que não só nos deixou felizes com o resultado como gerou frutos positivos.

***The Woman and the Dragon* é baseada em riffs melódicos e bateria rápida, características típicas do power metal melódico. Você diria que ela é a música que mais se aproxima das suas antigas referências?**

Mark: A faixa-título foi tirada do capítulo 12 do livro de Apocalipse, cujo título também é esse, mas cada música sofre um pouco mais de influência de determinados estilos do que outra. Você interpretou bem isso quando se trata de *The Woman and the Dragon*, pois tem uma pegada mais rápida típica do power metal. Bandas como Helloween, Edguy/Avantasia, Savatage, Theocracy, Running Wild, entre outras, inclusive no uso de corais como em *The Fall of Babylon* e *Holy*. Mas, no decorrer do álbum, fica evidente que faixas com *Rise*, *Stayed in the Dark* e *The Devil Fear your Name* também têm influência de heavy metal tradicional, como Iron Maiden (*Somewere in Time* de forma mais forte) e Megadeth, no que tange alguns riffs e elementos de composição. Gosto de dizer que a balada *Pain in Your Eyes* é meio hard rock, mas o importante é que tudo isso é o que nós somos.

Outro dos destaques, claro, é *Rise*, que ganhou videoclipe. O que tornou esta a música perfeita para apresentar a banda para novos fãs?

Mark: *Rise* foi a última composição do álbum, e a única em que divido a composição com Carlos Magno, que foi quem produziu o EP. Foi o segundo single lançado nas plataformas digitais, cuja capa foi feita por Carlos Fides, que também desenvolveu o encarte do CD. Além disso, em alguns shows que fizemos antes do lançamento do álbum, essa foi uma das que tivemos um retorno forte do público, tanto que o clipe contém imagens do show de São Paulo, no Tropical Butantã, em novembro de 2019.

Outra coisa que se nota no novo registro é uma melhora nos vocais, que soam mais naturais e integrados às músicas. Como foi o seu trabalho neste quesito?

Mark: Considero-me um guitarrista que vocaliza. Assim, o trabalho de estudo no que tange os vocais é feito de forma constante. Mas é impossível falar sobre isso sem mencionar o trabalho feito em estúdio junto com nosso produtor, que é um dos mais notórios vocalistas de metal da atualidade e que me ajudou a desenvolver esse trabalho com mais técnica e precisão. Isso é uma evolução natural e hoje creio que canto melhor do que antes, creio eu... (risos)

Você contou que a temática da luta do bem contra mal interligava as composições de *Judgement of Egypt*. Essa ainda é a conexão lírica no novo álbum? Como as novas e as antigas composições se conectam?

Mark: Essa temática permanece, mas de forma mais personificada, como está em *The Woman and the Dragon*, onde existem personagens que tem seus conflitos diretos. Simbolicamente representa o bem contra o mal, bem como em conflitos internos em *Stayed in the Dark* e *Pain in Your Eyes*, que tratam de depressão, suicídio e como passar por cima disso. Já *Judgement of Egypt* fala sobre as pragas do Egito e a libertação do povo e *The Fall of Babylon (Revelations 19)* trata da queda da babilônia.

O espaço final é seu para falar diretamente com seus fãs e comentar os próximos passos da Seventh Sign From Heaven.

Mark: Agradeço pelo espaço na maior revista de metal da América Latina, a ROADIE CREW, pelo empenho em difundir o metal. Gostaria de agradecer a cada um que está comprando o CD e retribuir o carinho. Sabemos dos dias difíceis que enfrentamos e essa força não tem preço. Vejo todos vocês em breve!

Valtemir Amler

By_Lu*Ch@qu£

ESKRÖTA
DERRUBANDO MITOS E PRECONCEITOS

Se o EP de estreia, *Eticamente Questionável* (2018), mostrava uma banda com muito potencial e um forte discurso, o debut *Cenas Brutais* (2020) é um avassalador ataque sonoro-lírico, que fará 'sangrar' os ouvidos das classes mais conservadoras. O amadurecimento da banda paulista (cujas raízes estão fincadas nas cidades de Rio Claro e São Carlos) por meio de um furioso thrash/crossover se junta a letras ainda mais incisivas no combate a vários males presentes em nossa sociedade. Confira mais nas palavras do trio Ya Amaral (vocal e guitarra), Tamy Leopoldo (baixo e backing vocals) e Jhon França (bateria).

Tamy Leopoldo, Jhon França e Ya Amaral lançaram um manifesto brutal e urgente

Steph Cicilliatti

Cenas Brutais contou com financiamento coletivo. O que poderiam nos dizer sobre isso e do resultado final do álbum?

Tamy Leopoldo: Quando a Ya sugeriu o financiamento do álbum, não acreditei que tantas pessoas fossem nos apoiar. Foi uma grande felicidade saber que temos um público que gosta do nosso som e acredita no nosso potencial! O financiamento arcou com os custos das gravações, inclusive a vinda do Martin Furia (produtor, Nervosa) para o Brasil. Então, tínhamos o compromisso de entregar a todos nosso melhor. Contamos com uma produção excelente conduzida pelo Martin e pela Prika Amaral (Nervosa) e nos esforçamos ao máximo para sair um álbum brutal de qualidade.

A banda passou por uma mudança: a entrada de Jhon França (Cerberus Attack e Blasthrash) na vaga deixada por Miriam Momesso. Como se deu esse processo e como foi a repercussão junto aos fãs, sobretudo nos shows?

Jhon França: Foi bem natural até. Eu conhecia as músicas e já estava cobrindo os shows que a Miriam não podia ir há pouco mais de um ano. Apesar de eu achar que poderia ter algum tipo de conflito ou relutância por parte dos fãs, pela banda só ter tido integrantes mulheres até então, foi bem tranquilo, e o pessoal que curte a banda tem me recebido muito bem em todos os shows, assim como nos posts da internet.

Ya Amaral: É até engraçado que algumas resenhas nem repararam que não era a Miriam na bateria. Mas já faz bastante tempo que Jhon está conosco.

Sabemos que o disco não é conceitual, mas quem presta atenção nas canções, na capa, nas letras, com várias críticas, reflexões e alertas, e nas participações de Fernanda Lira (Crypta, ex-Nervosa), Mayara Puertas (Torture Squad) e Hugo Golon (Cemitério), percebe uma ligação entre todos esses componentes.

Ya: O próprio nome *Cenas Brutais* resume o álbum inteiro, são vários episódios que compõem o conceito central. Todas as músicas têm conexão nesse sentido. Se você reparar, até mesmo *Vai Se Arrepender*, com a Mayara Puertas, que não tem menção a nenhum tipo de resistência específica, fala sobre opressão e como uma mulher reprimida lidou com isso.

Falando então das participações, o quanto cada uma delas agregou para a música da Eskröta?

Ya: Cada uma das participações fez uma música com a qual se identifica. A Fernanda Lira fala sobre refugiados, cantando em inglês. A Mayara Puertas fez parte de uma letra mais sanguinária e também colocou seu toque de canto lírico na *Filha do Satanás*, que conta ainda com o Hugo Golon e fala do filme 'Carrie, A Estranha'. Não foram participações forçadas, apenas para inserir o nome nos créditos. Foi extremamente espontâneo. A Mayara nem ia gravar uma música com a gente, mas foi ao estúdio nos ajudar com os gang vocals, e achamos a *Vai Se Arrepender* a cara dela.

A Eskröta possui uma conexão com a Nervosa, e isso se faz presente novamente em _Cenas Brutais_, já que, além dos vocais da Fernanda (que deixou a banda) em _Refugees_, Prika Amaral é coprodutora. Nos fale do poder dessa aliança.

Ya: Desde o início da Eskröta, a Nervosa nos apoiou imensamente. A Prika comprou a primeira camiseta que lançamos, além de masterizar nosso primeiro EP, *Eticamente Questionável*. Fernanda também nos ajudou no financiamento coletivo, se dispôs a conduzir uma roda de conversa em um evento que fizemos... É uma parceria enorme. No caso de *Cenas Brutais*, o Martin Furia, que também é produtor da Nervosa, veio ao Brasil nos produzir com toda a vontade de fazer as coisas acontecerem em outro nível. O poder dessa aliança é visar o melhor para o futuro da banda.

Quanto às letras, a Eskröta segue engajada na luta contra o fascismo, o machismo, a hipocrisia e as desigualdades sociais. Creio que, 'infelizmente', muita coisa inspirou vocês neste álbum, certo?

Ya: Muitas situações aconteceram e nos inspiraram muito. As músicas desse álbum vieram ainda mais críticas e com uma resposta ao moralismo que é imposto pelos conservadores. Este ano viemos para incomodar e nos relacionar com uma parcela nova do público.

O disco foi lançado em 7 de março. No dia seguinte, no Dia Internacional da Mulher, a Eskröta fez um post crítico, urgente e cirúrgico. Uma mensagem notória também no teor de várias letras. De que forma você encara a luta contra o machismo em um país como o Brasil, que, lamentavelmente, possui um histórico grande de feminicídio?

Ya: Acreditamos que a união de todos é a única forma de combatermos o machismo, e muito dessa luta depende da informação. Então precisamos ter paciência para educar as crianças, as mulheres e, principalmente, os homens, que estão cheios de privilégio na nossa sociedade. É uma luta válida que ainda vai dar resultados melhores mais para frente; por enquanto continuamos passando por assédio disfarçado de elogio etc.

A Eskröta teve que adiar sua turnê pelo Brasil, começando por datas no Nordeste, em março, por conta do coronavírus. Daqui em diante, então, como estão os planos para 2020? É cedo para falar em novas composições?

Tamy: Estávamos muito ansiosos para divulgar nosso novo álbum, principalmente para esse público que sempre nos acolheu de braços abertos. Uma decisão difícil e que se fez necessária. Apesar de já contarmos com algumas composições para um próximo álbum, não temos pressa.

Thiago Prata

By Lu*Ch@qu£

Roadie M@il

Escreva para o "Roadie Mail" - Roadie Crew
roadiemail@roadiecrew.com

EDIÇÃO #254

Gostaria de agradecer o rápido retorno que recebi após enviar um e-mail para a revista. Como sempre, vocês mantêm o respeito pelos leitores e fãs de heavy metal! Acabei de ler a edição #254 e já estou na expectativa da próxima. Neste período que estamos passando devido a Pandemia, ter em mãos uma revista do porte da ROADIE CREW traz um alento para nossas vidas, e como o Batalha escreveu em sua coluna, a música e a arte salvam. Estou quase 60 dias em casa devido à paralisação da empresa que trabalho e, estando em casa, voltei a escutar bandas que há tempos não escutava, conheci novas bandas, voltei a ler bons livros e também a folhear as antigas edições da ROADIE CREW. Enfim, minha rotina mudou e, com isso, pude tirar algo positivo: ficar mais com meu filho e minha esposa, curtir meus cachorros e, claro, ouvir muito metal, estilo de música que está em minha vida desde os meus onze anos. Já se vão 30 anos de metal na veia e espero que isso tudo passe e possamos curtir shows e rever os amigos. Para finalizar, gostaria de fazer dois pedidos: uma entrevista com o Electric Mob, de Curitiba, que está com um ótimo álbum lançado e um pôster do Iron Maiden (Rock in Rio). Grande abraço a todos e continuem este excelente trabalho que vocês fazem.

Rodrigo Canizares Farias
Fazenda Rio Grande/PR

Sim, Rodrigo, nem me imagino sem a música, seja em tempos de pandemia ou não. Somos felizes por termos a música e a arte conosco. Sobre o Electric Mob, a resenha consta na seção "Releases" e a entrevista será publicada em breve. Como João Messias Jr. escreveu, tomara que a Frontiers, depois de assinar com Electric Mob e Semblant, recrute mais brasileiros em seu cast, como fez recentemente com o Landfall. Aproveitando o ensejo, temos mudanças que serão ainda mais drásticas a partir da próxima edição com relação ao ROADIE MAIL. Como a interação vem sendo feita, há tempos, com nossos leitores através das mídias sociais de todos da equipe e as da própria revista, o número de e-mails que nos enviam diminuiu. Portanto, vamos substituir a seção. Sigam nos acompanhando. Abraço. (Ricardo Batalha)

PÔSTERES

Tendo um quarto forrado de pôsteres, da ROADIE CREW e de muitas outras revistas (importadas) de várias épocas, prefiro a ideia desses das capas de discos, mas gostaria de saber da redação por que muitos pedidos dos leitores não são atendidos? Sempre acompanhei a revista, mas lembro que muitos pedem e vocês nunca atendem. Tanto aqui ou na página do Facebook. De matérias eu vejo que sempre procuram atender os leitores, mas por que não os pedidos de pôsteres? Por favor, acompanhem isso com carinho. Abraço.

Marcio D. Albuquerque
São Bernardo do Campo/SP

Bem, ficou faltando você ter falado qual seria o seu pedido de pôster, Marcio. Sobre esta questão, já falamos algumas vezes que não basta ter a ideia e pronto. Precisamos de imagens de alta resolução e muitas vezes o que você vê no "Google Images", e pensa que seria interessante publicarmos, não tem a qualidade necessária. Um dos pedidos que recebemos consta justamente nesta edição: *Ride the Lightning*, do Metallica. E vamos em frente, que se quarto fique cada vez mais lotado de pôsteres, porque o meu também era assim. Não havia quase espaço "em branco" nele. Abraço e cuide-se. (Ricardo Batalha)

VANDENBERG

Sou leitor da ROADIE CREW de longa data e, sem muitas delongas, queria, primeiramente, agradecer por estarem lutando para termos uma publicação voltada para o heavy metal e rock no Brasil. Gostaria de sugerir uma matéria do Vandenberg, que acabou de soltar um novo trabalho. Sou muito fã do Adrian Vandengerg desde antes de ele entrar no Whitesnake. Espero que consigam. Abraço a todos e cuidem-se.

João Mario Gonçalves
São Paulo/SP

Caro João Mario, a resenha do novo do Vandenberg, *2020*, consta nesta edição e a entrevista já foi feita pelo Daniel Dutra. Aguarde as próximas edições. Por falar em Whitesnake, nesta edição consta uma entrevista com Robin McAuley sobre a banda Black Swan, que conta com o guitarrista Reb Beach que, além do Winger, toca com David Coverdale e cia. Abraço e fique bem. (Ricardo Batalha)

ERRATA:

- A capinha que saiu na matéria do Mayhem, na edição #254, saiu com a legenda do disco como sendo importado, mas *Daemon* (2019) foi lançado no Brasil pela Rock Brigade Records/Voice Music.

MEMÓRIA

"Cresci ouvindo Deep Purple, Uriah Heep e outras bandas que sabiam usar teclado, como Atomic Rooster, Genesis e Yes. Grandes tecladistas que trabalhavam de forma totalmente diferente. E havia também os grandes cantores, como David Byron, do Uriah Heep, que é meu vocalista favorito de todos os tempos", King Diamond, em entrevista publicada na ed. #193.

youtube.com/roadiecrewmagtv /roadiecrewmag /roadiecrewmag /roadiecrewmag

TOP 3 OS PREFERIDOS DO MÊS DA REDAÇÃO

Envie o "Roadie Mail" (roadiemail@roadiecrew.com) colocando seus dados (nome completo, cidade/estado) e o seu TOP 3. Publicaremos alguns preferidos dos leitores a cada edição!

Claudio Vicentin (Diretor/Editor)
Irist - *Order Of The Mind*
God Is An Astronaut - *Epitath*
Decapitated - *Anticult*

Ricardo Batalha (Redator Chefe)
Bloody Heels - *Ignite The Sky*
Onslaught - *Generation Antichrist*
Vader - *Solitude in Madness*

Tony Monteiro (Redator)
Electric Mob - *Discharge*
Rolling Stones - *Goats Head Soup*
Deep Purple - *Made in Japan*

Rodrigo Vieira Meneses (Leitor)
Sepultura - *Bestial Devastation*
Perdition Temple - *Edict of the Antichrist Elect*
Voodoo Gods - *The Divinity of Blood*

Eduardo Henrique da Silva (Leitor)
Pink Floyd - *Dark Side of the Moon*
Ratos de Porão - *Brasil*
Slayer - *South of Heaven*

Marcelo Augusto Carneiro (Leitor)
Amon Amarth - *Berserker*
Thy Art Is Murder - *Hate*
Slipknot - *All Hope Is Gone*

PORTAL ROADIE CREW DESTAQUES ONLINE

ARTIGO
Slayer
South of Heaven

Chris Walter/Wirelmage

Seria confortável manter a fórmula de sucesso do estrondoso *Reign in Blood* em um álbum seguinte, correto? Tendo em vista o impacto que esse clássico causou no thrash metal, qualquer banda que o tivesse composto logicamente optaria por tal estratégia. Menos uma: o Slayer, seu criador. Se o terceiro álbum da carreira do grupo mais maligno da história do thrash se tornou quase que unânime na preferência dos fãs, que foram fisgados pela velocidade corrosiva das músicas, praticamente sem intervalo entre elas, o material seguinte mostrou um Slayer mais ousado, despejando seu peso habitual, só que agora em composições cadenciadas e obscuras. Confira mais detalhes deste artigo, escrito por Leandro Nogueira Coppi, no site!

NIGHTWISH
Novas entrevistas

Tina Korhone

Falamos com Floor Jansen na ed. #254, mas agora você pode conferir outras com Tuomas Holopainen e Troy Donockley.

YOUTUBE
Roadie Crew Online Festival

A Roadie Crew, em parceria com o Som Do Darma, vem apresentando um evento repleto de bandas no canal do Youtube. Confira!

ESSENTIALS
Combat Records #1

Confira o artigo de Valtemir Almer sobre um dos selos obrigatórios para qualquer fã de heavy metal, a Combat Records.

#CLASSICTBT 01
Morbid Angel Altars Of Madness

Na série que relembra alguns clássicos, leia todos os detalhes que envolvem o disco de estreia dos americanos do Morbid Angel.

By_Lu*Ch@qu£

DEEP PURPLE

CONTOS QUE NÃO SE PERDEM

Ian Gillan faz um passeio pela história do Deep Purple e por sua própria vida para explicar *Whoosh!*, o novo trabalho da banda inglesa

Ben Wolf

By_Lu*Ch@qu£

Por Daniel Dutra

"Olá, Daniel. De onde você fala?"
"Rio de Janeiro, Brasil."
"Fantástico!"

Começou assim a entrevista com Ian Gillan para falar do excelente *Whoosh!*, o 21º disco de estúdio do Deep Purple, e o vocalista transformou a ligação telefônica de pouco mais de uma hora num bem-humorado e delicioso bate-papo recheado de histórias não apenas sobre a banda – completada por Steve Morse (guitarra), Roger Glover (baixo), Don Airey (teclados) e Ian Paice (bateria) –, mas também sobre ele mesmo. Incluindo a informação de que está escrevendo o sucessor de "Ian Gillan: The Autobiography of Deep Purple's Lead Singer" (1998), algo que até o momento em que estas linhas estavam sendo escritas ainda era algo raro no jornalismo: em tempos de internet, um furo publicado numa revista impressa. Tem isso e muito mais, então é só relaxar e curtir.

Antes de qualquer coisa, ainda mais porque estamos vivendo momentos difíceis, como você está?

Ian Gillan: Sinto-me bem, muito obrigado por perguntar. Estou em casa, na Inglaterra, e de quarentena desde o dia 16 de março, ou seja, há nove semanas (N.R.: a entrevista foi realizada no dia 11 de maio). Mas é melhor do que morrer, porque o número de mortes no meu país já é algo trágico demais. A situação lá fora é bem perigosa, mas comigo está tudo bem até agora. Nós vamos sair dessa, e eu tenho muito trabalho a fazer enquanto vivemos essa situação. Tenho passado muito tempo no meu estúdio, além de finalmente poder trabalhar num novo livro. Mais uma vez, obrigado por perguntar.

Sobre o novo livro, isso é uma novidade. O que pode falar a respeito?

Ian: Ah, eu não posso contar nada, na verdade, porque ainda estou escrevendo (risos). E eu só deveria falar sobre isso quando ele estivesse pronto, porque posso mudar o rumo das coisas, como já fiz várias vezes. Nem deveria ter mencionado isso... (risos)

Sem problema. Posso não usar na matéria...

Ian: (rindo) Não é necessário, e você pode falar que foi o primeiro jornalista para quem eu falei a respeito (risos). Tenho muito material no qual estou trabalhando, e isso tem me mantido ocupado. Estou desenvolvendo as ideias e, para isso, separei três horas das minhas manhãs apenas para escrever. É algo que tem me dado prazer, ao mesmo tempo em que é fácil para mim, porque tenho que cuidar da casa, do jardim e manter tudo limpo, coisas normais que qualquer um trancado em casa tem que fazer (risos). Há centenas e centenas de histórias que contei a amigos ao longo dos anos, e todos eles sempre falaram que eu deveria escrever um livro com esse conteúdo. Não será apenas isso, porque é somente uma ideia, mas há casos engraçados, sérios e trágicos, mas todos interessantes. Tenho trabalhado nisso desde o fim do ano passado, contando essas histórias para a minha assistente, que transcreve tudo e devolve para que eu dê o toque final. Ainda há muito que fazer, porque apenas 10% estão prontos, mas estou bastante satisfeito com o resultado. É muito trabalho, só que ele me faz sorrir e me deixa feliz.

(...) um dos melhores aspectos da arte é a estimulação, porque ela o faz pensar, mantém a mente funcionando e a paixão viva.
Ian Gillan

Quando foi anunciado o adiamento do lançamento do novo álbum (N.R.: de 12 de junho para 7 de agosto), você disse que estava ouvindo muita música durante a quarentena. É interessante, porque costumo dizer que estamos descobrindo que podemos viver sem muitas coisas, mas arte e cultura continuam sendo companhias essenciais. Discos, livros, filmes, séries...

Ian: Com certeza! Uma das coisas que o ser humano não consegue é se sentir entediado, porque temos de nos manter ocupados, buscar algo para fazer. Lembro-me de quando era criança e dizia para a minha mãe que estava entediado, e ela falava para eu escrever ou desenhar algo, sair para dar uma volta ou aprender alguma coisa. Precisamos de um estímulo no sentido acadêmico, e fatores culturais e artísticos são parte importante desse processo, então você está certo, porque o momento que estamos vivendo é uma oportunidade para mergulharmos nisso. E a música é uma das várias coisas ao nosso redor. Vivemos sempre ocupados, e todo dia é acordar, tomar café da manhã e sair para o trabalho, colégio ou faculdade, aí voltamos para casa e encontramos os afazeres que nos mantêm sem tempo. O que está acontecendo pode estimular nosso cérebro e nossa paixão por coisas bonitas e que nos dão prazer. Para mim, um dos melhores aspectos da arte é a estimulação, porque ela o faz pensar, mantém a mente funcionando e a paixão viva. Isso faz parte da história da humanidade e é muito importante para nós desde a Idade Média, e agora temos uma grande oportunidade para aproveitar a arte.

E o que você tem escutado em casa?

Ian: Eu tenho uma enorme coleção, então estou escutando discos que não ouvia há muito tempo. Eu fiquei realmente triste quando soube da morte de Little Richard dois dias atrás (N.R.: 9 de maio), porque me lembrei da empolgação que havia quando eu era garoto, da influência e da riqueza da música que ia das orquestras ao jazz, swing, blues e big bands. Acabei fazendo uma viagem pela minha vida, porque pude absorver tantas coisas que, como tudo acontece em ciclos, poderiam me estimular novamente. Na verdade, acredito que todos nós somos assim, porque algumas pessoas preferem praticar esportes ou assistir à TV. No fim das contas, o efeito é o mesmo: causar um estímulo e nos manter longe das chatices do trabalho e do colégio, como os deveres de casa. Arte e cultura são a cereja do bolo em nossas vidas.

Vamos falar de *Whoosh!*, e eu gostaria de começar com a relação do Deep Purple com Bob Ezrin. Foi dito que "juntos, vocês criaram o disco mais versátil dessa parceria", então qual a diferença do novo disco para *Now What?!* (2013) e *inFinite* (2017)?

Ian: Boa pergunta, porque os elementos são os mesmos, mas música e arte não são assim. Elas evoluem tanto quanto as pessoas, então os relacionamentos acompanham isso. Não é apenas uma questão de tempo e lugar, porque o processo com Bob foi o mesmo no *Now What?!*, no *inFinite* e, agora, no *Whoosh!*. Passamos uma semana compondo na Alemanha, depois mais duas ou três semanas trabalhando nos arranjos em Nashville e, depois que as músicas estavam completas, fomos para o estúdio gravar. Literalmente ou até mesmo de um modo mecânico, absolutamente nada mudou, mas acredito que uma das metas do Bob era nos deixar mais soltos desta vez. Há um tipo de autoridade no novo

By_Lu*Ch@qu£

HÁ CINQUENTA ANOS O MUNDO CONHECIA *In Rock*

"Se eu tiver que lembrar de uma imagem que resuma *In Rock* seriam os ponteiros do VU totalmente à direita, sempre no vermelho", afirmou Roger Glover por ocasião do 25º aniversário do disco, referindo-se ao medidor de volume dos aparelhos de gravação. *In Rock* foi uma revolução. Era 1969, o Deep Purple já tinha gravado três discos, mas estava querendo dar um passo além. Ritchie Blackmore, Ian Paice e Jon Lord chegaram à conclusão de que o vocalista Rod Evans e o vocalista Nick Simper não eram os músicos ideais para os planos da banda. Blackmore pediu uma indicação de vocalista para seu chapa Mick Underwood, na época baterista de uma banda chamada Episode Six. Ele indicou o cantor de seu próprio grupo, Ian Gillan, que carregou consigo o baixista Roger Glover. Isso causou enorme dor na consciência em Underwood, já que ele era muito amigo de Simper.

Com mágoas pessoais ou não, estava criada a chamada MK II do Deep Purple, a favorita pela grande maioria dos fãs. A nova formação começou a ensaiar em uma espécie de centro cultural chamado Hanwell Community Centre, em Londres, e de lá saíram muitas músicas que fizeram parte de *In Rock*. Como inicialmente os ensaios eram mais jams do que qualquer outra coisa, isso acabou se transferindo naturalmente para os shows, que contavam com longas passagens instrumentais. Gillan: "Foi aí que eu comecei a usar percussão. Eu não queria simplesmente sair do palco nesses momentos."

Como a agenda de shows não tinha pausa, o Purple gravava quando dava e onde tinha vaga. Assim, de outubro de 1969 a março de 1970, três estúdios foram usados no registro do álbum, que acabou sendo produzido por eles mesmos. O que, naturalmente, gerou uma espécie de caos: "Eram dezenas de mãos em cima da mesa de som", lembra Paice, "cada uma querendo aumentar o que tinha tocado." E os problemas entre Gillan e Blackmore já começavam a aflorar. O cantor não economizou nas palavras ao recordar o diálogo que manteve com o guitarrista: "Eu dizia que não estava me ouvindo e o porra do Blackmore respondia: 'Quem você pensa que é? Tom Jones?'"

No fim das contas, Glover acabou se mostrando um grande compositor: foi ele quem criou as ideias iniciais de clássicos como *Speed King*, *Into the Fire* e *Hard Lovin' Man*, que, segundo ele, "virou um groove monstruoso. Eu adorei, é minha música favorita do disco."

O título *In Rock* foi para contrastar com o disco anterior, o ao vivo *Concerto for Group and Orchestra* (1969) que trazia a banda se apresentando com orquestra. Era rock puro! E isso levou à capa, uma paródia do Mount Rushmore, em Keystone, no estado de Dakota do Sul, que traz esculturas gigantescas na rocha dos rostos de quatro presidentes americanos.

Tudo isso resultou no maior sucesso do grupo até então. O álbum chegou ao 4º lugar na parada britânica e ao top 10 em vários outros mercados europeus – os EUA ainda demorariam um pouco mais para serem conquistados. O single *Black Night*, que antecipou o disco (e não faz parte dele), foi o de maior sucesso da banda até então, chegando ao 2º lugar na Grã-Bretanha e na Alemanha. Paice lembra que "o disco começou a vender, não saía das paradas e aí a gente se deu conta de que tinha feito algo realmente bom."

Blackmore, Roger e Lord têm *In Rock* como disco favorito do Purple. "Eu amo esse disco mais do que qualquer outro que fizemos", dizia o saudoso tecladista. "Era esse que eu levaria para uma ilha deserta – junto com algum de Mahler, é claro..." (referindo-se ao compositor clássico do século XIX)

Já Paice tem outra história pra contar: "Eu botei o disco pra tocar e meu tio Ivor saiu correndo, gritando e tapando os ouvidos. Me senti meio mal, minha intenção era impressioná-lo..." Pode ter certeza que impressionou, Ian...

Antonio Carlos Monteiro

álbum, enquanto os outros dois têm mais de nossa herança. Não é uma diferença tão simples, mas *Whoosh!* é mais imediato que os anteriores, completamente expressivo e aberto para tornar a audição mais fácil. Eu o escutei recentemente e gostei mais como ouvinte do que como artista, por isso creio que a diferença é, provavelmente, porque Bob tinha uma visão e é capaz de comandar o navio. Foi isso que ele fez quando começamos a trabalhar juntos, é bem verdade, e lembro perfeitamente de estarmos no estúdio gravando o *Now What?!* num clima fantástico. O Deep Purple é, primordialmente, uma banda instrumental, e sempre foi assim, desde que entrei em 1969. Eu era mais um passageiro, porque precisavam de um cantor, mas para esses caras tudo vem da música. Eles trabalham durante seis horas todos os dias, das 12h às 18h, como se estivessem indo para o escritório. É chegar, tocar e fazer jams que chegam a durar até uma hora sem parar, e as ideias se desenvolvem a partir daí. Acontece que o Deep Purple sempre foi uma democracia sem um líder, mesmo que no início fossem somente Jon Lord, Ritchie Blackmore e Ian Paice, e depois quando eu e Roger Glover chegamos. Não havia um líder, então quando acontecia um impasse não tinha ninguém para dizer 'vamos fazer desse jeito' ou 'vamos fazer daquele jeito'. Acabávamos jogando ideias fora, porque era uma situação cansativa, mas com Bob isso mudou. Ele não tem problema em dizer 'continuem, porque estou gostando' ou 'não estou gostando, por isso podem parar' (risos). Pela primeira vez, podemos dizer 'OK, jogamos fora. Não vamos perder três dias trabalhando numa ideia que não vai resultar em algo prático, que possamos usar'. Isso nos deixou mais afiados, fez com que fôssemos direto ao ponto nos últimos três discos, e é um relacionamento fácil. Estamos mais espontâneos, e as ideias, mais objetivas. Esse processo melhorou do primeiro dia até agora, e eu estou encantado com o que o Bob fez pela banda. *Whoosh!* é realmente o melhor dos três trabalhos.

Outro detalhe interessante sobre *Whoosh!* é que a banda trabalhou nele enquanto "manifestava seu ressentimento sobre a atual situação do mundo, falando para todas as gerações". Acredito que uma música como *Man Alive* tem muito a ver com isso, mas qual foi a sua abordagem para as letras?

Ian: Quando você compõe um álbum, ele representa uma cápsula daquele tempo na sua vida. É o momento que você estava vivendo, e isso inclui o que estava acontecendo também no mundo, na cultura, na sociedade, na política ou no que mais você estiver envolvido. Esses

By_Lu*Ch@qu£

aspectos não se transformam necessariamente em tópicos de cada canção, mas sublinham a inspiração para escrever as letras. Na primavera de 2019, havia uma forte discussão sobre a situação geopolítica, especialmente relacionada a questões climáticas, e o tom era de alerta por estarmos contribuindo para a nossa própria extinção. Minha filha estava envolvida com o assunto, e eu só pude pensar que não foi essa geração que descobriu um problema assim, mas que ela também o transformou numa bandeira. Fiquei maravilhado, porque é algo que aconteceu com os hippies durante o movimento Flower Power (N.R.: nos anos 60 e início dos 70) e até mesmo no pós-Guerra (N.R.: de 1945 a 1973, durante o levante econômico depois da Segunda Guerra Mundial). Eram gerações que queriam a mesma coisa: uma vida melhor, romper com tradições e combater ideias radicais.

Estive na Zâmbia em novembro do ano passado, e um coral local me deixou com lágrimas nos olhos. Foi absolutamente incrível!
Ian Gillan

Isso tudo ressurgiu ano passado com a discussão sobre o clima, e resolvi usar não literalmente, mas metaforicamente. Não é natural que o assunto principal de uma canção seja apresentado como parábola, então há letras você não pode interpretar palavra por palavra, porque elas não são literais. Mas há um significado por trás. Para *Man Alive*, lembro de conversar com Bob e Roger a respeito de certos temas que estavam na minha cabeça, como uma situação pós-apocalíptica, uma mãe que perde o fôlego no momento exato em que seu filho cai morto num campo de batalha distante, questões emocionais, de empatia, telepatia, entendimento e, também, de não entendimento dos enormes desafios que estamos enfrentando. Isso porque há certas coisas que não podemos fazer, responsabilidades que não conseguimos assumir, situações em que não podemos nos controlar, e não entendemos o que estamos fazendo. Está muito além de nós mesmos. Todos nós temos diferentes interesses, e os interesses comuns surgem apenas quando ficamos assustados como agora em 2020, diante de algo tão perigoso, apesar de a história mostrar que alguns indivíduos sempre continuam sendo egoístas. É uma provocação ao ser humano, e algo similar é encontrado em *Nothing at All*, minha canção favorita no álbum...

É uma das minhas, especialmente pelo que Don e Steve fizeram, e uma amostra de como *Whoosh!* deve ser escutado com fones de ouvido. Há muito detalhes.

Ian: Meu coração explodiu quando ouvi aqueles duelos de guitarra e teclado. Com um sorriso estúpido no rosto, disse a mim mesmo: 'Isso é fantástico!'. Eu havia tentado inúmeras vezes escrever uma letra para ela, tanto que minha cesta de lixo estava cheia de papéis de rascunho com ideias que não davam em lugar algum (risos). *Nothing at All* pedia uma abordagem diferente, e como aqueles duelos injetam pressão na música, voltei ao tema para mostrar de um jeito satírico como as pessoas estão tratando as crianças ao alertá-las para o problema: 'Olha só, esse é um assunto sério! O mundo está sujo, e nós estamos embarcando nele', mas sem dizer literalmente que se trata do meio ambiente. É uma representação do modo convencional de pensar: 'Não se preocupem, crianças, porque vai passar. Não é nada demais, então animem-se e sigam em frente', mas a Mãe Natureza é a velha senhora na letra, e ela sorri enquanto derruba todas as folhas da árvore. Tem a ver com a força da natureza e o fato de que devemos pensar que a extensão da humanidade no Planeta Terra fica para trás num piscar de olhos. Em termos universais, somos finitos. Essas foram algumas das inspirações, mas existe um elo. *Drop the Weapon* fala de violência, crimes e crianças morrendo por causa disso, particularmente em Londres, onde o problema das gangues é sério. São muitos garotos morrendo baleados e esfaqueados, e sabemos os motivos, mas ninguém fala nada. Talvez porque seja politicamente correto demais se opor a isso e apontar o dedo para todos que veem e ficam quietos, dizer que nossas crianças estão morrendo porque vêm sendo exploradas pelas gangues, que fazem isso por causa das drogas. Ninguém faz nada para acabar com isso, ninguém tem coragem suficiente para bater de frente politicamente ao trazer o assunto para debate. Eu fico pasmo quando pessoas argumentam com 'mas você não pode dizer isso' ou 'você não pode dizer aquilo'. Como não? São crianças sendo usadas e morrendo, e é muito triste que isso aconteça porque acham importante tirar a vida de outra pessoa para ganhar respeito, derramar sangue para aumentar a reputação e conquistar espaço. São meninos e meninas que, por causa da idade, são muito impressionáveis e acreditam no que os irmãos mais velhos dizem. Assim eles acabam morrendo ao serem explorados por quem mais confiam, e *Drop the*

Ben Wolf

By_Lu*Ch@qu£

OS TRINTA ANOS DO MASSACRADO SLAVES AND MASTERS

O que você pensaria se fosse escalado para substituir vocalistas como Ian Gillan, David Coverdale, Ronnie James Dio e Graham Bonnet? O americano Joe Lynn Turner encarou o desafio no Rainbow e, posteriormente, no Deep Purple. Ex-integrante do Fandango, sempre declarou que "rock deve significar algo feito com paixão". Turner pode nunca ter sido unanimidade, mas conseguiu êxito no Rainbow, com o qual estreou em 1981, no álbum *Difficult to Cure*. "Recebi um telefonema, fui ao estúdio e comecei a cantar. Pelo que sabia, estava fazendo apenas os backing vocals de *I Surrender*. Só que eles estavam excluindo os vocais de Graham e colocando a minha voz no lugar. Aí perguntei: 'O que é isso? Eu serei o vocalista?'. Eles disseram que sim", recordou Turner.

Se a intenção do guitarrista Ritchie Blackmore era soar mais próximo do AOR, o êxito de faixas como *I Surrender*, *Stone Cold* e *Street of Dreams* fala por si. "Gosto muito de Ronnie Dio e Graham Bonnet, mas levamos o Rainbow a outro patamar", observou Turner. "O Rainbow sempre foi baseado nas ideias de Ritchie, até mesmo *Down to Earth*, que começou aquele lado mais comercial. Ele queria vender mais e desejava que as músicas tocassem nas rádios. Quando estive na banda, conseguimos bastante coisa que ele queria. Os fãs de Dio provavelmente não gostam, mas os de Foreigner, Journey e coisas assim, adoraram", acrescentou.

Sem a presença de Ian Gillan, o Deep Purple iniciou as buscas para seu substituto. Corria o ano de 1989 e Robert Hart, Jimmy Barnes e Jimi Jamison foram cogitados, mas a vaga ficou com Turner que, à época, vinha de trabalhos com o sueco Yngwie Malmsteen, com o qual gravou *Odyssey* (1988) e o ao vivo *Trial by Fire: Live in Leningrad* (1989).

Curiosamente, a primeira banda de Turner, chamada Ezra, fazia um repertório de covers, incluindo músicas do Deep Purple. Porém, o estilo pretendido por Blackmore não era o da fase clássica do grupo e o temor era transformá-lo em uma espécie de Rainbow. "Foi um período terrível e eles não estavam gostando que e Ritchie e eu nos tornássemos o centro das atenções, como se fosse um Deep Rainbow", recordou o vocalista sobre a posição de Roger Glover (baixo), Ian Paice (bateria) e Jon Lord (teclado).

Seja como for, os trabalhos foram iniciados em 1990, com todos dividindo as composições (exceto em *Too Much Is Not Enough*) e, posteriormente, as gravações nos estúdios Greg Rike Productions, em Orlando (EUA), e Power Station, em Nova York.

Produzido por Glover, *Slaves and Masters* foi lançado em outubro e, a despeito de faixas como o single/clipe *King of Dreams*, *The Cut Runs Deep*, *Fire in the Basement* (single), a balada *Love Conquers All*, *Breakfast in Bed* e *Wicked Ways*, acabou sendo duramente criticado por boa parte dos fãs e pela imprensa. "É muito melhor do que as pessoas imaginam. Essas vêm com aquele papinho de 'Ah, não, Joe Lynn Turner... Não o aguentamos mais'. Falam este tipo de besteira, mas quem ouvir vai perceber que se trata de um bom disco. É um dos meus favoritos, assim como para Ritchie", analisou o vocalista.

A "Slaves And Masters World Tour", que teve início em janeiro de 1991 em Budapeste (HUN), passou pelo Brasil em agosto. Porém, o sonho de Turner no Purple durou só até agosto de 1992, quando foi demitido. "Fizeram-me sair da banda. Tempos depois, ficaram cerca de seis meses tentando trazer Gillan de volta. A gravadora BMG fez uma oferta para Ritchie, de um milhão de dólares, para que colocasse o Rainbow na ativa novamente. De toda forma, Ritchie aceitou Gillan de volta no Purple, mas eles fizeram um álbum ruim, *The Battle Rages On*, e ele saiu. Você pode contar a verdade se olhar para a história", concluiu.

Ricardo Batalha

Weapon mostra que é preciso abraçar a criança e dar amor a ela, algo que o irmão mais velho deveria fazer: 'Ei, garoto! É apenas o seu orgulho. Ele pode ser atingido, mas você quer viver para ver o dia seguinte'. Por isso canto 'Ei, São Francisco, para onde você foi', porque parece que ficamos cansados de paz e amor (risos). Não estou pregando, mas colocando a mão no ombro desses garotos e pedindo para que eles larguem as armas: 'Você não precisa disso. Orgulho é algo que você pode recuperar. A vida, não'. Acabei me empolgando, mas são assuntos que não saem da minha cabeça, então poderia mesmo falar sobre eles por horas! (risos)

E eu não vejo problema algum, principalmente porque são assuntos importantes. Que eles atinjam o maior número possível de pessoas.

Ian: Obrigado, mas você quer mesmo que eu continue? (risos) Uma das coisas que lembrei quando estávamos compondo o álbum acabou virando a letra de *The Power of the Moon*, e tem a ver com a época em que começaram a instalar painéis solares na Inglaterra... (N.R.: neste momento, Gillan começa a rir) OK, isso é hilário. Lembro-me de colocarem um desses painéis num supermercado local, sendo que o fixaram num poste com a intenção de que ele iluminasse o local onde ficava o balcão de informações, logo na entrada. A instalação ocorreu no inverno, e quando as folhas das árvores começaram a cair, na primavera, o painel ficou coberto por elas e não recebia mais a luz do sol. Ou seja, não funcionou. Somos estúpidos o suficiente para fazer coisas assim na Inglaterra (gargalhadas), como usar máquinas para aproveitar a força do vento, mas depois ter de desligá-las porque venta bastante e bem forte aqui, então estragaria o sistema (risos). Usei tudo isso para reforçar a minha crença de que a lua é o elemento mais poderoso que temos em energia. Ela ilumina o oceano duas vezes por dia, o que é apenas uma pequena fração de sua força. A lua é suficiente para nos fornecer energia elétrica, que pode ser distribuída no mundo todo com custo quase zero, e *Power of the Moon* fala sobre isso. *No Need to Shout*, por sua vez, é sobre o blá-blá-blá e discurso vazio dos políticos em geral, sem nenhum alvo específico. Normalmente, eles falam exatamente aquilo que as pessoas querem ouvir ou o que vai ter eco na mídia, não são confiáveis, e político honesto é uma raridade, especialmente nos dias de hoje. Não é uma questão de partido político, porque existe um alinhamento no discurso, e isso me impressiona. Meus pais eram old school em relação à política, porque minha mãe (N.R.:

By_Lu*Ch@qu£

Audrey) era conservadora, mas não extremista, enquanto meu pai (N.R.: William) fazia parte de sindicato já na Escócia, ou seja, era de esquerda, mas também não extremista. Eles costumavam discutir por causa de algumas coisas, então lembro de quando tinha 8 anos e, sentado na escada, ouvi os dois debatendo. Meu pai discordava de tudo que minha mãe falava, e vice-versa, mas eu não entendia o porquê, afinal, os dois tinham boas ideias. Mas compreendi pouco depois: eles estavam discordando porque apoiavam partidos políticos diferentes, e isso é ridículo. Boas ideias não podem ser aproveitadas quando vêm de um lado diferente? Eu era muito novo quando perdi o respeito por políticos. As intenções honestas que existem quando se é mais jovem são facilmente corrompidas pelo sistema, que é autodestrutivo, então nenhum político é capaz de fazer a diferença. Eu poderia falar sobre o que há por trás de todas as letras, mas vou terminar com *The Long Way Round* (risos), porque é a história da minha vida: sempre deixo as coisas no meio do caminho. Por exemplo, eu começo a consertar algo em casa e já estou com 50% do trabalho feito, mas aí vejo que tem outra coisa a ser feita, largo tudo e digo a mim mesmo: 'Preciso cuidar disso primeiro'. Quando vou começar, vejo um pedaço de papel e penso: 'Ah, eu preciso anotar algumas coisas'. Chega o fim do dia, e eu não fiz absolutamente nada (risos), porque vivo me distraindo. Sempre tenho boas intenções, mas me falta disciplina, então precisava escrever uma letra sobre mim. A frase de abertura, 'You can't get me down, I got the things looking up blues', é a minha favorita em muitos anos.

E quando eu disse que não havia problema em continuar contando essas histórias, eu nem imaginava que você falaria de três das quatro músicas que separei aqui (risos). Mas há algumas particularidades além das letras, como as melodias vocais e os backings, principalmente o coral, em *Drop the Weapon*...

Ian: Boa lembrança, porque tem a ver com o que faço há muito tempo em relação às harmonias. Se você pensar em guitarras e teclados, eles sempre usam eco, reverb e todo tipo de efeitos para alcançar um som interessante, e isso vai de trocar o captador da guitarra a utilizar moog, piano e Hammond para ter diversidade. É algo que procuro fazer com os vocais, algo que costumava fazer já nos anos 60 com Roger Glover: harmonizações, porque eu amo harmonias. Eu cantei em igrejas quando era garoto, era soprano no coral e adoro o trabalho dos corais. Fiquei emocionado quando assisti a "Jersey Boys" (N.R.: musical que conta a história do The Four Seasons, grupo americano da década de 60), porque me mandou de volta à infância que tive em Chiswick (N.R.: distrito de Londres onde Gillan nasceu). Estive na Zâmbia em novembro do ano passado, e um coral local me deixou com lágrimas nos olhos. Foi absolutamente incrível! E aqui eu falo de usar harmonias não como o Four Seasons ou o Beach Boys, não de maneira convencional, mas para sublinhar as palavras, para dar a elas textura e cor, enfatizá-las com um pouco de mágica e mistério. Assim eu melhoro o som da frase, mesmo sem usar em sentenças inteiras, mas apenas em pequenos pedaços para adicionar beleza. Fiquei muito empolgado com esse trabalho em *Drop the Weapon*, e o Bob pegou de primeira quando enviei para ele, também achou muito bonito. O resultado me deixou muito feliz, porque seria fácil fazer tudo com apenas uma voz, mas esse coral é algo que tem muito a ver comigo. E é adorável.

O Deep Purple é, primordialmente, uma banda instrumental.
Ian Gillan

E tem *What the What*, que é uma grande canção rock'n'roll, e agora não consigo mais escutá-la sem pensar em Little Richard. A letra até menciona *Long Tall Sally*...

Ian: Sim! Acompanho o desenvolvimento das músicas antes de escrever uma palavra sequer, porque é assim que trabalhamos: a canção sempre vem primeiro. Quando eu estava ouvindo *What the What* (N.R.: Gillan solfeja o ritmo), algumas frases surgiram instantaneamente na minha cabeça, aí ficou tudo mais fácil. Eu queria que o título soasse bem-humorado por causa do breakdown vocal, e tinha de ser algo curto porque tem muito de Little Richard nela. Essa é a diferença de escrever uma letra em comparação a um poema ou a um livro, porque é muita coisa para passar em pouco tempo. Eu queria cantar 'What the fuck happened to you last night', mas o 'fuck' estava fora de questão, então ficou 'What the what happened to you last night' (risos). Sabe, *What the What* fez algumas coisas passarem pela minha mente, porque desde criança eu sonhava compor uma canção de estrada, do que que acontecia na estrada, mas não havia nada para escrever porque eu não tinha vivido essa experiência. Hoje há muito o que dizer, claro, mas aqui é a lembrança de que todo pub em Londres tinha um lugar onde as pessoas podiam tocar, e não apenas música folk ou tradicional, mas também rock'n'roll, que era algo novo e excitante. Elas tocavam Little Richard, Elvis Presley e Buddy Holly, por exemplo. Quando éramos jovens músicos, ficávamos bêbados e nos virávamos para tocar sem equipamento, porque o que tínhamos eram instrumentos feitos em casa. Ninguém tinha uma guitarra com seis cordas, mas com três ou quatro, e de

By_Lu*Ch@qu£

alguma maneira funcionava. As peles da bateria eram sempre improvisadas com outro material, que acabava endurecendo no frio e ficando frágil, então o pedal sempre deixava um buraco no bumbo (risos). E eu fazia o reparo: pegava agulha e linha, colocava um pedaço no rombo e costurava, então estávamos prontos para mais uma (risos). Mas era divertido. Não havia regras, fazíamos o nosso melhor, e no fim das contas era um prazer por se tratar de um aprendizado. *What the What* traz de volta lembranças agradáveis de como as coisas eram antigamente.

2020 marca o aniversário de 50 anos de *In Rock*, um álbum que para muita gente é o verdadeiro começo do Deep Purple. De fato, a sonoridade da banda mudou totalmente depois que você e Roger Glover entraram. Quais são suas lembranças?

Ian: É o elemento humano, a química humana. Quando se trata de relacionamentos, você não tem inibições quando é novo, mas começa a ficar mais sério conforme vai envelhecendo. Isso porque passa a viver situações repetidas, então pensa mais antes de agir. Somos mais espontâneos quando mais jovens, achamos até que somos imortais. Eu achava que sabia tudo quando tinha 20 anos, só que sei mais e melhor hoje em dia (risos). É uma grande mudança, e naquela época os elementos encaixaram. Eu e Roger fazíamos parte do Episode Six e ficamos três anos compondo, mas as músicas não importavam. O que contava para nós era aprender o ofício da composição de canções, porque não éramos experts nessa arte. Aprendi a não fazer 'Uh!' numa nota mais alta, porque é mais difícil do que em mi, por exemplo, então o importante eram os pequenos detalhes, os elementos de composição, retóricas, impressionismo... O importante era aprender. Claro, éramos muito ingênuos, mas estávamos preparados quando entramos no Deep Purple. E foi uma explosão de ideias! Nunca havíamos trabalhado com instrumentistas daquele nível, porque o Episode Six era um grupo de harmonias vocais, então os músicos eram fracos, honestamente. De repente, estávamos tocando com músicos do nível do Richie, Jon e Ian Paice! Lembro-me de virar para o Roger uma vez e dizer: 'Meu Deus, eu não conheço essa música!', mas percebi que eles estavam fazendo uma jam, apenas começaram a tocar. Aquilo era o nível seguinte do profissionalismo. Era o nível mais alto, e nós aprendemos muito rápido. Tivemos que liberar todas as nossas frustrações e as ideias que

Se você vai cantar uma música, deve virar o dono dela.
Ian Gillan

Ian Paice, Don Airey, Ian Gillan, Roger Glover e Steve Morse: juntos há 19 anos e mantendo relevantes o Deep Purple e sua cinquentenária história

Ben Wolf

By_Lu*Ch@qu£

vínhamos construindo, porque eu nem mesmo sabia que diabos iria cantar ali (risos). A primeira música que compusemos para o *In Rock* foi *Speed King*, e eu não tinha a menor ideia do que escrever para ela. Comecei a cantar todas aquelas frases inspiradas em Little Richard (N.R.: Gillan começa a cantar 'Good golly, said Little Miss Molly / When she was rockin' in the house of blue light / Tutti Frutti was oh so rooty', mesmo!), e elas eram basicamente títulos. Joguei-as na letra, mas foi do fundo do coração e na raça, porque faziam parte de onde eu vim. Foi um choque, porque acredito que foi assim que aprendi a não seguir, mas a liderar, então os vocais tinham de ser a força motriz. Eles eram gravados por último, só que deveriam soar como se fossem a primeira coisa, porque é a voz que as pessoas vão escutar. Se você vai cantar uma música, deve virar o dono dela. É um processo difícil, mas que aconteceu muito rapidamente, e há outra coisa que aprendi com o *In Rock*: as melhores músicas são aquelas que ficam prontas em 20 minutos. Se você leva duas ou três horas trabalhando numa canção, então é porque ela não é boa. Pode tentar melhorá-la e adicionar mais texturas e energia, não tem problema, porque é um bom exercício, mas isso não significa que será uma das melhores do disco. Não estou dizendo que tudo tem de ser feito em 20 minutos, mas é preciso captar a vida da música nesse tempo, sua estrutura, seu refrão, o clima e o ritmo... O coração da canção tem que estar batendo em 20 minutos. Se não, esqueça. Jogue-a fora e parta para outra. Foi assim que fizemos o *In Rock*. Você pode ouvir a musicalidade em *Shades of Deep Purple* (1968), *The Book of Taliesyn* (1968) e *Deep Purple* (1969), os três primeiros álbuns da banda, mas ela não decola. Não havia a química humana que explodiu ao mesmo tempo com nós cinco. Havia entendimento e confiança, porque uma banda fazendo jam é como trapezistas. Você não pode se jogar apenas achando que vai sobreviver, pois é preciso que tenha alguém de confiança para pegá-lo. É assim numa jam, quando está rolando improviso, um entendimento que não precisa de palavras. Desenvolvemos isso quando fizemos o *In Rock*, que foi o Big Bang do Deep Purple.

Mas há muitas pessoas que esquecem ou mesmo não sabem que o seu primeiro disco com o Deep Purple foi *Concerto for Group and Orchestra* (1969), talvez porque *In Rock* seja icônico. Ainda assim, você entrou na banda e logo de cara se envolveu num projeto bem diferente, porque escreveu as letras para ele. Como foi?

Ian: Músicos costumam achar que o que fazem não é nada demais, subestimam o próprio trabalho... Ao menos os ingleses, que têm um jeito peculiar de não ficarem empolgados (risos). É o nosso jeito, mas fiquei estupefato com o modo como Jon lidou com essa obra. Lembro-me que fomos pegá-lo para um show em algum clube na Inglaterra, e ele pediu cinco minutos porque estava terminando de escrever algo. Quando cheguei ao apartamento que ele dividia com Ian Paice, havia papéis em cima dos móveis, espalhados pelos corredores, no banheiro... Eram os manuscritos de *Second Movement: Andante*, incluindo as partituras para bateria. Eu nunca havia visto nada parecido. Era incrível, mas a verdade é que não demos muita bola, porque nosso interesse era o rock'n'roll. Aquilo não nos impressionava. Em retrospectiva, a verdade é que não estávamos preparados para a genialidade e o esplendor do trabalho. Além do mais, juntar uma banda de rock com uma orquestra era a mesma coisa que colocar dois inimigos mortais para lutar (risos), e o conceito era esse mesmo: o *First Movement* era uma grande briga, com as duas partes se cercando e usando solos e arranjos como armas. A poderosa orquestra e o jovem grupo num conflito musical, mas no fim rola um espaço para respirar antes de um momento de calmaria. É a deixa para a segunda parte, que traz um respeito mútuo entre orquestra e banda, e no *Third Movement* finalmente acontece a união e uma performance em uníssono, com banda e orquestra fazendo música juntos, não somente uma apoiando o outra. Era a genialidade do Jon, e não preciso dizer que não havia escrito as letras porque não sabia mesmo o que fazer (risos). Eu ficava ouvindo em casa para buscar inspiração (N.R.: Gillan solfeja parte do instrumental), mas não saía nada. Chegava no ensaio e ficava dizendo ao Jon que estava quase lá quando ele perguntava 'Quando você vai terminar as letras?' (risos). Depois do ensaio final, fomos a um restaurante italiano e, entre pratos de massa e taças de vinho, Jon disse: 'Ian, meu garoto, a verdade é que você não fez nada ainda, certo? Será que é possível escrever alguma coisa antes do show de amanhã à noite?' (risos). 'Claro, Jon', respondi antes de pegar uns guardanapos e escrever todas as letras neles, sentado à mesa do restaurante. Usei aqueles mesmos guardanapos para cantar as letras no show, e Jon, do outro lado do palco, ficava olhando para mim e rindo. Mas deu certo e foi legal, porque é assim que faço as coisas (risos). É uma lembrança muito especial, e devo dizer que tenho enorme respeito pelo Jon, uma das pessoas mais nobres que conheci.

(...) interesses comuns surgem apenas quando ficamos assustados como agora em 2020.
Ian Gillan

Sasori Za Photography

Prika Amaral no Rockharz Open Air 2019

NERVOSA

SEPARAÇÃO E RENOVAÇÃO

Prika Amaral afirmou que esperava pela mudança na formação da banda

Por Luiz Cesar Pimentel

No meio da tempestade da pandemia, a mais bem-sucedida banda brasileira formada só por mulheres, Nervosa, encarou um furacão extra – em dois dias, duas das três integrantes deixaram o grupo, a baixista e vocalista Fernanda Lira e a baterista Luana Dametto. A guitarrista e fundadora, Prika Amaral, se viu sozinha para decidir os rumos do grupo e mandou ver instantaneamente nas substituições. Em poucos dias, anunciou uma espanhola (Diva Satanica) no vocal, uma italiana (Mia Wallace) no baixo e uma grega (Eleni Nota) na bateria e a mudança do trio brasileiro para um quarteto multi-nacionalidades. Porém, garante que o DNA e assinatura do grupo continuarão brasileiros. Além disso, afirmou, em entrevista para a ROADIE CREW, que já esperava pela mudança.

No meio de uma pandemia, que virou o mundo de cabeça para baixo, a Nervosa conseguiu virar o noticiário metal também de cabeça para baixo com a notícia das saídas de Fernanda Lira e Luana Dametto. Antes de abordar este assunto, conte resumidamente como foi formada a banda.

Prika Amaral: A história da Nervosa começou em 2010, quando eu tinha uma banda chamada Inner Voices e estava procurando baterista. Um amigo indicou a Fernanda Terra (atualmente no Agrotóxico). Eu a procurei e ela sugeriu: 'por que não montamos um grupo só de meninas?'. Fez todo sentido, pois o mais difícil era baterista e eu já tinha. Começamos o grupo, buscamos integrantes, dois meses depois dei o nome, compusemos umas quatro músicas e depois de muitas integrantes passarem pela Nervosa, em agosto de 2011 a formação se fixou quando a Fernanda Lira entrou pra banda. As coisas foram crescendo nos meses seguintes, e procuramos o Marcello Pompeu – vocalista do Korzus e produtor musical – para gravar. Gravamos demo, depois disco, fizemos contrato com gravadora e fomos em turnês até chegar nesta separação e renovação.

Sim. Só que o estranho dessa separação, para quem está de fora, é ter acontecido quando tudo indica que a Nervosa está no auge. Vocês, se não me engano, já tocaram em uns 60 países – só neste ano foram para Ásia, Oriente Médio, Escandinávia, tinham "Wacken" marcado, turnê europeia e nos Estados Unidos antes de a Covid-19 interromper tudo. Por isso, a notícia da saída de duas das três integrantes causou tanto impacto.

Prika: Eu entendo que possa ter parecido assim mesmo, mas para mim não foi surpresa. Eu já esperava por isso há um bom tempo. tanto que quando aconteceu, imediatamente eu comecei a procurar substitutas. Fui ver todas as meninas que eu seguia no Instagram e passei uns dois dias sem dormir só nessa busca. O que me surpreendeu foi que houve uma enxurrada de meninas do mundo inteiro pedindo para fazer teste para entrar na banda. E tinha muita, mas muita mesmo, mina foda e competente. Só que tem o lance de disponibilidade, de ter que largar tudo porque a Nervosa é uma banda que vive em turnê, tem o lado psicológico também, já que a vida na estrada não é só glamour, tem o lance da comunicação, ver se a pessoa fala bem inglês para entrosar, uma série de coisas.

Essa procura toda deixa claro que o nome Nervosa aparentemente se tornou maior do que qualquer integrante, correto?

Prika: Exatamente. Isso me fez perceber a força do nome Nervosa. Desde a primeira formação em 2010, todas as meninas que passaram pela banda contribuíram para isso. Todas ajudaram a fortalecer o nome Nervosa, e que se tornou muito forte. E a partir desse legado ficou mais fácil conseguir meninas incríveis para entrarem no barco e deixarem tudo para trás. Pois, como falei, nem tudo são flores quando você passa muito tempo em turnê. Você come mal, dorme mal, tem toda a logística de deslocamento, cada noite em um lugar diferente. Mas, no fundo, é maravilhoso. Não posso reclamar. Então, tinha que encontrar pessoas que enxergassem da mesma forma.

> "Muita gente levanta que foi desavença política, mas não foi nada disso, foi desgaste mesmo."
> Prika Amaral

Você chegou em uma formação com quatro países representados (a vocalista Diva Satanica é espanhola, a baixista Mia Wallace é italiana e a baterista Eleni Nota é grega). Fale um pouco sobre as escolhas e sobre as novas integrantes.

Prika: Nervosa sempre será uma banda brasileira; eu sou brasileira e não existe nada mais brasileiro do que a diversidade. Tanto que as colônias italiana e espanhola são das maiores no Brasil. Fora que a colônia grega também existe aqui – minha melhor amiga de infância era de origem grega. No processo, testei muitas meninas brasileiras boas, mas ainda não estavam tão preparadas quanto as europeias. Tive que tomar decisões também por questões logísticas, de onde as meninas moram para facilitar os encontros. Assim, americanas e a maioria das latinas tiveram que ser eliminadas de cara. Menos argentinas, que tem facilidade de voo para o Brasil, e as próprias brasileiras. Também tive que fechar o foco na Europa Central, já que se escolhesse uma russa, por exemplo, teria as mesmas dificuldades de deslocamento. Fui eliminando as opções e sobraram essas meninas que são maravilhosas. Elas já amam a banda, estão dando sangue e fazendo um trabalho realmente excelente. É uma pena que não posso mostrar ainda, mas está tão legal que me deu maior ansiedade para soltar (risos). Está sendo uma experiência incrível e renovadora.

Do jeito que você fala, as substituições pareceram uma tática daquele jogo de tabuleiro War – "vamos eliminar tais e tais territórios" (risos). Conte um pouco sobre as escolhas e as escolhidas.

Prika: Foi exatamente isso, eu me senti jogando War, eliminando territórios até chegar em uma estratégia geográfica. As meninas (escolhidas) estavam na lista inicial que montei e eram favoritas. No meio do processo conheci um monte de gente muito boa e cheguei a ficar em dúvida. Mas felizmente acabamos com a melhor formação possível. A Mia (Wallace), por exemplo. Tocava com o Tom Warrior (fundador do Hellhammer, Celtic Frost e Triptykon. Mia tocou com ele no Triumph of Death, Hellhammer e foi baixista do Abbath), eu a admirava e mandei convite para teste esperando que ela não respondesse. Só que ela respondeu na hora, fez o teste, encaixou e está amando. A Diva (Satanica, vocalista e integrante do Bloodhunter) foi a mesma coisa. Ficou super honrada em ser chamada e quando soube que tinha sido escolhida ficou muito orgulhosa, agradecida e disposta a deixar tudo para entrar junto. A baterista (Eleni Nota) é super nova (nasceu em 1994) mas muito profissional. Ela é formada em bateria, em matemática e é a primeira experiência dela em uma banda maior. Ela tem muita experiência na Grécia, já tocou com diversos músicos por lá. Quando lembrei que a seguia no Instagram, fui atrás e caiu como uma luva. Ela é maravilhosa, toca com uma energia que nunca vi.

Tendo quatro nacionalidades na Nervosa, você já decidiu onde será a base da banda agora?

Prika: Provavelmente será na Itália, pois fica entre os dois países (Espanha e Grécia) e a Mia mora lá, perto de Milão. Eu tenho um pouco de familiaridade com a língua também, pois ano passado passei meses na Itália e o país é relativamente barato. A Diva mora em Madri, mas é nascida na Galícia, o que facilita, pois o galego é praticamente um portunhol (português com espanhol). Da Eleni, o engraçado é que ela fez muito trabalho como contratada, toca do jazz ao metal. Até trilha-sonora

para anime ela já fez. E tem uma banda só de mulheres que é grupo de apoio de um talk show na Grécia, tipo um Programa do Jô de lá. E tem outra banda também de metal com progressivo, muito interessante, que chama Mask of Propero.

Esse período de pandemia dificultou os testes? Como foi o "Enem" da Prika para entrada na Nervosa?

Prika: Começou com um teste geral para todas - tocarem duas músicas (da Nervosa), uma antiga e uma mais atual: *Death* (de *Victim of Yourself*) e *Kill the Silence* (de *Downfall of Mankind*). A partir disso selecionei algumas. Com as selecionadas fiz video-calls para conversar, explicar como funciona em relação à disposição de tempo para o grupo, ver a energia, saber das experiências de vida e o que esperavam da possibilidade. E ali já eliminei mais algumas. Quando cheguei a essas meninas que entraram passei um teste de composição. Criei uma música e mandei para elas e falei: 'Componha a sua parte em cima disso'. E o que voltou encaixou perfeitamente. Aí foi só comemorar com elas.

No momento em que as duas saíram, você sentiu medo de ficar sozinha?

Prika: Não deu nem tempo de sentir medo. (A saída delas) Já era algo esperado. Sendo sincera, era também o que eu queria. Então foi um mix de sentimentos, só que tudo foi muito rápido. A Fernanda (Lira) me ligou e comunicou a decisão. Instantaneamente, comecei a buscar substituta. No dia seguinte, a Luana ligou e disse que não se sentia confortável em permanecer na banda com a saída da Fernanda. Foi a mesma coisa, só pensei que tinha que agir rapidamente. Claro que causou certa insegurança, principalmente sobre como o público reagiria. Pensei até que teria um feedback muito negativo, tipo gente falando: 'Nervosa acabou'. Mas foi o contrário. Tivemos um apoio enorme. A página da Nervosa (no Facebook) teve um up imediato, mais de dez mil curtidas. E como eu estava concentrada em resolver, foquei 100% no futuro e nem deu tempo de sentir alguma coisa.

A saída delas causou algum arranhão nos negócios do grupo, cancelamento de shows ou de parcerias?

Prika: Nós não sofremos nenhuma baixa justamente porque agi rapidamente. Não teve um show sequer cancelado pelo motivo da troca, não perdemos patrocínio nem parcerias. E as meninas que escolhi só ajudam a Nervosa a ter mais força, pois todas têm muito respeito na cena. No final, as pessoas começaram a falar que a banda tinha ficado ainda melhor, o que me deixa mais confiante de que teremos em breve um disco muito bom. E a separação acabou sendo boa para ambos os lados. Tenho certeza que as meninas que saíram farão um belo disco. Vai dar super certo para todos.

Por falar nisso, como eram divididas as composições na Nervosa?

Prika: Era bem meio a meio entre eu e a Fernanda. Eu compunha riffs, letras, estrutura de divisão das músicas e solos, ela também fazia riffs, linhas vocais e letras. A Luana ficava com as partes de bateria, como as outras bateristas. Ela fazia o arranjo de bateria pra música, e às vezes eu ou a Fernanda dávamos algumas opiniões sobre a batera.

Sobre o rompimento, não quero ser indelicado ou invasivo e perguntar sobre o que não diz respeito ao trabalho, pois a Nervosa é o de vocês e isso é o que importa para quem gosta do grupo. Foi um desgaste típico de trabalho ou desavença conceitual?

Prika: Muita gente levanta que foi desavença política, mas não foi nada disso, foi desgaste mesmo. Banda é que nem casamento, só que sem sexo. A (Fernanda) Lira e eu temos há anos diferenças de gostos e modos de trabalhar. Isso vinha há bastante tempo, pois estávamos há oito anos nessa parceria. Só que quando uma banda cresce, tudo se potencializa, tanto as coisas boas quanto as ruins. Nós somos muito profissionais e mantivemos essas diferenças longe do público, mas chega uma hora em que não dá para sustentar mais. Na hora de compor, a vibe não estava batendo e percebemos que não estávamos mais conseguindo chegar nos resultados que gostaríamos.

Sendo assim, como bem falou, quem ganha é o público, pois as duas são muito talentosas e farão certamente um belo trabalho (N.R.: Fernanda e Luana anunciaram a formação do Crypta, com as guitarristas Sonia Anubis e Tainá Bergamaschi). Vocês já combinaram os primeiros passos para quando o período de isolamento acabar? Show no Brasil, ensaio para turnê, gravação?

Prika: Sobre shows ainda não sei, pois tudo está dependendo do coronavírus. Provavelmente só acontecerão no ano que vem. Acredito que primeiro iremos gravar. Estamos em fase de composição, planejamos nos encontrar para ensaios, gravar e começar esta nova fase da Nervosa com um disco novo, trazendo a essência da banda e contribuições de todas.

Algo que deixei de perguntar ou comentar?

Prika: Faço questão de agradecer de verdade tanto a abertura que uma revista como a ROADIE CREW está me dando quanto o apoio dos fãs nesse momento pelo que a banda passou. A forma como as pessoas reagiram me deu uma força que é difícil agradecer à altura.

Diva Satanica

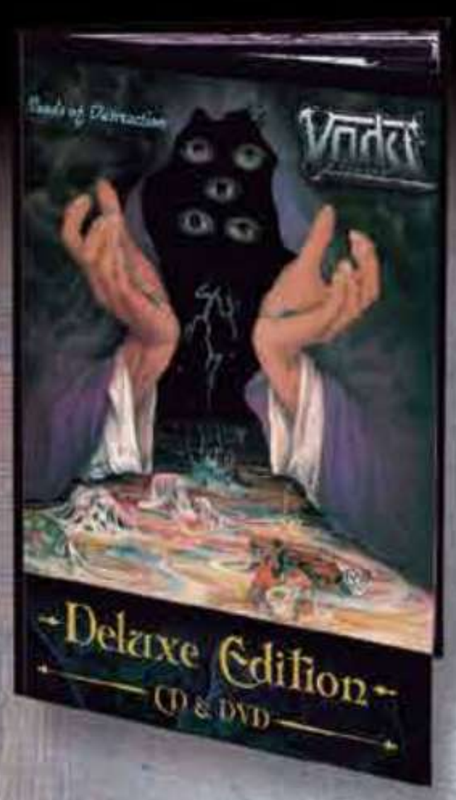
Mia Wallace

Eleni Nota

Divulgação

By_Lu*Ch@qu£

Lançamentos Agosto
Classic Metal Records



Vodu - Seeds of Destruction

Edições em Digibook Deluxe e acrílico, ambas contendo
CD e DVD com bônus e encarte ilustrado, com letras e fotos exclusivas!

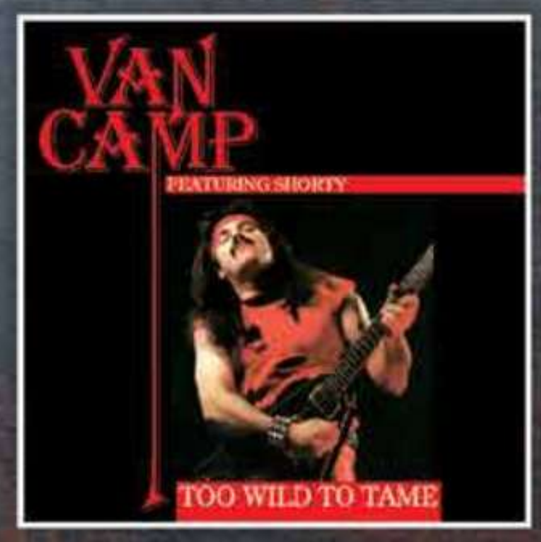
Vodu
walking with fire

Novo álbum de inéditas que marca a volta da banda após 27 anos do último disco! Edições em Digipack e capa acrílica. Com bônus de clássicos do Vodu lançados nos anos 80 em versões de 2020.
AGORA MAIS HEAVY E MAIS POWER!!!

Design: JCCV - http://juliocvalente.wix.com/jccv-design

Hell Gun - Kings Of Beyond

Killer - Shock Waves
(parceria com Voice Music e Rock Brigade)



Killer / Van Camp - Too Wild To Tame
(parceria com Voice Music e Rock Brigade)

Para o catálogo de CDs
nacionais e importados, acesse o site:
www.classicmetal.com.br

Classic Metal Records
www.classicmetal.com.br
sac@classicmetal.com.br

Dúvidas e compras no atacado,
entre em contato no e-mail:
sac@classicmetal.com.br

ENFIM, O DEATH METAL

Após a saída da Nervosa, Luana Dametto e Fernanda Lira reencontram o caminho do death metal

Por Valtemir Amler

Considerada há anos como uma das principais bandas brasileiras no cenário metálico mundial, a Nervosa conquistou não apenas as capas de importantes publicações estrangeiras, mas também os palcos de todo o mundo. Com a força de seus três primeiros álbuns, Fernanda Lira (vocal e baixo), Luana Dametto (bateria) e Prika Amaral (guitarra) colocaram seu nome no concorrido rol dos gigantes do thrash nacional. Assim, não foi com pouca surpresa que o mundo ficou sabendo que Fernanda e Luana estavam fora da banda. Porém, as más notícias acabam por aí. A Nervosa segue adiante e a 'dupla desgarrada' segue unida em uma nova banda: Crypta. E, melhor que isso, praticando death metal, *locus naturalis* de Luana, e uma das paixões de Fernanda. Confira o que a vocalista tem a nos contar sobre esse reinício de jornada, que já vem marcado por grandes feitos.

Quanto você gosta de se envolver no processo de composição musical?

Fernanda Lira: Eu gosto de me envolver 100% no processo! Na Crypta, todas as músicas têm um pouquinho de cada: riffs de guitarra feitos por mim ou pela Luana, linhas de batera sugeridas pela Sonia ou por mim, letras de música escritas por mim, mas inspiradas numa ideia da Luana. Enfim, acho que quanto mais contribuição de todas, mais a música tem potencial de vingar.

Durante a sua jornada você passou por diversas bandas, mas estaríamos corretos supondo que a sua primeira experiência real de composição foi com *Victim of Yourself* (2014), da Nervosa?

Fernanda: Não, na verdade antes disso já estava bastante acostumada a compor. Em todas as minhas bandas anteriores, já compunha muita coisa, usava bastante o 'guitar pro' e escrevia músicas inteiras – nem sempre as usávamos, mas

nunca deixei de compor. Já na Nervosa, na demo 2012, antes do *Victim...* que você citou, também tem coisa minha – sugeri alterações na estrutura de músicas que estavam compostas, adicionei coisinhas aqui e ali, reformulei e compus letras e linhas vocais, normal. Daí para frente, tudo estava mais bem dividido e havia ideias e inspirações de todas.

Você se sentiu artisticamente satisfeita com o processo que resultou naquele primeiro álbum ou ficaram algumas lacunas que procurou preencher com os dois álbuns seguintes, *Agony* (2016) e *Downfall of Mankind* (2018)?

Fernanda: Fiquei bastante satisfeita sim, na época eu pirava muito com o thrash/crossover da Bay Area, com o Sepultura, e consegui colocar bastante disso no álbum. Nos outros discos foram surgindo inspirações diferentes para mim, vindas de outras vertentes do thrash e também já do death metal. Sinto que fomos, aos poucos, evoluindo musicalmente de maneira natural e encontrando nossa identidade musical como um grupo. Sou bastante satisfeita com a minha contribuição artística em todos os discos.

Pensando nisso tudo, já sabemos que não houve traumas com a 'separação' da Nervosa. Um dos motivos que foram especulados na mídia, no entanto, dizia respeito ao ritmo de composição, que já não fluía como antes. O quanto disso é verdade?

Fernanda: Esse foi apenas um dos fatores. O que rolou foi um desgaste natural, que ocorre em qualquer tipo de relacionamento. Passamos muitos anos trabalhando juntas intensamente, é algo normal esperar que, em algum, momento houvesse um desgaste. E como arte é algo muito espontâneo, pelo menos para nós, imaginei que iria acabar refletindo na hora de compor. Para mim, quando vi que a química para criar já não estava fluindo tão bem quanto antes, confirmei que o desgaste era mesmo real e que, de repente, seria a hora de repensar algumas coisas.

Por fim, a sua saída da banda foi anunciada pouco antes da baterista Luana Dametto também anunciar sua saída.

Fernanda: Todas já vínhamos sentindo um desgaste há bastante tempo. Acho que uma hora ou outra isso ia acontecer, por isso não me surpreendi. Eu particularmente decidi sair àquela altura, pois saquei que algo deveria ser feito para que as coisas voltassem a ficar bem para todo mundo e, então, tomei essa difícil decisão. Informei a Luana antes e ela me comentou que isso a faria pensar, pois ela já vinha cogitando isso também há algum tempo. Eu a disse que respeitaria qualquer que fosse sua decisão, óbvio, pois não tenho nada a ver com a vida dela.

Falemos então da nova banda, Crypta. Quando surgiu originalmente a ideia, e quais eram os planos originais em relação a ela?

Fernanda: A Crypta surgiu inicialmente como um projeto paralelo, no ano passado. Em meados de abril a Luana, que sempre quis ter outro projeto de death metal, me expressou sua vontade mais uma vez e me perguntou se eu tocaria com ela em algo fora da Nervosa. Eu nunca tinha pensado em ter algo paralelo devido ao fluxo de trampo e dedicação aos corres da Nervosa. Porém, como já sentia um desgaste, pensei que, de repente, seria uma boa para dar uma renovada e reenergizada na minha relação com a minha arte e topei. Já em junho começamos a querer dar mais forma a esse projeto. Quando a Sonia topou, começamos a compor, pensar em nome, tudo bem lentamente. Não tínhamos pressa, pois, mesmo que planejando que fosse algo sério e sólido, ainda era secundário em nossas prioridades. Mas fico feliz de tê-la criado com a Luana lá atrás, porque na hora em que decidi sair da Nervosa foi muito reconfortante ainda ter algo na música. Me ajudou muito no processo de 'voltar à ativa'.

Luana Dametto

Gostaria agora que nos falasse um pouco sobre o line-up. Como chegaram aos nomes que hoje estão no grupo e o que cada uma agrega ao time?

Fernanda: Já queríamos ter duas guitarristas desde o começo, para poder explorar algumas ideias que tínhamos em mente, tipo guitarras dobradas, etc. De imediato, pensamos na Sonia, pois eu e Luana éramos super fãs dela! Eu curtia seu trabalho desde quando ela tocava baixo em uma banda de death, e pirava na sua presença de palco e na sua habilidade. A Luana a mesma coisa, adorava a Sonia! Sempre conversamos aleatoriamente pela internet e nos encontramos na estrada algumas vezes, e aí concordamos que ela seria a pessoa ideal. Ficamos receosas, pois não sabíamos se ela poderia ou aceitaria, já que estava ativa com sua ex-banda, Burning Witches. Mas, para a nossa alegria, ela topou de cara e disse que não teria problemas em ter outro projeto naquele momento (junho de 2019). Foi aí que nos estabelecemos e começamos a trabalhar. Passamos, então, a testar e falar com diversas garotas, mas nenhuma parecia se encaixar com todos os aspectos que a gente precisava. Daí veio a Tainá, que nós não escolhemos, pois ela que escolheu a gente (risos). No fim de abril desse ano, ela me mandou uma mensagem falando que já tinha sacado que eu estava com um projeto novo com a Luana e que se precisasse de guitarrista, ela adoraria fazer um teste. Começamos a conversar e ela já ganhou meu coração quando mandou um vídeo tocando a *Empty Words*, do Death. Mandamos algumas das nossas músicas para ela e em três horas ela mandou um vídeo tocando tudo!

Bem, você e Luana se tornaram mundialmente conhecidas praticando thrash metal, mas a Crypta é uma banda orientada ao death metal, que combina com suas experiências anteriores. Foi saudosismo ou algo mais que motivou essa escolha?

Fernanda: A Luana tinha uma banda de death metal antes de entrar na Nervosa, e essa sempre foi sua escola e preferência na bateria. Ela queria especificamente ter um projeto de death metal e eu, como sempre amei thrash e death na mesma proporção como sendo meus gêneros favoritos, naturalmente aceitei, principalmente porque seria uma aventura muito diferente. Por mais que tivesse uma pitada ou outra de death nas minhas composições anteriores, compor

totalmente nesse gênero é algo completamente diferente. As notas dos riffs, a maneira de encaixar as linhas vocais, o teor das letras, tudo muda muito. Além desses desafios, ainda vi uma oportunidade de ampliar ainda mais meus estudos e extensões vocais, aprendendo e explorando novas técnicas e tons.

Vocês já conseguiram compor algum material juntas, trocando arquivos? Como tem sido o saldo desse processo inicial?

Fernanda: Super positivo e fluido! Já temos material para um disco todo composto. Estamos ainda trabalhando em diversos detalhes nas linhas de batera, solos, e com 100% das letras escritas, mas estou polindo e começando a encaixar os vocais agora. Fizemos tudo à distância ao longo desse ano de existência da banda, mas, antes de gravar, nos reuniremos para tocar as músicas juntas e fazer os últimos ajustes, adições e mudanças, para que fique o mais orgânico possível.

Como tem sido esse começo de atividades em tempos de pandemia? A criatividade está rolando livre, ou todo o clima de medo e desconfiança tem alterado o processo?

Fernanda: Acho que a pandemia tem afetado todo mundo em diferentes aspectos da vida e claro que afetaria também no processo criativo, mas nada muito drástico, somente o fato de que em alguns dias estamos transbordando ideias e energia e em outros nem tanto. De maneira geral, tudo está fluindo muito bem, produzimos muito material nesses últimos meses. O único fator realmente 'positivo' dessa pandemia na banda é que sobra tempo para focarmos em tudo relacionado à banda, já que não há muita pressão. Então, estamos fazendo tudo com calma, mas bastante focadas.

> **Se conseguirmos gravar ainda esse ano, acho que no primeiro semestre de 2021 o álbum deve ser lançado, mas não podemos garantir nada.**
> **Fernanda Lira**

A Crypta já tem um acordo com a gravadora Napalm, velha conhecida de vocês. Como rolou este processo?

Fernanda: Foi bem natural. Eu sempre lidei diretamente com o pessoal da gravadora para resolver algumas coisas na minha banda anterior e sempre tivemos uma relação muito boa. Quando decidi deixar a banda, eles me enviaram um e-mail dizendo que tinham interesse em ouvir quaisquer materiais novos que viesse a lançar com minha nova banda e eu, óbvio, concordei em enviar algumas demos. Aí, assim que anunciamos a banda oficialmente, com o line-up e tudo mais, eles disseram que tinham interesse em assinar conosco imediatamente. Após algumas alterações e adições no contrato, fechamos e eu fiquei muito feliz. Não só porque vai ser ótimo continuar trabalhando em família, mas já conhecemos o trabalho um do outro e como as coisas funcionam, o que vai otimizar muita coisa nesse começo.

Vocês têm uma previsão de quando conseguirão divulgar algumas músicas e até mesmo gravar o álbum?

Fernanda: Apesar de o material estar muito bem engatilhado e quase inteiramente pronto, jamais nos arriscaríamos a entrar em estúdio em meio a uma pandemia, principalmente pelo fato de que todas teriam que viajar de alguma maneira, pegar avião e o risco é grande. Então, decidimos apenas gravar o disco quando a curva de contágio estiver em plena queda aqui no país, e dada à maneira como as pessoas não têm levado muito a sério, não temos a menor ideia de quando isso acontecerá. Enquanto isso, vamos cuidando de todos os outros aspectos relacionados ao disco e ao lançamento, para na hora que estiver tudo 'ok', gravarmos tudo bem rápido e tudo já estar pronto para enviar à gravadora. Se conseguirmos gravar ainda esse ano, acho que no primeiro semestre de 2021 o álbum deve ser lançado, mas não podemos garantir nada.

Em uma época tão emocionalmente estafante, qual é a sua dica para os fãs, como você tem mantido a sanidade nesta época?

Fernanda: Respeitando meu próprio ritmo. Não me cobro estar super produtiva, ou super entretida, ou super ativa e alegre o tempo todo nessa pandemia. Na maioria dos dias eu acordo disposta demais e resolvo mil coisas, componho, me exercito. Tem dias que só quero relaxar, então leio, medito, faço atividades que me dão prazer e não me preocupo em dar uma pausa na produtividade. Já em outros dias vejo alguma notícia que me entristece e fico tristinha, e só quero ver um 'dramão' na Netflix e comer comida lixo e uns doces (risos). E isso é maravilhoso! Respeitar nosso corpo e nossa mente e abraçar nossos sentimentos e vontades é essencial nesse período delicado. Dessa maneira, estou passando por ele da maneira mais leve e equilibrada possível, e super bem de uma maneira geral.

Fotos: Divulgação

Sonia Anubis

Tainá Bergamaschi

WarGods Press

Assessoria de Imprensa

from hell arts

www.wargodspress.com.br | wargodspress@gmail.com

*Assessoria **personalizada** para cada banda*
Colocamos suas músicas nas plataformas digitais

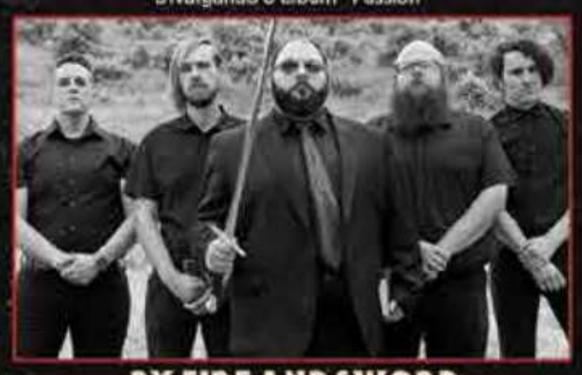
Ouça nossa playlist no **Spotify**
Use o app "QR Code Reader"

A SORROWFUL DREAM
Divulgando o álbum "Passion"

ALIQUID
Trabalhando na produção do próximo álbum

ARCANA MEA
Divulgando o álbum "Endless Suffering"

BETO LANI
Divulgando o single "Road To Madness"



BY FIRE AND SWORD
Divulgando o álbum "Freedom Will Flood All Things With Light"

DARKSHIP
Em breve lançando DVD ao vivo e o novo CD "Between the Shadows"

EVILCULT
Divulgando o álbum "At the Darkest Night"

FIGHTER
Divulgando o álbum "VII (Live Session)"

FORKILL
Divulgando o álbum "The Sound of the Devil's Bell"

FÖXX SALEMA
Divulgando o álbum "Rebel Hearts"

FURIT
Divulgando o álbum "Black Mirror"

HELL GUN
Divulgando o álbum "Kings of Beyond"

HOLOCAUSTO WAR METAL
Divulgando a formação "War trio"

MORTTICIA
Divulgando o single "Hear My Words"

OVERDOSE NUCLEAR
Divulgando o álbum "Overdose Nuclear"

RAGE IN MY EYES
Divulgando o álbum "Ice Cell"

ROYAL RAGE
Divulgando o single "Khan"

SEGREGATORUM
Divulgando o álbum "Lemarchand's Dominus"

SILVER TALON
Em breve lançando o álbum "Decadence and Decay"

SOLARISPHERE
Divulgando o EP "Solarisphere"

SYMMETRYA
Divulgando o álbum "Beyond Darkness"

THE ANGER
Divulgando o EP "Quarantine Sessions"

TRAVELER
Divulgando o álbum "Termination Shock"

TREZEDLACK
Divulgando o EP "Quimera"

Desde 2006 na luta pelo Heavy Metal

By_Lu*Ch@qu£

RUPTURAS E SEPARAÇÕES NO HEAVY E NO ROCK

Vários motivos acabam com a união de uma banda: ciúmes, choque de egos, incompatibilidade, traição, tragédias, mortes...

Por Antonio Carlos Monteiro

Não existe nada mais lugar-comum do que comparar uma banda com um casamento. E em muitos momentos isso é verdade. Os motivos que levam alguém a montar uma banda são praticamente os mesmos que fazem duas pessoas juntarem as coleções de CDs: a afinidade e os gostos em comum. E quando a coisa degringola, os motivos também são os mesmos que acabam com uma união: ciúmes, choque de egos, incompatibilidade, traição, tragédias, mortes e tantos outros. E eles também podem acabar numa boa como às turras, como tantas rupturas que acabaram na Justiça.

A morte de um integrante costuma ser determinante no destino de um banda. O Led Zeppelin, por exemplo, encerrou atividades quando John Bonham morreu. Sim, aconteceram algumas reuniões, mas o quarteto jamais voltou efetivamente – e assim que a morte do batera foi anunciada, comunicou-se também o fim do grupo.

Alguns, no entanto, podem demorar para superar o luto, mas acabam seguindo em frente. Como o Queen, que ficou fora de combate desde a morte de Freddie Mercury, em 1991, até 2004, quando voltou com Paul Rodgers e em seguida com Adam Lambert, com quem continua na ativa.

A traição também é um elemento muito forte nessa questão. Foi assim que Keith Richards se sentiu quando Mick Jagger começou a trabalhar em seu primeiro disco solo em vez de se dedicar ao próximo lançamento dos Stones, em 1985. A banda quase acabou, mas a "traição" foi perdoada e os ingleses estão na ativa até hoje.

A tragédia com o Convair CV-240 que em 20 de outubro de 1977 caiu com o Lynyrd Skynyrd a bordo colocou a banda num hiato de dez anos, até que o retorno se deu com o vocalista Johnny Van Zant no lugar de seu irmão Ronnie, morto no acidente ao lado de outros cinco passageiros.

Há casos como o do Exciter, que permaneceu alguns anos com a mesma formação e depois embarcou numa troca sem fim de integrantes – até uma mudança no próprio estilo foi tentada, abrindo mão do speed em busca de algo mais mainstream dentro do metal, tentativa que se mostrou frustrada e levou até a uma interrupção temporária nas atividades.

Existem ainda aqueles grupos que trocam de time praticamente a cada disco, transitando em torno de um integrante. O Morbid Angel até teve um período de cerca de dez anos de razoável estabilidade, mas a partir de 96, com a saída do vocalista e baixista David Vincent, começou uma troca sem fim de integrantes sob a liderança do líder e fundador Trey Azagthoth (guitarra).

Uma situação bem diversa viveu o Poison. A banda sempre foi estável, exceto pelo período de 92 a 95 em que o guitarrista C.C. DeVille esteve fora por conta do uso e abuso de drogas. Recuperou-se, voltou em 96 e lá está até hoje. Bem diferente do que aconteceu com Jani Lane, vocalista do Warrant. Seu vício em álcool não só custou seu lugar na banda após causar vários problemas (inclusive em cena), como sua vida, em agosto de 2011, em circunstâncias profundamente lamentáveis,

O desgaste é outro fator que causa estragos na vida das bandas. Foi o que ocorreu com Ritchie Sambora, que largou uma carreira de décadas ao lado de Bon Jovi alegadamente para passar mais tempo com a família. Já a vontade de trilhar seu próprio caminho também pode representar ruptura em uma relação de anos. Isso e mais a intenção de ter mais tempo para sua família fez a vocalista Janet Gardner interromper uma longa parceria com o Vixen.

O motivo mais antigo de todos também separou muitas bandas: as famosas "divergências musicais". Essa foi uma das razões que levou, por exemplo, à separação da Nervosa, destaque deste especial.

Aliás, foi por conta desse episódio que resolvemos soltar este especial. Quantas bandas não passaram por processos de ruptura e separação? Como se deu esse processo em cada uma delas? Qual o saldo (e o desgaste) que sobrou de cada uma dessas histórias? A seguir, você lê 28 histórias de grupos dos mais variados estilos e épocas que passaram por essa situação. Divirta-se!

By_Lu*Ch@qu£

SEPULTURA

ANGRA

Não foi barato construir o nome e a tradição daquela que é considerada a maior banda brasileira de metal de todos os tempos. E, ao longo de mais de três décadas de história, também aprendemos que existem muitas maneiras de pagar o preço devido. Claro que o Sepultura precisou penar muito até atingir a estabilidade. Para isso, um grande número de músicos passou pela banda – reza a lenda que se você morasse em Belo Horizonte na época certa, e tivesse um instrumento qualquer, é bem provável que fizesse parte dela. Exageros à parte, a clássica formação mineira conviveu muito bem com suas transformações de formação, mas existe uma baita exceção. E você sabe do que estou falando. Porém, vamos por partes: a primeira 'fissura' no teto de vidro do Sepultura veio nos primeiros dias, quando o então vocalista Wagner "Antichrist" Lamounier saiu após uma discussão com os outros membros. A mudança não foi traumatizante e não refletiu de forma impactante a sonoridade do grupo, mas gerou uma rusga e a rivalidade entre Sepultura e Sarcófago (então, a nova banda de Wagner), especialmente entre os fãs.

Anos depois disso, houve a troca do guitarrista Jairo Guedz por Andreas Kisser, quando se firmou a chamada formação clássica, com Kisser, Max Cavalera (vocal e guitarra), Paulo Jr. (baixo) e Igor Cavalera (bateria), que gravou os clássicos *Schizophrenia* (1987), *Beneath The Remains* (1989), *Arise* (1991), *Chaos A.D.* (1993) e *Roots* (1996). E, então, pronto, veio o rompimento traumatizante. A saída de Max, traumática desde o começo, foi emocionalmente estafante para todos os envolvidos, inclusive aos fãs.

Gloria Cavalera, esposa de Max e ex-empresária do Sepultura, foi compulsoriamente colocada no posto de pivô da separação. A divisão se tornou tão grande e evidente que a base de fãs foi dividida, e uma guerra de palavras foi estabelecida entre os 'partidários' de cada lado. A 'treta' e o trauma são grandes e o assunto gera debates acalorados, mesmo com mais de vinte anos passados. Apesar de tudo, nenhuma das partes parou no tempo.

O Sepultura encontrou nova estabilidade com Derrick Green, que hoje é o vocalista mais longevo de sua história. Max seguiu com o Soulfly, que se tornou sensação em todo o mundo. Ainda assim, a troca de farpas não cessou, e volta e meia novos capítulos são discutidos na mídia.

A 'moda' eterna é a ideia de uma reunião da formação clássica, que traria de volta Max e Igor, que saiu em 2006. Embora Max tenha se mostrado entusiasmado várias vezes com a possibilidade e tentativas tenham sido feitas, o Sepultura enterra, sob muitas pás de terra, cada suposição neste sentido por falta de acordo com os irmãos Cavalera. Existem Soulfly e Cavalera Conspiracy, mas seria interessante ver o Sepultura com a formação clássica pelos menos em uma turnê.

Valtemir Amler

Quando o guitarrista Rafael Bittencourt começou a rabiscar o esboço do Angra, uma fórmula estava clara, em sua cabeça: misturar heavy metal com música erudita e sonoridades brasileiras. E encontrou no já famoso Andre Matos (ex-Viper) o companheiro perfeito. O baixista Luis Mariutti (ex-Firebox) e o amigo de Rafael, o baterista Marco Antunes, depois se uniram ao virtuoso guitarrista Kiko Loureiro, substituto de André Linhares e André Hernandes.

Nascia a primeira demo-tape, *Reaching Horizons*, em 1992. Haja técnica, melodia e, acima de tudo, confiança. Era hora de voar mais alto. E eles voaram rumo à Alemanha para gravar o debut, *Angels Cry*, um ano depois. Antunes, então, foi sacado porque a "escola alemã" exigia uma técnica que ele não conseguiu ter naquele momento. Alex Holzwarth (Sieges Even), baterista de estúdio à época e que, posteriormente, integrou o Rhapsody, acabou gravando o álbum e, então, Ricardo Confessori (ex-Korzus e Garcia & Garcia) assumiu as baquetas. Críticas maravilhosas fizeram com que o mundo visse que Matos, Bittencourt, Loureiro, Mariutti e Confessori não estavam de brincadeira.

A consagração veio com o premiado *Holy Land*, de 1996. Com ele, além do sucesso, os desentendimentos e os descontentamentos. O mais chateado com tudo era Matos, que, desconfiado com a gerência da banda, chegou a sair – Edu Falaschi (Symbols e ex-Mitrium) até foi testado. Porém, Matos foi convencido a ficar. Nesse clima ruim, o Angra lançou *Fireworks*, em 1998. Após a turnê, a situação se agravou e Matos "passou o boné". Confessori e Mariutti, também. Assim, o Angra começava os anos 2000: desmontado.

Era hora de renascer. Kiko e Rafael juntaram os cacos e chamaram outros ótimos músicos para reencontrar o sucesso. Falaschi, enfim, assume os vocais. Felipe Andreoli (baixo) e Aquiles Priester (bateria) completaram o time que, em 2001, lançaram o maravilhoso *Rebirth*, que elevou o Angra a outros patamares, com muito prestígio. O nível alto foi mantido no super técnico *Temple of Shadows*, de 2003. Porém, em *Aurora Consurgens*, começaram os sinais de desgaste, com a saída de Priester. E o momento ruim ficou escancarado em *Aqua* (2010), que contou com a volta de Confessori e uma saída melancólica de Falaschi, com problemas de saúde.

Era hora de renascer... De novo! Assim, em 2014, Rafael, Felipe, Kiko anunciaram *Secret Garden*. Nele, duas novidades: o vocalista Fabio Lione (ex-Rhapsody of Fire) e o jovem talento Bruno Valverde na bateria. As ótimas críticas apontavam para um novo momento de calmaria? Nem tanto. Loureiro, que saiu para entrar no Megadeth, cedeu o posto a Marcelo Barbosa. E, em 2018, o excelente *Ømni* veio para coroar a nova formação: Fabio Lione (vocal), Marcelo Barbosa e Rafael Bittencourt (guitarras), Felipe Andreoli (baixo) e Bruno Valverde (bateria).

Matheus Vieira

Fotos: Divulgação

By_Lu*Ch@qu£

SHAMAN

"O destino nos uniu, nos separou, nos reuniu e agora pregou mais essa com a gente". Até hoje é difícil digerir essa frase, que representa o fim de uma era. Ao mesmo tempo em que confirmava a morte de Andre Matos, o comunicado feito pelos demais integrantes do Shaman, no dia 8 de junho de 2019, sintetizava a história protagonizada pelo maestro, o baixista Luis Mariutti, o guitarrista Hugo Mariutti e o baterista Ricardo Confessori na banda engendrada de uma ruptura do Angra e que viria a construir nos anos 2000 uma trajetória regada a glórias e também desavenças, antes de um retorno especial, mas, infelizmente, curto.

Após deixarem o Angra, Andre, Luis e Ricardo se juntaram a Hugo para dar início à concepção de um novo projeto musical. Dotado de um som único, o Shaman rapidamente chegou à consagração com *Ritual* (2002) e o ao vivo *RituAlive* (2003). Porém, depois do lançamento de *Reason* (2005), veio o caos. "Chegou um ponto em que os (outros) três não tinham mais o desejo de dividir o palco comigo. Houve um desgaste de relacionamento que não era recíproco", disse Confessori à ROADIE CREW #104 (setembro de 2007). "Acho que pesou também um pouco o que esperávamos que acontecesse com o *Reason*. De forma consciente ou não, acho que isso deve ter afetado um pouco o ânimo das pessoas. Esperávamos mais com aquele disco", completou.

Conclusão: Andre e os irmãos Mariutti romperam com o baterista, que acabou detentor da marca 'Shaman', gerando um desconforto que atravessou os anos. Aliás, na mesma entrevista, Confessori citou uma outra divergência, relacionada ao nome do grupo, que, em *Reason*, era grafado como Shaaman. "Foi criado o argumento de que o nome havia sido trocado por problemas de direitos de patente. O real motivo foi que na época tanto o Andre quanto nosso empresário acreditavam muito em numerologia. Fizeram um estudo sobre o nome da banda e do álbum e concluíram que, para se atenuar os efeitos negativos, teria que ter mais um 'a', aquela coisa de Zagallo (risos). Sinceramente, não gosto de numerologia e coisas assim".

Andre, por sua vez, iniciou sua carreira solo, tendo os Mariutti a seu lado naquele momento. "Separações sempre são traumáticas, e com o Shaman não deixou de ser. Existem momentos em que você precisa fazer uma escolha definitiva", afirmou o maestro à RC #109 (fevereiro de 2008).

Após lançar dois álbuns com uma nova formação do Shaman, Confessori resolveu abrir mão do nome da banda. Foi o começo de um processo gradativo de reconciliação com Matos e os Mariutti, o que resultou numa turnê de retorno. "Foi restabelecida entre todos uma parte do que considero o mais importante: respeito", destacou Andre à RC #235 (agosto de 2018). "Estamos tentando fazer a coisa certa com a melhor das intenções. Vai ser histórico", ratificou o vocalista. E foi histórico, maestro!

Thiago Prata

Deep Purple

O quinteto britânico Deep Purple talvez seja um dos grupos que mais teve profundas mudanças de formação na história, tanto que cada uma acabou recebendo a denominação de "MK" seguida de um número para facilitar sua identificação. E já foram oito até hoje, nem todas elas encerradas de forma amistosa...

A primeira delas, lá no final dos anos 60, já não foi bem conduzida: apesar de estar ensaiando com Ian Gillan e Roger Glover, o vocalista Rod Evans e o baixista Nick Simper continuaram trabalhando normalmente sem saber de nada até serem ejetados.

Mas as rupturas mais importantes aconteceram por conta das intermináveis rusgas entre Ritchie Blackmore e Gillan. A primeira delas foi em 1973, após álbuns definitivos como *In Rock* (veja comentário sobre os cinquenta anos do disco nesta edição), *Fireball* (1971) e *Machine Head* (1972). Insatisfeito com o clima interno, Gillan resolveu cair fora. Ele contou à Classic Rock em 2016 como foi sua saída: "Eu fiz uma carta comunicando que sairia meses antes. E ninguém me falou nada. Nem uma palavra! No dia do último show, cada um foi para seu lado e foi isso. Muito bizarro..."

A chamada MK II, tida por muitos como a melhor da história da banda, voltou a se reunir em 1984, para se separar novamente em 89. Dessa fase ficou o álbum *Perfect Strangers* (1984). Uma última tentativa aconteceu em 1992, mas durou apenas dois anos. Aí foi o guitarrista que saiu. Em entrevista a Eddie Trunk, Gillan não economizou: "O Deep Purple estava afundando com Ritchie. Estávamos tocando em casas de esquina na Europa. Eram espaços menores e eles nem estavam cheios. Então, se Ritchie não tivesse saído, teríamos terminado; isso teria sido o fim."

Em 2016, mais briga: com a inclusão da banda no Rock and Roll Hall of Fame, todos os integrantes foram convidados para participar da festa, mas Gillan teria vetado que qualquer dos demais músicos tocasse com o Purple. Blackmore, então, não apareceu. Ele jura que recebeu uma mensagem do empresário da banda dizendo apenas "não!". Gillan, por seu lado, afirma que chegou a convidar Ritchie pessoalmente, apenas vetou que os demais músicos tocassem com o Purple.

Mais recentemente, Blackmore falou sobre uma possível reunião com a banda. "Seria apenas uma reunião amistosa. Mas, como você deve saber, nesse negócio nada funciona na base da amizade", declarou no documentário que faz parte do DVD *Memories in Rock II* (2018), do Rainbow. No mesmo vídeo, ele falou sobre seu relacionamento com Gillan. "Eu gostava dele em um nível físico: ele gostava de brigar comigo e eu gostava de brigar com ele." E completou: "Eu jogava espaguete na cara dele e ele me socava. Isso tudo foi muito bom. Acho que devíamos fazer mais um show e pegar um monte de espaguete pra jogar um no outro..."

Antonio Carlos Monteiro

By_Lu*Ch@qu£

Great White

O Great White, que voltou ao noticiário por ter feito um show no último dia 9 de julho para um público que ignorou as normas de segurança para evitar a disseminação do coronavírus, viveu o paraíso nos anos 80. Isto se deu, principalmente, na fase *Once Bitten...* (1987), *...Twice Shy* (1989) e *Hooked* (1991), quando passou a conquistar discos de ouro e platina. Porém, se a vendagem na década de 90 não foi das mais altas, *Psycho City* (1992), último de estúdio pela Capitol Records, se mostrou eficiente. Por gravadoras de pequeno porte, saíram mais três discos de estúdio, outros ao vivo, coletâneas e o tributo *Great Zeppelin: A Tribute to Led Zeppelin* (1998). A primeira fase da banda parou por ali.

"Tivemos brigas sérias. Existia um ponto de conflito com Audie (Desbrow), mas precisávamos passar por cima de mesquinharias. Conseguimos superar as desavenças e compusemos um grande álbum", comentou Russell sobre o trabalho de retorno, *Back to the Rhythm* (2007).

A banda tinha passado por uma grande tragédia em fevereiro de 2003, quando ocorreu um incêndio durante o show em Rhode Island (EUA), resultando na morte de cem pessoas, incluindo o guitarrista Ty Longley. Passado o impacto da exposição negativa, o grupo retomou as atividades e ainda lançou *Rising* (2009). Àquela altura, Russell, que lutava contra dependência química e tinha problemas de saúde, submeteu-se a uma cirurgia por causa de uma perfuração gastrointestinal. Enquanto se recuperava, foi substituído temporariamente pelo saudoso Jani Lane (Warrant) e, posteriormente, por Terry Ilous (XYZ) e até Paul Shortino (Rough Cutt, Quiet Riot e King Kobra).

Porém, em dezembro de 2011, estava pronto para retornar. "Pedimos para Jack se cuidar, permanecer sóbrio, recuperar sua voz e preservar sua saúde. Aí, poderíamos nos reunir e discutir uma forma de continuar levando a banda adiante", disse Lardie, que seguiu com Mark Kendall (guitarra), Scott Snyder (baixo), Audie Desbrow (bateria) e efetivou Ilous no vocal para *Elation* (2012).

Àquela altura, a polêmica havia se instalado, pois Russell havia contratado um escritório de advocacia para brigar pelo nome Great White. Claro, os integrantes não só reclamaram, como ameaçaram processar promotores que agendassem shows da versão de Russell, que estava cobrando um cachê bem menor. "A situação nunca foi como 'eu te odeio' ou uma grande briga. Tudo tinha a ver com abuso de substâncias, de ele não cuidar de si mesmo e estar incapaz de se apresentar. Apenas pedimos que ficasse bem e, depois de um ano, ele veio com uma ação judicial. Fomos forçados a nos defender", explicou Kendall.

As partes entraram em acordo, em julho de 2013, sem ir a julgamento, e Russell pôde seguir com sua versão. Já o Great White hoje conta com a presença do vocalista Mitch Malloy.

Ricardo Batalha

Queensrÿche

Durante muito tempo, o Queensrÿche viveu muito bem sob a reputação que construiu: um grupo com conteúdo – o que valeu a alcunha "thinking man's band", devido ao teor inteligente de suas letras – e distante dos excessos do rock'n'roll. Seus integrantes nunca estavam envolvidos em escândalos, não havia histórias envolvendo o quinteto com drogas, álcool ou festas que paravam no noticiário policial. A formação original parecia uma unidade imbatível desde a sua origem, em 1981, mas aí Geoff Tate (vocal), Michael Wilton (guitarra), Eddie Jackson (baixo) e Scott Rockenfield (bateria) se encontraram tocando o barco sem Chris DeGarmo (guitarra), um dos principais compositores e letristas. Era 1998, e os fãs tiveram o primeiro sinal dos problemas que explodiriam 14 anos depois – você pode acompanhar com muito mais detalhes nas oito partes do "Background", que começou na ed. #189 da ROADIE CREW.

O primeiro sinal de alerta foi a entrada de Kelly Gray, antigo companheiro de Tate no Myth, a banda pré-Queensrÿche do vocalista. O guitarrista ficou até 2002, deixando um histórico público de problemas com drogas lícitas e ilícitas. No ano seguinte, a notícia da volta de DeGarmo foi tudo o que os fãs esperavam, incluindo um novo álbum e a consequente turnê. Mas durou pouco: ele compôs e gravou algumas músicas de *Tribe* (2003), mas optou por sair novamente graças – vamos apertar a tecla "fast forward" – aos problemas de relacionamento de Tate com o restante do grupo. A lavagem de roupa suja começou em público em 2012, quando Wilton, Jackson e Rockenfield decidiram se livrar do vocalista, o substituindo por Todd La Torre, então vocalista do Crimson Glory. Neste intervalo, Tate havia colocado outro conhecido seu na segunda guitarra, Mike Stone, que ficou na banda de 2003 a 2008, quando foi demitido pelo próprio cantor e sua esposa, Susan Tate, que empresariava o Queensrÿche.

Curiosamente, dez anos depois, Stone fez alguns shows com a banda, substituindo temporariamente Parker Lundgren, que precisou se ausentar para tratar de assuntos particulares. Lundgren, aliás, entrou em 2009 também a convite de Tate, uma vez que era casado com enteada do vocalista, Miranda Tate – no racha, já separado, ele ficou ao lado da banda. Sim, os Tate transformaram o Queensrÿche num empreendimento familiar: até o pai de Miranda, Jason Ames, foi contratado para ser um sexto integrante ao vivo, responsável por teclados, terceira guitarra e vocais de apoio. O estopim aconteceu no dia 14 abril de 2012, em São Paulo, onde Tate agrediu Wilton e passou o show cuspindo em Rockenfield. Musicalmente, a banda se reergueu com La Torre, lançando três grandes discos, mas aí Rockenfield se ausentou em 2017 e foi substituído por Casey Grillo (ex-Kamelot). A verdadeira razão? Ninguém sabe. Oficialmente.

Daniel Dutra

Fotos: Divulgação

By_Lu*Ch@qu£

RATT

O nome Ratt foi tantas vezes manchado que se tornou uma verdadeira várzea. Brigas judiciais pelo uso da marca, acusações de todos os lados, duas bandas ativas... Coloque o que quiser e ainda vai ser pouco para o que ocorre com esta banda americana que fez sucesso na década de 80, especialmente com *Out of the Cellar* (1984), *Invasion of Your Privacy* (1985) e *Dancing Undercover* (1986).

Quando se pensa que tudo está resolvido, surge um novo escândalo. Nos anos 90, o saudoso Robbin Crosby, falecido a 6 de junho de 2002, foi despedido e substituído, temporariamente, por Michael Schenker. Algum tempo depois, o vocalista Jizzy Pearl (Love/Hate) entrou no posto de Stephen Pearcy, enquanto John Corabi (ex-Mötley Crüe, The Scream) ficou com a segunda guitarra (e vocal). Somente shows, nada de material novo. Trabalhando em carreira solo, Pearcy finalmente voltou a se reunir com seus ex-companheiros em 2007 – Corabi fora substituído, desta vez sem brigas, por Carlos Cavazo (ex-Quiet Riot).

O pior de tudo é não ter nada de novo em termos de composição há dez anos, desde *Infestation*. Naquela fase, tudo parecia estar indo às mil maravilhas. Até mesmo o baixista Juan Croucier estava de volta, se unindo a Pearcy, DeMartini, Cavazo e Blotzer na turnê que, inclusive, passou pelo Brasil em 2013. Então, inexplicavelmente, houve uma debandada geral.

Blotzer criou a Bobby Blotzer's Ratt Experience, alegando que os outros não queriam seguir em turnê. Meses depois, em agosto de 2015, Croucier veio com uma banda solo, tocando (e cantando) músicas do Ratt. Pronto, além da carreira solo de Pearcy, havia dois Ratt ativos, tocando as mesmas músicas e sob o mesmo logotipo. Blotzer reclamou, alegando que Croucier não poderia usar o logo por violação de marca registrada. Até então, Blotzer estava certo de que seguiria usando o nome e sendo o Ratt.

DeMartini ficou contra Blotzer e entrou com uma ação por anunciar falsamente a sua "banda tributo" como sendo o "Ratt verdadeiro". Perdeu a ação e Blotzer se sentiu mais confiante, fazendo shows até o começo de 2017 usando o nome. Blotzer também processou Croucier e Pearcy, mas perdeu as ações. É mesmo uma tremenda confusão. A despeito disso, Pearcy seguia em carreira solo.

Então, em novembro de 2016, Pearcy, Croucier e DeMartini anunciaram a "Back for More Tour", tendo Jimmy DeGrasso (Y&T, Megadeth e outros) na bateria. Blotzer também seguiu fazendo shows como Ratt até ser impedido judicialmente, depois de proferida a sentença, em segunda instância, da ação proposta por Croucier.

Hoje, o Ratt único que segue nos palcos conta com Pearcy, Croucier, Jordan Ziff (guitarra) e Pete Holmes (bateria, ex-Black 'N Blue) – o guitarrista Chris Sanders ficou de 2018 a 2020. Disco novo só se for solo de Pearcy, porque do Ratt não passa de declarações para a imprensa.

Ricardo Batalha

VENOM

Sob muitos aspectos, o Venom é uma das bandas mais representativas da história do heavy metal. Um trio poderoso, que trazia uma musicalidade extrema e sem precedentes, que evocava ritos infernais e se proclamava ligada a Satã, um trio que participou ativamente na fundação daquilo que hoje conhecemos como metal extremo, e que lançou as bases do black metal. Claro, o trio mencionado só poderia ser formado por Cronos (vocal e baixo), Mantas (guitarra) e Abaddon (bateria) que, juntos, mudaram os caminhos da música com os álbuns *Welcome To Hell* (1981), *Black Metal* (1982), *At War With Satan* (1984) e *Possessed* (1985). Além disso, lançou um dos álbuns ao vivo mais legais de que se tem notícia, o poderoso *Eine Kleine Nachtmusik* (1986). Mas, para a infelicidade geral da nação, o trio viria a se separar de forma nada amistosa.

Porém, de forma diferente daquela que aconteceu com a maior parte das bandas que você encontra nesta lista, o Venom não teve uma ruptura abrupta. Aqui a coisa foi acontecendo aos poucos, ao longo dos anos, dando o tempo necessário para abrir as feridas e criar aqueles rancores que colocam as pessoas definitivamente umas contra as outras. O caldo começou a desandar em meados da década de 80, após uma turnê pelos EUA, quando Mantas teria se encantado com as possibilidades de sucesso comercial pela América do Norte.

Sem Mantas, o Venom se tornou um quarteto (os guitarristas Mike H. e Jim C. acompanharam Cronos e Abaddon), lançou *Calm Before The Storm* (que não emplacou), e então Mantas retornou, e Cronos abandonou o barco. O Venom encontrou um ótimo vocalista em Tony Dolan, lançou três discos bons, mas não conseguiu emplacar sem Cronos. Então, em meados da década de 90, era anunciado o retorno 'triunfal' da formação clássica, com o ótimo álbum *Cast In Stone* (1997). Porém, desta vez seria Abaddon o 'desertor', e nessa altura a coisa realmente degringolou. O baterista chegou a declarar em entrevista ao Medium.com que havia perdido interesse na banda por um tempo, e que então "Cronos tomou proveito da situação, e pegou o nome e o logotipo." Desde então, o que vemos é uma intensa e prolífica guerra de palavras entre os dois lados. Cronos segue até hoje com o Venom (com o guitarrista Rage e o baterista Danté), e Abaddon e Mantas até chegaram a atuar juntos no Venom Inc. que hoje já não conta com o baterista.

Perguntado sobre a atual formação do Venom, Cronos respondeu para este repórter: "é a melhor que já tivemos, é a que trabalha há mais tempo comigo, e me sinto extremamente confortável com eles." Então, quando perguntei sobre os velhos parceiros, ele foi mais enfático: "Eu dei mil chances para eles, e eles foderam cada uma delas. Hoje tudo o que fazem é chorar na mídia, chorar na internet... Que se dane, eu e meus parceiros fazemos música."

Valtemir Amler

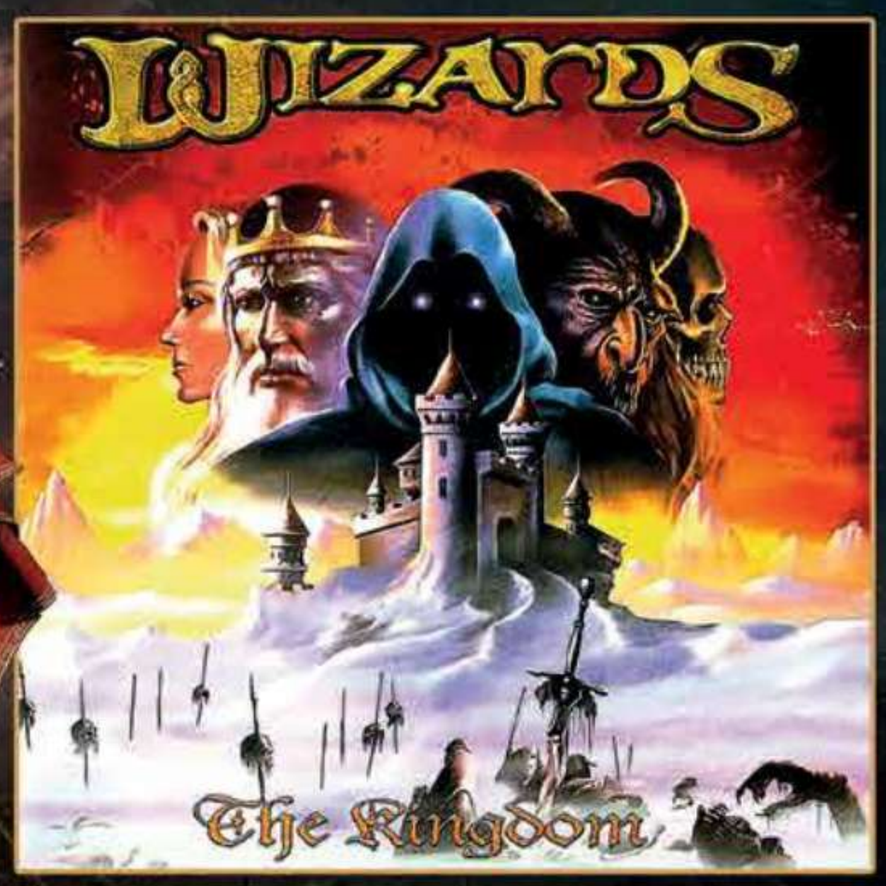
Fotos: Divulgação

By_Lu*Ch@qu£

METAL RELICS

ORGULHOSAMENTE APRESENTA

Lançado pela primeira vez no Brasil em edição especial com Slipcase e 2 faixas bônus!



Celebrando 18 anos do seu lançamento em versão com Slipcase e 1 faixa bônus exclusiva!

EM BREVE!

Relançamento especial em comemoração aos 25 anos de carreira da banda. Inclui, como bônus, uma versão acústica da música "My Freedom" com os vocais de Bil Martins.

CARAVELLUS

AQUARIA

BRAVE

arte: www.burnartworks.com

DISPONÍVEIS EM SETEMBRO

www.metalrelics.com.br

MetalRelics metalrelics

By_Lu*Ch@quf

QUIET RIOT

Para se aprofundar e tentar entender a confusa e controversa história do Quiet Riot, a dica é assistir ao documentário *Quiet Riot - Well Now You're Here* (2014). Ainda assim, são seis anos até a presente data e, neste ínterim, muita coisa aconteceu.

Da formação inicial, criada em 1975 pelos saudosos Kevin DuBrow (vocal) e Randy Rhoads (guitarra), além de Kelly Garni (baixo) e Drew Forsyth (bateria), somente DuBrow esteve presente na fase áurea, quando a banda americana teve a honra de conquistar o inédito primeiro posto da Billboard para uma formação de hard/metal com *Metal Health* (1983). "Tudo começou mesmo em 1977. Existiam poucas bandas na área, mas as importantes eram Van Halen, Quiet Riot e Wolfgang. Por incrível que pareça, a mais popular nos clubes de Los Angeles era o Wolfgang. Mais tarde, se tornou o Autograph. Ninguém tinha dúvida de que quem iria estourar seria o Wolfgang", recordou DuBrow, que permaneceu, na fase inicial, até *QR III* (1986).

Sobre a conquista, o baixista Rudy Sarzo revelou: "Tenho alguns grandes momentos em minha carreira, mas o mais importante foi *Metal Health* ter atingido o primeiro lugar. Não só por alcançar essa colocação, mas por termos ultrapassado *Thriller,* de Michael Jackson, e *Synchronicity,* do The Police." O baterista Frankie Banali completou: "Viemos do nada e ultrapassamos esses artistas conhecidos. Este é o dia mais importante da minha vida."

Assim, não seria exagero afirmar que o Quiet Riot foi do céu ao inferno em menos de cinco anos. Passou da euforia, quando festejava diariamente, estampava capas de revistas e agitava os palcos pelo mundo, para a duvidosa tentativa de gravar um disco sem o vocalista original, demitido em fevereiro de 1987. A queda nos números na Billboard foi vertiginosa. Do 1º lugar em 1983, passou para o 15º, depois para o 31º até chegar ao modesto 119º lugar com *QR*, de 1988.

DuBrow, que passava por sérios problemas com drogas e fez declarações infelizes à mídia, foi substituído pelo ex-Rough Cutt, Paul Shortino. Àquela altura, da formação que fez história estavam Banali e o guitarrista Carlos Cavazo. "Teria gostado de gravar com um nome diferente, porque a resposta teria sido outra. Quiet Riot, o nome, é quase sinônimo de Kevin DuBrow", declarou Shortino.

Como *QR* não obteve impacto, Banali passou a integrar o W.A.S.P. e deixou o Quiet Riot de lado até 1993, quando DuBrow retornou para trabalhar em *Terrified*. "Poucos conhecem bem, mas acho um grande álbum", analisou DuBrow, que ainda lançou com a banda outros discos, sendo *Rehab* (2006) o último. Ele faleceu em 19 de novembro de 2007, vítima de overdose de cocaína.

Banali nunca jogou a toalha. Desde sua entrada, em setembro de 1982, quis manter o legado do Quiet Riot vivo. Hoje, o guerreiro luta contra um severo câncer de pâncreas.

Ricardo Batalha

SAXON

Quem vê o nome Saxon, sem se aprofundar muito em sua carreira, pode até achar estranho que apareça em um especial com este mote. Porém, quando o guitarrista Graham Oliver saiu da banda, em 1995, criou uma outra banda com outros dois ex-Saxon – Steve Dawson (baixo) e Pete Gill (bateria). Devido a uma lesão na mão, Gill havia saído na fase de *Denim and Leather* (1981), entrando, tempos depois, no Motörhead. "Pete Gill tinha machucado a mão e não tinha mais como continuar tocando. Aí, um dos empresários, Dave Poxon, entrou em contato. Isto foi em um domingo e eles começariam a turnê na quarta-feira. Dave falou se gostaria de substituir Pete até que ele se recuperasse. Eu aprendi dezenove músicas em dois dias e, uma semana depois, eles perguntaram se aceitaria ficar de forma permanente", relembrou Nigel Glockler.

Dawson, por sua vez, deixou o grupo após a promoção de *Innocence Is No Excuse* (1985). "Apesar de todo o sucesso da turnê mundial, não estávamos numa fase muito legal. Para estar na estrada por um ano uma banda tem que ter amizade e Steve Dawson saiu naquela época", recordou o vocalista Biff Byford.

Bem, os músicos terem se unido em um novo projeto não seria nada estranho, a não ser pelo fato do nome que acabaram dando para a nova banda: Saxon. Sim, é isto mesmo que você leu. Claro, o Saxon dos outros fundadores ativos – Byford e Paul Quinn (guitarra) – logo entrou em ação, contestando a intenção dos ex-membros que, assim, adotaram o sugestivo nome Son of a Bitch. Não foi um contra-ataque ofensivo e direto. Eles apenas pegaram o antigo nome do grupo inglês e soltaram o álbum *Victim You*, em 1996. Por outro lado, o Saxon lançou, no ano seguinte, *Unleash the Beast*. Pronto, estava tudo resolvido.

Não, não estava. Oliver, descontente com os rumos do Son of a Bitch, teimava em utilizar o nome Saxon para a sua banda. Em 1999, Oliver e Dawson, alegando que tinham direitos exclusivos, não só fizeram um novo registro como Saxon, com tentaram impedir que Byford o usasse. A reivindicação pelo uso da marca registrada foi anulada depois de declarada a má-fé. Então, a solução de Oliver e Dawson foi rebatizar o grupo como Oliver/Dawson Saxon, estreando com o ao vivo *Re://Landed* (2000). Sim, 'landed' se conecta com o ao vivo *The Eagle Has Landed* (1982), mas havia outro agravante: o uso do logotipo oficial do Saxon, tendo somente os sobrenomes incluídos na arte. E tem mais, porque se você pegar o repertório, exceto por *Past the Point*, faixa de *Victim You* do Son of a Bitch, todas as outras são clássicos do Saxon.

Finalmente, com tudo resolvido, inclusive a proibição de usar o logotipo, o Oliver/Dawson Saxon soltou mais dois discos ao vivo (lotados de clássicos do Saxon) e um de estúdio, *Motorbiker* (2012). E o outro Saxon... Bem, esse você certamente acompanha de perto.

Ricardo Batalha

Chris Walter

By_Lu*Ch@qu£

TANK

Em mais um caso em que a separação não se deu de forma amigável, o grupo inglês Tank segue com duas versões, algo que confunde os fãs. Uma, liderada pelos guitarristas Mick Tucker e Cliff Evans, faz shows e, a despeito de seguidas mudanças de line-up, vem com uma boa sequência de lançamentos. A outra se tornou uma espécie de "projeto solo" do fundador Algy Ward (vocal e baixo) que, por problemas de audição, não pode mais se apresentar ao vivo.

A baixa qualidade do material lançado por Ward – *Breath of the Pit* (2013) e *Sturmpanzer* (2018) – é algo que desagrada Tucker, que fez seu primeiro registro com o grupo em 1983, com *This Means War*, sucessor de *Filth Hounds of Hades* e *Power of the Hunter*. "Não lançamos demos mal produzidas como se fosse um disco oficial, nem tentamos explorar as pessoas vendendo isso como Ward está fazendo. Ele não tem mais intenção de tocar ao vivo e não dá a mínima para os fãs ao lançar CDs assim", disparou o guitarrista, notadamente respondendo declarações de Ward, que concedeu uma entrevista ao jornalista Martin Popoff dizendo que não havia sentido em "perguntar sobre o que esses babacas estão fazendo."

Até então, a chamada versão "Tucker/Evans Tank" soltou quatro discos – *War Machine* (2010), *War Nation* (2012), *Valley of Tears (2015)* e *Re-Ignition* (2019) –, além do DVD *War Machine Live* (2012). Não é bem aceito pela turma que ficou ao lado de Ward, que consideram a versão do fundador como "única". Se entre Tucker, Evans e Ward há atritos, não é difícil ver discussões de fãs em mídias sociais. Porém, muitos sequer sabem que existem dois Tank ativos até hoje.

"Não sei se posso comparar as fases, jogando um line-up contra o outro que tivemos. São músicas de estilos diferentes, outras situações e uma época distinta na cena", dizia Ward antes de uma debandada geral e o agravamento de seus problemas auditivos.

O Tank vinha recebendo ofertas de turnês desde os últimos shows, em 2002. "Neste meio tempo, Algy ficou com o problema de zumbido no ouvido. Eu e Cliff decidimos que se Algy não podia continuar, deveríamos encontrar uma nova formação", explicou Tucker naquela ocasião.

Hoje, infelizmente, a posição de Ward é de ataque direto. Também pudera, o outro Tank não tem nenhum fundador em suas fileiras. Ainda assim, se você quiser ver aquele logotipo amarelo atrás da bateria e conferir uma performance ao vivo, terá que ser com a formação de Tucker e Evans, hoje completada por David Readman (vocal, Pink Cream 69), (guitarras), Barend Courbois (baixo) e Brian Dixon (bateria, The Skull, ex-Cathedral).

É, aquele marcante trio, surgido na fase da NWOBHM com Algy Ward e os irmãos Peter Brabbs (guitarra) e Mark Brabbs (bateria), ficará somente na memória dos fãs pelos dois primeiros registros e pelas turnês de 1981 e 1982 pela Europa ao lado do Motörhead.

Ricardo Batalha

SWEET

O inglês Sweet é um daqueles grupos que, apesar de ter feito relativo sucesso no início dos anos 70 e de ser considerado um dos pioneiros do glam rock, viveu mais turbulências do que glórias durante sua trajetória.

Após alguns anos batalhando pelo sucesso e com um disco lançado, conseguiu emplacar alguns singles, como *Block Buster!* e *Ballroom Blitz*, ambos de 1973 – essa última, um rockão direto e grudento cuja letra narra o episódio ocorrido num show na Escócia em janeiro de 73, quando a banda foi expulsa do palco debaixo de uma chuva de objetos jogados pela plateia revoltada com o fato de os músicos estarem maquiados. Porém, se isso não foi pouco, pior foi a aparição do baixista Steve Priest no especial de Natal do 'Top of the Pops', da rede BBC. Na falta de ideia pior, ele apareceu com um uniforme semelhante ao utilizado pela SS, com suástica e tudo, e um bigodinho ao estilo de Hitler. Anos depois ele comentou com o The Guardian: "É incrível como todo mundo ainda fala sobre o uniforme nazista. As pessoas sempre querem saber se eu estava falando sério. Era um Hitler gay!" Mesmo assim, o assunto rende até hoje.

No ano seguinte, o álbum *Desolation Boulevard* traria o maior sucesso do grupo, *Fox on the Run*. Porém, não demorou para a decadência bater à porta do grupo. Steve, Brian Connolly (vocal), Andy Scott (guitarra) e Mick Tucker (bateria) chegaram até a flertar com o progressivo no disco *Level Headed* (1978), mas nada aconteceu – o desempenho nas paradas foi pífio. Logo em seguida, Connolly foi mandado embora por conta do alcoolismo.

Continuaram como trio e lançaram três discos, mas o ostracismo permanecia. E foi aí que veio a ruptura. Em 1984, Connolly criou a sua versão do Sweet, imitado no ano seguinte por Andy, que levou Mick Tucker consigo. Assim, passaram a existir dois Sweet. Brian rebatizou sua banda como "New Sweet" e a confusão acabou na Justiça. Lá ficou combinado que as bandas se chamariam Brian Connolly's Sweet e Andy Scott's Sweet.

Em 1988, tentou-se uma reunião da formação original, mas as condições lastimáveis de Brian impediram. O produtor Mike Chapman se lembra de buscar o vocalista no aeroporto: "Então aquele velhinho veio mancando em minha direção (N.R.: na ocasião, Brian tinha 43 anos). Ele tremia e tinha um rosto fantasmagórico. Foi horrível." Ainda tentaram regravar algumas canções, mas ficou claro que seria impossível dar certo. Os problemas com a bebida matariam Connolly em 1997. Em 14 de fevereiro de 2002, Tucker morreu por conta de uma leucemia.

Já em 2008, foi a vez de Steve Priest ter a brilhante ideia de montar a sua versão do Sweet, sediada em Los Angeles. No dia 4 de junho deste ano, foi anunciado que o baixista morreu de causas não reveladas. Hoje, o único Sweet que resiste é o de Andy Scott.

Antonio Carlos Monteiro

Fotos: Divulgação

By_Lu*Ch@qu£

W.A.S.P.

"Nunca diga nunca", declarou Chris Holmes à TV finlandesa Seiska em 2014, ao ser indagado se ele voltaria ao W.A.S.P. caso fosse requisitado um dia. Claro que o guitarrista, sempre ávido em causar, emendaria uma alfinetada à sua resposta: "Eu sou metade do W.A.S.P., era metade daquela situação. Eu era a força-motriz". Ao que parece, Blackie Lawless não pensa dessa forma. Em uma coletiva na Rússia, em 2017, o vocalista e guitarrista descartou qualquer possibilidade de tocar novamente com Holmes: "As pessoas se divorciam por certas razões, e há momentos em que as crianças querem que os pais voltem a se reunir, mas às vezes isso nunca acontece". A frase deixa claro aquilo que muitos pensam (e sabem): o W.A.S.P. é Blackie Lawless (e vice-versa).

Você pode até apontar as duas fases com Holmes (1982 a 1990; e 1996 a 2001) como as melhores da banda americana. No entanto, sem o guitarrista, o grupo continuou em frente, com Lawless fazendo o que bem entendia e promovendo uma dança das cadeiras. Na verdade, a saída e entrada de músicos é algo que nem chega a surpreender, pois acontece desde que o W.A.S.P. é W.A.S.P. Já passaram pela banda o saudoso guitarrista Bob Kulick, o baixista Johnny Rod, os bateristas Steve Riley e Frankie Banali, entre outros. Só que as maiores faíscas saíam dos embates entre Lawless e Holmes.

O guitarrista que fez parte dos quatro primeiros álbuns da banda foi protagonista da cena mais comentada do documentário "O Declínio da Civilização Ocidental Parte II: Os Anos do Heavy Metal" (1988), em que concede um depoimento bêbado numa piscina. Cena esta que horrorizou a mãe de Holmes e o vocalista. "Se o disco não tivesse sido tão forte, esse filme o teria matado", disse Lawless, referindo-se ao álbum *The Headless Children* (1989).

Após Holmes deixar o W.A.S.P. em 1990 "para se divertir", o vocalista não poupou críticas ao ex-colega de banda, inclusive contestando a capacidade dele como músico. Segundo Lawless, Chris jamais teria condições de gravar *The Crimson Idol* (1992), quinto álbum do grupo. "Digamos que a musicalidade que estava nesse disco era de uma habilidade única e superior, e nem todos poderiam ter feito aquilo", comentou.

De volta ao W.A.S.P. em 1996, Holmes gravou mais três discos com a banda, até se envolver em nova polêmica, quando disse a um fã que este não conseguiria um autógrafo de Blackie porque o vocalista era um idiota. O tal fã escreveu uma carta sobre o assunto, o que abalou de vez a relação entre os dois músicos. "Expliquei a ele (Blackie) por que disse isso, e ele saiu da sala. Foi a última vez que o vi", contou o guitarrista.

Uma turnê europeia do W.A.S.P., calcada em seus quatro primeiros trabalhos, aconteceria entre setembro e novembro deste ano, mas acabou cancelada. Como já era de se esperar, Holmes não participaria dela.

Thiago Prata

L.A. GUNS

Ao relembrar seus tempos de Guns N'Roses em uma entrevista ao jornalista e apresentador Eddie Trunk, Tracii Guns afirmou que "a banda estava muito afiada", mas que tudo foi por água abaixo quando Axl Rose "começou a agir de um jeito mandão com todo mundo e parecia estar irritado" durante a passagem de som de um show, o penúltimo do guitarrista com o grupo. Insatisfeito com a situação e não mais conectado ao vocalista, Tracii passou a ter outros objetivos. Dessa ruptura, surgiram, no mínimo, dois fatos fundamentais para a cena hard rock norte-americana. Enquanto o Guns N'Roses preenchia a lacuna com Slash – e, não muito tarde, se converteria em um fenômeno –, Tracii decidiu reformular o L.A. Guns, fundado em 1983 e que, num passado não muito distante, chegou a ter Axl nos vocais.

Após a estreia com o álbum homônimo de 1988, o L.A. Guns angariou Disco de Ouro nos EUA com seu segundo rebento, *Cocked & Loaded* (1989), impulsionado pelo hit *The Ballad of Jayne* (posto 33 na Billboard Hot 100). A formação desse trabalho contava com Tracii, Phil Lewis (vocal), Mick Cripps (guitarra e piano), Kelly Nickels (baixo) e Steve Riley (bateria). Se nesta época estava 'tudo azul', o mesmo não se pode dizer hoje em dia, uma vez que os músicos figuram nos holofotes de uma treta que envolve dois L.A. Guns.

Lewis e Cripps debandaram após o quarto full-length, *Vicious Circle* (1994), e retornaram para o sétimo play, *Man in the Moon* (2001), antes da saída de Tracii (que ainda marcou presença em *Waking the Dead*, de 2002). Guns então se dedicou a outros projetos, mas passou a utilizar o nome L.A. Guns a partir de 2006, dando origem a uma grande confusão e que rende ásperos capítulos até hoje, elevados a enésima potência diante de outro fato.

Atualmente, existem o L.A. Guns de Tracii e Lewis (que se juntou novamente ao guitarrista em 2016) e o L.A. Guns de Riley, que conta com Nickels em sua formação. Questionado se não gostaria de reunir toda a formação clássica, Tracii rechaçou a ideia. "Não, definitivamente não. Você aprende com o passado e faz o que é melhor para formar uma nova família. Sabemos de onde vem o veneno. Não precisamos do veneno novamente, senão morremos", comentou.

Em janeiro deste ano, Riley foi processado pela dupla Guns e Lewis no Tribunal Distrital da Califórnia. Tracii e Phil alegam que o grupo do baterista não tem o direito de utilizar o nome L.A. Guns.

Riley, porém, se defende. "Eu apenas mantive o L.A. Guns, o verdadeiro L.A. Guns, o L.A. Guns original, que eu mantenho desde 1988, fechando acordos com gravadoras, turnês mundiais e tudo que há, além de todos os tipos de shows. É um negócio que eu realmente nunca parei", afirmou ele. "Se Tracii quisesse lançar outro L.A. Guns, não há nada que eu possa fazer; não posso contestar", complementou. Segue o jogo – e as brigas nos bastidores.

Thiago Prata

Chris Walter

Rock Scene

By_Lu*Ch@qu£

BLACK SABBATH

Tenho uma camiseta com advertência que me representa: "You can only trust yourself and the first six Black Sabbath albums" (Você só pode acreditar em você mesmo e nos seis primeiros discos do Black Sabbath). O que isso tem a ver com as rupturas na banda? Tudo.

Se existe um grupo que se reinventou a cada mudança de formação, este foi o Black Sabbath. Na verdade, não exatamente com quebras de formação, mas com as trocas de vocalistas. Os seis primeiros discos do grupo são nota 12, de 0 a 10 possíveis. Aí vieram *Technical Ecstasy* e *Never Say Die*, onde os caminhões de cocaína que cheiravam na fase Los Angeles e o distanciamento de Ozzy Osbourne do grupo ficaram evidentes.

Culminou com a saída deste e, qual mogwai, a separação deu origem a dois gremlins tão bons quanto o original. Ozzy montou grupo com Randy Rhoads e lançou simplesmente *Blizzard of Oz* e *Diary of a Madman*. Pára, né? Só que o Black Sabbath convocou Dio e pariu *Heaven & Hell* e *Mob Rules*.

Particularmente, prefiro tratar o Sabbath dessa fase como um conjunto diferente, pois até hoje não consegui decidir se esses dois discos estão à frente na minha preferência em relação aos seis primeiros. Passei a encará-los como dois filhos, com amor imensurável por ambos e, pelo menos na minha cabeça, acrescento o "com (nome do vocal)" para me orientar - Sabbath com Ozzy e Sabbath com Dio. Amo igual.

Nunca vi alguém cravar com convicção o que motivou a saída de Dio do Sabbath. A lenda jura que ele e o baterista Vinny Appice visitavam sorrateiramente o estúdio à noite e aumentavam o volume das respectivas participações no duplo ao vivo *Live Evil*. Se foi isso mesmo, valeu a pena, pois talvez seja o álbum ao vivo que mais escutei na vida.

Fora que a analogia gremlin seguiu, com Dio convocando Vivian Campbell como seu Randy Rhoads e lançando *Holy Diver* e *Last in Line*. Covardia, né?

Já o Sabbath tocou o pau com Ian Gillan, que tem todo o talento do mundo, mas não exatamente a cara dos inventores do heavy metal. A essa altura, a alma do Sabbath, o guitarrista Tony Iommi, tinha progredido pelo período em que trabalhou com músico de verdade no vocal (Dio) e não um maluco talentoso (Ozzy) e, juntos, geraram o bom *Born Again*.

Daí para frente temos a fase Tony Martin no vocal, com discos bons (*Eternal Idol*) e outros nem tanto. Temos a fase meio-que-Sabbath-disfarçado com o excelente Glenn Hughes, mas fomos agraciados com os felizes retornos às origens, primeiro com Dio no rebatizado Heaven & Hell e depois com Ozzy, que voltara lá atrás para turnê, mas que ajudou a colocar ponto final recentemente na história da banda mais importante da música pesada na história.

Portanto, se me vir ou a alguém com a camiseta dos seis primeiros, pode acreditar. Mas não deixe de dar a mesma atenção à fase Dio e às bandas que esses dois formaram pós Sabbath.

Luiz Cesar Pimentel

Fotos: Divulgação

ALICE COOPER

Alice Cooper acabou fazendo um sucesso que nem ele esperava no início dos anos 70. Chocando o mundo ao se batizar com um nome feminino e com uma performance que misturava terror, sexo e rock, gravou sete álbuns entre 1969 e 1973, sendo que pelo menos dois deles, *School's Out* (1972) e principalmente *Billion Dollar Babies* (1973), tiveram enorme repercussão, levando a banda a uma extenuante rotina de estúdios e turnês – chegou até a se apresentar no Brasil em 1974. E esses foram os últimos shows do chamado Alice Cooper Group, que contava, além do vocalista, com os guitarristas Michael Bruce e Glen Buxton, o baixista Dennis Dunaway e o batera Neal Smith.

As especulações sobre os motivos do rompimento do cantor com o restante dos músicos de sua banda – que também eram responsáveis pelas composições, especialmente Michael Bruce – foram muitas na época: desde as famosas desavenças por conta de dinheiro (sempre ele...) até desentendimentos por conta do abuso de drogas por conta de Buxton, que chegou a puxar uma faca para um tour manager da banda durante uma discussão, passando por uma suposta intenção dos demais músicos de que a teatralidade nos shows fosse reduzida, dando mais espaço à música. "É como um acidente de carro", resumiu Neal Smith à publicação The Gauntlet em 2010. "Você pega quatro testemunhas e cada uma tem uma versão diferente", disse. "Estava indo tudo bem, eu não tinha do que reclamar. Tinha uma bateria espelhada, o melhor instrumento em que já toquei. Tinha dois Rolls-Royces, um Beltley e um Jaguar na garagem de casa. Mas nós resolvemos tirar um ano de folga, cada um foi cuidar de suas coisas e simplesmente nunca voltamos. Parece mentira, mas foi o que aconteceu."

Alice Cooper lançou seu primeiro disco solo, a ópera-rock *Welcome to My Nightmare* (1974), e colocou na estrada um show em que a teatralidade era levada às últimas consequência – a banda mal aparecia atrás do enorme cenário e de inúmeros personagens que entravam e saíam de cena. Já Bruce (como guitarrista e vocalista principal), Dunaway e Smith se juntaram a Mike Marconi (guitarra) e Bob Dolin (teclados) e formaram a banda Billion Dollar Babies, que durou um único disco, *Battle Axe* (1977).

Alice continuou com sua carreira solo muito bem sucedida e os demais mantiveram participação bissexta no mundo da música – o batera chegou inclusive a se tornar um bem sucedido corretor de imóveis.

Em 1998, mais de vinte anos após a separação, a banda voltou a se reunir (exceto Buxton, que faleceu em 1997, vítima de pneumonia) para uma apresentação na inauguração do restaurante de Alice, Cooper'stown. De lá para cá, foram várias as reuniões, a principal delas no disco *Welcome 2 My Nightmare* (2011), uma sequência de seu primeiro álbum solo. Bruce, Smith e Dunaway participam, como músicos e compositores, de três faixas.

Antonio Carlos Monteiro

Cindy Smith Dunaway

By_Lu*Ch@quf

Rhapsody

Se você acompanha a trajetória do Rhapsody, está ciente que este nome, num sentido metafórico, se reproduz como coelhos. A diferença é que, muitas vezes, foram as grandes rupturas – e não necessariamente a união – de seus integrantes que originaram outros 'Rhapsodys'. Parecia que essas cisões não haviam abalado a amizade entre os músicos. Mas nem sempre as coisas são o que aparentam ser.

Nascido em 1993 como Thundercross, o grupo italiano passou por mudanças na formação até se consolidar em 1995, sob a alcunha de Rhapsody. Já em 2006, se tornou Rhapsody of Fire, por conta de "problemas de direitos autorais e marca registrada".

Cinco anos depois, um novo Rhapsody foi concebido. Ao deixar a banda de metal sinfônico em 2011 (por divergências musicais), Luca Turilli montou o Luca Turilli's Rhapsody, o que deixou os fãs um tanto confusos com a existência de dois Rhapsodys. "Uma coisa que eu e Alex (Staropoli) não entendemos foram os fãs se dividindo, uns dando suporte a mim, e outros ao Rhapsody of Fire. A gente não entende isso, pois somos muito amigos", afirmou o guitarrista à ROADIE CREW #201 (outubro de 2015). O tecladista concordava. "Nada mudou na amizade entre o Rhapsody of Fire e Luca Turilli, a única diferença é que não estamos mais na mesma banda", frisou à ROADIE CREW #182 (março de 2014).

Em 2016, Fabio Lione e Alex Holzwarth também debandaram. A ruptura com o baterista parece ter sido amena. Já com o vocalista não se deu na mesma proporção, como Lione deixou transparecer à RC #247 (agosto de 2019), ao falar do novo projeto dele ao lado de Turilli e Holzwarth: o Turilli/Lione Rhapsody (mais um 'Rhapsody' aí!). "Nossas letras são diferentes, não são sobre fantasia. Esta foi uma das razões para eu deixar o Rhapsody of Fire, em 2016 (...) Depois de 15 anos os caras queriam criar uma nova saga medieval?", declarou.

O Turilli/Lione Rhapsody se consolidou após a turnê da Rhapsody Reunion (em 2017), que trazia quase toda a formação clássica tocando ao vivo músicas dos primeiros álbuns – a exceção era Staropoli. "Nós o convidamos seis vezes para a turnê, e ele recusou. Honestamente, eu nunca o entendi", disse Lione.

Na mesma época, o tecladista anunciou que a nova formação do Rhapsody of Fire iria regravar músicas antigas da banda (que resultaram no álbum *Legendary Years*, de 2017), o que pegou os ex-integrantes de surpresa. "Eu não sabia disso (risos). Faz meses que não tenho notícias dele. Eles têm o direito de fazer isso, e não posso falar nada", afirmou Turilli, que, como ficou notório em sua fala, se distanciou de Staropoli,

O único remanescente da formação original do Rhapsody deu sua versão ao "HeadBanger.ru". "Essas gravações foram decididas meses antes e não há nenhuma correlação com a turnê. Não existe tal ideia de vingança nem nada similar acontecendo", pontuou o tecladista.

Thiago Prata

Stratovarius

O olhar fixo para uma imagem do line-up do Stratovarius do início dos anos 2010 causava "estranheza" a Timo Tolkki. "Porque estive 22 anos naquela banda (...) Sinto muita saudade. Foi o melhor tempo de minha vida", admitiu o ex-guitarrista do grupo finlandês, em entrevista à ROADIE CREW #176 (setembro de 2013). O comentário se deu cerca de cinco primaveras após o capítulo final de uma conturbada novela que tinha como protagonistas o bipolar homem das seis cordas – que, infelizmente, convivia e convive com depressão – e o frontman Timo Kotipelto.

De *Fourth Dimension* (1995), álbum que inaugurou a Era Kotipelto, a *Elements Pt. I* e *II* (2003), o Stratovarius cunhou vários clássicos e cravou um lugar no panteão do power metal melódico. Nos bastidores, porém, um clima péssimo se instaurou, e em 2003, a coisa toda degringolou. Tolkki chegou a declarar que, numa tentativa de apartar uma briga entre o vocalista e o baterista Jörg Michael, se envolveu em um confronto físico com o cantor.

O batera e o frontman foram demitidos, mas Kotipelto deixou no ar que não havia apenas um ou dois motivos para sua saída: "Irrevogáveis e massivas dificuldades com o líder da banda".

Uma série de episódios negativos (alguns deles, bizarros) foi divulgada naquele período: a sucessora de Kotipelto seria a desconhecida Miss K; o guitarrista teria recebido ameaças de morte (até um pacote com fezes oriundo do Brasil) e sido esfaqueado em Granada, na Espanha ("Não quero terminar como John Lennon. Não sei se quero continuar com o Stratovarius", disse). Ah, além da história de que o tecladista Jens Johansson teria mijado nas calças do líder da banda (!).

Mas numa entrevista ao Delfos, o guitarrista afirmou que "tudo que aconteceu a partir de outubro de 2003 foi mentira". "Somente um fato era verídico: meu colapso nervoso em abril de 2004". O restante era "jogada de marketing". Desentendimentos, no entanto, existiam aos montes.

O grupo continuou (inclusive, com Kotipelto e Michael), mas não sob o clichê "firme e forte". Problemas de relacionamento borbulhavam e originaram a saída de Tolkki (novamente vivenciando crises interiores) em 2008. "Nossos fãs podem até ser radicais, mas não são estúpidos, pois era óbvio que Timo (Tolkki) tinha problemas mentais. Foi melhor para nós quando ele decidiu deixar a banda, pois não temos mais prejuízos, como planejar uma turnê e ela não acontecer porque ele achou que as estrelas não estão na posição correta", ironizou Kotipelto ao Heavy Nation.

Cada Timo seguiu seu caminho, com muitas trocas de farpas, e Tolkki travando suas batalhas contra a depressão. Nos últimos anos, alfinetadas deram lugar a elogios e reconciliação. "Fui a um show deles (Stratovarius) e conversei bastante com o Timo Kotipelto no final. Nós nos abraçamos e choramos juntos", descreveu Tolkki ao 80 Minutos.

Thiago Prata

Fotos: Divulgação

By_Lu*Ch@quf

SEVENCROWS

DEEP THOUGHTS

Arte: www.jduartedesign.com

DISPONÍVEL EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS

Spotify · DEEZER · amazon prime music · Available on iTunes

Produzido por Felipe Andreoli e Hugo Borges

@SevenCrows_Oficial

www.sevencrows.com.br

/SevenCrowsBrasil

By_Lu*Ch@qu£

KISS

Por onde começar? "Nós não estaríamos aqui se não fosse o que fizemos com Ace e Peter", disse o baixista e vocalista Gene Simmons. "E também não estaríamos aqui se eles ainda estivessem na banda", completou o guitarrista e vocalista Paul Stanley. As declarações dos fundadores e únicos integrantes originais do Kiss foram dadas durante o Q&A realizado a bordo do Norwegian Pearl, durante o Kiss Kruise III, em 2013. No entanto, não foram as primeiras e nem as últimas sobre os inúmeros problemas com Ace Frehley (guitarra e vocal) e Peter Criss (bateria e vocal), com quem Stanley e Simmons começaram, em 1973, uma das maiores bandas do rock em todos os tempos. Dizem que toda história tem três lados, mas aqui são cinco: a de cada personagem, que pode ser encontrada nas autobiografias, e a verdade, que fica a cargo do fã e seu julgamento.

Em seu segundo livro, "Backstage Pass" (2019), Stanley mais uma vez fala de feridas que não foram cicatrizadas. Ou quase. Segundo ele, é "legal ter Ace de volta de uma maneira maior em minha vida", mas quanto a Criss... "Ele sempre foi negativo e sempre manteve uma mentalidade 'nós contra eles'. Eu não quero isso na minha vida." A essa altura do campeonato, com a banda em sua turnê "The End of the Road" – no momento em que escrevo estas linhas, suspensa até segunda ordem por causa da pandemia do novo coronavírus –, a situação parece irremediável. Na verdade, já parecia assim em 2013: "Gostaria de agradecer a eles dois por deixarem o caminho aberto para esses dois caras, que nunca reclamam, nunca se atrasam, são grandes profissionais e jogam para o time", disse o Starchild naquele cruzeiro, apontando para Tommy Thayer (guitarra e vocal) e Eric Singer (bateria e vocal), que já têm mais tempo de casa do que qualquer outro integrante fora, é claro, os patrões.

A rigor, o único ex-membro que realmente mantém um bom relacionamento com Stanley e Simmons é o guitarrista Bruce Kulick, porque nem mesmo a passagem do saudoso Eric Carr (1950-1991) pelo Kiss foi (somente) um conto de fadas. De acordo com "The Eric Carr Story" (2011), escrito por Greg Prato, ele temia ser demitido em seus últimos anos de banda. No livro, o radialista Eddie Trunk conta que Carr o procurou em 1987 pedindo para que o indicasse a David Coverdale, pois ouvira falar que o Whitesnake precisaria de um novo dono das baquetas – diga-se de passagem, Stanley e Simmons não foram exatamente bem-vindos no funeral do baterista. Mark St. John (1956-2017) nem teve tempo de esquentar as seis cordas – gravou *Animalize* (1984), fez um show e meio e saiu por causa de uma rara forma de artrite –, mas seu antecessor deu trabalho. "Vinnie Vincent processou a banda 14 vezes e perdeu todas", contou The Demon em várias ocasiões. "Ele próprio é o seu pior inimigo." De fato, quem ainda confia em Vincent?

Daniel Dutra

Dokken

De um lado Don Dokken, vocalista. Do outro, o guitarrista George Lynch. A desavença sempre foi essa em relação ao Dokken. Choque de personalidades e de egos, além de problemas de empresariamento e de direcionamento musical. Tudo era motivo para o estranhamento e rusgas entre a dupla, que, antes, foi capaz de fazer o grupo americano se tornar um dos principais da cena do hard rock dos anos 80.

Além disso, também houve problemas com o baixista Jeff Pilson. "Ficamos esperando quase dois anos, quando ele estava fazendo seu álbum solo e trabalhando no filme 'Rockstar' (2001). Aí, ele disse que não gostava de estar no Dokken e só o fez por causa do dinheiro. Também disse que não gostava de tocar nosso estilo de música. Então, eu mesmo disse para ele que seguisse seu rumo", declarou Don Dokken. "O que não entendi, e acho engraçado, é que George e Jeff não gostam das músicas que compus, mas as tocam o tempo todo", acrescentou.

Outro fator negativo foi o trabalho que envolveu o álbum *Shadowlife* (1997), que acabou sendo o último com Lynch e é unanimidade entre os fãs como o mais fraco da discografia. "Jeff e George queriam seguir aquela direção e este não é um trabalho do Dokken, mas deles. Definitivamente, não é um bom álbum", avaliou o vocalista sobre a mudança de direcionamento musical. "Não que seja péssimo, mas não é o Dokken, porque tem influência daquela música de Seattle. O produtor era de lá. A gravadora queria que soássemos mais anos 90", completou.

Assim, a situação entre Lynch e Don ficou insustentável e nem a música foi capaz de mantê-los juntos. O vocalista esbravejou sua ira a Lynch: "Este álbum é uma merda e é seu trabalho comigo nos vocais. Isso poderia ter sido bom para uma bandinha de Seattle, mas se o Stone Temple Pilots fizesse um álbum soando como Dokken, eu não o compraria."

Sendo assim, o guitarrista se despediu e ficou tão perdido que soltou um disco de rap/metal com o Lynch Mob, *Smoke This*, em 1999. Já o Dokken recrutou Reb Beach (Winger) e lançou *Erase The Slate* (1999).

Antes de *Shadowlife*, o processo de criação de *Dysfunctional* (1995) já tinha sido conturbado. "Eu compus muita coisa para ele. Deveria ser lançado como meu segundo álbum solo, aí, no último instante, George voltou para a banda e o colocamos como Dokken", explicou o vocalista. "Se *Shadowlife* é um álbum de George e Jeff, *Dysfunctional* é meu trabalho. George não gosta dele porque não se envolveu muito no processo de composição. Mesmo assim, dei alguns créditos para que ele ficasse contente, como na *Too High To Fly*. Ele não fez nada nesta música, mas tudo bem", acrescentou.

Mesmo sem amizade, o Dokken se reuniu com a formação clássica para shows no Japão, resultando em *Return to the East Live 2016*, além de uma nova composição, *It's Just Another Day*. Aguardemos cenas dos próximos capítulos...

Ricardo Batalha

Fotos: Divulgação

By_Lu*Ch@qu£

SKID ROW

A cara do Skid Row era Sebastian Bach. E quem saiu foi justamente o vocalista. "Chegamos a um ponto que ninguém se aguentava mais", resumiu o guitarrista Dave "The Snake" Sabo. Àquela altura, o grupo americano, que era completado por Scotti Hill (guitarra), Rachel Bolan (baixo) e Rob Affuso (bateria), colecionava sucessos nas rádios e na MTV, inclusive no Brasil.

O debut, *Skid Row*, obteve a 6ª posição na Billboard, conquistou cinco discos de Platina e teve hits executados à exaustão nas rádios, como *18 And Life*, *Youth Gone Wild* e a balada *I Remember You*. O trabalho seguinte, *Slave To The Grind* (1991), confirmou a boa fase, sendo o primeiro disco de hard'n'heavy a estrear no primeiro lugar das paradas nos EUA. "Este foi o primeiro álbum de metal que conseguiu esta marca na semana de lançamento. Esta época deveria ser gloriosa para nós, mas não foi. Foi triste", avaliou Sabo.

A confusão, que se estende até hoje, traz mágoas, ressentimentos e ego envolvidos. "Eu sou o cantor do Skid Row e sempre vou ser. Não tem nenhum outro sujeito que vai caminhar pela rua e as pessoas vão abrir as janelas dos carros e gritar: 'Youth gone wild!'. Esse sou eu! Eu sou o cantor do Skid Row como Vince Neil é o cantor do Mötley Crüe e Bon Jovi é o cantor do Bon Jovi", disparou Sebastian Bach, que iniciou sua carreira com o álbum *Bring 'Em Bach Alive!* (1999).

No Brasil, a banda teve recepções calorosas, principalmente na época do festival "Hollywood Rock", em 1992. Porém, foi aqui que fizeram a última apresentação após serem humilhados no "Monsters of Rock" de 1996, em um show que ficou marcado na carreira do grupo como o "mais terrível de todos", com xingamentos e hostilidades por parte do público, que arremessou garrafas, copos e tudo mais em cima do palco. "Rachel e eu percebemos o quanto sentíamos falta da amizade que tínhamos um com o outro em outras épocas. Decidimos que deveríamos voltar e fazer música, como sempre fizemos. Decidimos também que isto só poderia acontecer sem Sebastian Bach, pois as coisas haviam ficado muito feias. Infelizmente, não dava para ficar daquele jeito e tivemos que fazer as mudanças necessárias", contou Snake.

O Skid Row nunca mais foi o mesmo. Quando ocorreu a cisão, se tornou, por um breve período, o Ozone Monday. "Estávamos meio de saco cheio de tudo, então queríamos fazer algo drasticamente diferente, principalmente no lado artístico. Quando tomamos a decisão, isto nos fez perceber o quanto amávamos o Skid Row. Então, decidimos manter o nome como Skid Row, pois Rachel e eu a começamos e o nome pertence a nós", explicou Snake.

O Skid Row contou com o vocalista Johnny Solinger de 1999 a 2015, testou Tony Harnell (TNT) e hoje conta com o ex-Tank e Dragonforce, ZP Theart. Porém, indubitavelmente, Bach se deu melhor em sua carreira solo.

Ricardo Batalha

IRON MAIDEN

Pode perguntar pra qualquer músico: um dos maiores problemas que uma banda enfrenta acontece quando é preciso trocar o vocalista. Afinal, num grupo de rock o cara é o frontman, a imagem principal daquela formação. O Iron Maiden sabe muito bem o que é isso. O à época quinteto estava começando a experimentar a fama quando foi forçada a dispensar Paul Di'Anno. O motivo foi o comportamento errático e autodestrutivo do vocalista, principalmente em relação ao abuso nas drogas: "Eu não cheirava um pouco de cocaína, eu usava 24 horas por dia", confessou ele tempos depois. Corria o ano de 1981, a banda já tinha dois discos bem sucedidos no currículo e tinha que achar um substituto à altura.

A entrada de Bruce Dickinson fez a grande maioria dos fãs não sentir saudades de seu antecessor. Sua grande voz e a presença de palco marcante fizeram com que o sucesso do Iron se multiplicasse. A nova formação estreou no Brasil no primeiro Rock in Rio, em 1985, e o Iron fez uma apresentação até hoje lembrada.

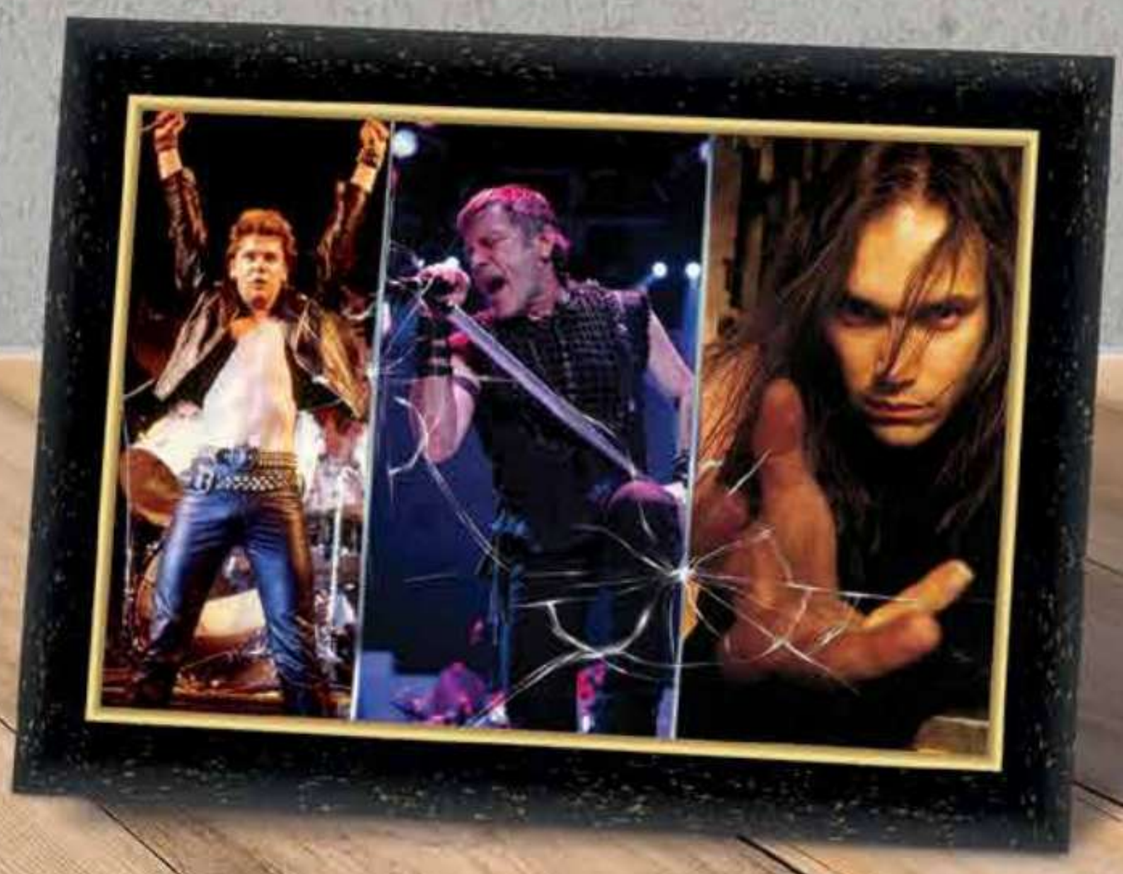
Durante sua primeira passagem pela banda, foram lançados sete discos de sucesso, entre eles *The Number of the Beast* (1982), *Piece of Mind* (1983) e *Powerslave* (1984). Até que em 1993, a surpresa: Bruce estava deixando a banda para seguir carreira solo. Todo tipo de especulação surgiu, mas o vocalista garante que foi uma decisão acima de tudo artística: "Isso (estar numa banda como o Iron) é estar uma linda gaiola dourada, que é confortável e te faz ganhar muito dinheiro, mas eu não queria mais aquilo", disse ele em 2017 ao site Ultimate Guitar. "A única maneira de descobrir o que estava além e crescer como cantor era fazer algo diferente. E não havia outra de fazer isso que não fosse partir." Ele ainda admitiria que pequenas "brigas pelo poder" ajudaram na decissão de sair.

Pouco antes de Bruce, o guitarrista Adrian Smith também havia deixado a banda por conta de desentendimentos com Steve Harris.

Foi quando começou um período no mínimo controverso. Com Blaze Bayley nos vocais e Jannick Gers na segunda guitarra, o Iron gravou dois discos que definitivamente não agradaram, *The X Factor* (1995) e *Virtual XI* (1998), e em 1999 veio a notícia que todos esperavam: Bruce estava de volta, assim como Adrian, transformando a banda num sexteto.

De lá para cá foram mais cinco discos totalmente bem sucedidos e diversas turnês mundiais que passaram algumas vezes por aqui. Segundo Bruce, "eu aprendi muito quando estive fora da banda. E quanto voltei, toda a energia estava de volta também." Disse mais: "Quando eu retornei, o ambiente estava muito melhor, muito mais honesto." Segundo ele, "é por isso que o primeiro disco que fizemos depois disso (*Brave New World*, de 2000) se tornou um dos nossos trabalhos clássicos."

Antonio Carlos Monteiro



By_Lu*Ch@qu£

CREEDENCE CLEARWATER REVIVAL

Como era relativamente comum naqueles tempos, o Creedence Clearwater Revival conquistou sucesso quase imediato e soltou nada menos que sete álbuns em cinco anos. Os convites para shows só aumentavam e junto com fama e fortuna, claro, vieram os problemas. Não demorou para Tom Fogerty (guitarra), Stu Cook (baixo) e Doug "Cosmo" Clifford se rebelassem contra o centralizador John Fogerty, guitarrista, vocalista, principal compositor e irmão de Tom.

E foi justamente Tom o primeiro a pular fora. Dizendo estar "cheio" dos desmandos do irmão, saiu logo após a gravação do penúltimo disco da banda, *Pendulum* (1970). John não se abalou: chamou os outros dois e declarou que a banda iria dar um tempo para que cada um pudesse lançar trabalhos solo. Acontece que os dois não queriam parar o CCR – e também reivindicavam maior participação nas decisões. A ideia foi deixada de lado e o último disco, *Mardi Grass* (1972), acabou tendo músicas e vocais principais dos três. Foi o álbum da banda que menos vendeu (único do CCR a não ser certificado Disco de Platina) e o mais malhado pela crítica. Pra piorar, o contrato com a Fantasy Records, negociado e assinado por Fogerty, mostrou-se muito pouco favorável à banda. Cook, que é formado em administração, referiu-se a ele como "o pior contrato assinado por um artista na história dos EUA."

O fim da banda foi inevitável e os três nunca voltaram a se reunir. Em 1995, Cook e Cosmo montaram o Creedence Clearwater Revisited para relembrar o sucesso de sua antiga banda. Interessante notar que para substituir John foram chamados nada menos que três músicos, um vocalista e dois guitarristas. John Fogerty embarcou em uma bem sucedida carreira solo. Durante um tempo, recusou-se a incluir as músicas do Creedence em seus shows, mas mudou de ideia a partir de 1987.

Fogerty desabafou sobre a rusga numa entrevista à revista sueca Pop: "Eu sempre estive sozinho na hora de fazer a música do CCR. E também quando escrevi os arranjos, produzi e mixei os discos. Os caras só apareciam para ensaiar e gravar. Aí, de repente resolveram participar de tudo. Foi aí que os problemas começaram. E chegou uma hora em que eu tive que tomar uma decisão."

Em 1990, Tom Fogerty morreu de complicações da AIDS, que ele contraiu durante uma cirurgia realizada nos anos 80. Os irmãos se reconciliaram pouco antes de morte de Tom. Em 2010, em entrevista e este redator, Cosmo falou sobre uma possível reunião da banda: "Não creio que seja possível. A única forma pela qual consegui me comunicar com John foi através de seu advogado. Isso torna um retorno impossível." Em 2019, o Creedence Clearwater Revisited anunciou que faria uma turnê de despedida, já que Stu e Cosmo resolveram se aposentar. A tour foi interrompida por conta da pandemia da covid-19.

Antonio Carlos Monteiro

GUNS N' ROSES

Tinha tudo pra dar errado. Mas acabou dando muito certo. A primeira turnê americana do Guns N'Roses, em 1985, ficou na história com o nome de "The Hell Tour" tal a quantidade de problemas enfrentados. Porém, a banda continuou na batalha e dois anos depois o lançamento de *Appetite for Destruction* virou tudo de cabeça para baixo: o grupo saiu das vans quebradas e abandonadas na beira da estrada para contas bancárias recheadas e muito sexo, drogas e rock'n'roll, aquele trio que acaba com dez entre dez bandas.

O primeiro a espirrar foi o batera Steven Adler, em 1990, por excesso de consumo de drogas. O caso acabou na Justiça. Com Matt Sorum em seu lugar, a banda veio ao Brasil pela primeira vez para participar do Rock in Rio de 1991. No ano seguinte, o guitarrista Izzy Stradlin alegou não conseguir conviver com o comportamento de Axl Rose, nem com os excessos de Slash, Duff McKagan e Sorum e caiu fora. Gilby Clarke, que substituiu Izzy, foi demitido em 1995 por decisão unilateral de Rose. Segundo consta, na última apresentação da tour de *Use You Illusion* ele virou para o guitarrista e disse: "Aproveite seu último show." Clarke foi mais um que meteu um processo na banda.

Em 95, a jogada final: Axl disse que estava saindo da banda e montou outra chamada... Guns N'Roses! Segundo Slash conta em sua biografia, Axl forçou o grupo a abrir mão do nome, caso contrário pararia de se apresentar com eles. "Infelizmente, a gente assinou", arrependeu-se o homem da cartola. O vocalista nega: "Não tem um pingo de verdade nisso, é uma falácia!"

Com o "novo" Guns N'Roses, Axl manteve-se na ativa fazendo shows ao redor do mundo. O disco seguinte, *Chinese Democracy*, saiu apenas em 2008. Já Slash manteve sua carreira solo, seja com o Slash's Snakepit, com o Velvet Revolver ou com Myles Kennedy & The Conspirators.

Quando a banda foi aceita no Rock and Roll Hall of Fame, em dezembro de 2011, começaram as especulações sobre uma reunião da formação original. No fim das contas, Axl Rose não apareceu e ainda saiu disparando contra a fundação: "Eu continuo sem saber o que é o que o Hall da Fama, quem vota e como os votantes são escolhidos." Slash, Duff, Gilby, Steven e Matt foram e tocaram três músicas do Guns com Myles Kennedy no vocal. Porém, em janeiro de 2016 foi anunciada a volta de Slash e Duff à banda. A tour que se seguiu passou pelo Brasil em 2017 e foi um sucesso estrondoso, arrecadando mais de meio bilhão de dólares. Ela recebeu o nome de "Not in This Lifetime... Tour", ironia com uma declaração de Axl sobre uma possível volta da banda com membros da formação inicial: "Not in this lifetime" (algo como "nunca nessa vida").

Estava prevista uma continuação da tour em 2020 – foi só mais uma dentre tantas que acabou adiada por conta da covid-19.

Antonio Carlos Monteiro

Rock Scene

By_Lu*Ch@qu£

Pink Floyd

Em um trecho da versão do diretor do clássico vídeo *Live at Pompeii* (a primeira versão é de 1972), o guitarrista David Gilmour e o baterista Nick Mason fazem uso do bom humor (e sarcasmo) para falar das discussões dentro do Pink Floyd. Um ambiente aparentemente saudável e na contramão das brigas ferrenhas que aconteceriam naquela mesma década e nas seguintes.

É preciso recordar que o Floyd já havia passado por uma ruptura histórica. Após o debut *The Piper at the Gates of Dawn* (1967), Syd Barrett, principal compositor do grupo inglês até então e que convivia com inúmeros problemas (como o uso abusivo de LSD), se tornou um óbice à banda. A situação chegou a um ponto em que o Floyd, já com Gilmour como segundo guitarrista (e que viria ser o substituto definitivo), passou a se apresentar sem Barrett, cuja saída foi decretada em 1968.

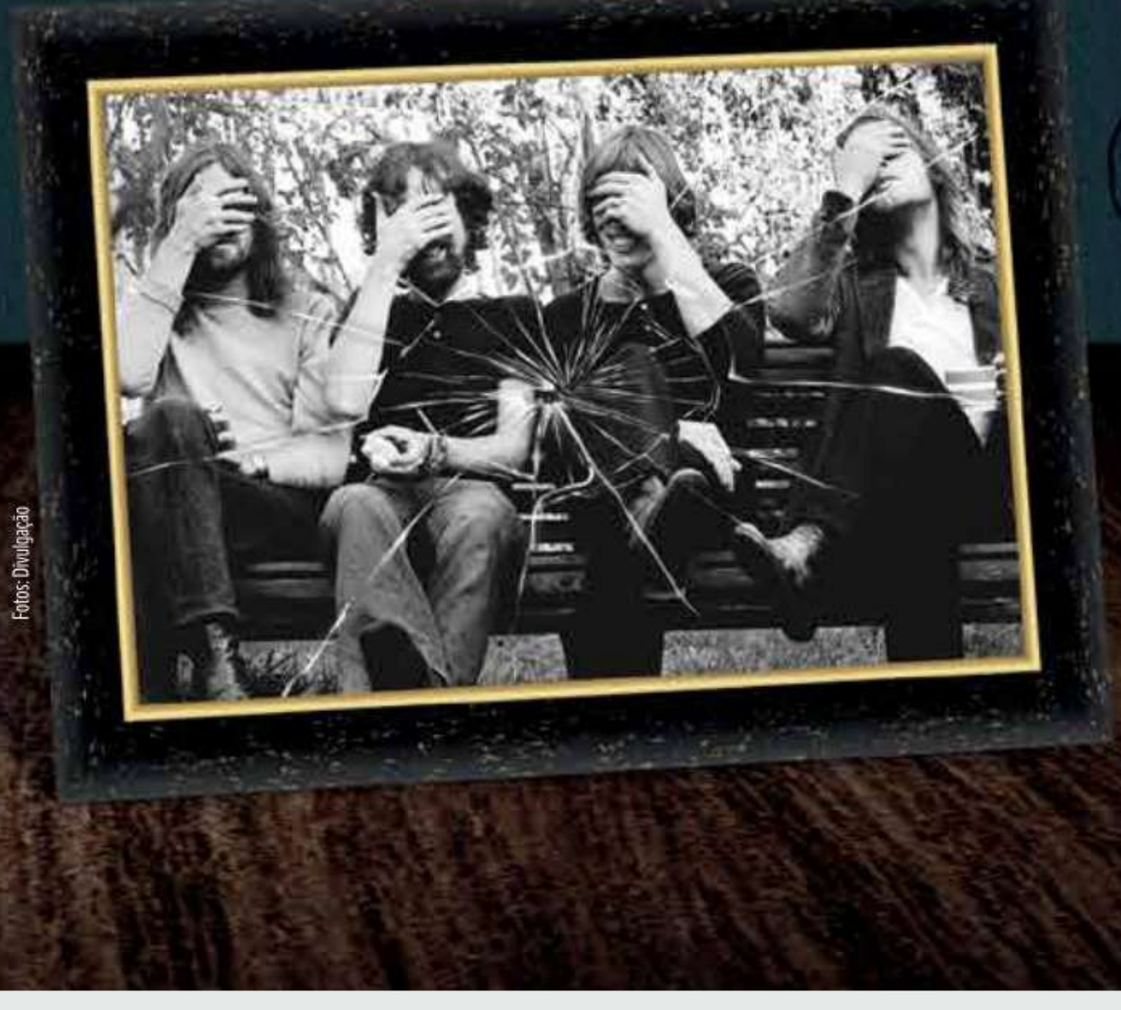
Há quem considere que o fim do casamento do Floyd com Roger Waters, em meados da década de 80, tem similaridade com o término da era Barrett, no sentido de que o baixista era o 'cérebro' da banda, assim como Barrett o foi em parte dos anos 60. Os motivos para a rotura com Waters, no entanto, são distintos.

Vamos então para alguns capítulos da lista de tretas. Roger perdeu a paciência com o tecladista Richard Wright, dizendo que este não estava se dedicando na época do *The Wall* (1979). Por outro lado, segundo Wright, "a banda estava perdendo sua identidade, e Roger acreditava que era o único líder". O tecladista passou a ser um músico contratado e não mais fazia parte do line-up oficial do conjunto. Gilmour, por sua vez, declarou que "Roger se tornou incapaz de aceitar opiniões e, por isso, existem apenas três boas músicas" em *The Final Cut* (1983). Mason também não estava satisfeito; Waters, não convencido com a performance de Nick em *Two Suns in the Sunset*, convocou Andy Newmark.

Além disso, Roger cortou relações com o produtor Bob Ezrin, depois que este deu detalhes, a uma revista, do que seria a turnê de *The Wall*. Após *The Final Cut*, Waters queria mostrar que o Floyd não existiria mais, porém, Gilmour pretendia continuar com o grupo. Os bastidores pegaram fogo até a consolidação de um acordo, em 1987, no qual o guitarrista ficaria com o nome da banda, e o baixista, com os direitos do disco e do filme *The Wall* e várias concepções dos palcos.

Depois da reunião do Floyd no 'Live 8', em Londres, em 2005, Gilmour e Waters continuaram a lavar roupa suja na mídia e nas redes sociais. O baixista diz que tentou recentemente selar um "acordo de paz" com o guitarrista e o baterista, mas sem êxito. "Não tinha nada a ver com uma reunião (do Floyd). Era só: 'Será que podemos lançar uma versão remasterizada em vinil do *Animals* (1977) sem que isso se torne a Terceira Guerra Mundial?'. Mas não, eles não aceitaram, não sei o porquê", surpreendeu-se Waters.

Thiago Prata



Van Halen

É inegável: quando surgiu, o Van Halen criou uma verdadeira revolução musical. O estilo inconfundível e revolucionário de Eddie Van Halen na guitarra somava-se à cozinha competentíssima de seu irmão Alex e Michael Anthony e à performance insuperável de David Lee Roth, não por acaso apelidado "Diamond Dave". Só que, apesar de a alma musical da banda ser o fantástico guitarrista, as atenções recaíam sobre o vocalista. Estava criado o impasse, que envolvia, acima de tudo, o ego de ambos.

Chegou um momento em que a ruptura foi inevitável. Inconformado com o poder absoluto de Eddie e com várias divergências criativas, Dave começou a cuidar a própria vida. E mesmo após seis discos multiplatinados e turnês mundiais com a banda (uma delas trouxe a banda ao Brasil em 1983), o vocalista acabou caindo fora.

Para seu lugar veio Sammy Hagar (os dois fizeram contato através do mecânico que cuidava dos carros de ambos, um certo Claudio Zampolli) e a disputa ficou evidente: enquanto Lee Roth montou uma superbanda com Steve Vai, Billy Sheehan e Greg Bissonette, o Van Halen criou um show absolutamente exuberante, como pode ser conferido no vídeo *Live Without a Net* (1987).

A parceria durou dez anos até que tensões começassem a surgir entre Sammy e Eddie Van Halen – ele é conhecido, além de seu talento absurdo, por ser uma pessoa bem difícil de se lidar. Em 1996, Sammy espirrou da banda. Alguns meses depois, Lee Roth se juntou ao grupo no Grammy Awards, mas a reunião da formação original se resumiu a isso – e Dave e Eddie já saíram desse encontro trocando farpas.

O vocalista seguinte foi Gary Cherone, que durou um disco e uma turnê, ambos fiascos de público e crítica. Ele saiu amigavelmente em 1999.

Nos anos seguintes, a banda ficou boa parte do tempo fora de cena enquanto o guitarrista tratava de um câncer na língua. Mesmo assim, alguns encontros esporádicos aconteceram, até culminar numa tour com Sammy Hagar de junho a novembro de 2004.

A surpresa veio em 2006: a banda voltou à ativa com David mas sem Michael Anthony. O baixista jura que não saiu da banda. Em entrevista ao site Music Radar, em 2009, declarou: "Por que eu teria desistido do Van Halen? Isso nunca aconteceu." E prosseguiu: "No fim das contas, tudo está bem quando acaba bem. Mas acho estranho ser colocado em uma situação em que tenho que me defender. Só não quero que pensem que eu abandonei o Van Halen, porque isso nunca aconteceu."

Seja como for, com o filho de Eddie, Wolfgang, no baixo, o Van Halen lançou seu último disco em 2012, *A Different Kind of Truth*. Em 2015, mesmo sem álbum novo na praça, aconteceu mais uma turnê pelos EUA, de julho a outubro, chamada Van Halen 2015 North American Tour, a última até aqui. Não se sabe se a banda ainda volta à ativa. Muito menos com quem na formação...

Antonio Carlos Monteiro

Fotos: Divulgação

By_Lu*Ch@qu£

HELLOWEEN

Após fazer alguns shows como Gentry e Second Hell, o guitarrista e vocalista Kai Hansen, ao lado do baixista Markus Großkopf e do baterista Ingo Schwichtenberg, resolveu chamar mais um guitarrista para o time, Michael Weikath. A ideia era dar vida a um heavy metal rápido. Mudaram, inclusive, o nome da banda. Nascia o Helloween que, após um EP autointitulado, debutou com *Walls of Jericho*, em 1985.

No entanto, logo o "ex-chefão" Hansen cansou de tocar e cantar e abriu espaço para um jovem de 18 anos vindo da banda I'll Prophecy: Michael Kiske. Foi com essa formação que o Helloween inaugurou o chamado power metal (ou metal melódico) com os clássicos Keepers o*f the Seven Keys Pt. 1 e 2*, de 1987 e 1988. A turnê de divulgação de ambos foi um sucesso, incluindo abertura para o Iron Maiden.

Porém, em 1989, a primeira grande baixa: após o ao vivo *Live in The UK*, Hansen resolve sair para seguir outros projetos, como a fundação do Gamma Ray. "Assim que o Kai saiu da banda a química se foi", comentou Michael Kiske ao site MetalExpress.com. E, realmente, a saída de Hansen abalou as estruturas. Não que seu substituto fosse ruim. Ao contrário, Roland Grapow é um ótimo guitarrista, mas as coisas não se encaixavam mais. A prova são os polêmicos álbuns *Pink Bubbles Go Ape* (1991) e *Chameleon* (1993). O dia a dia era totalmente o contrário ao "Happy Happy Helloween". Weikath e Kiske brigavam a todo o momento. Em paralelo às tretas, o baterista Ingo Schwichtenberg estava doente, com depressão (Ingo suicidou-se em 1995, aos 29 anos). Resultado? Ingo e Kiske foram demitidos ao fim da turnê de *Chameleon*, em 1993.

No ano seguinte, o Helloween retornou com o vocalista Andi Deris (ex-Pink Cream 69), o baterista Uli Kusch e o disco *Master of the Rings*. Começava uma nova era e, com esses dois novos membros, Großkopf, Grapow e Weikath retomaram a carreira com ótimos registros: *The Time of the Oath* (1996), *Better Than Raw* (1998) e *The Dark Ride* (2000). Este último marca mais uma ruptura: Kusch e Grapow foram demitidos, rumando para o Masterplan.

O álbum posterior, *Rabbit Don't Come Easy*, de 2003, contou com o baterista Mikkey Dee (Motörhead, King Diamond) como convidado. Para o lugar de Grapow, foi chamado Sascha Gerstner (ex-Freedom Call). Depois dele, nos cinco discos seguintes, *Keeper of the Seven Keys - The Legacy* (2005), *Gambling with the Devil* (2007), *7 Sinners* (2010), *Straight Out of Hell* (2013) e *My God-Given Right* (2015), o Helloween estabilizou-se com Andi Deris (vocal), Michael Weikath e Sascha Gerstner (guitarras), Markus Großkopf (baixo) e o baterista Dani Loeble. E essa trupe, desde 2017, recebeu a companhia dos velhos amigos Kai Hansen e Michael Kiske para a tour "Pumpkins United", que já tem disco ao vivo e ainda promete material novo em 2020.

Matheus Vieira

MÖTLEY CRÜE

Quer baixaria? Vale assistir a "The Dirt – Confissões do Mötley Crüe" (2019), que está no catálogo da Netflix. Quer mais baixaria? Então leia "The Dirt: Confessions of the World's Most Notorious Rock Band" (2011), que foi o ponto de partida para a cinebiografia do Mötley Crüe, e talvez você entenda como uma banda tão disfuncional pôde ter dado tão certo (e feito tanto sucesso) – para mais detalhes, confira o especial na ed. #243 da ROADIE CREW. De qualquer maneira, entre altos e baixos, é a formação original – Vince Neil (vocal), Mick Mars (guitarra), Nikki Sixx (baixo) e Tommy Lee (bateria) – que realmente funciona, comercialmente falando. Porque, claro, as tretas não foram apenas entres os quatro, mas também com quem tentou preencher um espaço vazio em determinado momento (Sixx e Mars são os únicos que gravaram todos os discos). E, no fim das contas, as drogas têm um papel importante no desenrolar da história.

Sixx esteve clinicamente morto por alguns minutos em 1988, por causa de uma overdose de heroína; chapado, não foi o padrinho de casamento que Lee imaginava quando o convidou para a cerimônia de união com a atriz Heather Locklear; e ignorou Neil quando este perdeu a filha Skylar, de 4 anos, para o câncer – pouca importa se o vocalista estava fora da banda. Aliás, era cada um por si, como nas prisões de Neil, pelo acidente automobilístico que causou a morte de Razzle, baterista do Hanoi Rocks, em 1984; ou de Lee, por agredir a ex-mulher Pamela Anderson, em 1998. Vai cumprir pena? Falo com você na volta, então. Era assim que funcionava no Mötley Crüe, e uma ruptura era inevitável. E foram duas: Neil deixou a banda em 1992, depois do megassucesso de *Dr. Feelgood* (1989), e seu substituto, John Corabi (ex-The Scream), não ficou imune às polêmicas.

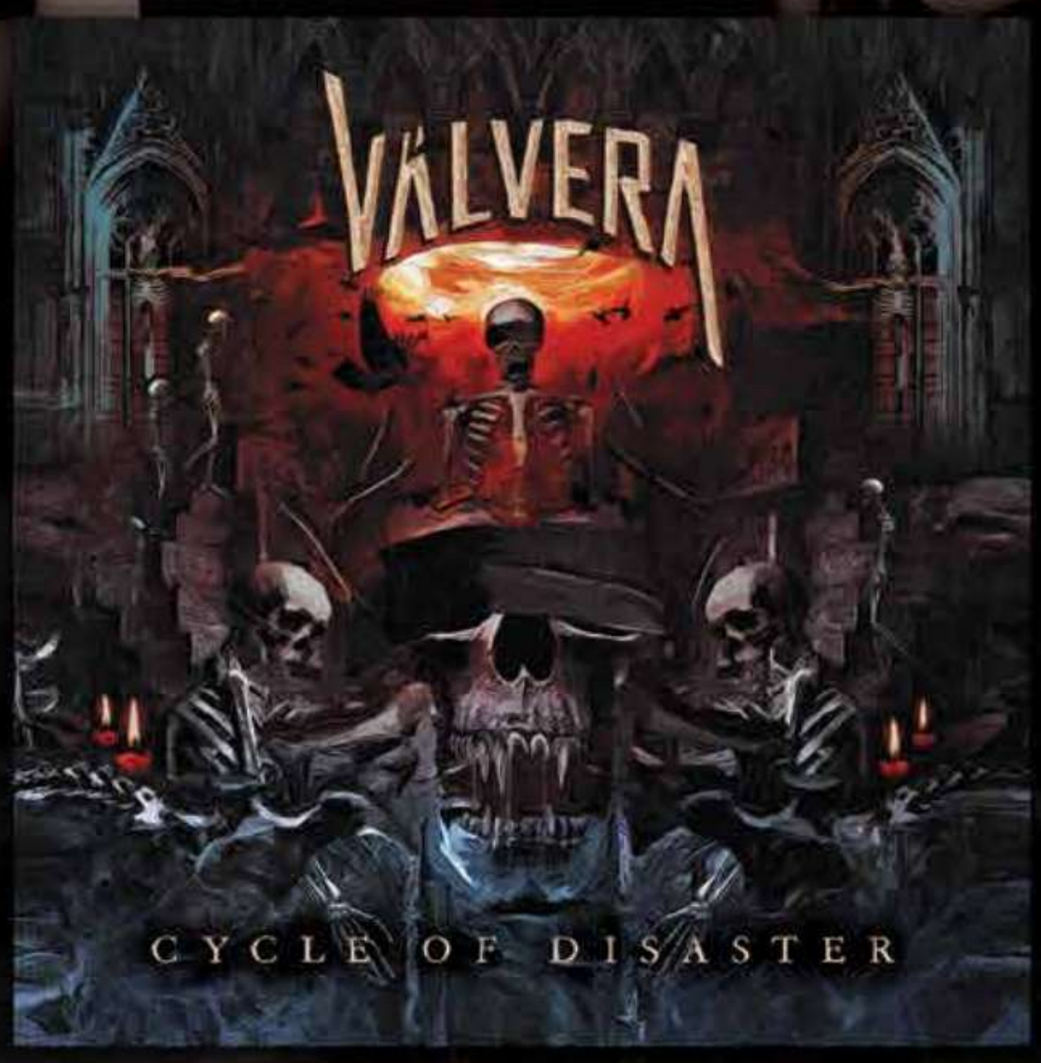
"Eu me dou bem com todos os caras. Troco e-mails e mensagens de texto com Tommy o tempo todo. Como o Mick mora em Nashville, estamos sempre nos vendo. Obviamente, é sempre na boa quando encontro o Vince. Mas por alguma razão, e eu não dou a mínima para isso, Nikki tem tesão por mim", disse Corabi ao podcast Noize In The Attic, em 2016, ironizando o baixista pelas vezes em que foi criticado por ele. Talvez seja porque *Mötley Crüe* (1994) foi um fracasso de vendas, ou porque Lee e Mars adoram o disco, mas Sixx tem outro desafeto. Uma desafeta, no caso: Samantha Maloney, baterista do Hole que fez a turnê de *New Tattoo* (2000) enquanto Randy Castillo (1950-2002) cuidava de um câncer no estômago que, infelizmente, não conseguiu vencer. Em entrevista ao Metal Sludge em 2002, Samantha zoou Donna D'Errico, esposa do baixista, com um "Quem é ela?", e Sixx, que teve um caso com a baterista, perdeu a linha na resposta: "Uma groupie vadia e porca que poderia fazer um homem virar gay". Baixaria? No Mötley Crüe, temos.

Daniel Dutra

Divulgação

Mark Weiss

By_Lu*Ch@quf



Lançamento mundial dia **28** de **Agosto** de **2020** via **Brutal Records** / **Sony Music**.

A pré-venda começa dia **10** de **Julho**.

WWW.VALVERA.COM.BR

SONY MUSIC BRUTAL RECORDS The Orchard

RELEASES

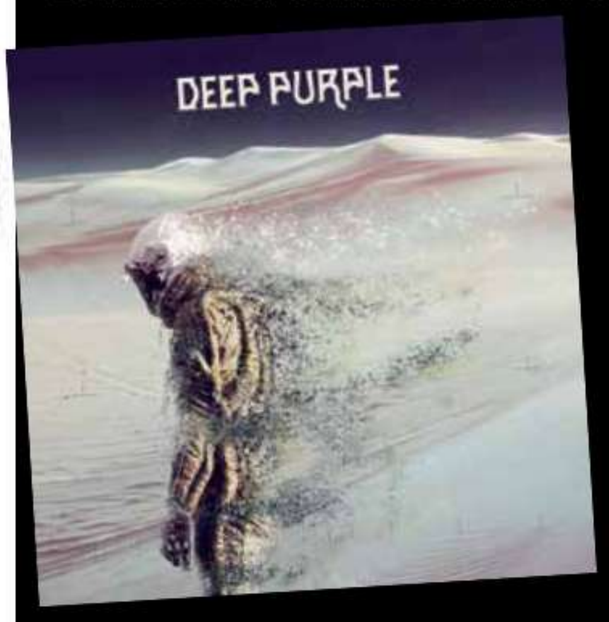
Ben Wolf

DEEP PURPLE

WHOOSH!

EARMUSIC/SHINIGAMI/SOUND CITY - NAC.

10



Mais um disco do Deep Purple? Sim, mais um disco do Deep Purple, e justamente quando não se esperava que Ian Gillan (vocal), Steve Morse (guitarra), Roger Glover (baixo), Don Airey (teclados) e Ian Paice (bateria) voltassem ao estúdio, afinal, depois de *inFinite* (2017) veio a The Long Goodbye Tour e a consequente especulação de que a banda inglesa penduraria os instrumentos. Não foi o que aconteceu, felizmente, porque *Whoosh!* é a melhor das três provas de que, sob o comando do produtor Bob Ezrin, o quinteto ainda tem o que dizer. Você pode encontrar mais detalhes na entrevista com Gillan que ilustra a capa desta edição da ROADIE CREW, mas a verdade é que o 21º álbum de estúdio do Purple apresenta a classe, a elegância e o talento de sempre (e de sobra) num trabalho fenomenal e para figurar entre os melhores do grupo em seus 52 anos de vida (considerando o hiato entre 1976 e 1984). Não, eu não estou maluco, e Silver Voice pode jogar uma luz antes dos porquês.

"Nada é original. Tudo vem de algum lugar. No Deep Purple, nosso background individual incluía composições orquestrais, jazz, big bands, rock'n'roll, swing, folk, soul music e o que mais você possa imaginar. Chopin, por exemplo, teve grande papel no que fizemos, e ele foi o Jimi Hendrix da sua época. Assim como Frank Sinatra e, depois, Little Richard, Elvis Presley, Buddy Holly, The Everly Brothers e vários outros artistas", disse o vocalista durante o bate-papo que começa na página 18. Isso explica por que *Whoosh!* tem uma sonoridade maravilhosa: é a mão do produtor e a qualidade da banda, que percorre sua história a ponto de *We're All in the Same Dark* não apenas se encaixar em qualquer obra lançada entre 1970 e 1973: nela, Morse não se faz de rogado ao sugerir um sopro de Ritchie Blackmore. E o delicioso rock'n'roll *What the What*? É um primo distante de *Lucille*, carregado pelo piano de Airey e com uma empolgação também à la Blues Brothers. E *No Need to Shout*? Talvez não seja à toa que a primeira nota o faça jurar que vai entrar *Perfect Strangers*, fora a interpretação única de Gillan.

Mas voltando a Airey e Morse, é preciso dizer que os dois brilham demais, e *Nothing at All* é mais uma prova, com temas sensacionais em duelos do tecladista com o guitarrista. Há aquela beleza peculiar e intimista em canções como *Step By Step* e *Power of the Moon*; doses exatas de peso The Long Way Round e Man Alive; e muito groove – que o Deep Purple já tinha antes da MK III, diga-se – em *Drop the Weapon*, *Dancing in My Sleep* (maravilhosamente funkeada), *And the Address* (instrumental sensacional!) e *Throw My Bones* (repare nos arranjos orquestrais). São muitos os elementos que fizeram do Deep Purple um dos maiores e melhores nomes da história do rock, e pouco importa se é o tempo que vai se encarregar de transformar *Whoosh!* em clássico ou não, porque o álbum está com *In Rock*, *Machine Head*, *Burn*, *Perfect Strangers* e *Purpendicular* no rol das melhores obras criadas pela banda.

Daniel Dutra

ABORTED

LA GRANDE MASCARADE

CENTURY MEDIA - IMP.

7,5

Você nem precisa se esforçar para puxar na memória, afinal, foi apenas em 2018 que o Aborted lançou o seu álbum completo mais recente, *Terrorvision*. E o que tínhamos lá? Os belgas continuaram seu incessante caminho de evolução dentro do metal extremo, continuaram entregando músicas rápidas e repletas de violência, o bom humor e o 'gore' continuaram se misturando em letras divertidas e repletas de referências a filmes 'cult' de terror, e este novo EP nada mais é do que mais um pouco de Aborted soando exatamente como Aborted. Mais do mesmo? Sim, o que é genial para nós que amamos isso! A diferença é que desta vez não temos muito material para analisar: são apenas três faixas, distribuídas em menos de doze minutos de música. Ainda assim, o ataque técnico e preciso da banda em *Gloom And The Art of Tribulation* é digno de menção, e faz você mais uma vez perceber o quanto a entrada do baixista Stephano Franceschini foi importante para o resultado final. Se é fã, compre de olhos fechados.

Valtemir Amler

TESLA

FIVE MAN LONDON JAM

UME - IMP.

9,5

Um dos álbuns mais aclamados do Tesla, o acústico ao vivo *Five Man Acoustical Jam* (1990), foi um tremendo sucesso: Disco de Platina e Top 20 da Billboard. Para celebrar os 30 anos dele, o grupo teve a ideia de lançar outro acústico ao vivo. E melhor do que isso é que *Five Man London Jam* foi gravado (em 2019) no "templo" dos Beatles, o lendário Abbey Road Studios. Com áudio de primeira e imagem em alta definição 4K, está sendo lançado nos formatos CD, LP duplo, Blu-Ray e digitalmente. Para uma pequena e felizarda plateia, Jeff Keith (vocal), Frank Hannon e Dave Rude (guitarras), Brian Wheat (baixo) e Troy Luccketta (bateria) exibem um set com ótimas versões desplugadas. Entre elas, clássicos como *Cumin' Atcha Live* – emendada com trecho de *Truckin'* do Grateful Dead –, *What You Give* (uma das mais belas baladas do hard rock), *Call it What You Want*, *Paradise*, *Stir it Up* e *Love Song*, além dos hinos *Signs* (Five Man Electrical Band) e *Work it Out* (Beatles). E o repertório ainda traz *Tied to the Tracks*, *California Summer Song* e *Forever Loving You*, do mais recente álbum de estúdio, *Shock* (2019). Em uma palavra? Brilhante!

Leandro Nogueira Coppi

GOD DETHRONED

ILLUMINATI

METAL BLADE - IMP.

8,5

Cerca de três anos depois de finalizar a sua bem-sucedida trilogia sobre a Primeira Guerra Mundial, os gigantes holandeses do God Dethroned estão de volta com um novo álbum completo, e com um novo conceito temático. Apesar das mencionadas novidades, nem tudo foi transformado na banda liderada pelo guitarrista/vocalista Henri Satler. Os ótimos riffs de guitarra, recheados de melodias pungentes e cativantes, continuam sendo o motor que impulsiona as composições. Os vocais ainda são o que de mais 'death metal' existe no som do grupo, que flerta com thrash, heavy tradicional, doom e até elementos mais modernos, sem perder a originalidade que a tornou em um dos destaques do cenário. Sem demora, confira a incrível faixa-título, mergulhe de cabeça em *Eye of Horus* e aproveite a sequência com o longo ataque de *Blood Moon Eclipse*, que dá toque final ao petardo. Unindo as antigas referências místicas e História, o God Dethroned surpreendeu mais uma vez!

Valtemir Amler

THE BLACK DAHLIA MURDER

VERMINOUS
METAL BLADE - IMP.

9,0

Pouco mais de dois anos e meio. Este é o maior intervalo de tempo entre dois discos de estúdio do The Black Dahlia Murder, justamente o período que separa *Nightbringers* (2017) do nono e mais recente álbum do quinteto norte-americano, *Verminous* (2020). Não que isso tenha influenciado diretamente no resultado final deste trabalho, mas é perceptível um cuidado especial no quesito "ir direto ao ponto". Isso porque neste segundo full-length consecutivo com o guitarrista Brandon Ellis, o Black Dahlia mantém aquela fórmula que o tornou um dos mais renomados nomes do death metal melódico do mundo (a saber: riffs ríspidos, linhas melódicas, cozinha versátil e vocais que partem do rasgado para o gutural), ao mesmo tempo em que elimina algumas 'gordurinhas'. Na prática, significa que o grupo – completado por Trevor Strnad (vocal), Brian Eschbach (guitarra), Max Lavelle (baixo) e Alan Cassidy (bateria) e que novamente contou com a produção executiva de Brian Slagel – fundiu com maestria senso melódico e brutalidade tendo a simplicidade como invólucro e a técnica apurada em seu âmago. Melhor deixar que suas dez faixas, a destacar *Verminous*, *Removal of the Oaken Stake* e *Child of Night*, falem por si só.

Thiago Prata

WOLF

FEEDING THE MACHINE
CENTURY MEDIA - IMP.

8,5

Feeding the Machine não é apenas o oitavo álbum do Wolf e que dá fim a um hiato de seis anos desde *Devil Seed* (2014). É também o início de uma nova era para o grupo sueco. Isso porque o líder, vocalista e guitarrista Niklas Stålvind passa a ter Simon Johansson (guitarra) definitivamente como seu novo braço direito: além de ser um músico técnico, Johansson colaborou para a composição de três (*Midnight Hour*, *Mass Confusion* e *The Cold Emptiness*) das 12 faixas deste trabalho e ainda produziu todo o play. Além disso, *Feeding the Machine* marca a estreia do baixista Pontus Egberg (King Diamond, Treat, Lion's Share, Zan Clan, The Poodles e Dark Illusion) e do baterista Johan Koleberg (ex-HammerFall, Therion, Lion's Share, Zan Clan e Chris Laney). Um timaço, concorda? Essa combinação resultou em um ótimo disco de heavy metal, com pitadas de speed, hard e thrash, que tem nas canções citadas, o cartão de visitas *Shoot to Kill*, a faixa-título e *Devil in the Flesh* alguns de seus melhores momentos. Menção honrosa à mixagem de Fredrik Nordström (HammerFall, Arch Enemy) e à enigmática arte de capa de Thomas Holm, reconhecido pelos trabalhos com Mercyful Fate, King Diamond e o próprio Wolf.

Thiago Prata

CIRITH UNGOL

FOREVER BLACK
METAL BLADE - IMP.

8,0

Assim como o Heavy Load, a volta de outro gigante do metal épico, Cirith Ungol, deixou os fãs empolgados, sobretudo por contar com 4/5 da formação clássica. Ou seja, Tim Baker (vocal), Jim Barraza e Greg Lindstrom (guitarras) e Robert Garven (bateria) se uniram ao "novato" e já bastante experiente Jarvis Leatherby (baixo, Night Demon) para matar a saudade dos palcos e renovar o espírito desbravador do grupo americano. Com o lançamento do ao vivo *I'm Alive* (2019), gravado no festival "Up The Hammers", em Atenas (GRE), o quinteto não demorou muito para soltar *Forever Black*, que reúne o que há de melhor da sonoridade do Cirith Ungol, forjada nestes quase 50 anos de história. E nada mudou desde os clássicos tempos de *Frost and Fire* (1981) e *King of the Dead* (1984). O peso arrastado continua lá, a voz marcante de Tim segue firme e forte, e o clima épico permeia todas as faixas. Uma característica que sempre gostei na banda é a pegada de Garven, vide as levadas de *The Frost Monstreme* e *Legion's Arise*. A qualidade das músicas é bem homogênea, mas destacam-se *The Fire Divine*, *Nightmare* e, principalmente, a faixa-título, pelo riff cortante e solo inspirado. Que este retorno seja duradouro e nos brinde com mais obras como *Forever Black*.

Maicon Leite

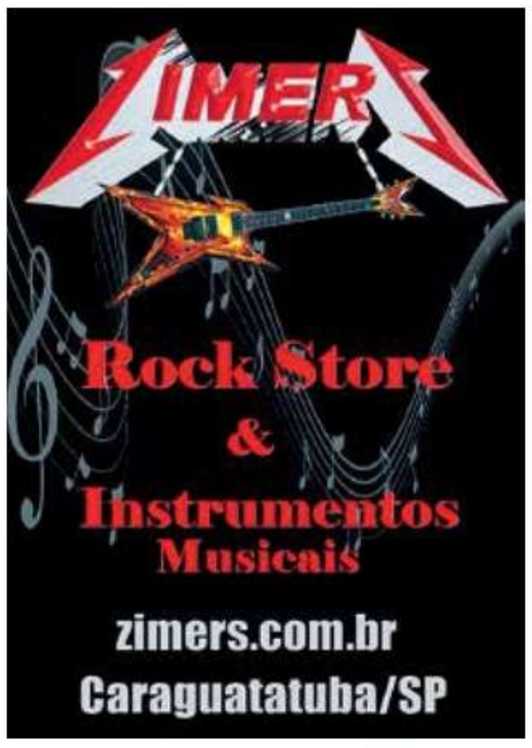
VANDENBERG

2020
HELLION - NAC.

7,5

O guitarrista holandês Adrian Vandenberg, que começou a ficar conhecido em 1982, quando soltou o debut homônimo com o Vandenberg, fez fama com sua passagem pelo Whitesnake. Agora, reativado com Ronnie Romero (vocal, Lords of Black, Ritchie Blackmore's Rainbow), Randy Van Der Elsen (baixo, ex-Tank) e Koen Herfst (bateria), o grupo apresenta *2020*. Com produção do experiente Bob Marlette, o álbum abre com a energética *Shadows of the Night*, com uma cara Rainbow, Whitesnake e Dio. *Freight Train*, promovida com lyric video, vem com mais "malícia" e toque 80's, sem aquele traço de Rainbow, que tem (e muito) em *Ride Like The Wind*. No entanto, se fechar os olhos pensará em Jorn Lande e, consequentemente, em David Coverdale ao ouvir as faixas *Hell and High Water*, *Shout* e *Shitstorm*. Ainda há um riff bem Whitesnake da fase *1987* em *Light Up The Sky*. Destaque também para *Skyfall*, que saiu em lyric video, e a regravação da conhecida *Burning Heart*, que contou com a presença de Rudy Sarzo (baixo), e Brian Tichy (bateria) entre os convidados. Nada de especial, mas se gosta de Rainbow, Whitesnake, Dio e do próprio Vandenberg, confira!

Ricardo Batalha



CINCO MELHORES ÁLBUNS SEGUNDO:

TELOCH
(MAYHEM, NIDINGR)

Death - *Scream Bloody Gore*
Pestilence - *Malleus Maleficarum*
Voivod - *Killing Machine*
Metallica - *Kill 'Em All*
Slayer - *Reign in Blood*

Fotos: Divulgação

MAIK WEICHERT
(HEAVEN SHALL BURN)

Bolt Thrower - *For Victory*
Slayer - *Reign in Blood*
Iron Maiden - *Live After Death*
Manowar - *Kings of Metal*
Metallica - *...And Justice for All*

VADER

SOLITUDE IN MADNESS
NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI - NAC.

9,5

Quando o EP *Thy Messenger* foi lançado no ano passado, você já sabia: tinha álbum novo do Vader a caminho. E, claro, isso se cumpriu, já que essa se tornou uma das tradições dos gigantes poloneses do death/thrash metal. Outra tradição que Peter Wiwczarek (vocal e guitarra) e seus asseclas fazem questão de manter é o ataque destruidor e incessante que caracteriza o grupo desde os seus primórdios. Assim sendo, você já sabe o que esperar aqui: uma unidade sonora maciça, que não procura soar extremamente variado, mas que não cessa a agressão nem por um único segundo. Claro que o ouvinte atento perceberá que *Into Oblivion* busca guitarras levemente mais melódicas do que *Shock And Awe*, e que *Incineration of the Gods* tem levada mais pulsante do que a corrida *Stigma of Divinity*, mas o que importa é que aqui o som é extremo do começo ao fim, como ouvíamos nos velhos álbuns de gente como Demolition Hammer, Devastation e Protector. Compre de olhos fechados, como sempre!

Valtemir Amler

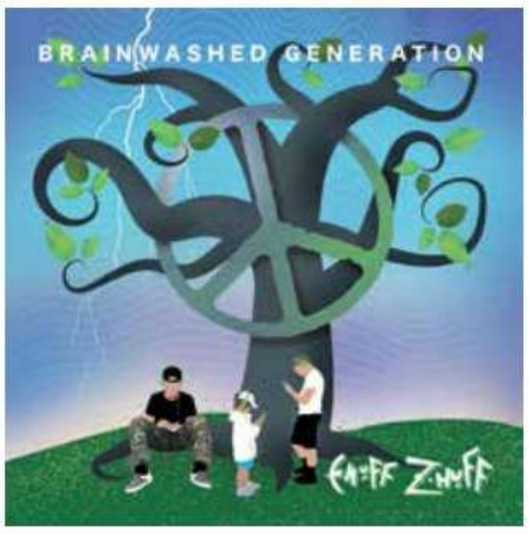
VEGA

GRIT YOUR TEETH
FRONTIERS MUSIC - IMP.

8,0

Agradável de ouvir, com uma ordem de repertório bem escolhida, principalmente no começo, o sexto disco de estúdio dos ingleses do Vega se mostra vencedor, especialmente para fãs de hard rock. Nick Workman (vocal), Marcus Thurston e Mikey Kew (guitarras), Tom Martin (baixo), Martin Hutchison (bateria) e James Martin (teclado) iniciaram a promoção do sucessor de *Only Human* (2018) com o clipe de *How We Live* que, apesar de bem construída no melodic rock e com toque pop, não é a melhor do álbum. Trabalhando entre camadas de hard, melodic, AOR e modern hard rock, tendo boas linhas de voz e coros pegajosos, o quinteto se sai muito bem em faixas como *Blind*, *(I Don't Need) Perfection*, *Grit Your Teeth*, *Don't Fool Yourself*, *Save Me from Myself* e, principalmente, *Man On A Mission*. Em *This One's For You*, é curioso e surpreendente notar uma melodia semelhante com *Stop Haunting Me*, faixa de *Sun Seth*, gravado em 2006 pela banda Sunseth Midnight, da qual integrei. Apesar de não curtir muito *Consequence of Having a Heart* e nem a "pra baixo" *Battles Ain't a War*, a única descartável é a faixa de encerramento, *Done With Me*. O Vegas declara não ser "uma banda com som anos 80", mas também precisa se tocar que já tem estilo próprio e esquecer os "entendidos" do mercado.

Ricardo Batalha



ENUFF Z'NUFF

BRAINWASHED GENERATION
FRONTIERS MUSIC - IMP.

7,5

Tudo bem, a treta entre Chip Z'Nuff e Donnie Vie poderia ser mais uma selecionada para este especial. Porém, o que o grupo americano Enuff Z'Nuff segue fazendo é o seu rock baseado em Cheap Trick e Beatles, com algumas pegadas de hard rock. Esse ano mesmo, em um dos shows da banda que pude ver no "Monsters of Rock Cruise", o próprio baixista e vocalista declarou no palco: "O Cheap Trick copiou os Beatles e nós copiamos as duas." Chip, hoje acompanhado por Alex Kane e Tory Stoffregen (guitarras) e Daniel Benjamin Hill (bateria), é sempre bem humorado e tem suas tiradas irônicas, mas o que se ouve no sucessor de *Diamond Boy* (2018) é exatamente isso. Muitos fãs largaram a banda após a saída de Donnie Vie, mas Chip não faz feio no vocal – nem ao vivo – e aquele espírito de leveza, de som para curtir em qualquer momento está mantido. A faixa promovida anteriormente como single, *Fatal Distraction*, comprova isso. O lado mais rock'n'roll com palhetadas abafadas e bons vocais de apoio entra em cena em *I Got My Money Where My Mouth Is*. Outra que merece atenção é *Drugland Weekend*, com um belo solo e batera a cargo de Daxx Nielsen (Cheap Trick) – no release consta que Ace Frehley participou gravando as bases. Porém, o crédito está "inaudible lead guitar track 7". Confira também *Winding Road*. Ah, sabe quem participa de *Strangers In My Head*? O próprio Donnie Vie. Outros convidados da lista são Mike Portnoy, Steve Ramone, Tony Fennell, Joel Norman e Brian Ray. Confira!

Ricardo Batalha

TOKYO MOTOR FIST

LIONS
FRONTIERS MUSIC - IMP.

8,5

A união de Ted Poley (vocal, Danger Danger), Steve Brown (guitarra e teclado, Trixter), Greg Smith (baixo, Ted Nugent, Rainbow, Alice Cooper e outros) e Chuck Burgi (bateria, Rainbow, Blue Oyster Cult, Joe Lynn Turner e Billy Joel) já tinha dados bons frutos no disco de estreia, homônimo, lançado em 2017. Porém, eles conseguiram se superar com *Lions*. O repertório dinâmico e agradável traz faixas que irão contentar não somente fãs de Danger Danger e Trixter, mas de hard e melodic rock em geral. *Youngblood* já traz Steve Brown em grande forma, enquanto os backing vocals na linha do Def Leppard e do próprio Danger Danger, mas os da fase com Paul Laine, são os destaques em *Monster In Me*. Não deixe de ouvir *Winner Takes All*, *Mean It*, *Decadence On 10Th Street* e *Dream Your Heart Out*. Para quem curte baladas, vá para *Blow Your Mind* e *Look Into Me*. O melhor de tudo é que a banda ao vivo corresponde, pois pude comprovar este ano quando os vi no "Monsters of Rock Cruise".

Ricardo Batalha

EVE DESIRE

PRELUDE TO SINGULARITY
INDEPENDENTE - NAC.

8,0

Costuma-se dizer que as jornadas são mais longas e extenuantes para aqueles artistas que se aventuram nos caminhos do heavy metal. Se contarmos os anos que se passaram desde o single *Vitruvia* até o lançamento deste debut, a frase ganha e muito sentido. Porém, se o que vale são as pegadas que deixa neste caminho, *Prelude to Singularity* mostra que a vocalista Arya Medeiros e o tecladista Wagner Cappia caminharam com segurança, e se encheram de 'troféus' ao longo da jornada. Ao todo, são oito músicas neste primeiro registro (que Arya nos contou ser a primeira parte de uma trilogia), que incluem os já conhecidos singles *Quantica* e *Vitruvia*. Se você os ouviu e gostou, mergulhe direto nos ótimos arranjos de *Elysium* (elementos melódicos na medida certa), se surpreenda com a ótima *New Past*, e não deixe de conferir a sensível *Eternally*, cada uma delas um destaque inegável. Mais uma ótima pedida para os fãs do chamado metal sinfônico.

Valtemir Amler

BLOODY HEELS

IGNITE THE SKY
FRONTIERS - IMP.

8,0

A gravação, com a bateria naquela pegada digital, até pode incomodar a audição do segundo álbum do Bloody Heels, grupo de hard rock da Letônia. Isso se dá especialmente na faixa de abertura, que dá título ao disco e é bem energética. Porém, várias outras do sucessor

de *Through Mystery* (2017), como a pesada e grudenta *Criminal Masterminds*, empolgam e logo cairão no gosto dos fãs, a despeito do "detalhe" da caixa da bateria. O trabalho de Vicky White (vocal), Harry Rivers (guitarra), Gunn Everett (baixo) e Gus Hawk (bateria) é legal, tem punch, pegada, malícia e ganchos hard 80's, gang vocals e afins. Não deixe de ouvir a melódica *Thin Line*, a instigante *Sugar & Spice*, a de início 'funky' e com bases metal *Farewell To Yesterday* e os riffs Ratt e o solo animal de *Stand Your Ground*. Já *Black Swan* traz na parte final um teminha na escola Neal Schon pra lá de marcante. *Healing Waters* é outra interessante, com direito a uma bela caída de ritmo e até um solo de saxofone. O final vem com a acelerada *Streets of Misery*. Indicado a fãs de hard rock em geral. Poderia até aumentar a nota, mas vai...

Ricardo Batalha

CRO-MAGS

IN THE BEGINNING
MISSION TWO - IMP.

9,0

Os fãs já não sabiam o que pensar, mas em abril de 2019 foi anunciado que o baixista/vocalista Harley Flanagan ganhou judicialmente o direito de uso do nome Cro-Mags, enquanto seus contendores, o vocalista John Johnson e o baterista Mackie Jayson teriam que atuar sob o nome Cro-Mags JM. De lá pra cá, a banda tem se mostrado muito mais ativa, e finalmente, quando ninguém mais acreditava, eis que finalmente temos em mãos um novo álbum completo do Cro-Mags. Vinte anos depois de *Revenge*, este novo *In The Beginning* mantém viva a sonoridade que tornou este em um dos principais nomes do hardcore nova-iorquino, o que é fácil perceber no ritmo pungente e alucinante de *Don't Give In*, que abre os trabalhos. *Drag You Under* tem tudo aquilo que fãs de crossover amam, a velocidade e a atitude do hardcore com a violência e o peso do thrash metal. Nesta mesma seara, podemos destacar ainda *Don't Talk About It* e *One Bad Decision*, enquanto *No Turning Back* e *PTSD* agregam elementos diferenciados. Não é um *The Age of Quarrel* (1986), mas merece toda a atenção!

Valtemir Amler

PICTURE

LIVE IN SÃO PAULO (DVD/BLU-RAY)
CLASSIC METAL - NAC.

8,5

Há quem diga que fãs são chatos, pedintes e inoportunos em certas ocasiões. Porém, tem o lado de quem coloca a mão na massa e realiza um trabalho digno. Assim, quando você comparece a um show de uma banda com tanta história, como é o caso da holandesa Picture, e vê que o momento ficou registrado para a posteridade, a sensação é diferente. Não, eu não estou falando da resenha que fiz do show, realizado a 16 de junho de 2019, mas do lançamento em DVD e Blu-Ray. Este foi o primeiro, neste formato, registrado por uma banda internacional no Manifesto Bar, em São Paulo (SP). Tudo graças aos esforços da Classic Metal Records e, claro, do apoio Fã-Clube Picture Brasil. Se acha isso estranho, leia o relato da turnê no encarte, assinado por Patricia Vera, presidente do fã-clube. Tudo exprime paixão, assim como a banda no palco em sua terceira vinda ao Brasil. O heavy metal nos passa essas sensações o tempo todo, mas quando você viu 'in-loco' e sentiu o mesmo, por mais que compareceu para trabalhar, a sensação é quase indescritível. É uma superprodução? Não, não é. Se está preocupado isso, azar. Você não é heavy de raiz. Porém, como todos que compareceram ao Manifesto Bar naquela noite e eu somos, saiba que irá ver a formação original – Ronald van Prooijen (vocal), Jan Bechtum (guitarra), Rinus Vreugdenhill (baixo) e Laurens "Bakkie" Bakker (bateria) –, reforçada do guitarrista Appie de Gelder, tocando clássicos dos álbuns *Picture* (1980), *Heavy Metal Ears* (1981), *Diamond Dreamer* (1982), *Eternal Dark* (1983), entre outras. O pacote ainda vem embalado com 2 CDs de áudio e traz fotos de Roberto Sant'Anna, da ROADIE CREW. Em suma: o dia que o heavy metal não for mais visto, vivido e sentido com paixão, esqueça. Porém, felizmente, 50 anos depois do lançamento do primeiro do Black Sabbath, ele é. Quem tem isso nas veias e no coração não o largará nunca. Nem depois da morte.

Ricardo Batalha

DEEP PURPLE
STORMBRINGER

Grande clássico dos ingleses do Deep Purple, o nono disco de estúdio, lançado em 1974, é o segundo que traz a participação do vocalista David Coverdale e o baixista e vocalista Glenn Hughes. *Stormbringer* é dono de uma capa belíssima e com uma história curiosa. A arte é baseada em uma antiga foto muito popular, tirada por uma colegial chamada Lucille Handberg, a 8 de julho de 1927, durante um forte tornado que aconteceu perto da cidade de Jasper, Minnesota (EUA).

A capa inicialmente seria assinada pelo renomado artista americano John Cabalka, mas ele acabou oferecendo o projeto para seu amigo, e também artista, Joe Garnett, que, na época, estava fazendo trabalhos freelance em Los Angeles. Garnett, que recebeu uma foto em preto e branco do tornado, estava incumbido de transformá-la em uma pintura a óleo, acrescentando o cavalo-alado branco (o famoso pegasus) e relâmpagos com tons de arco-íris, trazendo uma abordagem mais mitológica para a imagem. Então, finalmente, ela se tornou a capa e a contracapa deste álbum icônico.

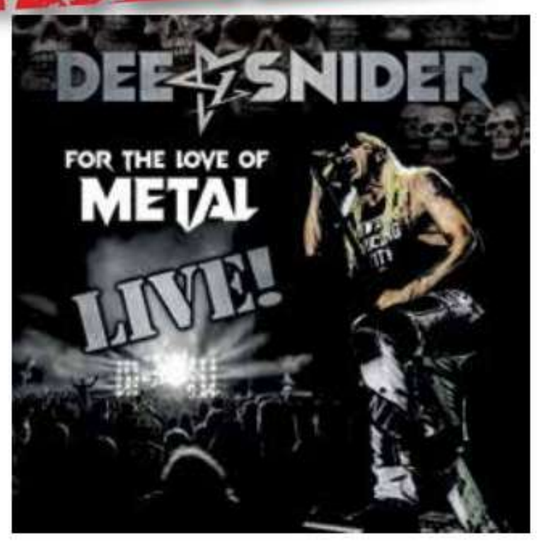
Cabalka faleceu em 2013, mas Garnett, hoje com 72 anos de idade, vive no Texas, é poeta, escritor e um eclético pintor, influenciado por artistas como Da Vinci, Cezanne, Picasso, Gauguin, entre outros em torno da arte surrealista, expressionista e dadaísta, além de amar fotografia experimental e esculturas modernas.

Além de ser o primeiro lançamento do Purple a não trazer fotos dos membros da banda na capa, uma curiosidade é que a mesma fotografia de Lucille, que inspirou a capa de *Stormbringer*, foi usada em *Bitches Brew* (Miles David, 1970) e *Tinderbox* (Siouxsie and the Banshees, 1986).

Stormbringer é o título do segundo romance de Michael Moorcock, do lendário anti-herói Elric of Melnibone, e é o nome dado a uma espada mágica descrita em seus romances e quadrinhos nas idas dos anos 1960 e 70. É impressionante como as histórias dos bastidores e produção das artes dos discos tornam tudo ainda mais interessante, não é? Para fechar, outra curiosidade, agora não relacionada à capa: na faixa-título, logo antes do primeiro verso cantado, dá para notar "sussurros" de Coverdale, super discretos. Segundo Hughes, aquela fala é parte de um diálogo inverso que a personagem Regan, de Linda Blair, profere no filme "O Exorcista", quando é questionada pelo padre. Disco, arte e histórias fantásticas!

(*) ARTISTA GRÁFICO BRASILEIRO QUE JÁ FEZ TRABALHOS PARA BANDAS COMO SLAYER, KREATOR, MACHINE HEAD, HATEBREED, SOULFLY E DARK FUNERAL, ENTRE OUTRAS.

RELEASES



DEE SNIDER

FOR THE LOVE OF METAL LIVE!
HELLION - NAC.

8,5

O dia 23 de março de 2019 foi inesquecível para quem compareceu ao Tom Brasil (SP) para o show de Dee Snider, que promovia *For the Love of Metal*, apontado por este redator com o melhor lançamento de 2018. Agora é a vez de *For The Love of Metal Live!*, que saiu em diferentes formatos (CD físico e digital, DVD e Blu-Ray) e com algumas mudanças no repertório, captado em apresentações nos EUA, Inglaterra, Austrália e outras localidades. Exceto pela arte de capa, que poderia ser muito mais atraente, destaques para *Tomorrow's No Concern*, *I Am the Hurricane* e *For the Love of Metal*. E, claro, é certeza que você irá curtir o punch e o peso dado a clássicos do Twisted Sister, como *You Can't Stop Rock 'N' Roll*, *Under the Blade*, *The Kids Are Back* e a versão estendida de *Burn In Hell*. Snider explicou que preferiu excluir a balada *The Price*, porque ela destoaria da dinâmica energética das faixas do ao vivo. Porém, o repertório do CD físico ainda traz os hits *We're Not Gonna Take It* e *I Wanna Rock*, além de um cover de *Highway To Hell* (AC/DC), com a licença poética quando canta "Hey mama, look at 'Dee', I'm on my way to the promised land", e a inédita de estúdio *Prove Me Wrong*, vindo na linha metal tradicional com peso e riffs furiosos. A versão digital vem com *Ready to Fall* (Widowmaker), *The Fire Still Burns* (Twisted Sister) e *Roll Over You*, de For the Love of Metal. O incansável multifunção segue sendo um dos melhores performers da história do rock. Divirta-se!

Ricardo Batalha

WITCHCRAFT

BLACK METAL
NUCLEAR BLAST - IMP.

5,5

Batizar um disco acústico de *Black Metal*, acredite, é o menor dos problemas depois que você o coloca para tocar. E também não é pelo fato de este sexto álbum de estúdio do Witchcraft não seguir à risca, em momento algum, a energia e aura setentista do peculiar doom metal da banda sueca e seus cinco primeiros trabalhos. A verdade é que grande parte do material de *Black Metal* é insossa e repetitiva. É evidente também que mais parece um voo solo de seu líder Magnus Pelander, que, por meio de voz e violão (e raríssimas inserções de piano), gravou sete canções minimalistas e intimistas. No entanto, mesmo se não carregasse o nome Witchcraft, ainda assim soaria sem brilho, algo notório em canções como *Sad People*, *Sad Dog* e *Take Him Away* (essas três são de dar sono). A melhorzinha é a melancólica *Elegantly Expressed Depression*, incapaz, porém, de salvar o resultado final. Quer uma curiosidade: a primeira banda do baterista Ricardo Confessori, com Gastão Moreira (sim, o ex-MTV), tinha esse nome.

Thiago Prata

WOLFHEART

WOLVES OF KARELIA
NAPALM - IMP.

9,0

Nem deu tempo para sentir saudades: em 2018, o Wolfheart soltou seu quarto álbum completo, *Constellation of the Black Light*; em 2019, teve uma passagem triunfal pelo Brasil ao lado dos italianos do Fleshgod Apocalypse e, agora, Tuomas Saukkonen e seus companheiros atacam novamente com *Wolves of Karelia*. Muitas das velhas características que norteiam o chamado 'winter metal' do grupo finlandês permanecem intactos aqui. Você ainda ouve os riffs melódicos carregados de referências black metal, assim como os vocais de Tuomas ainda trilham os caminhos típicos do death sueco noventista – ouça isso em detalhes na abertura, *Hail of Steel*, que ainda traz um forte acento épico. Tuomas também permanece explorando emoções como a tristeza e a depressão, que ficam evidentes em linhas vocais fortes e bem marcadas (graças à ótima mixagem), e em um instrumental rico e repleto de alterações. *Horizon on Fire* é uma das mais belas músicas de 2020, seja por suas partes extremas ou pelas referências acústicas. Ouça ainda a moderna *Reaper* e a épica *Arrows of Chaos*.

Valtemir Amler

ISOLE

DYSTOPIA
HAMMERHEART - IMP.

8,0

Formada em 1990, quando se chamava Forlorn, o Isole lançou seu debut em 2005 e, de lá pra cá, vem cativando fãs do doom metal com músicas repletas de peso, densidade, produções primorosas e muita classe. *Dystopia* mantém essas características e ainda consegue se mostrar mais intenso, o que fica claro logo na faixa de abertura, a excelente *Beyond the Horizon*. A melancolia presente em *Written in the Sand* agradará os fãs de Candlemass e Anathema (antigo), tamanha a aura sombria que acompanha as guitarras. Dentre as demais do repertório, destaques para *You Went Away*, que mostra o quanto Tony Iommi foi, é e sempre será, uma das maiores referências do estilo, o que se repete em *Forged by Fear*. Nesta, ao ouvir os riffs de Crister Olsson e Daniel Bryntse (que também dividem os vocais), podemos imaginar como o maior criador de riffs da história do heavy metal deve ficar orgulhoso de seu legado. A atmosfera sombria e obscura ganha maior evidência em *Nothingness*, que encerra o trabalho garantindo momentos de grande satisfação aos que apreciam doom metal.

Sergiomar Menezes

PARADISE LOST

OBSIDIAN
NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI - NAC.

9,5

Em seus mais de trinta anos de estrada, os britânicos do Paradise Lost trilharam os mais variados caminhos. Daquela banda que iniciou a jornada como um dos pioneiros do doom/death metal, passando pela sonoridade rica e elaborada de *Draconian Times* (1995) até o sutil (e, por isso, desafiador) *Host* (1999), o que sempre permaneceu foi a atitude de criar apenas e somente a música em que acreditam, independentemente de tendências, louvores e/ou execração pública. Sendo assim, o que poderia ser melhor do que um álbum que passeia por toda essa história repleta de forte convicção? *Obsidian* começa forte com *Darker Thoughts*, que vai de vocais limpos e dedilhados para guturais e riffs lentos e pesados. Uma das melhores do repertório, *Fall From Grace*, faz o caminho inverso, mergulhando o ouvinte em um universo lúgubre, essencial para a música do grupo. Mergulhando ainda mais fundo nos destaques de um disco quase perfeito, ouça *Forsaken, Hope Dies Young* e *Ravenghast* até se convencer que vivemos um novo auge do gótico. Se depender do Paradise Lost, será mesmo!

Valtemir Amler

VODU

WALKING WITH FIRE
CLASSIC METAL - NAC.

9,0

Não é uma simples questão de saudosismo barato, mas uma verdade absoluta: como é bom ver esses grandes pioneiros do metal brasileiro de volta

à ativa! Vários são os exemplos disso e o mais recente responde pelo nome de Vodu. Banda super atuante nos anos 80 e 90, retomou as atividades em 2017 e agora lança seu novo álbum, *Walking with Fire*. Contando com a eterna cozinha composta pelos grandes André "Pomba" Cagni (baixo) e Sergio Facci (bateria) e com integrantes de diferentes fases da banda, como o vocalista André Góis e os guitarristas José Luis "Xinho" Gemignani e Paulo Lanfranchi, o álbum mostra o quanto o tempo fez bem aos músicos. Pomba e Facci continuam conduzindo a parte rítmica com a competência habitual, Lanfranchi e Xinho se completam perfeitamente em bases e solos bem sacados e Góis, um dos destaques do disco, prova que está em plena forma. A produção bem sacada, com todos os instrumentos "na cara" ajuda muito nesse resultado, mas o grande mérito do álbum está mesmo nas composições. Esbanjando peso e velocidade, a banda passa pelo groove na ótima *Only the Brave Can Love*, capricha no instrumental de *You Got to Be Free*, ousa nas mudanças rítmicas em *The Enemy Inside* e ainda traz de quebra cinco regravações de temas de seus dois primeiros discos e capa a cargo de com a arte de Marcelo Vasco (The Troops of Doom, Slayer, Kreator e outros). Item obrigatório.

Antonio Carlos Monteiro

CHAOSFEAR

BE THE LIGHT IN DARK DAYS

INDEPENDENTE - NAC.

8,5

O Chaosfear sempre buscou dar um toque atual e dinâmico na forma de fazer música extrema, seja thrash ou death metal. Só que em seu terceiro álbum, *Be the Light In the Dark Days*, resolveu expandir ainda mais seu som, deixando-o mais complexo e sem amarras. Fernando Boccomino (vocal e guitarra), Eduardo Boccomino (guitarra), Marco Nunes (produção e baixo, ex-Goatlove e Genocidio) e Fabio Moysés (bateria, ex-Genocidio, MoyMondo e outros) acrescentaram climas atmosféricos e timbres modernos que, somados ao seu estilo próprio, resulta em um álbum matador. A faixa-título, que conta com a participação de Murillo Leite (Genocidio) e Letícia Helena, é um cartão de visitas para esta fase atual, trazendo climas arrastados, peso e vocais no estilo 'canto gregoriano'. *Cold* mostra vozes mais limpas com um ar bem stoner, enquanto a longa *New Life Ahead* mescla peso e melancolia. Já *Mindshut* mostra aquele Chaosfear que estávamos acostumados a ouvir. É, estávamos, pois o que temos hoje é uma banda ousada, que deu um novo passo na carreira.

João Messias Jr.

FABIANO NEGRI

THE FOOL'S PATH

INDEPENDENTE - NAC.

9,0

Fico na torcida para que Fabiano Negri repense o plano de encerrar sua carreira, sobretudo agora com o lançamento de um disco do quilate de *The Fool's Path*. Mas se a decisão for mantida, podemos dizer que o álbum finda de forma quase primorosa uma trajetória de 25 anos dedicada ao rock e dividida em trabalhos solo ou com as bandas Rei Lagarto, Dusty Old Fingers e Unsuspected Soul Band. O conceitual (e autobiográfico) *The Fool's Path* abrange dez músicas que remetem aos anos 70 e aludem a momentos da saga sonora do guitarrista, vocalista e pianista, acompanhado pela consistente cozinha a cargo de Cesar Pinheiro (bateria) e Ric Parma (baixo). Ao ser inserido nesta jornada do "tolo", o ouvinte vai se deparar com preciosidades, como as cativantes *The Wicked*, *Blind Superman* e *Cursed Artist*, o hard rock setentista de *The Last Man on Earth* e *Lies Behind the Mask* e a sentimental *Changing Times* (com um lindo solo de guitarra). Tudo isso guiado pela produção de Negri e Parma e tendo como invólucro a arte da capa de Emerson Penerari, que reforçam a aura dos anos 70 e enriquecem ainda mais esta obra com teor de despedida.

Thiago Prata

ROCK AVERAGE

QUE NOTA VOCÊ DARIA PARA?...

ARMORED SAINT

SYMBOL OF SALVATION

Para muitos, o ápice criativo do grupo americano Armored Saint. Porém, *Symbol of Salvation* não foi feito em um período em que os músicos estavam concentrados somente na criação e produção, pois lidavam com os problemas de saúde de Dave Prichard. O guitarrista, que lutava contra a leucemia e passou por um transplante de medula óssea, acabou falecendo em 1990, antes das gravações. Como a banda havia composto 24 músicas com ele, resolveram dar vida ao material e recrutaram Jeff Duncan (ex-Odin). Ele, inclusive, trouxe *Last Train Home*, que foi promovida em videoclipe. Ao lado do guitarrista e de John Bush, Phil Sandoval, Joey Vera e Gonzo Sandoval estava Dave Jerden, produtor e engenheiro de som que depois produziu *Sound of White Noise*, primeiro de Bush no Anthrax. Além de destaques imediatos para *Warzone*, *Dropping Like Flies*, *Tribal Dance* e a faixa-título, outra promovida com clipe foi *Reign of Fire*, composta por Prichard, que teve o solo inicial gravado em *Tainted Past* mantido. "Foi um álbum muito duro de gravar, por razões óbvias. Porém, no final das contas, sentimo-nos bem, pois acreditamos que Dave ficaria orgulhoso em ouvir o resultado daquelas composições", declarou Vera à ROADIE CREW.

Airton Diniz (editor): **8,0**
Alessandro Bonassoli (colaborador): **9,0**
Antonio Carlos Monteiro (redator): **9,0**
Claudio Vicentin (editor): **7,5**
Daniel Dutra (colaborador): **9,5**
Écio Souza Diniz (colaborador): **7,0**
Guilherme Spiazzi (colaborador): **8,0**
Heverton Souza (colaborador): **8,0**
Ivanei Salgado (colaborador): **8,0**
João Messias Jr. (colaborador): **10**
Leandro de Oliveira (diretor de arte): **8,0**
Leandro Nogueira Coppi (colaborador): **10**
Leonardo M. Brauna (colaborador): **8,0**
Luiz Cesar Pimentel (colunista): **7,0**
Maicon Leite (colaborador): **8,0**
Matheus Vieira (colaborador): **8,0**
Ricardo Batalha (redator-chefe): **8,5**
Sergiomar Menezes (colaborador): **9,0**
Thiago Prata (colaborador): **9,0**
Valtemir Amler (colaborador): **8,5**

MÉDIA FINAL:

8,4

ONSLAUGHT

GENERATION ANTICHRIST
AFM/VALHALL - NAC.

9,0

Sabe quando o Onslaught falha? Nunca! Assim, aguarde por mais um grande trabalho dos ingleses, porque *Generation Antichrist* tem tudo que os fãs de thrash metal curtem. Os guitarristas Nige Rockett e Wayne Dorman se mostram muito inspirados nos riffs, enquanto a estreia de Dave Garnett, que entrou no posto de Sy Keeler, é vencedora. Seu timbre, além de captar os bons tempos do thrash Bay Area, lembra vocais do trio de ferro alemão, combinando com o instrumental encorpado e pesadíssimo, ainda mais que a produção do sueco Daniel Bergstrand deixou a sonoridade bem atual. Destaque ainda para as variações rítmicas e o poder de fogo de Jeff Williams (baixo) e James Perry (bateria), além dos coros fortes em várias composições, como em *Bow Down To The Clowns* e na instigante faixa-título. Com temática inspirada por um mundo cheio de ódio, megalomaníacos e loucura política, o repertório é dinâmico, tendo faixas velozes e explosivas, até com toques de death e heavy tradicional, aliadas com outras mais cadenciadas, como *All Seeing Eye*. Sete anos depois de *VI*, o Onslaught segue em grande forma. O que vai mudar? Nada! Eles fazem tudo certo, evoluíram do punk tosco a um thrash técnico, são excelentes ao vivo, mas parecem viver sob uma sina que nunca faz a banda decolar. Seja como for, se não aprovar é porque thrash metal não é a sua praia, porque no alto da minha lista dos melhores de 2020 esse disco não vai sair!

Ricardo Batalha

DESTRUCTION

BORN TO THRASH
NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI - NAC.

8,5

Sugestão: vá direto para quarta faixa de *Born to Thrash*, a clássica *Mad Butcher*, pois ali você terá um exemplo perfeito do quanto o som da banda está mais encorpado, furioso e cheio de possibilidades, agora que este esquadrão alemão de thrash metal voltou a figurar nos palcos como um quarteto – foram cerca de 20 anos seguidos como trio. Além da canção se mostrar mais pesada, as guitarras gêmeas em parte do solo emergem como a cereja do bolo, tornando-a um dos momentos mais empolgantes do álbum. Pronto, agora retorne ao início, com a imortal *Curse the Gods*, para ouvir na íntegra a apresentação de gala do grupo em agosto de 2019, no "Party San Festival", em Schlotheim (ALE). Devidamente apresentada em *Born to Perish* (2019), a formação que tem os lendários Marcel Schirmer (vocal e baixo) e Mike Sifringer (guitarra) e os "novatos" Randy Black (bateria, ex-Primal Fear e Annihilator) e Damir Eskić (guitarra, Gomorra) destila ainda dois atos de *Born to Perish* – a faixa-título e *Betrayal*. E, claro, outras seis desgraceiras indefectíveis: *Nailed to the Cross*, *Life Without Sense* (insana!), *Total Desaster*, *The Butcher Strikes Back*, *Thrash 'Till Death* e *Bestial Invasion*. Saudade de ir a um show de thrash, né?!

Thiago Prata

TOKYO BLADE

DARK REVOLUTION
DISSONANCE PRODUCTIONS - IMP.

8,5

Alan Marsh (vocal), Andy Boulton e John Wiggins (guitarras), Andy Wrighton (baixo) e Steve Pierce (bateria) retornam após o ótimo *Unbroken* (2018) apresentando mais peso. O décimo trabalho de estúdio ainda traz a variação entre o metal tradicional, a herança da NWOBHM e o hard rock, mas desta vez os riffs vêm na escola Judas Priest e Accept, com muitas palhetadas abafadas, especialmente nas três primeiras faixas – *Story of a Nobody*, *Burning Rain* e *Dark Revolution*. Além disso, a dupla Boulton e Wiggins mantém a tradição de linhas melódicas e dobras harmonizadas de guitarras. Em algumas composições, também se nota certa semelhança com o Gamma Ray (Kai Hansen), obviamente nos momentos mais cadenciados dos alemães, como em *The Fastest Gun in Town* e *Truth Is a Hunter*. A sensação quando se escuta o repertório não é a da volta no tempo, mas a constatação de "ser heavy". Sim, porque não dá para ficar inerte e parado na audição de algumas músicas de *Dark Revolution*. Destaques ainda para *See you Down in Hell*, *Crack in the Glass*, *Voices of the Damned* e a hard *Perfect Enemy*.

Ricardo Batalha

NAVIGHATOR

NAVIGHATOR
INDEPENDENTE - NAC.

8,0

O objetivo era bem definido: levar ao ouvinte uma experiência imersiva, com instrumental dialogando com letras carregadas de metáforas em meio a temáticas náuticas, ambientações, arranjos orquestrais, coros e todo tipo de riqueza musical que pudesse ser explorado dentro do lado mais melódico do heavy e do power metal. Pode-se afirmar que o tecladista Marcos Medina conseguiu tirar essa ideia do papel com o autointitulado debut de seu novo projeto, e o resultado é acima da média. Em sua estreia, o Navighator traz uma constelação de ótimos músicos, incluindo os vocalistas Matheus Miniguini, Pedro Ricarde e Katherine Macedo, além de participações do guitarrista Ben Christo (The Sisters of Mercy, Diamond Black) e do baixista Raphael Dafras (Almah, Edu Falaschi), entre outros. São dez faixas, sendo que a maioria delas cumpre o propósito de nortear o fã das vertentes citadas rumo à fruição. *Waves*, *Ghost Town* e a balada *When She's Gone* são bons exemplos de versatilidade e bom gosto.

Thiago Prata

SEVENTH SIGN FROM HEAVEN

THE WOMAN AND THE DRAGON
VOICE MUSIC - NAC.

7,0

A abertura *Stayed in the Dark* evidencia alguns dos pontos altos de *The Woman and the Dragon*, sucessor do EP *Judgement of Egypt* (2017): técnica, bons arranjos, melodias agradáveis de se ouvir e uma produção acima da média, a cargo de Thiago Bianchi (Noturnall). Criado em outubro de 2016, em Picos (PI), após Mark Neiva (vocal e guitarra) se desligar do Metraton, o Seventh Sign From Heaven consegue manter um grande padrão de qualidade em *The Devil Fears Your Name* (esta, uma regravação do EP) e na faixa-título, tendo o heavy metal tradicional como seu guia, e vai além com a balada *Pain Your Eyes* (outra regravação). O problema é que nem todas as dez canções possuem o mesmo nível, sendo algumas delas, até certo ponto, morosas, sobretudo na reta final do disco (os vocais, principalmente, merecem uma atenção maior). Nada que não possa ser contornado num futuro breve pois, como ficou claro, qualidade e competência é o que não faltam para Neiva, Emanuel Lima (guitarra), Zinha Soares (baixo) e Filim Nascimento (bateria).

Thiago Prata

HÄLLAS

CONUNDRUM
RMV GRAMMOFON - IMP.

8,5

O que esperar de uma banda que se autointitula como "adventure rock"? O Hällas, formado em 2011 na Suécia, literalmente se aventura por mares já navegados, mas tem definido sua rota com

uma sonoridade própria e viajante, focada em influências setentistas com toques da década seguinte, como havíamos visto no viciante debut, *Excerpts from a Future Past* (2017). *Conundrum* é o ápice destes quase dez anos de estrada, com Tommy Alexandersson (vocal e baixo), Marcus Petersson e Alexander Moraitis (guitarras), Nicklas Malmqvist (órgão e sintetizadores) e Kasper Eriksson (bateria) usando e abusando de temas que mesclam progressivo, hard rock e todo tipo de som retrô. O resultado disso é um álbum que o faz viajar no tempo, embalado por guitarras melódicas, sintetizadores grudentos e vocais estranhíssimos, porém agradáveis. Dá até vontade de chorar ouvindo pérolas como *Tears of a Traitor*, de tão emocionante que é, enquanto *Carry On* parece ser uma faixa perdida de algum filme da década de 1980, como *Hard Rock Zombies, Black Roses* ou *Rock and Roll Nightmare*. Outra característica essencial do Hällas é a preocupação artística com o visual dos músicos e suas artes gráficas. A capa de *Conundrum* condiz com a proposta musical e fecha o pacote com o bom gosto nas alturas. Essencial para quem acompanha a nova geração. Para fãs de medalhões como Thin Lizzy, Eloy, Uriah Heep, Genesis e Hawkwind e também para contemporâneos, como o também sueco Horisont.

Maicon Leite

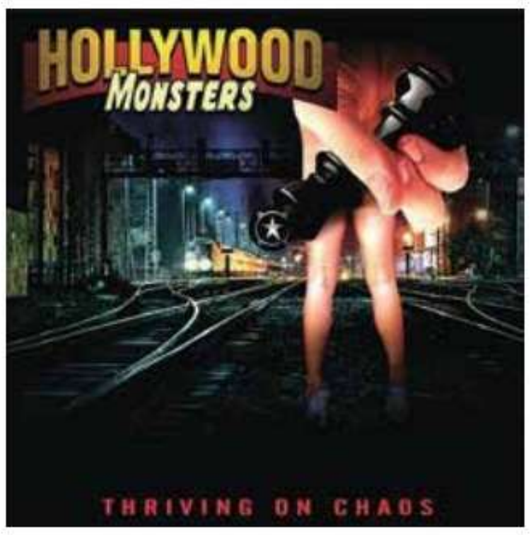
VULCANE

HUNGER FOR THE END
INDEPENDENTE - NAC.

7,5

'Quatro almas vagam em busca dos conselhos do deus da verdade, Havashi'. Essa é a premissa de uma história que engloba guerreiros, deuses e demônios, presente no EP de estreia dos paulistas do Vulcane. Mas não pense que, por conta dessa temática, se trate de uma banda de metal melódico ou mesmo prog ou heavy. O lance aqui é um thrash/groove nervoso e com várias metáforas das fases da vida do ser humano inclusas na narrativa. Nas seis faixas de *Hunger for the End*, o grupo de São João da Boa Vista descortina um arsenal de riffs convidativo para o headbanging, como em *Anger Heals* e *Stay Strong*. Em meio à massa sonora, os vocais furiosos e a cozinha consistente também chamam atenção, mas ainda há espaço para boas melodias. Com tão pouco tempo de atividades, a banda – nascida em 2019 e atualmente formada por Gabriel Bonilha (vocal), Matheus B8 (guitarra), Felps Lima (baixo) e Vick Pacheco (bateria) – já deu o primeiro passo e, com um cuidado maior na produção/mixagem e a esperada evolução, pode ganhar ainda mais espaço no prolífico cenário do thrash paulista e nacional.

Thiago Prata



HOLLYWOOD MONSTERS

THRIVING ON CHAOS
VOICE MUSIC - NAC.

8,0

Fundado pelo guitarrista Steph Honde e, trazendo consigo, o monstro Vinny Appice na bateria, o Hollywood Monsters chega ao seu terceiro trabalho, *Thriving on Chaos*, fazendo um rock clássico como se fazia nos anos 70 e 80. Contando ainda com o baixista Ronnie Robson, o material contou com diversas participações especiais: Don Airey (Deep Purple), o saudoso baterista Ted McKenna (MSG), Jim Crean (Appice), o brasileiro Fred Mika (baterista, Sunroad), Danko Jones, Glen Drover (ex-Megadeth), entre outros que contribuíram de forma significativa para o resultado final. Isso já fica explícito na abertura, com a rápida *A Scream Loking For a Mouth*, que traz a participação de Airey solando com seu Hammond e dando um brilho extra. O vocal de Steph é bem peculiar, navegando entre o rasgado e o melódico. *Speak of the Devil* é o momento mais pesado, cortesia de Appice. *Something Wicked* tem uma pegada hard'n'heavy, com linhas de guitarra oriundas dos anos 70. Outros bons momentos são *Running Up the Hill*, que traz a participação de McKenna e navega entre o hard e AOR dos anos 80, além de *Drop Dead*, um belo rock com aquela veia clássica. Já a faixa-título traz uma bela melodia, enquanto *Fortune Teller* vem com a participação de Fred Mika. *Cold Sweat*, cover do imortal Thin Lizzy, traz os vocais de Danko Jones. Em resumo, um belo álbum de rock'n'roll!

Sergiomar Menezes

INANIMALIA

INTRÍNSECO
INDEPENDENTE - NAC.

8,0

Enumerar as qualidades do Inanimalia é tarefa fácil. O grupo de Ribeirão Preto (SP) reúne um time entrosado, músicos de extrema competência – tem hoje em seu cast a vocalista Alessandra Lodoli, os guitarristas Victor Prado de Carlo e Marcelo Gratão, o baixista Thales Carosia e o baterista Vagner Venâncio – versatilidade, personalidade... Mas talvez o grande trunfo da banda, surgida em 2016, seja surpreender o ouvinte. Cada uma das cinco músicas de seu segundo EP, *Intrínseco*, traz uma sonoridade diferente e que, mesmo assim, mantém a aura do Inanimalia. E olha que pode haver uma mudança de gênero musical em uma mesma faixa. Em linhas gerais, você vai ouvir death, black, doom, gothic, heavy, prog e qualquer outro estilo, tendo sempre a melodia como incremento à sua fórmula. Mesmo assim, há peças mais relevantes que outras. Embora todas tenham seu valor, a dobradinha *Eyes of Isis* e *Butterfly* ganhou meus ouvidos de imediato. Interessante notar também que em *Umbral*, o idioma inglês dá lugar ao português. Outra grata surpresa!

Thiago Prata

VÁLVERA

CYCLE OF DISASTER
BRUTAL RECORDS/SONY MUSIC - NAC.

9,0

Está aí uma banda que é sinônimo de evolução. O Válvera chega aos dez anos de vida esbanjando um som cada vez mais robusto, orgânico e letal. Se de *Cidade em Caos* (2015) para *Back to Hell* (2017) já havia um salto de qualidade, além da mudança do português para o inglês, o mesmo volta a ocorrer nas nove músicas deste novo play. Sem abrir mão de sua identidade, Glauber Barreto (vocal e guitarra), Rodrigo Torres (guitarra), Gabriel Prado (baixo, substituto de Ziel Lagoin) e Leandro Peixoto (bateria) agregaram componentes mais 'modernos', perceptíveis nas afinações de guitarra, no groove e nos vocais. O resultado é uma gama de excelentes composições, vide a faixa-título, *Glow of Death*, *The Damn Colony* (um exemplo perfeito dessa nova fórmula) e a thrasheira de *Bringer of Evil*. Some-se a isso o fato de ser um álbum conceitual, sobre vários desastres da história brasileira, a produção de Rogerio Wecko (Threat) e a arte gráfica de Marcelo Vasco (The Troops of Doom, Slayer, Kreator) e verás um produto diferenciado.

Thiago Prata

HOUSE OF LORDS

NEW WORLD - NEW EYES
FRONTIERS MUSIC - IMP.

7,5

Interessante ver que muitas bandas estão chegando, em 2020, ao seu décimo lançamento, como é o caso de *New World - New Eyes*, do House Of Lords. As duas primeiras faixas, *New World New Eyes* e *Change (What's It Gonna Take)*, vêm numa mescla de hard/melodic rock e toque bluesy. *Change*, por sinal, traz uma introdução de teclado que até remete à época inicial, quando o grupo americano contava com Gregg Giuffria. Somente na terceira o repertório do sucessor de *Saint of the Lost Souls* (2017) dá uma levantada, com a animada e rocker *One More*. Outra nessa linha mais "pra cima" é o single/vídeo *The Both of Us*, mas os destaques vão para *The Chase*, o hardão *Chemical Rush* e a instigante *$5 Buck of Gasoline*. Se o álbum abre mais lento, a última, *The Summit*, vem mais energética. O material foi produzido pelo vocalista James Christian, que tem ao seu lado os não menos competentes Jimi Bell (guitarra, Autograph), Chris Tristram (baixo) e BJ Zampa (bateria). A maior parte das composições foi feita por Mark Spiro (Giant, Bad English, Cheap Trick), mas Tommy Denander, Chris Pelcer e Richard Hymas também contribuíram. Confira!

Ricardo Batalha

RELEASES

BLACK HAWK

DESTINATION HELL
PURE STEEL - IMP.

3,0

Realmente algumas coisas no heavy metal dão aquele sentimento de vergonha alheia. E, sim, o Black Hawk em *Destination Hell* é um deles. Clichês em profusão e linhas vocais medonhas, dobras e coros mal feitos, além de letras patéticas. Bem, tem gente que até vai considerar isso como "true metal", mas, se for assim, prefiro o mais "false" de todos. Para não dizer que achei tudo tétrico, o riff de *Smoking Guns* é daqueles que o faz bater cabeça instintivamente, mas aí entra o vocal de Udo Bethke e você se sente um idiota por estar ouvindo a cópia genérica da cópia genérica. Tudo bem, você pode achar exagero, especialmente por este ser o sétimo disco dos alemães, mas vai por mim: não perca seu tempo. Quase tudo aqui é dispensável.

Ricardo Batalha

AS THE PALACES BURN

END'EVOUR
TRUE METAL - NAC.

7,5

Ao passar pelas doze faixas do repertório da estreia dos catarinenses do As The Palaces Burn fica claro que se trata de um trabalho embebido em energia e ambição. Dos riffs afiados do idealizador e guitarrista Diego Bittencourt à personalidade vocal de Alyson Alves, percebe-se que a banda, completada por André Schneider (baixo) e Gilson Naspolini (bateria), buscou criar um metal que já incorpora sinais de identidade própria. Nas letras, o grupo aborda o acontecimento de um apocalipse e os seus efeitos na psique humana, tema que complementa muito bem as músicas, que transitam entre o metal moderno e o metal 'old school'. As quebradas rítmicas e as trocas entre vocais limpos e guturais são muito bem apresentadas em faixas como *The Devil's Hand* e *I Tried*. Agora, por mais que o conceito justifique a instrumental *The Absence*, ela quebra completamente a fluidez que vinha sendo construída. O mesmo pode ser dito da penúltima faixa, a lenta *Turns to Black*. Fechando o trabalho com uma versão matadora de *Abigail* (King Diamond), o grupo empolga e cimenta a certeza de que não falta qualidade técnica. Dito isso, é seguro afirmar que o As The Palaces Burn tem predicados e está a alguns passos de conquistar um lugar reservado para poucos no metal nacional. Basta concentrar os esforços na produção musical e no amadurecimento de sua identidade.

Guilherme Spiazzi

SOJOURNER

PREMONITIONS
NAPALM - IMP.

9,0

Já faz um bom tempo que o termo 'black metal' deixou de ser usado apenas para ilustrar os berros ensandecidos de orks guerreiros pertencentes às hordas de Isengard. Então, você sabe que pode esperar certas 'surpresas' quando uma banda é colocada neste pacote. Ainda assim, é muito difícil dizer se o Sojourner é ou não black metal. Ao colocar para rodar, *The Monolith* abre o álbum com inesperada beleza, linhas de teclado incríveis e vocais melódicos femininos ainda melhores. Comparações com Amy Lee (Evanescence) são inevitáveis e, acredite, ouvindo sem preconceito é bem provável que você ame isso! Outra que segue esse caminho mais 'evanescente' é *Talas*, e também é uma ótima música. Partes óbvias de black metal aparecem em *The Deluge* (com elementos de prog e doom), na longa *The Event Horizon* e *The Apocalyptic Theater*, todas extremamente variadas e cativantes. Black metal duvido que seja, mas que o Sojourner é uma das melhores bandas da nova safra não tenho dúvida!

Valtemir Amler

CANEDY

WARRIOR
SLEASZY RIDER - IMP.

7,5

Após soltar no ano passado o álbum *Brotherhood of Metal* com o The Rods, o baterista e produtor Carl Canedy apresenta *Warrior* com a banda solo, nomeada Canedy. Ao lado dele estão Mike Santarsiero (vocal), Charlie Russello (guitarra) e Tony Garuba (baixo). A primeira promovida foi justamente a melódica faixa-título, em que se destaca a performance vocal de Santarsiero. A segunda, que saiu em lyric video, foi *Not Even Love*, é um conto sombrio sobre um artista disposto a desistir de tudo que tem, inclusive a família, para voltar à sua vida passada. Uma das melhores do repertório, no entanto, é a pesada faixa de abertura, *Do It Now*, em que não só o baterista mostra seus dotes, mas todos se destacam em suas performances e, inclusive, a timbragem do baixo e da guitarra evidencia ainda mais o trabalho dos músicos. O hard'n'heavy acelerado de *Lies*, *In This Sign* e *Out For Blood* são outras que merecem atenção. Exceto por alguns coros "oh, oh, oh" que destoam, pode conferir sem medo.

Ricardo Batalha

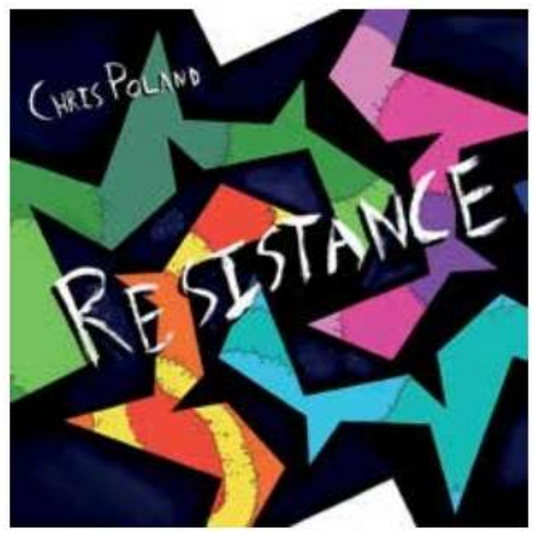
SCARS

PREDATORY
BRUTAL RECORDS - NAC.

8,0

Quem acreditaria que após lançar o EP *The Nether Hell* (2005) e o full-length *Devilgod Alliance* (2008) demoraria tanto para o Scars apresentar seu novo registro de estúdio? Pois é, mas um dos grandes destaques do thrash metal brasileiro da década passada passou por um longo hiato até retomar as atividades e nos brindar com um novo capítulo de sua obra intempestiva – sim, o já obrigatório *Predatory*. Logo de cara, vamos deixar claro que o guitarrista Alex Zeraib continua gerando bases absurdamente pesadas e bem construídas, como você ouve já nos primeiros segundos da faixa que dá nome ao disco. Os vocais de Regis Frederico, com um algo de Mille Petrozza, também são um destaque, especialmente em pedradas velozes como *Violent Show* e *These Bloody Days*. Mas não é só na 'correria' que o Scars ganha pontos com o ouvinte, ouça a cadenciada *Sad Darkness of the Power* e as linhas crossover de *Beyond The Valley of Despair* para conferir. Além do mais, eles sempre dedicaram atenção extra à parte lírica, e isso também se reflete em *Predatory*. Imperdível!

Valtemir Amler



CHRIS POLAND

RESISTANCE
ROPEADOPE - IMP.

8,5

Chris Poland finalmente está com um novo álbum solo na praça, dezenove anos após lançar o seu segundo de inéditas, *Chasing the Sun*. Nos últimos tempos, o guitarrista passou a se dedicar à sua banda OHM, e a participar de inúmeros tributos e álbuns de outras bandas, inclusive de *The System Has Failed* (2004) de sua ex-banda, o Megadeth. Há décadas, Poland resolveu abrir mão do metal pesado e passou a se dedicar ao que mais gosta, o jazz fusion, e, em *Resistance*, não fugiu da proposta. Apesar de instrumental, *Resistance* abre margem em certas músicas para algumas vozes convidadas, como a do rapper Rhymefest em *Battle Bots* e a da cantora Felicia Patton nessa e em *The Journey*. Há algumas homenagens e *Flame Runner*, por exemplo, é dedicada ao baterista Nick Menza, que estava no OHM com Poland quando faleceu. Econômico, Poland mostra sua técnica ímpar e derrama bom gosto em músicas cadenciadas, com belos solos, sem 'fritações' e nem excessos. A melhor delas é *The Kid*, na qual a emoção transborda pelas cordas. Confira!

Leandro Nogueira Coppi

CRASHKILL

CONSUMED BY BIOMECHANICS
INDEPENDENTE - NAC.

8,5

A estrEia da Crashkill com o EP *Hate Zone* (2017) trouxe generosas pitadas de death metal nas guitarras e na voz, em cima de uma condução rápida de bateria, que apontava o caminho que a banda percorreria até aqui. Depois de mudar de vocalista e baixista, o quinteto, hoje formado por Renato Ferreira (vocal), Jean Pinheiro e Valter "DoomRiff" (guitarras), Fernando Gonçalves (baixo) e Buson "Drummer" (bateria) retrabalhou algumas canções da época da antiga formação e compôs outras para o debut. Assim, *Consumed by Biomechanics* trouxe uma Chrashkill mais alinhada ao thrash metal e altamente técnica. Com influências de Exodus, Testament, Warbringer e Overkill, o álbum chegou mostrando a evolução de um time que apostou na ousadia, renovando sua sonoridade. Com riffs criativos, cozinha mais solta e um vocal versátil, eles mostram maturidade lapidada. Músicas como a faixa-título, *This is Crashkill* e *Year of Darkness* provam bem como o novo 'feeling' funciona. Já *Artificial Inteligence*, *Digital Conflict* e a instrumental *Modern Genocide* retratam o tema central do álbum, que é a revolta das máquinas sobre os maus atos da humanidade. A máxima que diz "em time que está ganhando não se mexe" encontrou a exceção da regra aqui.

Leonardo M. Brauna

AREA 55

ONE OCEAN
INDEPENDENTE - NAC.

9,0

Há bandas que demoram um pouco para encontrar sua própria identidade. Outras, porém, nunca alcançam a tão visada sonoridade única. E há aquelas que já nascem com algo 'sui generis', neste caso, um estilo bem particular. Pelo trabalho apresentado em seu debut, *One Ocean*, o Area 55 integra a terceira categoria. Radicado em Los Angeles pelos brasucas Julio Federici (vocal, King of Bones), Mika Jaxx (guitarra, ex-Sioux 66), Gui Bodi (baixo, Disciples of Babylon) e Boll3t (bateria, Aboleth, Hecatombe), o grupo esbanja proficiência em filtrar suas influências. Estas vão do modern hard rock, passando pelo metal alternativo e metalcore até o nu metal, gerando 11 temas de qualidade e autenticidade. A abertura, *Into the Void*, que saiu em videoclipe, é esmagadora: ritmo cadenciado, bons riffs, baixão na cara e um vocal potente e melódico. *Save Me* começa bem com uma levada rápida de bateria, seguida pelo peso das cordas e mais vocais inspirados. *Far Away* e *The Enemy* mantêm o nível lá em cima. Já *One Life, One Soul* me traz uma lembrança a fases mais 'experimentais' do Anthrax, com resultado interessante. Em resumo, um álbum criativo e versátil, com produção competente de Brendan Duffey (Angra, Andre Matos, Torture Squad).

Thiago Prata

GUEPPARDO

EXECUÇÃO SUMÁRIA
CLASSIC METAL - NAC.

8,5

Formado em 2007, o Gueppardo chega ao seu segundo álbum, *Execução Sumária*, trazendo um repertório de nove faixas que exprimem a paixão e dedicação ao heavy metal. Cantando em português, a banda gaúcha mostra personalidade, mesmo que isso, algumas vezes, acabe sendo um empecilho, pois alguns insistem em dizer que esse tipo de atitude soa datada. Independentemente deste tipo de opinião, Taylor Gutierres (vocal), Perÿ Rodriguez (guitarra), Rafael Yadek (baixo) e Leonardo Sarmento (bateria) mostram que a experiência faz a diferença. Afinal, turnês pelo Brasil Argentina e Uruguai dão essa credibilidade ao quarteto. Faixas como *Instinto Animal*, que abre o álbum, mostra uma base sólida e consistente entre o hard e o heavy de forma clássica. Já a faixa-título tem uma veia mais hard, enquanto *Felino Selvagem* resgata a atmosfera oitentista. Ainda podemos destacar *Código de Barras*, *Living on the Road*, *Nada a Perder* (cantada em espanhol) e *Século XX*. Porém, o grande destaque é *Fúria e Paixão*, pois sintetiza todas as características do grupo, num mix perfeito entre hard e heavy. A produção, orgânica e mais direta, foi dividida por Sebastian Carsin e pelo guitarrista Perÿ, deixando tudo com aquele clima mais "ao vivo", como todo disco de heavy metal deveria ser na verdade. Baita banda!

Sergiomar Menezes

SEPULCHRAL VOICE

EVIL NEVER SLEEPS
DIES IRAE - NAC.

8,0

É fato que muitos álbuns lançados pela gravadora Cogumelo, especialmente entre as décadas de 80 e 90, são trabalhos de cabeceira de muitos headbangers. Sepultura, Mutilator, Chakal e Overdose são algumas dessas formações que estão entre os destaques da época de ouro, inclusive para este que vos escreve. E é legal ver bandas que mantém essa vibe! Falo do Sepulchral Voice, que, entre idas e vindas, possui um bom tempo de estrada e recentemente coroou sua trajetória com o lançamento do debut, *Evil Never Sleeps*. Bebendo no death/thrash/black da velha guarda, Harley Senra (vocal), Luiz Sepulchral e Ronaldo Ron Seth (guitarras), Pepê Salomão (baixo) e Lélio Gustavo (bateria), embora não tragam nada de novo, fazem o trampo com entusiasmo. E isto é passado ao ouvinte, principalmente em *Fallen Spirit, Blood Sacrifice* e a faixa que nomeia o CD. Porém, o auge fica para *Unreal World*, com partes cadenciadas matadoras. A linha retrô do álbum é realçada na capa de Marcelo Bessoni e na produção de André Cabelo (Chakal), inclusive nos timbres das cordas, voz e levadas de bateria. Um trabalho muito bem feito e que soa mais honesto do que muita banda velha que tenta soar moderna.

João Messias Jr.

THE METAL CLUB

Avalie músicas e receba recomendações personalizadas. Registre-se grátis.

www.themetalclub.com

ROADIE PARADE

1	2	3	4	5
GRAVE DIGGER	TESTAMENT	PARADISE LOST	CANDLEMASS	LAMB OF GOD
FIELDS OF BLOOD	TITANS OF CREATION	OBSIDIAN	THE PENDULUM	LAMB OF GOD

*CLASSIFICAÇÃO OBTIDA POR MEIO DE PESQUISA REALIZADA NAS LOJAS DIE HARD (LOJA E SITE - SÃO PAULO/SP), PARANOID (SÃO PAULO/SP), HEAVY METAL ROCK (AMERICANA/SP) E BLACKOUT DISCOS (RECIFE/PE).

By LuRch@que

Divulgação

CLOVEN HOOF

QUATRO DÉCADAS CONTRA O DESTINO

De frustrado candidato ao estrelato, grupo inglês continua vivo e lança o melhor trabalho da carreira

Por Alessandro Bonassoli

Lee Payne criou o Cloven Hoof, na cidade inglesa de Wolverhampton, em 1979. A intenção era basicamente a mesma dos contemporâneos Saxon, Iron Maiden, Angel Witch e Jaguar, entre tantos outros nomes da New Wave Of British Heavy Metal (NWOBHM): sair no anonimato e se firmar no cenário musical para escapar do conturbado aspecto socioeconômico que o Reino Unido vivia na segunda metade dos anos 1970. Com o EP *The Opening Ritual*, lançado em 1982, o grupo esteve nos charts das revistas Kerrang e Sounds por seis semanas, chamando a atenção de uma das principais gravadoras do planeta. Mas algo deu errado e o destino fez o grupo cuja potencialidade era de, em pouco tempo, estar no patamar das bandas conterrâneas que viriam a ser pilares do heavy metal mundial, acabar preso no limbo dos que poderiam ter sido, mas não foram. Para contar mais detalhes de sua saga e de *Age of Steel*, mais novo trabalho, o baixista e único remanescente da formação original atendeu a ROADIE CREW.

Sempre vi o Cloven Hoof como um dos vários grupos que poderiam ter alcançado o sucesso de Iron Maiden, Motörhead e Dio. O que impediu isso?

Lee Payne: Já pensei muito nessa questão, então vou tentar lhe dar a resposta definitiva. Logo que lançamos nosso EP, em 1982, éramos a novidade. *The Opening Ritual* chegou ao 18º lugar nos metal charts e a CBS demonstrou interesse em assinar conosco. Eles eram um dos maiores selos mainstream no mundo, então o que deu errado? Bem, nosso manager David Hemmings morreu exatamente no período em que a negociação estava sendo feita, deixando um rastro de 10% de acionistas minoritários para pechinchar o que eles queriam legalmente dos futuros ganhos da banda. Por causa dos processos judiciais que poderiam surgir, a gravadora deixou para a banda encarar a batalha judicial. Fico feliz em dizer que estamos livres agora.

Considerando o que falou, como foi se livrar disso?

Lee: Sair desse pesadelo contratual foi algo que tomou todo o dinheiro que eu tinha. Se tivéssemos assinado com a CBS, o Hoof poderia ter sido uma das maiores bandas do mundo, sem dúvida. David agenciou o Judas Priest e Pat Travers e tinha certeza que teríamos um ritmo frenético de trabalho. Fomos recomendados a ele por Raymond "Froggy" Froggath, que tinha um estúdio onde gravamos nossas primeiras músicas, e que deu apoio ao Black Sabbath quando eles se chamavam Earth. Froggy nos viu como potenciais sucessores para Sabbath e Judas Priest. Depois que o contrato com a CBS caiu por terra, Froggy foi o único que me disse "você pode desistir agora, mas se continuar, os fãs vão amar sua música de qualquer jeito. Nunca desista, pois o Cloven Hoof tem certa mágica e uma música

especial. Vale lutar por isso a qualquer preço. Sem uma gravadora grande pode levar uma vida inteira, mas ao menos você tem uma causa gloriosa." Ouvi Raymond e tenho lutado pelo metal desde então. Não me importo com dinheiro ou seguir modas. Acredito nos fãs e valorizo o apoio deles, não importa quantos desafios tenha que enfrentar. De certo modo, pode ser uma benção não ter um contrato com uma grande gravadora. Ninguém nos diz o quê tocar ou quais modas seguir. Temos um dedicado selo chamado Pure Steel e fazemos música para verdadeiros fãs de metal e nada mais. Nós realmente vivemos essa música com coração e damos aos fãs tudo no disco e no palco. Nosso legado musical vai vencer porque não tivemos artifícios ou hypes de nenhum tipo. Você não pode enganar os verdadeiros fãs de metal. Eles sabem o que é grande ou não. Eles sabem o quanto o Cloven Hoof é e isso é o que importa!

Não hesito ao dizer que *Age of Steel* é o mais pesado e melhor álbum do Cloven Hoof. É muito semelhante às bandas da atualidade, mesmo sendo fiel às raízes. O que faz isso acontecer? As bandas atuais são uma influência?

Lee: Concordo totalmente com você, meu amigo. É nosso melhor trabalho até hoje. Eu não ouço muito bandas modernas, então elas não são uma influência. Sabia que a expectativa era alta, então tive que cavar fundo para superar o *Who Mourns for the Morning Star* (2017) que, até então, era nosso melhor. Mas senti que elevei o limite com *Age of Steel*. Desde o início, queria que o álbum trouxesse todas as coisas que fazemos bem para agradar os fãs. Como você notou, ficou próximo das nossas raízes, mas as músicas ficaram mais pesadas e rápidas do que nunca. O disco se beneficia com os vocais impressionantes de George Call. Ele realmente é a voz perfeita para o Cloven Hoof. Ele era um grande fã desde a adolescência e tinha todos os nossos discos enquanto crescia no Panamá, muito antes de nos conhecermos.

***Alderley Edge* parece muito com *Seventh Son of a Seventh Son*, do Iron Maiden. O timbre de voz de Geoge está muito próximo ao de Bruce Dickinson. A faixa é uma homenagem?**

Lee: Bem, penso que nos comparar com o Iron Maiden é um grande elogio. Então, eu aceito isso, certamente. George tem uma incrível e versátil voz. Ele soa como Dio, Halford, Geoff Tate e Bruce Dickinson, tudo de uma vez. Ele pode ter influências destes cantores, mas tem o seu próprio estilo. Ele vivencia as músicas e interpreta com zelo teatral. Em minha opinião, é um dos maiores vocalistas de metal da atualidade. Sou muito sortudo por tê-lo na banda e é uma honra e um privilégio trabalhar com ele. Iron Maiden e Cloven Hoof iniciaram na mesma época e temos as mesmas influências. Eu ouvia muito Black Sabbath, Thin Lizzy, Deep Purple Jethro Tull, UFO e Wishbone Ash. E o Maiden e o Hoof têm baixistas como principais compositores. Então, acabamos tendo um 'approach' similar nas músicas. Eu nunca ouço Iron Maiden, mas os respeito enquanto músicos e como pessoas. Encontrei Dave Murray uma vez e ele foi um dos caras mais legais com quem conversei. Se qualquer música que fizermos soar um pouco com eles é pura coincidência. A NWOBHM foi uma era dourada para o metal e ambos viemos daquele tempo, por isso nossa música tem similaridades. Um de nossos antigos vocalistas, Russ North, fez um teste para o Maiden na casa do Steve e ele disse que *A Sultan's Ransom* (1989) estava no CD player de Steve. Ele comentou que éramos uma grande banda e que soávamos um pouco como eles. Eu digo que eles soam um pouco como nós (risos).

AGE OF STEEL
Pure Steel Records - Imp.

Ao resenhar *Age of Steel* escrevi que ainda há tempo para o Cloven Hoof alcançar o primeiro time do metal. Esse seria um objetivo?

Lee: Será sempre verdadeiro dizer isso se muita gente comprar o novo álbum. Então, sempre haverá uma chance para o Cloven Hoof alcançar a sua merecida posição no topo do heavy metal. Eu amaria isso para provar que nunca é tarde para alcançar seu sonho. Nosso sucesso também é o de nossos fãs. Não somos nada sem eles e eles sabem que os amamos e respeitamos. É por isso que sempre trabalhamos duramente para fazer álbuns melhores.

Você teve muitos integrantes no Cloven Hoof em todos esses anos. A atual formação é a melhor?

Lee: Eu honestamente digo sim. Quando iniciei a banda, tinha uma ideia da voz perfeita para o Cloven Hoof. George Call é essa voz. Tivemos bons cantores no passado, mas eles nunca tiveram tudo o que era necessário. George tem! Temos dois incríveis bateristas. Danny White nos Estados Unidos e Mark Bristow na Europa. Assim, podemos tocar nos dois continentes e controlar as despesas. Na guitarra, Chris Coss é o integrante mais antigo da atual formação e toca muito. Ash Baker, o outro guitarrista, é um grande músico e um showman. Luke Hatton estava conosco no disco anterior e é um jovem mestre shredder, mas continua com a gente quando precisamos. Então, temos um grupo de incríveis músicos que dão à banda uma incrível estabilidade.

Você ainda tem contato com os antigos integrantes?

Lee: Não, e é uma vergonha. As pessoas tendem a seguir com suas vidas e nós, músicos, não somos uma exceção. Não há sentimentos ruins com nenhum deles. Todos fizeram a sua parte na banda, então desejo sorte para todos. Tenho respeito e agradeço pela alta contribuição que cada um deu ao Cloven Hoof. Talvez um dia devêssemos fazer uma festa juntos.

Por favor, deixe algumas palavras para os headbangers brasileiros. Aqui há muita gente que sempre sonhou ver o Cloven Hoof ao vivo.

Lee: Toda minha vida eu quis tocar no Brasil. Os fãs daí sempre nos deram apoio, desde o começo. O público brasileiro é um dos melhores no mundo, então tocar aí seria um sonho realizado para mim e para a banda. Um show do Cloven Hoof é uma final de Copa, onde todos torcem para o mesmo time. É como um espelho que reflete para os dois lados. Quanto mais loucos forem os fãs, mais forte nós tocamos. O mais próximo para viver isso é ter o DVD de nossa apresentação no 'Bang You Head Festival', na Alemanha. Foram 24 câmeras para gravar, tudo em alta definição e o som está incrível. Fiquem bem metal heads, não deixem esse coronavírus pegar vocês! Nós somos metal e o metal sempre triunfa. Então, lave suas mãos e fique isolado. Vamos vencer esse vírus. Compre o novo álbum e, então, vamos levar *Age of Steel* para a América do Sul quando esse inimigo invisível for embora. O Cloven Hoof saúda e ama todos vocês!

By_Lu*Ch@qu£

Fotos: Divulgação

Spider, James Stewart, Peter e Hal mesclam com fúria death e thrash metal em *Solitude In Madness*

VADER

SUPREMACIA NO DEATH METAL

Com mais de três décadas dedicadas ao death metal, Vader alcança um dos seus melhores trabalhos em Solitude In Madness

Por Valtemir Amler

Em muitos sentidos, a jornada musical do nosso entrevistado, o guitarrista e vocalista polonês Piotr "Peter" Paweł Wiwczarek, se confunde com a história do heavy metal no seu país natal. Em uma Polônia ainda sob a chamada 'Cortina de Ferro', ouvir heavy metal "não era uma coisa realmente proibida, mas digamos que também não era algo que depunha ao seu favor", como o próprio vocalista nos contou. Apesar de todas as dificuldades e dos preconceitos que precisou enfrentar (e que, em maior ou menor medida, todos enfrentamos) ao longo dos anos, Peter lançou mão de todos os meios ao seu dispor para ouvir a música de seus velhos ídolos. Assim, já em 1983, fundou uma das maiores instituições do metal polonês, o Vader. Hoje, ao chegar ao seu décimo-segundo álbum completo de estúdio, é muito mais do que apenas uma ótima banda de death metal. Trata-se da expressão da própria vida de seu líder, além de uma eterna homenagem musical às bandas que um dia motivaram o jovem Peter a dar uma guinada na sua vida através da música. Assim, o EP do ano passado, *Thy Messenger*, e o novo disco, *Solitude in Madness*, cumprem a premissa com louvor, celebram todo o legado do Vader e seus heróis e mantêm a banda polonesa reinando suprema no death/thrash metal. Na entrevista, Peter falou sobre os dois novos registros e se mostrou um eterno apaixonado pela música que motiva a sua vida. Com palavras simples e sinceras, ele explicou como seus antigos heróis motivaram aquele que é, até o momento, o melhor álbum de death metal de 2020.

Não tivemos a chance de conversar ano passado, então, gostaria de começar falando sobre o EP *Thy Messenger*. Nele, mais uma vez você presta uma homenagem às suas origens, com a versão para *Steeler*, do Judas Priest.

Peter Paweł Wiwczarek: Judas Priest é uma banda muito especial para mim, e acho isso desde que ouvi a música *Riding on the Wind* (N.R: do álbum *Screaming For Vengeance*, de 1982) em uma rádio na Polônia, bem no início dos anos 80. Ainda sou um fã apaixonado por esta banda, então, foi uma decisão espontânea trazer essa versão para o disco. Mas, veja, espontâneo não quer dizer sem nenhuma razão. Nós tínhamos um espaço extra na agenda e poderíamos usar para colocar algo extra no disco, e o Vader já é conhecido por render essas homenagens aos nossos antigos ídolos. Então, escolhemos a música *Steeler* como algo muito simbólico, queríamos efetivamente dizer algo com isso. Ela é uma música um tanto quanto obscura do álbum clássico *British Steel* (1980), e pessoalmente uma das minhas favoritas. Além disso, em um dos nossos shows no ano anterior, quando tocamos na Alemanha, veio um fã bem para a frente do palco, e ele gritava que deveríamos tocar Judas Priest, que deveríamos tocar *Steeler* (risos). Isso ficou na minha cabeça, então, quando voltamos ao estúdio, eu pensei 'por que não?'. Não é uma música complicada, é totalmente heavy metal, e de uma banda que completou 50 anos de jornada, e sempre tocando ótima música. Quer dizer, não existia situação melhor.

By_Lu*Ch@qu£

Não é apenas uma versão, é uma declaração.

Peter: Exatamente, é assim que penso. Não faria sentido simplesmente tocar uma música de outra banda por tocar, tem que existir alma na música. O Judas Priest motivou muito a minha jornada, é como que um agradecimento. Eu vejo o mundo do heavy metal como uma grande irmandade, e, se é assim, devemos honrar os nossos irmãos que abriram o caminho para nós.

Você sempre pensou desta maneira?

Peter: Sim, desde o começo. Veja, no início nós éramos uma banda mais speed/thrash metal, mas tínhamos nossas referências musicais básicas em Accept e Judas Priest, embora já praticássemos um som muito mais voltado ao extremo do que essas bandas. Na época eu ainda não cantava, e o nosso vocalista era muito mais voltado para o thrash, então ele não cantava, mas gritava (risos). Nós ouvíamos os discos das bandas clássicas, os novos lançamentos da NWOBHM, e de tudo isso buscávamos tocar versões mais pesadas e extremas. Pouco tempo depois, tivemos contato com a música do Slayer. Aquilo mudou tudo para nós, pois tínhamos um padrão do que era de fato a música extrema, não conhecíamos nada como eles antes. As coisas foram evoluindo naturalmente. Então, para nós, nunca houve a necessidade de uma separação entre gêneros, já que tudo provinha de um mesmo lugar. O metal é uma irmandade. E pode ter certeza, qualquer outra das bandas pioneiras do metal extremo diria as mesmas palavras que estou dizendo. Nós queríamos evolução, não segregação.

Você mencionou com muita ênfase o Judas Priest e o Slayer. O que nessas bandas mais o agradava?

Peter: (N.R: ele pensa por alguns segundos) Bom, a primeira vez que ouvi o Judas Priest foi em um dos programas de rádios mais populares da Polônia, acho que passava todas as sextas-feiras à noite. Era algo como um 'Top' das músicas mais pedidas, e o metal conseguia colocar músicas frequentemente nas paradas, bem diferente do que acontece hoje (risos). E olha que na época ser fã de metal não era uma coisa realmente proibida, mas digamos que também não era algo que depunha ao seu favor por aqui (risos). Mas veja, aquele era um dos únicos programas de rádio que eu gostava. Além dele, não tínhamos na Polônia lojas de discos, era extremamente complicado conseguir comprar algum disco, pois você tinha que buscar algo em um sebo ou no mercado negro, e os preços eram ridiculamente altos... O único jeito de conhecer uma banda era através do rádio ou de um amigo, não tinha outra maneira. Então, quando ouvi o Priest na rádio, foi incrível. Na hora eu quis montar uma banda e estava decidido que aquela seria a minha vida. Então, conheci Zbig (N.R.: Zbigniew "Vika" Wróblewski) e, juntos, montamos o Vader. Aí, para começar, digamos que foi por conta do Judas Priest que montei uma banda originalmente.

Mas a história não terminou por aí...

Peter: Não, pois ainda tinha muito para ser ajustado. Zbig era guitarrista e, no início, eu era baixista, e estava feliz com isso, pois também era fã do Motörhead, então... Mas o fato é que na época eu tinha um pôster enorme do *Unleashed in the East* (N.R: álbum ao vivo do Judas Priest, de 1979) na parede do meu quarto e não conseguia tirar os olhos daquela guitarra, sabe? Desde então, o modelo 'Flying V' se tornou uma obsessão para mim, um símbolo do que era o heavy metal. Na mesma época, chegou o dia em que Zbig me disse 'cara, você está fazendo coisas demais no baixo, não é melhor assumir de uma vez a guitarra?'. Claro que eu fiz isso (risos). Consegui uma cópia das mais baratas possíveis de uma Flying V, não queria nem saber do som da guitarra, queria o formato! Eu queria ser como o K.K. Downing, pelo menos visualmente (risos).

SOLITUDE IN MADNESS
Nuclear Blast/Shinigami - Nac.

Curioso você dizer isso, pois sempre senti seu estilo de tocar guitarra como uma variação mais extrema da versão ao vivo de *Sinner* (Judas Priest), sabe? O uso da alavanca tremolo, o caos mesclado à melodia...

Peter: Quer saber, isso é incrível, pois é exatamente isso (muitos risos). A versão ao vivo de *Sinner* é parte básica da minha educação musical, eu estudei aquilo, treinei a exaustão... Era aquilo exatamente o que eu queria fazer! Essa música é a culpada de eu curtir mais essas músicas caóticas, tocadas com a alavanca, do que uma estrutura musical bonitinha e muito melódica. Claro que ainda gosto de reservar alguma melodia, aprendi bastante sobre isso, mas ainda prefiro tocar música caótica e que soa como uma bomba caindo do céu (risos).

Sim, mas depois você conheceu o Slayer...

Peter: Sim, e lá outro KK, o Kerry King (risos). Acho que tenho um problema com essas iniciais (risos). Mas, veja, Kerry King e Jeff Hanneman eram para mim uma continuação natural de K.K. e (Glenn) Tipton. Eles tinham aquele mesmo espírito de 'duo' de guitarras, apenas era muito mais extremo e veloz! Para mim, a música do Slayer vem diretamente do Priest e, por isso, gostei muito, de forma imediata. O Priest me deu razão para viver de música, e o Slayer me mostrou como eu poderia fazer isso. São duas bandas que sempre estiveram ali para mim, sempre me senti apoiado na música deles, sempre me senti motivado e inspirado pela música deles. Sinto-me um pouco como o Judas Priest cada vez que empunho a minha Flying V, e me dedico de coração ao Slayer cada vez que executo um riff. Na verdade, acho que diria que o Slayer guiou a composição do álbum *Litany* (2000). Tudo o que queria na época era soar tão brutal e incrível quanto o Slayer. Seguimos subindo os degraus de extremidade um por um, mas penso que ali conseguimos o máximo. Fico feliz que este disco seja um dos favoritos dos fãs!

Muito obrigado por dividir conosco todo esse capítulo da sua jornada. Sinceramente, foi incrível. E ainda precisamos falar sobre *Solitude In Madness*, o novo álbum do Vader.

Peter: Obrigado você por me conduzir até aqui com as questões certas. Na verdade, acho que as pessoas compreenderão muito melhor a proposta de *Solitude in Madness* após lerem essa história do que lendo várias páginas exclusivamente sobre este novo álbum.

A primeira coisa que percebemos é que, depois de bastante tempo, o Vader está trabalhando com um novo produtor.

Peter: Sim, e isto foi também o que custou todo o atraso para o lançamento deste álbum (risos). Veja, eu não tenho do que reclamar a respeito da produção dos álbuns anteriores, mas nós queríamos mudar, queríamos buscar algo

By_Lu*Ch@qu£

novo, diferente, se assim pudermos dizer. Minha ideia original era trabalhar com Erik Rutan (Hate Eternal), pois adorei a sonoridade do último álbum do Cannibal Corpse (*Red Before Black*, 2017). Mas, você sabe, aconteceu toda aquela situação com Pat O'Brien (N.R: guitarrista do Cannibal Corpse, preso em dezembro de 2018 sob acusação de invasão de propriedade e agressão a um policial), e Erik acabou se juntando ao Cannibal Corpse para a turnê deles com o Slayer. Bem, precisamos buscar outra alternativa, e isso acabou tomando tempo. Encontramos Scott Atkins, viajamos para a Inglaterra, começamos a gravar, mas aí tivemos que começar a turnê, e o trabalho todo parou. Quer dizer, eu adorei a produção, foi um processo incrível, mas demorou e custou um bocado de trabalho (risos).

Em que sentido vocês precisaram finalizar coisas no estúdio?

Peter: Isso é o nosso processo natural. Acho que nosso álbum de estreia (*The Ultimate Incantation*, 1992) foi o único em que entramos no estúdio com tudo definido, pois vínhamos trabalhando naquelas músicas por anos. Desde então, sempre gostei de deixar alguns detalhes para decidir no estúdio, no momento da gravação.

Bem, espontaneidade é uma ótima palavra para definir um álbum com meia hora de duração, onde a maior parte das canções não ultrapassa os três minutos.

Peter: Exatamente. É como *Reign in Blood* (Slayer, 1986), quando você encontra a fórmula, não tem motivo para ficar enrolando (risos). Simplesmente toque a sua música na maior velocidade possível e exploda a cabeça do ouvinte (risos). É como disse antes, nossa jornada tem sido constantemente usada para honrar aqueles que nos influenciaram e para honrar aqueles que gostam da nossa música. Nós

"Ainda gosto de reservar alguma melodia, aprendi bastante sobre isso, mas ainda prefiro tocar música caótica e que soa como uma bomba caindo do céu."

Piotr "Peter" Paweł Wiwczarek

sabemos do que gostamos, e, felizmente, os nossos fãs também sabem do que gostam. Tem sido uma união incrível e intensa ao longo desses anos, e celebramos isso a cada novo álbum. Lembra o que disse antes? Irmandade. É isso que é o metal, então, aproveitem esse novo álbum, meus irmãos.

By_Lu*Ch@qu£

ROADIE CREW ONLINE FESTIVAL

Heavy Metal & Classic Rock

O já tradicional evento online, realizado mensalmente, tem a missão de celebrar e promover o trabalho das bandas brasileiras e fortalecer a cena do heavy metal nacional, sempre com transmissão "Streaming-Live" exclusiva pelo canal oficial da Roadie Crew no Youtube.

Acesse nosso canal do YouTube e se inscreva. Ative o sininho para receber todas as atualizações.

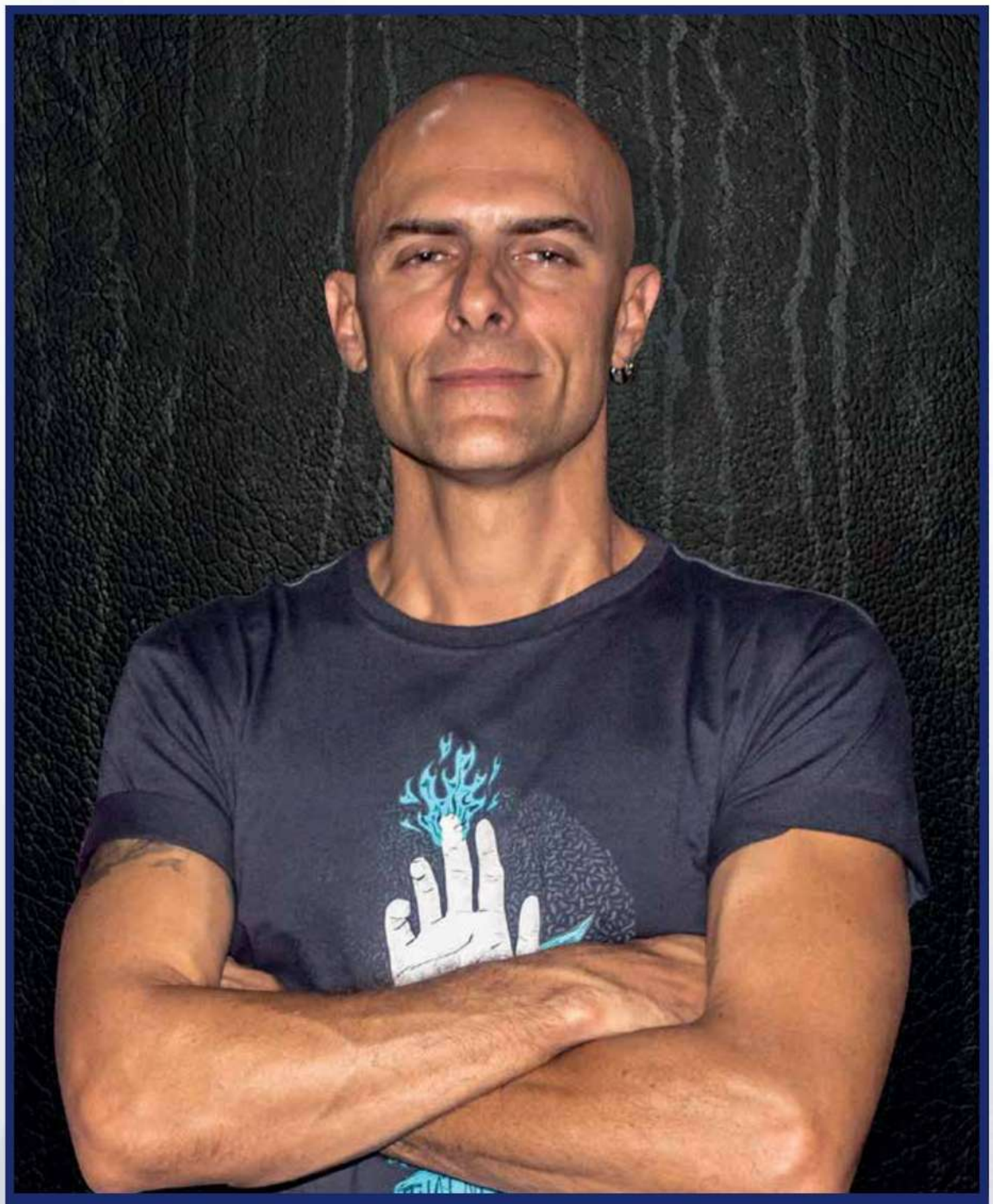
YouTube.com/RoadieCrewMagTV

CURADORIA
SOM DO DARMA

By_Lu*Ch@qu£

PLAYLIST

Por Thiago Prata • Foto: Divulgação



MANU JOKER
UGANGA

► **Rotting:** "Uma música poderosa e afrontadora ainda nos dias de hoje. Eu e o Wagner ('Antichrist' Lamounier) trabalhamos pesado o material do *Rotting* por um mês no meu quarto de ensaios aqui em Araguari. Todos os dias, da manhã até o fim da tarde. Depois, saíamos para beber. A rotina não mudava. Nos finais de semana, o Gegê (Gerald 'Incubus' Minelli) vinha de BH, se atualizava do material e trazia suas ideias. *Rotting* começou a partir de uma fita K7 que o Wagner trouxe de um ensaio do Cirrhosis, quando ele ainda estava na banda. Alguns riffs estavam naquela fita, e a partir dali começamos a trabalhar. É uma mistura do Sarcófago tradicional com Black Sabbath e crossover. No meio tem uma parte mais 'mosh' que é puro Angel Butcher. Estou cantando essa letra pela primeira vez no meu projeto paralelo Manu Joker e The Röttens e hoje constato que ela é mais filosófica do que profana."
Álbum: Rotting (Sarcófago, 1989)

► **Alcoholic Coma:** "Outra das minhas preferidas entre tudo que gravei na vida. *Alcoholic Coma* de cara mostrava um Sarcófago mais thrash no *Rotting* e representa muito bem a química musical que tenho com o Wagner, ainda nos dias de hoje, inclusive. Acho que sabemos misturar nossas características musicais e fizemos isso de novo alguns anos atrás num projeto que talvez um dia seja lançado. A letra fugiu do usual satanismo e foi mais para farra mesmo, porém com uma visão pessimista dos excessos. Isso tem muito a ver com as pessoas que éramos naquela época. Essa música contou com backing vocals gravados pelo Korg (The Mist, ex-Chakal), Oswaldinho (R.I.P. – Sextrash) e por mim. Ah! Eu também gravei a respiração que rola no meio e o teclado simulando o aparelho médico. Quase um Rick Wakeman (risos)!"
Álbum: Rotting (Sarcófago, 1989)

► **Couro Cru:** "Apesar de ser até mais antiga que *Ouro de Julho*, *Couro Cru* tem mais elementos que remetem ao Uganga de hoje em dia. Tanto é que a gravamos de novo no *Servus* num arranjo bem fiel à primeira ideia. Ela é crua como os tambores da Folia de Reis, um som direto focado no hardcore e com uma parte mais viajada no final, onde nosso apreço pelo reggae fica evidente. O Uganga sempre teve isso, músicas que no final mudam totalmente para outra vibe. Pensando bem, outra banda que sempre fez isso foi o Soulfly. A letra também tem muito da região onde vivemos, é bem a linguagem das ruas e fala da influência da cultura africana na nossa identidade."
Álbum: Atitude Lótus (Uganga, 2003)

► **NOME COMPLETO:**
Manoel Antonio Guimarães Henriques
► **NASCIMENTO:**
10 de janeiro de 1972, em Araguari/MG
► **BANDAS QUE INTEGROU:**
Uganga, Angel Butcher, Sarcófago, Odd Mellody, Nuts e Manu Joker & The Röttens

► **Ouro de Julho:** "Essa música marca uma época em que o som do Uganga era bem mais leve e focado no funk rock. Foi também o primeiro som que fiz com o Christian (Franco), várias outras músicas viriam depois dessa... A letra fala de um final de semana que passei em Lavras Novas (MG), uma celebração ao lado de pessoas queridas e uma declaração de amor a Minas Gerais. Ela ficou muito tempo no set list nos primeiros anos, e recentemente voltamos a tocá-la nos shows com um arranjo mais pesado. Fluiu legal."
Álbum: Atitude Lótus (Uganga, 2003)

► **Pagar Pra Ser Feliz:** "Essa foi originalmente gravada em 1998 na nossa demo *100 Pressa, 100 Medo*, ainda comigo na bateria, e depois regravada no segundo full da banda, *Na Trilha do Homem de Bem*, já com Marco (bateria) e Ras (baixo). Teve também nosso irmão Frango Kaos (Galinha Preta) fazendo uns vocais de apoio insanos no refrão. Apesar de também ser thrash metal, essa música tem muito de rap e uma letra que fiz junto ao Leospa, nosso primeiro vocalista. Quem quer pagar para ser feliz? Acredito que ninguém, porém muitos iludidos pagam para depois descobrir que felicidade não tem preço, não se compra. É um estado de espírito que se conquista todo dia sem garantias."
Álbum: Na Trilha do Homem de Bem (Uganga, 2006)

► **Procurando o Mar:** "Esse som marca a transição do Uganga, da sonoridade antiga para o estilo atual. É uma faixa puramente thrash metal, tem um riff muito foda e nosso groove característico que vem dessas influências mais "tortas" que trazemos para o nosso crossover. A letra novamente traz uma conexão com Minas Gerais ao usar o fato de estarmos longe do mar como uma metáfora para o autoconhecimento. O "mar" nesse caso seria nosso eu interno, a essência espiritual que todos buscamos. Mesmo tendo sido composta e gravada 15 anos atrás, ainda está entre as minhas preferidas. Ali, nosso estilo se moldou. Ah, e foi nosso primeiro clipe."
Álbum: Na Trilha do Homem de Bem (Uganga, 2006)

► **Fronteiras da Tolerância:** "Metal e punk juntos com a essência forte dos anos 80. Acredito que é uma das músicas que mais tocamos nesses 26 anos. Geralmente, fechamos o set com ela, e o resultado é sempre incrível. *Fronteiras da Tolerância* tem, a meu ver, elementos de bandas como Venom, Discharge, Dorsal Atlântica, The Exploited e o onipresente Motörhead. É rock pauleira rude, perigoso, com cheiro de coturno e cerveja (risos). Ela tem um refrão forte para a galera cantar junto no show, e a letra, apesar de um pouco niilista, acaba focando no lado positivo, que é vencer por si sem depender dos outros. Mestres são importantes, mas eles não resolvem por você."
Álbum: Vol. 3: Caos Carma Conceito (Uganga, 2010)

► **Meus Velhos Olhos de Enxergar o Mal (2 Lobos):** "Outra que raramente fica fora do set list. Por ser mais lenta, com aquela coisa mais Metallica na levada, ela funciona muito bem nos shows fazendo um balanço com as faixas mais rápidas. É a típica música para bater cabeça e no meio tem uma transição que nos leva rapidamente aos ritmos jamaicanos. Você irá encontrar referências à Jamaica em todos nossos álbuns, seja no reggae, no ska, ou, nesse caso, no dub. Eu não consigo entender o porquê de muitos na cena metal ainda acharem estranho, ou errado, uma banda ter tais referências. Ao mesmo tempo, acham normal se essas referências vierem, sei lá, da Escandinávia. No caso do Uganga, muita coisa dos dois lugares nos influencia. A letra é bem pessoal e trata de defeitos que tenho e tento domar."
Álbum: Vol. 3: Caos Carma Conceito (Uganga, 2010)

► **Total Violence:** "Violência pura cara! A primeira música que compus ao lado dos meus irmãos do Angel Butcher, e os blasts já estavam ali na nossa demo-ensaio de 1986. Muitos pensam que eu comecei a fazer metranca por influência do Sarcófago, mas a real é que o que me levou para essas batidas foi o Cryptic Slaughter (EUA). Eu era tape trader e já tinha a demo deles de 85 e o primeiro e maravilhoso álbum *Convicted*. Se você prestar atenção, verá que minha maneira de fazer a metranca é totalmente diferente do D.D. Crazy, que para mim é, sim, um dos criadores da batida. Só que eu não sabia quando comecei a fazer o mesmo, e esses loucos da Califórnia me inspiraram. Em breve, soltaremos uma versão dessa música com o Manu Joker & The Röttens."
Álbum: 25 Years Bleeding Ears (Angel Butcher, 2012)

► **Song for the Moon:** "Essa foi composta quando o AxBx voltou com meu chapa Maurício "Desecrator" na guitarra nos anos 2000. Tem muita influência de Hellhammer, Sodom, Rattus, aquelas podreiras europeias clássicas que nós tanto amamos, e a letra é uma homenagem à minha cachorra Lua, que morreu em 2007. Claro que com aquele verniz que permite as pessoas também interpretarem se tratar da lua, nosso satélite natural, e da sua influência mística nas nossas vidas. Mas na verdade é sobre uma cachorra incrível."
Álbum: 25 Years Bleeding Ears (Angel Butcher, 2012)

► **Moleque de Pedra:** "Todos os nossos álbuns têm faixas mais diretas como *Corrida* ou *3XC*, curtas, grossas, flecha no alvo mesmo. Essa música fala dos moleques que ficam nos faróis ou nas praças, sem nenhum tipo de suporte da família ou do Estado, numa existência torturante regada a carência, vício e fome. Seres que já chegam sem direito algum, só com o peso de uma rotina sofrida nas costas. É outra que tem muita influência do metal nacional dos anos 80 e teve o Juarez (Cirrhosis) dividindo os vocais comigo. Esse tipo de música é o que me fez começar a tocar em 1985 e ainda segue sendo uma parte gigante do DNA do Uganga."
Álbum: Opressor (Uganga, 2014)

► **O Campo:** "Tive a ideia dessa letra em 2010, quando visitamos o campo de Auschwitz na Polônia, em nossa primeira tour europeia. Eu sou um aficionado por história, em especial da Segunda Grande Guerra, e procurei nessa letra me colocar em duas situações. Na primeira, como alguém que viveu aquele momento, que estava naquele inferno; e na segunda, com o distanciamento de quem nunca conseguirá entender realmente o que se passou na Europa entre as duas grandes guerras. O nazismo é uma mancha na história da humanidade, e acho surreal ver pessoas nos dias de hoje ainda defendendo tais ideias. Vivemos algo parecido com uma 'idade média com selfie'. Musicalmente, é uma das nossas faixas mais fortes e foi onde começamos a explorar mais vocalizações limpas, seja na voz principal ou nos backings. Um típico som do Uganga."
Álbum: Opressor (Uganga, 2014)

► **Servus:** "Outra das minhas preferidas. Assim que terminamos de trabalhar nesse som, eu sabia que seria a faixa de abertura e também um dos destaques do álbum. O fato de ser nosso único trabalho com três guitarras abriu muitas possibilidades melódicas na nossa música sem ter que complicá-la. Essa música mostra muito bem o Uganga de 2020, tem nosso jeito único de fazer crossover misturado a um refrão mais melódico e etéreo, muito do metal mineiro feito na Cogumelo Records dos anos 80 e aquele salve para o ragga no final (risos). A letra funde a raiva com o momento atual do país a um 'otimismo espiritual'. Uma das melhores músicas do Uganga e com certeza da toda minha trajetória até aqui."
Álbum: Servus (Uganga, 2019)

► **O Abismo:** "Adoro essa música! *O Abismo* teve sua inspiração nas Cataratas do Rio Couros, na Chapada dos Veadeiros (Goiás). Eu havia feito uma trilha e estava parado na borda de um mirante incrível que tem lá com um imenso precipício aos meus pés. A ideia veio muito clara, e o que foi possível memorizar, eu memorizei (risos). A letra fala do quão perigoso pode ser perder o controle, em especial na beirada de um abismo. Tivemos duas participações incríveis nesse som, meu irmão Casito Luz (Witchhammer) fazendo o papel do guardião do abismo, e Marcos Melo destruindo tudo no saxofone. A ideia de ter um solo de sax no final de uma música do Uganga vem de longe e tem sua inspiração em artistas como The Stooges ou Public Enemy. Essa música tem muita influência de black metal, daquele clima gelado, mas na hora do solo a coisa muda totalmente. Como é de praxe na casa (risos)."
Álbum: Servus (Uganga, 2019)

HIDDEN TRACKS

HOLY TERROR

Por Valtemir Amler

É comum dizermos que, no amplo universo do thrash metal, tudo se inicia com o Metallica e/ou com alguém sendo chutado de uma banda. Bem, não estamos aqui para corroborar ou derrubar nenhuma teoria, mas veja bem: em 1983, o Metallica chutou o guitarrista Dave Mustaine, que respondeu fundando o Megadeth. Naquele mesmo ano, diferenças criativas entre Mustaine e John Cyriis levaram ao desligamento deste último do Megadeth. Cyriis fundou então o Agent Steel, que, em 1985, perdeu o guitarrista Kurt Colfelt. E é aqui que a nossa história se inicia, já que foi assim que Colfelt decidiu montar o Holy Terror. Para ficar mais interessante, basta lembrar que o primeiro parceiro que ele encontrou para a empreitada foi o baterista Jack Schwartz, que havia sido chutado do Dark Angel no ano anterior.

Para completar o poderoso time, vinham o baixista Floyd Flanary, o guitarrista Mike Alvord e o vocalista Keith Deen (falecido em 2012), que já podemos mencionar como o grande trunfo desta sobre qualquer outra banda de seu período. Porém, antes do quinteto poder mostrar todas as suas armas, uma demo foi produzida em 1986, e o resultado foi muito além do esperado, como Colfelt recordou: "Nós gravamos em uma mesa de 16 canais as únicas músicas que tínhamos ensaiado, e então enviamos para um monte de revistas, selos e tal. Para minha surpresa, muitas revistas começaram a publicar a nossa foto e resenhas da demo, que eu pessoalmente odeio, mas que gerou alguma ação."

As coisas correram rapidamente desde então: "Pouco depois, começamos a receber muitas cartas de fãs, e um dia, no meio delas, havia uma de Mark Palmer, da Music For Nations UK, perguntando se queríamos um contrato de gravação", completou Colfelt.

Porém, as coisas já começavam a complicar. Segundo Kurt, o baterista teria entrado em contato com o selo e fechado um acordo com eles sem consultar os demais membros da banda. Sim, foi a gota d'água para mais uma expulsão. Com Schwartz fora, eles recrutam o baterista Joe Mitchell. Seis semanas depois, estavam no Skyline Studios gravando o debut *Terror And Submission*, lançado em 1987 via Under One Flag, subsidiária da MFN. A poderosa mistura de thrash e speed metal logo chamou atenção, mas, de cara, os ânimos entre a gravadora e a banda se mostraram pouco amistosos. Enquanto a banda desejava ter seu primeiro álbum autointitulado, o selo insistiu em mudar o nome, ao que o grupo teve que ceder. A confusão estava armada, e as consequências logo apareceriam.

Antes, com um disco na bagagem, a banda se lançou em turnê. Shows ao lado de Megadeth, Kreator e Exodus iam ajudando a forjar o nome do Holy Terror nos palcos. "Os caras do Exodus e do Nuclear Assault nos trataram bem. E quando saímos em turnê com o D.R.I., eles foram ótimos. Mas, então, eu lembro de ter uma turnê nos EUA, e não me lembro qual banda era - Jetboy ou talvez alguma banda relacionada ao Warrant -, mas eles definitivamente torceram o nariz para nós", relembrou Mike Alvord. "Eles tinham um gigantesco ônibus de turnê, enquanto estávamos em uma pequena van de 10 metros, com sete caras dormindo nela. Estávamos todos esfarrapados e não tomávamos banho há dias, eles olhavam para nós como se fôssemos inferiores a tudo. E como sempre - você quer estar no clube dos grandes, mas não há espaço para tantos", completou.

Se o 'clube dos grandes' sempre encontra estratagemas pouco honestos para proteger os seus favoritos, isso não era da conta do Holy Terror, que seguiu fazendo as suas coisas da melhor maneira que podia. E foi aí que algumas decisões erradas cobraram seu preço. Enquanto gravavam seu segundo álbum, *Mind Wars* (1988), o abuso de drogas se tornou uma constante. Problemas insólitos na subsequente turnê europeia levaram a banda a tocar muitos shows sem Kurt. O clima de ressentimento aflorava e a relação com a gravadora era cada dia pior. Enfim, a banda encerrou em 1991, com um breve retorno entre 2005 e 2008. Pouco para um dos melhores nomes de sua geração.

Divulgação

Drogas e brigas com a gravadora prejudicaram o futuro promissor de Joe Mitchell, Mike Alvord, Keith Deen, Kurt Kilfelt e Floyd Flanary

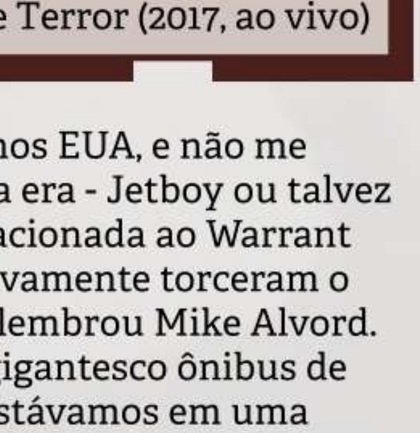
ORIGEM:
Estados Unidos

ÉPOCA:
Anos 80

ESTILO:
Thrash/Speed Metal

FORMAÇÃO CLÁSSICA:
Keith Deen (vocal), Kurt Kilfelt e Mike Alvord (guitarras), Floyd Flanary (baixo) e Joe Mitchell (bateria)

DISCOGRAFIA:
Terror And Submission (1987), Mind Wars (1988) e Live Terror (2017, ao vivo)



Terror and Submission (1987)

Mind Wars (1988)

HEAVY METAL ROCK ONLINE FESTIVAL

Em comemoração ao aniversário de 37 anos da loja e selo

Fúria de Dionísio

TAURUS

WARSLAUGHTER

Mordeth

KIKO SHRED

Jaeder Menossi
Interestellar Experience

DIA 04 DE SETEMBRO - 19H30

STREAMING-LIVE **pelo Youtube @HeavyMetalRock83**

Inscreva-se e ative o sininho para receber todas as notificações sobre o festival!

Nos acompanhe em nosso site e mídias sociais

www.hmrock.com.br

/hmrock83

@heavymetalrock83

E mais outras grandes atrações a confirmar!

CURADORIA
SOM DO DARMA
Management | Booking | Press & Promotion

arte: www.jduartedesign.com

By_Lu*Ch@quf

Black Swan

O Poderoso Cisne Negro

Robin McAuley fala da formação da banda com Jeff Pilson e Reb Beach, além de dar detalhes do grave problema de saúde que teve no início do ano

Por Daniel Dutra

Assim que o papo descambou para o Black Swan, Robin McAuley fez questão de afastar o rótulo de supergrupo, algo óbvio para um time que conta com um dos vocalistas do Michael Schenker Fest (e ex-MSG) ao lado do baixista Jeff Pilson (Foreigner, ex-Dokken, Dio e vários outros nomes), do guitarrista Reb Beach (Winger e Whitesnake) e do batera Matt Star (Mr. Big e Ace Frehley), todos nomes muito fortes no cenário do hard rock e musical. Mas faz sentido, afinal, o disco de estreia transborda aquele sentimento de unidade que é essencial na formação de uma banda. Não à toa, o sempre simpático McAuley torce para o Black Swan ganhar vida também nos palcos, onde poderá mostrar uma performance que ele mesmo considera diferenciada em sua carreira, em músicas que dão a *Shake the World* o status de um dos melhores álbuns que você ouvirá em 2020, independentemente do gênero musical. Confira o papo – que inclui dicas de higiene numa estranha coincidência pré-pandemia do novo coronavírus – e escute o CD!

Minha primeira pergunta é a mais importante: como está a saúde agora?

Robin McAuley: Estou ótimo! Obrigado por perguntar. Tive um problema inesperado há pouco mais de um mês (N.R.: a entrevista foi realizada no dia 11 de fevereiro), porque estava me sentindo bem e pronto para pegar meu voo rumo ao cruzeiro 70000 Tons of Metal, onde me apresentaria com o Michael Schenker Fest. Depois de uma ótima manhã de domingo de sol, de ir à igreja e tomar café da manhã com a família, comecei a sentir muito frio, mas sem nenhum outro sintoma, e meu corpo entrou em choque. Quando dei por mim, estava numa ambulância a caminho da emergência de um hospital. Algumas horas depois, estava internado em uma UTI com sepse (N.R.: quando o corpo reage a uma infecção e acaba prejudicando os próprios órgãos). Aparentemente, uma bactéria causou uma infecção que foi para a corrente sanguínea, e assim tentou me matar. Mas a filha da puta não conseguiu, porque

By_Lu*Ch@qu£

ainda estou aqui! (risos) Foi uma batalha dura, e minha esposa foi informada logo no início que minha situação era crítica, só que tive ajuda de médicos e enfermeiros incríveis, além da incrível família que tenho. Olha, eu não estava pronto para partir. Mantenho-me saudável e em forma, então foi assustador o que aconteceu, porque eu não poderia esperar nada parecido. Uma coisa é você estar doente e ficar cada vez mais doente, só que eu estava me sentindo ótimo até a chegada desse visitante indesejado. O importante é que agora estou novamente muito bem, de volta ao trabalho agitando todas as noites nos shows em Las Vegas.

Isso mesmo, e devo dizer que foi um grande alívio quando vi uma foto que o Paul Shortino postou no Instagram. Ele e você no backstage do Raiding the Rock Vault, em Vegas, então soube que tudo estava de volta ao normal...

Robin: Sim! Quando voltei para o Raiding the Rock Vault, a primeira coisa que Paul fez foi perguntar 'Cara, como você está se sentindo?', e eu respondi: 'Como um cadáver ambulante' (gargalhadas). Agora eu posso rir do que aconteceu, mas não foi nada engraçado na época. Foi uma pena não poder participar do cruzeiro, mas o Shenker Fest vai se apresentar no começo de março no Japão, onde os ingressos dos shows já estão esgotados, e em abril iremos para o Reino Unido e o restante da Europa (N.R.: todas as apresentações foram adiadas por causa da pandemia da Covid-19). Estou ansioso por isso e para reencontrar os caras da banda. Uau! É bom estar saudável! É bom poder rir agora, depois que tudo passou.

Entendo perfeitamente o sentimento, porque eu tive um grave problema de saúde no fim de 2016 e quase morri. Passei o ano de 2017 me recuperando, mas hoje estou bem e com perspectivas diferentes em relação ao que acontece ao meu redor.

Robin: Ah, cara, fico feliz em saber que você superou o problema. Eu realmente procuro levar uma vida saudável e estar em boa forma, mas nunca se sabe o que vem pela frente. Quando conversei com os médicos, perguntei como aquilo pôde ter acontecido comigo, já que eu estava me sentindo muito bem. Acontece que se pode pegar um vírus ou uma infecção em qualquer lugar, não importa o quão cuidadoso você seja. Então, não posso viver minha vida pensando todos os dias quando isso vai acontecer de novo, e os próprios médicos disseram isso para mim. Sabe que conselho eles deram? Lave as mãos! (risos) E olha que eu faço isso inúmeras vezes por dia, já que todas as noites conhecemos várias pessoas diferentes nos shows do Raiding the Rock Vault, cumprimentamos todas elas com um aperto de mão e ficamos conversando. Vivemos rodeados de higienizadores com álcool em gel e lavamos as mãos constantemente, porque a verdade é que não podemos ficar doentes. Nosso trabalho é estar em cima do palco, e são cinco apresentações por semana. Não podemos pegar resfriado ou gripe de outra pessoa, por isso somos todos muito cuidadosos para prevenir que algo assim aconteça, porque não tem como usar máscaras e luvas 24 horas por dia durante os sete dias da semana. É preciso tirá-las em algum momento, e se algo ruim pode acontecer mesmo tomando todas as precauções, imagine se você se descuidar.

Vamos falar do Black Swan, começando precisamente da formação da banda. Como você se envolveu?

Robin: Eu já conhecia o Jeff Pilson do McAuley Schenker Group, porque ele tocou no nosso último álbum de estúdio (N.R.: *M.S.G.*, de 1992), que também contava com James Kottak, e participou da turnê acústica que fizemos naquela época. Mas o que muita gente não sabe é que Jeff foi meu padrinho de casamento, há 27 anos! (risos) Temos uma história juntos, e ele me ligou há mais ou menos um ano para dizer que a Frontiers havia pedido que montasse uma banda. Jeff já havia chamado o Reb Beach, porque os dois trabalharam juntos no Dokken (N.R.: em *Erase the Slate*, de 1999, e no ao vivo *Live from the Sun*, de 2000). Achei a ideia ótima e perguntei se ele seria o baixista, e Jeff disse que não queria tocar, apenas assumir a função de produtor. No entanto, respondi: 'Hum, eu gostaria que você fosse o baixista, porque não quero fazer um disco sem saber o que pode acontecer, e nós nos conhecemos bem o suficiente para que tudo funcione perfeitamente'. De qualquer maneira, ele iria gravar os baixos, mas depois chamaria outro músico para o seu lugar, mas eu e Reb o convencemos a ser também um integrante fixo da banda. Os dois começaram a compor e mandaram material para mim, e eu os encontrei no estúdio com algumas ideias de melodias e letras. Foi assim que surgiu nossa primeira música, *Big Disaster*, e lembro de Reb parar de tocar para dizer: 'Este é um projeto novo, então chamar essa canção de grande desastre provavelmente não é um boa ideia' (risos). O mais engraçado é que *Big Disaster* foi o segundo videoclipe lançado pela Frontiers, e isso aconteceu exatamente no dia que tive alta do hospital (N.R.: 27 de janeiro), então recebi várias ligações de pessoas falando 'Vocês lançaram uma música chamada *Big Disaster* enquanto você estava internado (N.R.: o single saiu no dia 13 de janeiro), e o vídeo é divulgado no momento em que você é liberado? Ah, pode dizer que isso foi um golpe publicitário!' (risos). Eu tinha de responder a todos: 'Não, não! É apenas uma irônica coincidência!', mas foi mesmo a primeira música que fizemos juntos, sendo que não havíamos discutido nada além de compor e gravar um álbum, então quando começaram a perguntar como era fazer parte de um supergrupo, eu dizia 'Ah, não! Não diga isso, porque não tenho tempo para esse lance de supergrupo.' Eu realmente não gosto do rótulo, e nós estávamos apenas nos divertindo ao juntar nossas ideias. Por exemplo, Reb é um guitarrista fenomenal e está tocando como nunca no disco, mas o melhor é que no Black Swan ele soa diferente do que é no Winger ou no Whitesnake. Quando Jeff enviou as 'rough mixes', ouvi e pensei comigo mesmo: 'Isso está soando incrível!'. E, quando menos esperávamos, por causa de nossas agendas completamente loucas, tínhamos um álbum pronto. Reb deu a ideia do nome, e fomos atrás para ver se podíamos usar, porque existe um livro (N.R.: no Brasil, "A Lógica do Cisne Negro", escrito pelo pesquisador libanês Nassim Taleb e lançado em 2008) e um filme (N.R.: "Cisne Negro", 2010, do diretor Darren Aronofsky) com o mesmo nome, e sempre pode rolar um veto. Ainda bem que recebemos o sinal verde, porque tem tudo a ver com o som da banda e rendeu uma capa muito bonita. *Shake the World* é um grande disco, e eu não esperava fazer um trabalho tão poderoso a essa altura da minha carreira. Ele me faz sorrir e ter vontade de agitar (risos).

> "SHAKE THE WORLD É UM GRANDE DISCO, E EU NÃO ESPERAVA FAZER UM TRABALHO TÃO PODEROSO A ESSA ALTURA DA MINHA CARREIRA."
> ROBIN MCAULEY

De fato, trata-se de um disco poderoso. Eu esperava algo muito bom vindo de você, Jeff e Reb, sem esquecer de Matt Star, que é um baterista muito bom, mas a verdade é que *Shake the World* superou minhas expectativas. Honestamente, acredito que estará entre os melhores lançamentos do ano...

Robin: Muito obrigado, Daniel! É sensacional ouvir isso, porque desde o início tentamos surpreender a nós mesmos, o que realmente aconteceu. Quando ouvimos o disco 100% finalizado,

Robin McAuley, Reb Beach, Matt Star e Jeff Pilson: veteranos injetando vida nova no hard rock

Enzo Mazzeo

SHAKE THE WORLD
Frontiers/Hellion - Nac.

dissemos: 'Uau! Ficou realmente muito bom' (risos). Mandamos para o pessoal da gravadora, que respondeu: 'Esperávamos um bom disco, mas não que fosse um disco tão bom assim'. Isso foi ótimo, porque o selo realmente abraçou a banda, e a faixa-título, lançada como primeiro single para apresentar o Black Swan ao público, acabou chocando muita gente. Acredito que ninguém esperava uma música tão forte, e *Big Disaster* veio a seguir para mostrar que não parou ali. Há muito mais músicas como essas no álbum.

Como você falou do apoio da Frontiers, vou antecipar uma das minhas perguntas. Na verdade, dizer que seria uma pena se o Black Swan fosse apenas mais um daqueles projetos da Frontiers que não saem do estúdio para os palcos...

Robin: É verdade, e estamos discutindo isso no momento. Na verdade, tivemos uma reunião nesta manhã. Como *Shake the World* e *Big Disaster* se tornaram grandes hits com os videoclipes no YouTube, temos recebido muitas ofertas de promotores dos Estados Unidos e da Europa. Todos querem trabalhar conosco, então perguntam quando será possível para a banda sair em turnê. E a pergunta de um milhão de dólares é exatamente esta: quando? Reb vive muito ocupado com o Whitesnake e o Winger, e o Jeff, com o Foreigner. E tem o Matt, porque acredito que o Mr. Big fará mais shows. Dito isso, nossa ideia é mesmo que possamos fazer alguma turnê com o Black Swan, porque eu odiaria perder essa chance. Eu nos vejo como uma banda, não como um projeto de estúdio, porque somos muito bons para ficar apenas nisso. Eu espero pelo momento em que subiremos no palco, porque será algo igualmente poderoso, um show incrível.

Gostaria de falar sobre os vocais, porque chamam a atenção no disco. Há notas mais altas do que nos trabalhos com o Schenker Fest, e, sendo bem sincero com você, sua performance em *Shake the World* é muito melhor do que em *Resurrection* (2018) e *Revelation* (2019), independentemente de nestes álbuns dividir o posto com outros três cantores (N.R.: Gary Barden, Graham Bonnet e Doogie White).

Robin: Que bom que você tocou nesse assunto, e preciso ser bem cuidadoso com as palavras aqui. Na verdade, eu não gosto da maneira como a minha voz foi produzida nos discos do Michael Schenker Fest, e no *Shake the World* sou eu mesmo. Aquela é a minha voz. Jeff sabia disso, então disse que faria com que soasse como eu mesmo: 'Você vai cantar como Robin McAuley. No Black Swan, não há necessidade de ser diferente, não vamos fazer nada diferente em estúdio'. Ele tem um Neumann 67 que eu adoro usar para gravar, e Jeff brincava: 'Esse microfone adora a sua voz, então vá se encontrar com ele' (risos). O que fiz no disco eu sou capaz de reproduzir ao vivo, porque está bem na cara e sem truques. Uso várias técnicas diferentes quando canto, então não gosto de nada ultraprocessado na produção, e, felizmente, não é assim que Jeff trabalha. Ele gravou a minha voz exatamente como ela é, com todas as suas características, e vou lhe contar uma coisa, Daniel: eu gravei alguns discos em quase 40 anos de carreira, mas meu nome como vocalista não é um que faz as pessoas dizerem: 'Ah, eu sei quem ele é!'. Muitas me conhecem, claro, mas outras tantas não me conhecem, então o que posso dizer é que *Shake the World* é o meu álbum favorito entre todos que já participei. É o meu melhor trabalho, mesmo. Isso fica claro para quem conhece ou quer conhecer de verdade a minha voz, e agradeço ao Jeff por isso. Esse é o disco em que todos têm 100% de sua identidade nas músicas, e é o que as pessoas vão escutar: um álbum poderoso, direto na cara e sem truques. E é por isso que eu o adoro.

By_Lu*Ch@qu£

AREA-55

ÁLBUM DE ESTRÉIA DA BANDA DE LOS ANGELES

ONE OCEAN

LANÇAMENTO MUNDIAL 29/05

EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS

Spotify MUSIC DEEZER amazon TIDAL napster Rhapsody YouTube Google Play

By_Lu*Ch@qu£

Claudio Cardoso

Vulcano

Quatro Décadas de INFERNO MUSICAL

Banda santista celebra 40 anos com digno representante de seu legado

Por Thiago Prata

Dotado de 13 músicas que não precisam de passaporte nem visto para transitar por áreas do death, black, thrash e heavy metal e letras profundas, *Eye in Hell* é daqueles registros que chamaríamos de "best of" do Vulcano – assim como tantos outros álbuns do grupo de Santos (SP). É também uma celebração à altura das quatro décadas de uma banda que teve papel crucial para a criação, a consolidação e a evolução da cena do metal brasileiro e que serviu de inspiração para gerações e subgêneros em várias partes do mundo. À ROADIE CREW, o líder, fundador e guitarrista Zhema Rodero conta detalhes do momento atual do Vulcano, curiosos casos de sua trajetória e explica o porquê de *Eye in Hell* ser, no mínimo, o 15° álbum – e não o 11° – deste gigante nacional.

O Astaroth nasceu em 1980 e se tornou Vulcano no ano seguinte. Considerando então esses 40 anos, podemos dizer que *Eye in Hell* é uma celebração à altura da música, da importância e do legado do Vulcano, não acha?

Zhema Rodero: Sim, nós começamos como Astaroth em 1980, quando juntei Carli Cooper (baixista) e Paulo Magrão (guitarrista). Eles vinham das bandas Sangue Azul e Kataclisma, respectivamente. Eram bandas de músicas autorais curvadas ao rock progressivo e letras em português. Infelizmente, não tem nada registrado daquela época, mas o leitor pode ter uma noção ao ouvir *Om Pushne Namah* (N.R.: EP do Vulcano, de 1983) porque as músicas que estão lá são fortemente influenciadas por eles. O nome Astaroth não durou muito tempo, e chegamos a Vulcano depois de algumas pesquisas. O que ninguém nunca soube, e somente eu e Carli Cooper sabemos, é que foi cogitado o nome de Orange. Então, a partir deste momento, você é a terceira pessoa a conhecer esse fato. Não entendi aquele nome, e então partimos para pesquisar um nome com um pouco mais de significado. Bem, *Eye in Hell* é nosso mais novo trabalho, o qual não foi concebido para ser o melhor do ano ou ter uma notoriedade do metal mundial. Ele é o resultado da música que estamos atualmente criando, ensaiando e executando com euforia. É, sim, uma celebração para nós mesmos. Se conseguirmos passar isso aos headbangers, estaremos muito satisfeitos.

***Eye in Hell* é um disco que soa atualizado, mas ao mesmo tempo remete aos clássicos. Ouso dizer que ele seria um digno representante em qualquer década do Vulcano. De que forma você o colocaria dentro do mapa discográfico da banda?**

Zhema: Eu compartilho de sua percepção de que esse álbum tem uma aura atemporal. Podemos ouvi-lo como se estivéssemos no final dos anos 80 ou ouvi-lo nos dias de hoje. Com relação à discografia, preciso esclarecer algo. Tenho percebido que em resenhas, entrevistas e notícias de revistas internacionais citam *Eye in Hell* como 11° álbum do Vulcano. Não é! Se essa referência for feita apenas a álbuns full-length, com músicas inéditas, ele seria o 12° disco, porque *Live!*, de 1985, apesar de ter sido gravado ao vivo, é um álbum de músicas totalmente inéditas. Se pudermos contar singles e EPs, então *Om Pushne Namah* foi o primeiro lançamento da banda e passaria *Eye in Hell* para 13° álbum, e olhando para *Thunder Metal* (split com o Nifelheim) passaria a 14°. Temos ainda um lançamento digital; se contarmos o EP *The Awakening of an Ancient and Wicked Soul*, seria o 15°. Todos com músicas inéditas. E, finalmente, se esse tipo de classificação aceitar discos ao vivo, porém não com músicas inéditas, o Vulcano já lançou 17 álbuns ao longo de sua carreira. Assim, *Eye in Hell* é nosso 15° álbum. Entendi o lado conceitual de sua pergunta; se eu tivesse que colocar este trabalho ao lado de outros com a mesma escola de riffs e composições, então seria: *Bloody Vengeance* (1986), *Tales From the Black Book* (2004), *The Man The Key The Beast* (2013) e *Eye in Hell*.

A banda também sempre fez questão de criar toda uma ambientação, na qual letras e músicas caminham lado a lado de mãos dadas. Para *Eye in Hell*, algo foi preponderante em termos de influência para as letras?

Zhema: Bem, eu diria que, no primeiro álbum do Vulcano, tentei levar os temas em direção a um livro de autoria do Carli Cooper, bastante inclinado ao hermetismo,

Gerson Fajardo, Bruno Conrado, Zhema Rodero, Carlos Diaz e Luiz Carlos Louzada mantêm vivo o legado do Vulcano

e confesso que obtive um bom resultado. Porém, tratar um texto complexo como uma letra de música não é tão eficaz. Nos álbuns seguintes, continuei fazendo isso, porém mesclando com outros temas mais explícitos e aterrorizantes. Eu estava me iniciando nesse interesse por filosofia, hermetismo, escolas de mistérios etc. Creio que consegui chegar ao auge de minha lírica no *The Awakening of an Ancient and Wicked Soul*. Sempre gostei de escrever, e talvez o Vulcano tenha nascido para realizar a trilha sonora dessa minha vontade literária. Então sempre a letra vem antes da música. Costumo escrever textos até mesmo em guardanapos de boteco. Aqueles símbolos e explicações que aparecem no encarte do *Tales From the Black Book* estão em guardanapos que eu e o Cooper usamos para discutir um assunto no início dos anos 90. Em *Eye in Hell*, aconteceu o oposto: a música veio primeiro, e depois então eu escutava cada uma e escrevia algo para ela. São temas mais profundos do que uma pessoa possa entender passando apenas os olhos no encarte.

Falando das músicas em si, *Evil Empire* e *Cybernetic Beast* foram escolhidas como primeiros singles, um 'aviso' ao que o fã encontraria no álbum.

Zhema: A escolha das músicas que seriam singles antecipados para promover o álbum não foi minha, e sim da Mighty Music. Na verdade, dei a eles 18 músicas finalizadas e mixadas para que escolhessem nove ou dez, mas escolheram 13. Não gosto de álbuns com mais de dez músicas, mas, apesar de eu ter insistido, colocaram 13. Das músicas que ficaram fora tem uma que eu acho sensacional, e mais duas muito boas!

EYE IN HELL
Hellion - Nac.

Há duas situações emblemáticas que gostaria de comentar. A primeira diz respeito a Luiz Carlos Louzada, que reassumiu os vocais do Vulcano em 2010, totalizando agora uma década inteira seguida como frontman do grupo. O quão benéfico tem sido esse período, em termos de evolução e sinergia da banda tendo ele nos vocais?

Zhema: O Luiz é um excelente cantor de death, thrash e black metal, domina essa arte incrivelmente bem. E ele tem um talento que a maioria dos fãs não conhece, que é de se adaptar imediatamente. Por exemplo, quando estamos gravando a voz de determinada música, na audição eu digo: 'Luiz tem como você, nessa parte, cantar dessa maneira, blá, blá, blá?'. Ele fica pensativo, pede para voltar a gravação e então apavora! Ele consegue fazer infinitamente melhor do que lhe foi pedido, isso é talento! No palco, então, nem se fala!

A segunda questão é sobre a saída de Arthur "Von Barbarian" em 2019 e a presença de Bruno Conrado na formação mais recente...

Zhema: Quando o Arthur saiu para dedicar-se ao Zepper's, procurei outras pessoas para o lugar dele. Eu não estava preocupado em buscar alguém famoso, conhecido ou virtuoso; queria alguém que entendesse minha maneira de tocar. Bruno foi o último cara que convidei, mas o primeiro que aceitou imediatamente o desafio. E tenho que agradecer isso porque descobri que ele é talentoso, toca muito e conhece muito da cena metal. O Arthur é um dos melhores bateristas do nosso país, possui a mais completa mistura de técnica com arte e não tem para nenhum outro. Eu 'tesourava' essa arte dele, não por maldade, mas para colocá-lo dentro do que eu queria para o Vulcano. Bruno tem essa mesma veia e, inclusive, uma humildade muito grande, pois, em uma conversa já depois do primeiro show juntos, ele me disse: 'Cara, estou aqui extasiado de orgulho na banda, mas esse banquinho será do Arthur na hora que ele pedir'.

O Vulcano já virou filme, com o documentário "Os Portais do Inferno se Abrem: A História do Vulcano". Já pensou na possibilidade agora de um livro a respeito da trajetória da banda? Ou mesmo uma autobiografia sua?

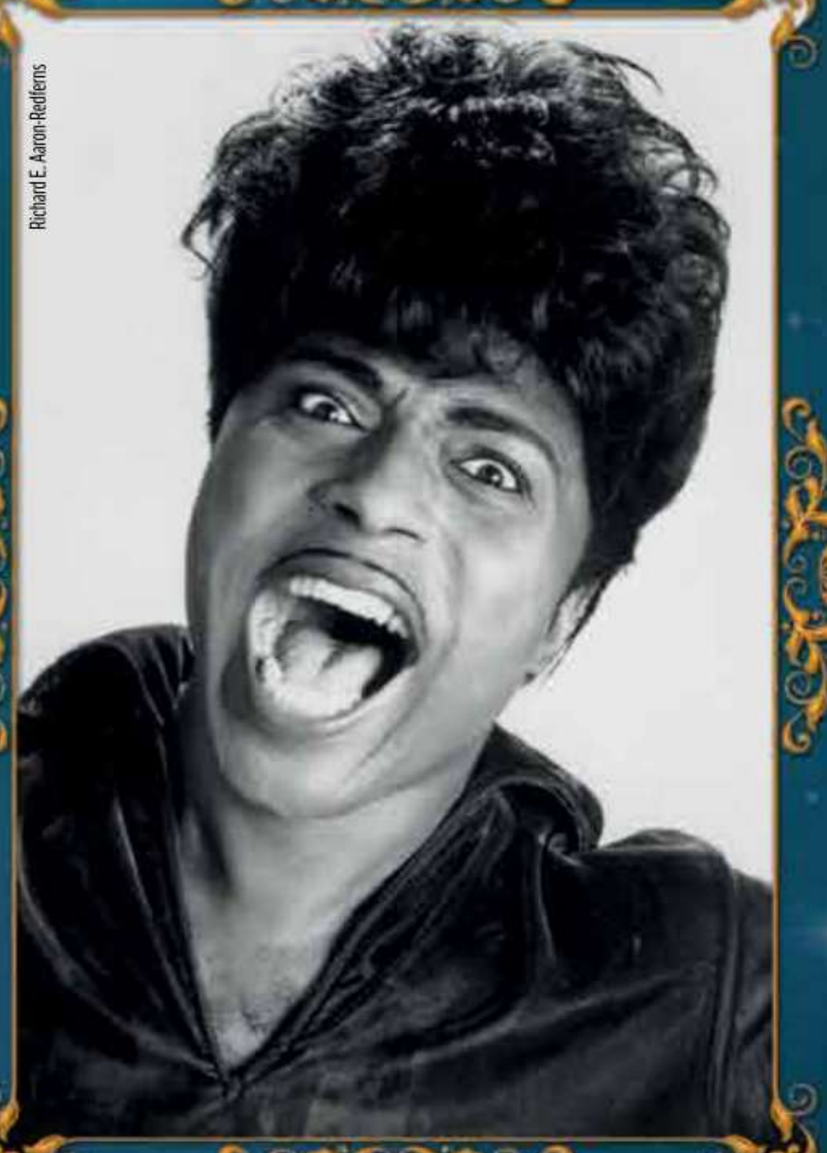
Zhema: Não, não. Já coloquei minha impressão digital no mundo. Não creio que um livro sobre minha banda ou, pior ainda, sobre minha pessoa, possa contribuir com alguma coisa nesse mundo literário, a não ser gerar papel reciclável. O Vulcano tem muita história com H, que não está no documentário. Está nas conversas de bar, nos contos dos amigos, nos registros do underground, nos shows que fizemos em algum lugar desse país, na casa de algum fã que nos recebeu e nos alimentou, nas noites mal dormidas embaixo de palcos, nas bebedeiras com os amigos e até mesmo naquele elogio de um músico famoso de surpresa em determinado show.

Você chegou a ouvir a versão para *Gates of Iron*, feita pelo V Project, do baterista Sérgio Facci (Vodu, Volkana), que tocou com o Vulcano em 1986?

Zhema: Claro! Gostei demais. Penso que quando alguém quer homenagear uma banda deve fazê-lo da maneira mais fiel possível. E foi isso que o Serginho fez. Nada de ficar querendo rearranjar demasiadamente a música apenas para mostrar seus talentos ou técnicas. Além do talento do Serginho, gostaria de dar créditos ao timbre da bateria, aos contra solos arranjados na 'slow part' e ao arranjo de voz.

By_Lu*Ch@qu£

Eternal Idols


Richard E. Aaron-Redferns

LITTLE RICHARD

✶ 05/12/1932 † 09/05/2020

Por Antonio Carlos Monteiro

Ele nasceu negro em Macon, na Georgia (EUA), um lugar em que isso era praticamente proibido, e brincava com a sexualidade numa época em que isso era considerado uma afronta. Ele se dizia um presente de deus e afirmava ter inventado o rock'n'roll. Ele era Richard Wayne Penniman, ou Little Richard, um sujeito que viveu entre o céu e o inferno.

Essa dualidade começou em casa: seu pai Charles "Bud" Penniman dividia-se entre ser pastor e contrabandear bebidas alcoólicas na época da Lei Seca. Na infância ganhou o apelido de "Little" (pequeno) por ser baixinho e franzino.

Começou a cantar na igreja e com um vozeirão que chamava a atenção passou a acompanhar cantores gospel, como Sister Rosetta Tharpe, que lhe deu sua primeira chance num palco, escolhendo-o para abrir um show seu quando Little Richard tinha 14 anos. Inspirado por Ike Turner, começou a estudar piano e logo se integrou ao show itinerante Doctor Nubillo. Ali já começou a mostrar a extravagância que se tornaria sua marca registrada ao usar capas e turbantes.

Aos 16, passou a fazer parte de outra trupe, Dr. Hudson's Medicine Show, e pela primeira vez cantou músicas que não fossem gospel. Nessa época chegou a fazer um show drag, apresentando-se como Princess LaVonne.

Seu primeiro contrato de gravação foi com a RCA Victor, pela qual lançou quatro singles entre 1951 e 1952. Passou para a Speciality Records e soltou no final de 1955 o single *Tutti Frutti*, seu maior hit, marcado pelo início "a-wop-bop-a--loo-bop-a-lop-bam-boom!" No início do ano seguinte, outro single faria sucesso estrondoso, *Long Tall Sally*.

O primeiro álbum veio em 1957: *Here's Little Richard* trazia *Tutti Frutti e Long Tall Sally* e conquistou o 13º. lugar na parada americana. Nos três anos seguintes lançou mais cinco álbuns, com destaque para *Little Richard* (1958), que tinha *Good Golly Miss Molly*. Nessa época, após um voo apavorante para a Austrália, Richard anunciou que se tornaria pastor, passando a lançar discos gospel.

Em 1962, fez uma tour pela Europa e logo na primeira noite o repertório gospel foi vaiado. No segundo dia, arriscou *Long Tall Sally* e o lugar veio abaixo. O sucesso chamou a atenção de várias bandas, que passaram a dividir o palco com ele, como Beatles, Rolling Stones e Everly Brothers. Foi aí que Paul McCartney e Mick Jagger tornaram-se grandes admiradores de Richard. Em 1964, quem se juntou à sua banda foi Jimi Hendrix.

Em 1965 voltou ao rock com o álbum *Little Richard Is Back (And There's a Whole Lotta Shakin' Goin' On!)*. Em 1977, após tempos de abuso de álcool e drogas, novamente abriu mão do rock e voltou à religião, lançando mais um disco gospel, *God's Beautiful City* (1979).

Nos anos 80, abraçou o rock e a religião simultaneamente e soltou sua biografia autorizada, "Quasar of Rock: The Life and Times of Little Richard" (1985), assinada por Charles White. Também começou a trabalhar como ator e sua estreia em "Down and Out in Beverly Hills" (1986) foi muito elogiada.

Sua suposta homossexualidade foi objeto de inúmeras discussões, às vezes lançadas por ele próprio: "Eu tenho sido gay por toda minha vida", disse em 1995 à revista Penthouse. "Homossexualidade é algo antinatural e vai contra a forma que deus quer que você viva", desmentiu-se em 2017 à Three Angels Broadcasting Network. Richard se casou duas vezes e adotou um filho, Danny Jones, que foi seu guarda-costas durante alguns anos.

Little Richard entrou no novo milênio se apresentando com frequência, porém sua produção discográfica caiu drasticamente, tendo lançado apenas quatro álbuns desde 1979. A partir de 2010, problemas no nervo ciático que causavam intensas dores reduziram as turnês.

Com o agravamento do problema, passou a se apresentar sentado em 2013 informou ter sofrido um ataque do coração. Em 9 de maio desse ano de 2020 surgiu a notícia, logo confirmada por seu filho, que Little Richard morrera em função de um câncer nos ossos. Ia-se embora alguém que conseguiu a admiração de praticamente todo o mundo do rock e que trabalhou com nomes tão díspares como Bon Jovi, Cinderella, Ratt, Living Colour, Elton John e Salomon Burke, só para citar alguns. Nesse dia o rock ficou menos alegre.

Here's Little Richard (1957)

Little Richard (1958)

Little Richard Is Back (1964)

Friends from the Beginning Little Richard and Jimi Hendrix (1972)

Lifetime Friend(1986)

Shinigami 死神 Records

A REAL EXPERIÊNCIA NO METAL

spv
SOUND CITY RECORDS

AXEL RUDI PELL

SIGN OF THE TIMES

'Sign Of The Times' está sendo aclamado como um álbum esplêndido e eletrizante! Um clássico na discografia do guitarrista!

MAGNUM

THE SERPENT RINGS

Primeiro álbum do Magnum com o baixista Dennis Ward (Pink Cream 69 e Unisonic)
A habilidade de Tony Clarkin e Bob Catley (Avantasia) em criar melodias, está em evidência farta.

RAGE

WINGS OF RAGE

O álbum que coloca o Rage de volta ao protagonismo.
Não há nada obsoleto aqui!

www.shinigamirecords.com.br 11 3719-0993 loja@shinigamirecords.com

anúncio www.jduartedesign.com

CLASSICREW

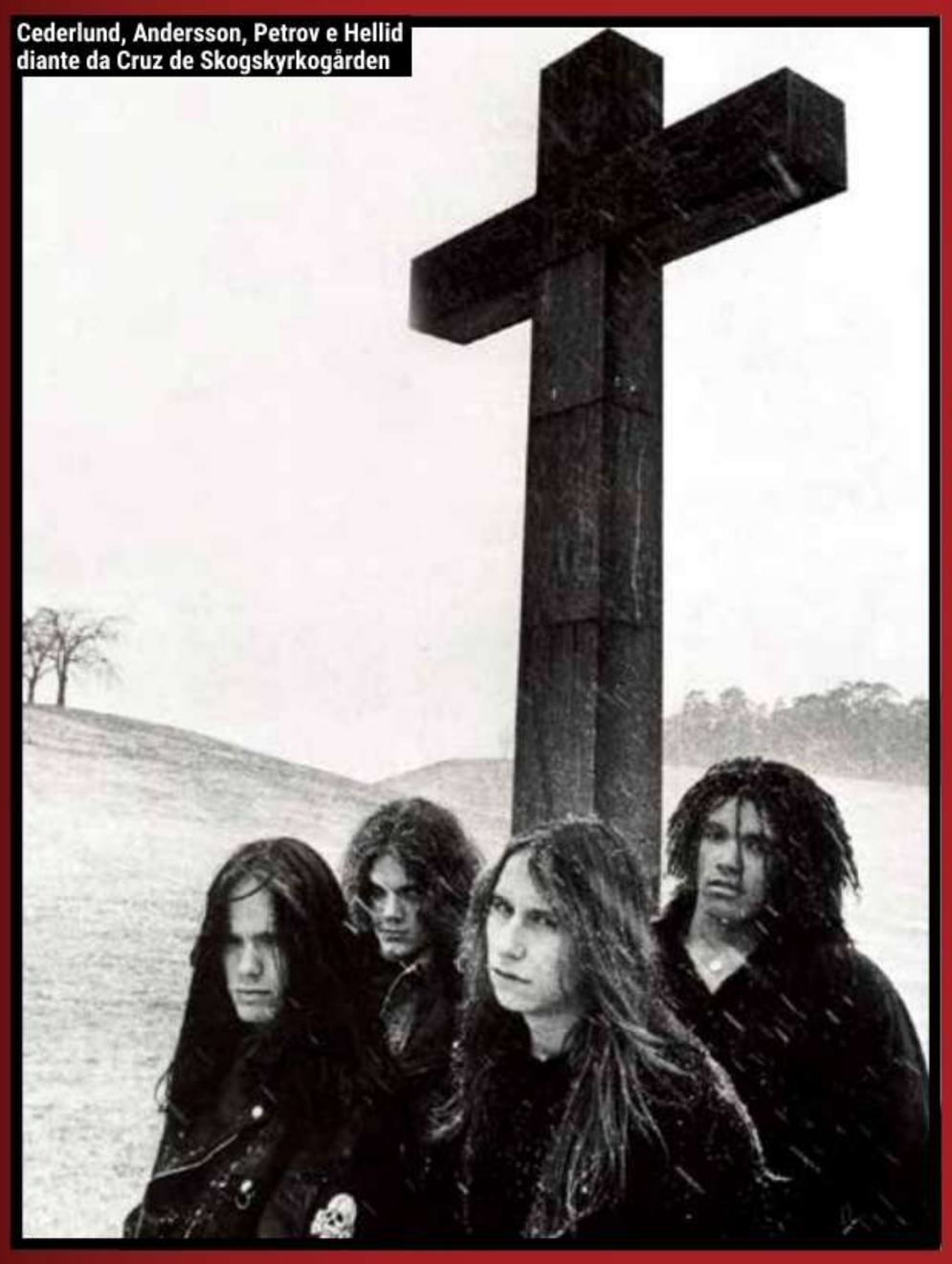
#CLÁSSICOS #PÉROLAS #ATEMPORAIS

1990 ENTOMBED

Left Hand Path

O death metal deu os seus primeiros passos na década de 80 e, sob muitos aspectos, estes foram bastante largos e muito firmes. Afinal, do nascimento barulhento e repleto de thrash dos primeiros álbuns de Possessed e Celtic Frost, o gênero foi ganhando moldes mais característicos e bem definidos com as estreias de Death e Morbid Angel. E, antes que você conseguisse se acostumar, a música ia ainda mais longe, já que, no final da década, toda uma nova gama de diferentes matizes era introduzida na música de Incantation, Suffocation e Atheist. Em seu berço (EUA e Europa Central), o death metal evoluía a olhos vistos, mas foi ao se estabelecer em novos territórios que ganhou sua expressão máxima. E foi assim que o pessoal do Norte da Europa entrou no jogo.

Enquanto a cena da Flórida se estabelecia, os suecos preparavam em seus porões uma nova onda revolucionária que apresentaria o death metal para a nova década. Acostumada ao som do metal, e dona de uma cena punk/hardcore extremamente vibrante, a Suécia mostrava uma vocação natural para o metal extremo, e já no final dos anos 80 detinha um cenário vibrante, na época liderados por bandas como Sorcery, Grave, Merciless, Carnage e para muitos, a mais importante de todas, que então atendia pelo nome Nihilist. Uma breve olhada na formação desta banda revela que a menção não era exagerada: Johnny Hedlund (baixo), Nicke Andersson (bateria), Lars-Goran Petrov (vocal), e a dupla Alex Hellid e Ulf Cederlund nas guitarras. "Bem no princípio nem nos considerávamos uma banda de death metal", contou Alex Hellid para este repórter. "Nós éramos mais como uma banda crossover, algo assim. (...) Quando ouvimos pela primeira vez bandas como Venom, Metallica e Slayer, aí a coisa desandou e nossos gostos foram ficando cada vez mais extremos", completou.


Cederlund, Andersson, Petrov e Hellid diante da Cruz de Skogskyrkogården

Esta atitude de mesclar múltiplas referências sonoras foi a base musical principal do Nihilist, até o fim precoce da banda, em 1989. Sem demora, Johnny partiu para um lado e fundou o seminal Unleashed, enquanto seus velhos parceiros se reuniam quase que imediatamente, agora sob o nome que os traria fama mundial, Entombed. Na 'nova' banda, as coisas correram muito rápido.

Com várias músicas compostas ainda como Nihilist na manga, a banda lançou sua única demo, *But Life Goes On*, ainda em 1989, mesmo ano em que partiram para o Sunlight Studio para gravar o debut clássico, *Left Hand Path*. Na sua pauta, Hellid e seus parceiros não pretendiam apenas seguir o exemplo dos seus ídolos, mas criar uma música única, inovadora, que desafiasse os limites de tudo aquilo que já havia sido feito em música extrema. "Nós jamais iríamos pegar uma influência do Slayer e usá-la para soar exatamente como o Slayer, pois isso seria estranho", contou Hellid, que sacramentou: "Ter uma banda de death metal era ser ousado, era ir contra os limites. Então, por que de repente nos limitaríamos a ser como alguém já tinha sido?".

O som inovador das guitarras, os riffs ácidos e repletos de atitude punk, as linhas de bateria variadas e inovadoras, tudo era parte de um processo extenuante de busca por novas referências e um incessante processo de remodelação musical. "Sinceramente, eu não poderia ser um novo Pete Sandoval, ou algo assim. Isso estava fora de questão. Eu queria ser lembrado por algo que eu fiz, então busquei referências onde ninguém do death metal estava buscando. Mesmo bandas que eu não gostava poderiam despertar ótimas ideias se transformadas, e esse era o princípio", observou Andersson.

O fato é que hoje, ao completar trinta anos, *Left Hand Path* ainda é um disco único e desafiador, uma joia do death metal, movida por clássicos que se sucedem ao longo de todo o disco. Em um momento de triunfo e de profundo orgulho, o guitarrista Alex Hellid sintetizou o sentimento geral em uma única frase: "Você até pode conseguir bons resultados copiando os outros, mas não faz história." E assim foi. Em 1990, o Entombed reescreveu a história do death metal.

Valtemir Amler

1970 THE BAND
Stage Fright

The Band, para quem não sabe, foi a banda que acompanhava Bob Dylan nos shows de 1965 a 1967 – era com eles que o cantor se apresentava quando algum gaiato da plateia gritou "Judas" pelo fato de ele ter trocado o acústico pelo elétrico. Ou seja, quando partiu para sua trajetória solo, o quinteto formado pelos canadenses Rick Danko, Garth Hudson, Richard Manuel e Robbie Robertson e pelo americano Levon Helm, todos multi-instrumentistas e vocalistas, já era conhecido e respeitado pelo público – menos, provavelmente, pelo sujeito que se revoltou no show de Dylan.

Seus dois primeiros discos, *Music from Big Pink* (1968) e *The Band* (1969), foram muitíssimo bem recebidos por público e crítica por conta do rock cru com altas doses de música country que conferia à banda uma sonoridade única – isso sem contar os arranjos elaborados e as belas vocalizações. Isso rendeu ao quinteto convites para participações em festivais como Woodstock e Ilha de Wight, capas até em revistas não dedicadas à musica, como a Time, e elogios de gente do gabarito de Eric Clapton e George Harrison – o ex-beatle comentou que escreveu a faixa-título de seu disco *All Things Must Pass* foi totalmente inspirada por The Band e que ele imaginava Levon Helm no vocal principal.

Assim, cercado de expectativas, o grupo chegou ao seu terceiro disco. Produzido pela banda, *Stage Fright* contou com um iniciante Todd Rundgren na engenharia de som e na mixagem. Alguns fatores tornaram o álbum mais sombrio que seus antecessores. A própria presença de Todd, um estranho para a banda, e "muita experimentação de drogas", como confessou Robertson em entrevista décadas depois, acabaram deixando tudo um pouco mais pesado. "Um humor sombrio se instalou sobre nós durante a gravação", descreveu Levon Helm. Isso causou certo estranhamento inicial na crítica, mas logo todos se deram conta de que The Band ainda se encontrava no auge da forma. Temas como *Time to Kill* e *The Shape I'm In* se tornaram clássicos da banda lembrados até hoje.

The Band reinventou sua música em *Stage Fright*

Nas paradas foi o trabalho mais bem sucedido do grupo, chegando ao 5º. lugar na parada americana e ao 6º. posto no Canadá. Foi certificado Disco de Ouro no mercado americano, última vez que a banda conquistou essa marca.

The Band encerrou atividades em 1977, voltando em 1983 e parando definitivamente em 1999.

Antonio Carlos Monteiro

2000 DESTRUCTION
All Hell Breaks Loose

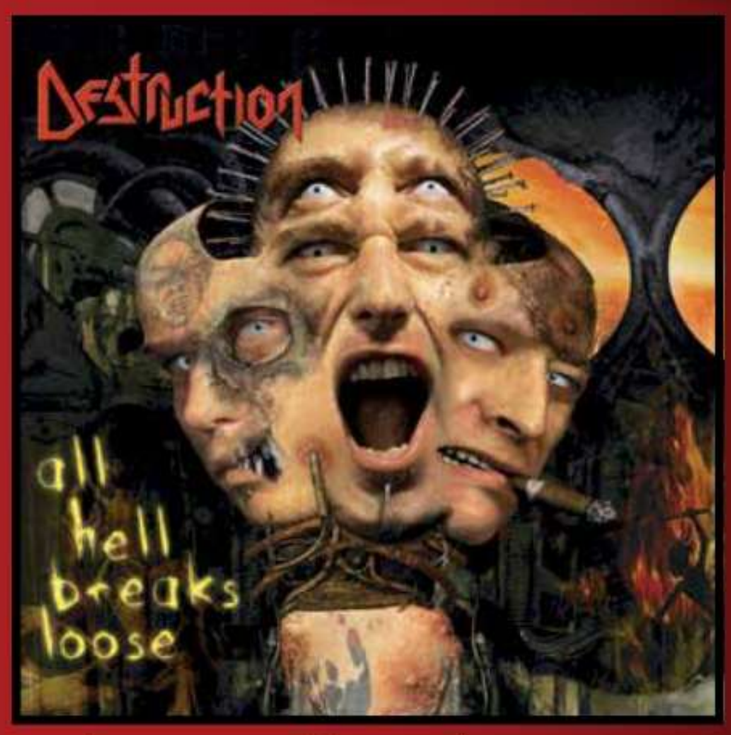
Em 1999, antes da gravação do álbum de retorno, o Destruction, um dos pilares do thrash metal alemão, se apresentou em vários festivais. O objetivo, àquela altura, era testar sua popularidade. "Não queríamos fazer um grande estardalhaço sobre a nossa volta e depois ver que ninguém estava interessado. Seria frustrante. Por isso, fizemos vários shows para ver se teríamos uma boa resposta", recordou o vocalista e baixista Schmier, à época acompanhado por Mike Sifringer (guitarra) e Sven Vormann (bateria). "Se não fôssemos bem recebidos e a resposta tivesse sido uma merda, iríamos parar e o Destruction seria coisa do passado. Sorte nossa que isso não aconteceu! O melhor foi que o contato com a Nuclear Blast surgiu exatamente no 'Wacken'. Tudo se encaixou perfeitamente", acrescentou.

Fotos: Divulgação

Schmier declarou que se *All Hell Breaks Loose* não fosse bem recebido, a banda iria parar

O último trabalho de estúdio com a presença de Schmier havia sido *Release from Agony*, lançado no final de 1987. Depois, o grupo seguiu com André Grieder (Poltergeist) e soltou *Cracked Brain* em 1990. Mais mudanças seguiram e, com o chamado "Neo-Destruction", vieram trabalhos praticamente ignorados pelos fãs e o próprio grupo – os EP *Destruction* e *Them Not Me* e o álbum *The Least Successful Human Cannonball*. "Tentamos esquecer os problemas que tivemos quando gravamos *All Hell Breaks Loose*. Ele não é o melhor álbum do Destruction, mas serviu para mostrar que a banda ainda tinha muito potencial", avaliou Schmier. "Estávamos afastados do esquema que envolve uma gravação e, além disso, nem sabíamos direito o que estava acontecendo no cenário do metal. Estávamos meio perdidos e por isso aceitamos várias sugestões que nos davam", contou o vocalista e baixista sobre o trabalho em estúdio ao lado do produtor sueco Peter Tägtgren.

Se a aceitação dos fãs e da mídia não foi digna de rojões, o disco serviu para



recolocar o nome Destruction entre os grandes do metal. Isto se deu especialmente pelo desempenho das faixas *The Butcher Strikes Back*, *Machinery of Lies*, *All Hell Breaks Loose*, *Visual Prostitution* e a regravação de *Total Desaster*, além do cover de *Whiplash* (Metallica). "Todos sabiam que ainda estávamos meio tímidos, mas conseguimos passar nossa energia. Foi muito bom dar o primeiro passo para entrar na cena novamente. *The Bucther Strikes Back* parece ter se tornado um hino para a banda, pois não podemos mais fazer um show sem ela", concluiu Schmier.

Ricardo Batalha

By_Lu*Ch@qu£

OZZY OSBOURNE

PARTE 6

DA ESPERADA REUNIÃO COM O BLACK SABBATH AO ESTRELATO NA TV

Os fãs exultaram quando Ozzy disse 'sim' à reunião do Black Sabbath original, mas ainda viria uma proposta inesperada da MTV à família Osbourne...

Por Antonio Carlos Monteiro

Após receber o surpreendente perdão de Sharon após ter tentado estrangulá-la, Ozzy procurou se manter limpo. Perdeu bastante peso e tentou ficar longe da bebida. Mas do jeito dele. Uma coisa que sempre se recusou a fazer, por exemplo, foi participar de reuniões dos Alcoólicos Anônimos. "Nunca me senti confortável nesses lugares", confessou. "Eu canto o que quiserem na frente de duzentas mil pessoas, mas quando preciso falar sobre como me sinto para pessoas que nunca vi antes eu simplesmente não consigo."

Em março de 1990, saiu *Just Say Ozzy*, EP com seis faixas e que conta com a participação de Geezer Butler. Porém, ao mesmo tempo a banda já vinha trabalhando naquele que viria ser um dos álbuns mais aclamados da carreira do Madman: *No More Tears*. Ozzy disse que ele se determinou a fazer do disco um sucesso e pediu aos músicos que tratassem cada uma das faixas como se fosse um hit – com ele estavam Zakk Wylde (guitarra), Randy Castillo (bateria), John Sinclair (teclado) e Mike Inez (baixo), que já vinha trabalhando com a banda. Porém, para a gravação do álbum foi chamado – adivinhem! – Bob Daisley (baixo). "Tudo funcionou bem nesse disco", disse Ozzy. "Os produtores (Duane Baron e John Purdell) foram incríveis e Zakk Wylde era um gênio", rasgou-se.

O álbum contou com a parceria de Lemmy Kilmister, muito amigo de Ozzy, que assinou quatro letras: *I Don't Want to Change the World*, *Desire*, *Hellraiser* e *Mama, I'm Coming Home*. Essa última foi uma das seis faixas a se tornarem singles, além de ganhar um videoclipe. Ozzy comentou com a revista Mojo que "ele escreveu aquilo com a naturalidade que alguém escreve um bilhete. Ele fez três letras diferentes e todas eram incríveis!" Lemmy ainda faria mais duas letras para Ozzy e tempos depois comentou: "Eu fiz umas duzentas músicas para o Motörhead, mas ganhei muito mais dinheiro escrevendo meia dúzia de letras para Ozzy." Maravilhas do mercado musical...

Pendurando o microfone

No More Tears saiu em 17 de setembro de 1991 e acabou se tornando o segundo disco mais bem sucedido de Ozzy Osbourne, perdendo apenas para o álbum de estreia, *Blizzard of Ozz* (1980), que foi certificado Disco de Platina quíntuplo nos EUA, honraria que o novo trabalho recebeu "apenas" quatro vezes. Por outro lado, foi o único álbum do vocalista a se tornar Disco de Platina duplo no Canadá. Nas paradas, o disco teve desempenho satisfatório, ficando no Top 20 nos principais mercados. No mês seguinte, foi lançado o documentário *Don't Blame Me*.

A turnê de *No More Tears* foi de outubro de 1991 a novembro de 1992. Porém, no meio da tour Ozzy começou a apresentar tremores nas mãos e dificuldade para articular palavras. Ele tinha diminuído a bebida, mas passara a consumir pílulas dos mais diversos tipos, especialmente analgésicos – ele inventava que estava sentindo alguma coisa, arrumava uma consulta com um médico e conseguia uma receita, quando não se virava direto com traficantes. Seja qual for a razão, surgiu a suspeita de que ele estivesse com doença de Parkinson ou, muito pior, esclerose múltipla – ironicamente, anos depois seu filho Jack foi diagnosticado com esse mal. Porém, depois de passar por alguns médicos, as duas hipóteses foram descartadas: "Vá aproveitar a vida", recomendou o médico que fechou o diagnóstico.

Era o que Ozzy precisava. Não aguentava mais a vida na estrada e resolveu se

By_Lu*Ch@qu£

aposentar. "Eu não preciso do dinheiro, não preciso trabalhar", resumiu ele. Assim, a perna americana da tour de divulgação do novo disco ganhou o sensacional nome de *No More Tours* e durou de junho a novembro de 1992 – nessa parte, o baixo ficou com Mike Inez e o teclado, com Kevin Jones. Numa sacada de gênio (sim, ela é uma empresária de primeira), Sharon entrou em contato com Gloria Butler, esposa de Geezer e que cuidava

Randy Castillo, Ozzy, Zakk Wylde e Geezer Butler

na época dos negócios do Black Sabbath, perguntando se a banda concordaria em fazer uma participação nos shows finais, já que era a despedida de Ozzy. Seria nas duas ultimas apresentações da turnê, em Costa Mesa, na Califórnia. De acordo com a proposta dela, o Sabbath faria seu show normal com Dio e Vinnie Appice e depois fecharia o evento com a formação clássica. Todos toparam, mas Dio ficou louco. "Estava mais do que claro que estavam planejando uma volta com Ozzy. E ele sempre fez umas brincadeiras sem graça a meu respeito, portanto me recusei a participar daquela farsa", disparou ele tempos depois. Foi assim que Rob Halford (Judas Priest) se apresentou pela primeira vez com o Black Sabbath – a segunda seria em 2004. Na primeira noite, 14 de novembro, acabou não acontecendo a esperada reunião da formação original do Sabbath porque Ozzy alegou estar muito cansado. Mas no dia seguinte, após apresentações de Alice in Chains e Sepultura, Ozzy fez seu show, o Sabbath subiu ao palco novamente com Halford e em seguida Ozzy e Bill Ward se uniram a Tony Iommi e Geezer Butler pela primeira vez em treze anos para tocarem quatro clássicos da banda, *Black Sabbath*, *Faires Wear Boots*, *Iron Man* e *Paranoid*.

Dio não estava de todo errado, já que nos meses seguintes várias reuniões aconteceram para tratar de uma possível volta da formação original, mas a ideia não evoluiu.

Chega de pijama

Em 1993, saiu *Live & Loud*, CD/DVD ao vivo gravado na turnê. "Empurrado" pelo fato de ser a despedida de Ozzy, além de contar com a versão de *Black Sabbath* gravada pelo quarteto original, foi certificado Disco de Platina nos EUA além de figurar na maior parte das paradas. A versão de *I Don't Wanna Change the World* registrada nesse disco deu ao vocalista o único Grammy de sua carreira, na categoria Melhor Performance de Metal.

Ozzy conseguiu ficar quieto por um ano inteiro. Até que resolveu voltar. Pediu para Sharon tentar encaixá-lo em algum festival de verão e ela começou tentando o Lollapalooza. Segundo Ozzy, "me chamaram de dinossauro e mandaram Sharon se foder." Segundo escreveu Mick Wall em "Black Sabbath – A Biografia", a esposa de Ozzy disse que "eles realmente riram da ideia de Ozzy tocar no Lollapalooza." Furiosa, ela, então, teve a ideia genial: "Vamos fazer nosso próprio festival!" Estava criado o Ozzfest, festival itinerante que se tornou um dos principais do mundo.

Antes da primeira edição, realizada em 1996, Ozzy lançou seu mais novo disco, *Ozzmosis*. Gravado entre 1994 e 1995 e contando com Ozzy, Zakk, Geezer Butler, Deen Castronovo (bateria) e Rick Wakeman (teclado), sob a produção de Michael Beinhorn, o disco saiu em 23 de outubro de 1995 e se por um lado não repetiu a performance de *No More Tears*, por outro manteve a média dos demais lançamentos do Madman. Foi Disco de Platina no Canadá e Disco de Platina duplo nos EUA. Na parada americana conquistou um interessante 4º lugar, enquanto que na canadense também ficou no Top 10, chegando ao 7º posto.

Ozzmosis conta com mais duas letras assinadas por Lemmy, *See You on the Other Side* e *My Little Man*, feita para o filho de Ozzy, Jack.

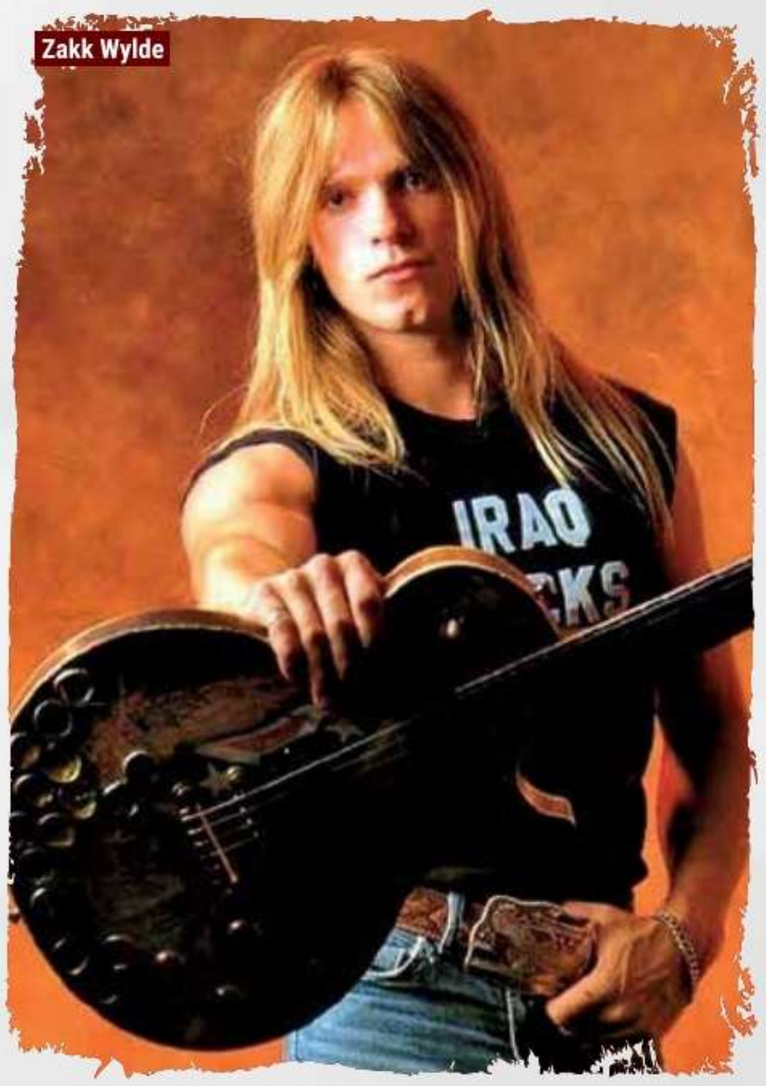
Novo guitarrista

Logo após a gravação do álbum, Zakk Wylde foi especulado como novo guitarrista do Guns N'Roses. A banda havia perdido Gilby Clarke e Zakk chegou a

"Zakk era um gênio", disse Ozzy

fazer uma jam em estúdio com a banda. Ozzy, claro, não gostou nada da situação porque estavam prestes a sair em turnê. Como o guitarrista não se decidia, Osbourne se antecipou e o tirou da banda.

O primeiro a ser considerado para o posto foi Alex Skolnick, que havia saído do Testament. Ele relembrou essa passagem ao Ultimate Classic Guitar em entrevista concedida no final de 2018. Ele conta que fez um teste com a banda em Londres: "Tocamos três músicas e correu tudo bem. Voltei no dia seguinte e passamos um set list completo." Disseram para ele esperar uma ligação e ela veio três meses depois: era Sharon sendo Sharon: "Você pode pegar um avião e vir para Londres ainda hoje?" Ele conta que foi marcado


Zakk Wylde

um show "em Nottingham, num teatro de tamanho médio (N.R.: Rock City, no dia 9 de junho de 1995). Segundo Alex, "o show correu bem e Ozzy me disse que eu tinha conseguido o lugar. Ele me deu um grande abraço e toda a equipe disse que não o via tão feliz desde a época de Randy Rhoads. Foi uma loucura!" Porém, uma única pessoa não o parabenizou: Sharon. "Semanas depois, recebi outra ligação, dizendo que na verdade não estava dentro." E ele conclui, disparando farpas: "Sabendo o que sei hoje, acho que Sharon estava habituada com o jeito de Zakk. Ela estava acostumada com Zakk, o lenhador."

Ainda precisando de um guitarrista, Ozzy chegou a cogitar uma volta de Jake E. Lee, mas acabou escolhendo Joe Holmes, que havia tocado no Lizzy Borden e na banda solo de David Lee Roth. Já Zakk lançou seu primeiro disco solo, *Book of Shadows* (1996), e em seguida formou o bem sucedido Black Label Society.

Aposentadoria enche

Antes mesmo de *Ozzmosis* chegar às lojas, Ozzy caiu novamente na estrada, agora com a turnê intitulada Retirement Sucks, algo como "aposentadoria enche

o saco" – pode-se falar o que quiser dele, menos que não tem senso de humor...

A tour começou com um show em Austin (EUA) e já emendou com o festival Monsters of Rock na América Latina, Brasil incluído. Foram dois shows: o primeiro em São Paulo, no Estádio do Pacaembu, no dia 2 de setembro, e outro no Rio de Janeiro na casa The Metropolitan, no dia 6. Acompa-

Uma das muitas formações que acompanhou Ozzy

nhavam Ozzy Joe Holmes, Geezer Butler e Deen Castronovo. A turnê continuou até outubro do ano seguinte, quando Sharon Osbourne conseguiu colocar o Ozzfest na estrada. Contando, entre outras, com Sepultura, Danzig, Type O Negative, Slayer, Fear Factory, Prong, Coal Chamber, Biohazard, Neurosis e, obviamente, Ozzy Osbourne no cast, o festival foi um sucesso estrondoso – e Sharon se sentiu vingada pela esnobada que levou do Lollapalooza. Dessa edição saiu o disco ao vivo *OzzFest Live*, trazendo dez bandas que se apresentaram no festival, incluindo o Sepultura, que compareceu com a faixa *Attitude*.

Black Sabbath de novo

Só que Sharon, como sempre, pensava grande. Para ela não era bastante o festival ter sido um sucesso. Ela queria mais. Ela queria o Black Sabbath. Convenceu Ozzy a esquecer as mágoas do passado e fez com que ele ligasse para Tony. Lavaram toda a roupa suja que tinham direito e acertaram para se reunirem novamente. Apenas Bill Ward não participou e em seu lugar foi escalado Mike Bordin, do Faith No More, que o substituiu à altura. Foram mais de vinte shows entre 24 de maio e 1º de julho, com sucesso absoluto. O único problema aconteceu no show de 17 de junho, em Columbus. Ozzy não pôde fazer o show porque estava ruim da garganta e a galera não aceitou exatamente numa boa: destruição, carros de polícia virados, o pacote completo. A banda voltou lá duas semanas depois e fez o show, que acabou sendo o último da turnê.

Falando na época a Mick Wall, Tony disse que voltar a trabalhar com Ozzy estava sendo "totalmente ótimo. É como uma novela ou como um conto de fadas em algum sentido. Podemos nos juntar agora e realmente respeitar um ao outro, acho, muito mais do que antes. E podemos sentar e conversar, todo o lixo desapareceu."

De todo modo, a ausência de Bill deu margem a todo tipo de especulação. Oficialmente, foi informado que ele não estava bem de saúde, o que foi prontamente negado pelo batera: "Ozzy aparentemente tinha algumas ressalvas quanto à minha sanidade e à minha habilidade para tocar", disse ele a Martin Popoff (autor na biografia "Black Sabbath – A História Completa") um mês após o encerramento do Ozzfest. "Estou mais do que em forma! Estou tocando bateria, cantando e tocando teclado, o que é bem mais do que eu faria sendo apenas o baterista. Então, não tenho problema algum no aspecto físico."

A volta de Bill Ward

Isso mudaria no final de 1997. Foram anunciados dois shows na NEC Arena, localizada na cidade natal da banda, Birmingham (ING), nos dias 4 e 5 de dezembro, com a formação original. Melhor: os shows seriam gravados para um futuro lançamento. As apresentações, óbvio, foram um sucesso absoluto e isso já levaria ao natural passo seguinte: uma turnê e um novo disco. Porém, em 11 de novembro havia saído o duplo *The Ozzman Cometh*, que se tornaria uma das coletâneas mais bem sucedidas de Ozzy e acabou levando-o à estrada novamente, desta feita apenas na Oceania e no Japão, o que o deixou ocupado de meados de fevereiro ao início de março de 1998.

Resolvido isso, era hora de voltar a pensar no Sabbath. Em meio à mixagem do disco ao vivo, surgiu a ideia: por que não escrever umas duas músicas novas e gravá-las para deixar o produto ainda mais atraente? Assim, Ozzy e Tony se encontraram no A&M Studios, na Califórnia, para escreverem *Psycho Man* e *Selling My Soul*, únicas composições do Sabbath a serem assinadas apenas pelos dois. Composição e gravação aconteceram entre abril e maio e se tornaram as primeiras músicas gravadas por Ozzy com o Black Sabbath em dezenove anos.

A próxima medida era cair na estrada. Porém, numa pausa nos ensaios, uma ambulância parou na porta do estúdio e saiu de lá levando Bill Ward para o hospital. Ele havia sofrido um infarto. A tour pela Europa já estava marcada,

Com vocês, Mr. Madman

então Vinny Appice foi convocado às pressas para substituir Bill.

O disco, enfim, saiu em outubro daquele ano e se tornou o álbum ao vivo de maior sucesso da banda, chegando ao 11º posto nas paradas dos EUA e da Suécia, além de ser certificado Disco de Platina nos mercados americano e canadense. Além disso, *Reunion* rendeu à banda seu primeiro Grammy, em 2000, na categoria Melhor Performance de Metal com a faixa *Iron Man*.

A perna americana da turnê de *Reunion* teve um show em outubro e outro em dezembro de 1998, continuando de janeiro a meados de fevereiro. Recuperado, Ward assumiu as baquetas – mas como o seguro morreu de velho, Vinny Appice estava a postos em todos os shows para qualquer eventualidade...

Mais disco, mais estrada

A esperança dos fãs de que essa volta se tornasse definitiva não se confirmou. Os quatro chegaram a se reunir em estúdio com o produtor Rick Rubin no primeiro semestre de 2001 para registrar algum material novo, mas Ozzy teve que interromper o trabalho para se concentrar no seu próximo disco solo, que ele tinha começado a gravar um ano antes e tinha que ficar pronto até o verão (do hemisfério norte). "Foi uma pena, porque as músicas eram realmente boas", lamentou Iommi. Esse retorno só aconteceria de fato mais de dez anos depois.

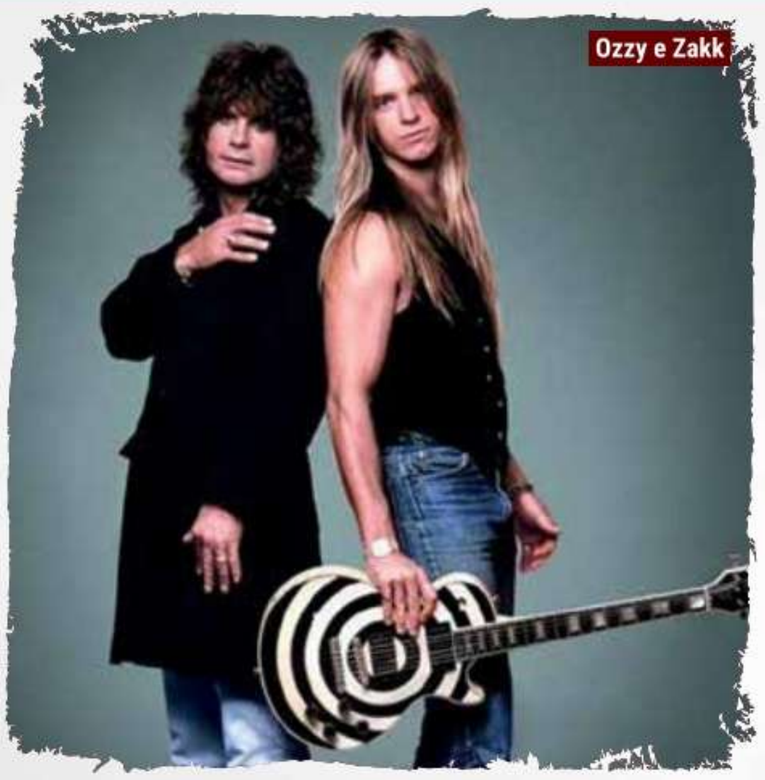
Just Say Ozzy (EP, 1990)

No More Tears (1991)

Live & Loud (1993)

Ozzmosis (1996)

By Lu*Ch@qu£


Ozzy e Zakk

No dia 8 de abril de 2001, mais um duro golpe para o vocalista: após uma longa enfermidade, sua mãe Lilian morreu aos 87 anos. "Eu chorei, chorei e chorei", confessou em sua biografia. "Foi muito duro para mim, não sou bom para lidar com a morte das pessoas."

No dia 16 de outubro daquele ano foi lançado o oitavo disco solo de Ozzy Osbourne, *Down to Earth*. Dessa vez a banda contava com a volta de Zakk Wylde e uma cozinha estreante em estúdio com Ozzy, com Robert Trujillo (baixo) e Mike Bordin (bateria). A produção ficou nas mãos de Tim Palmer. Na verdade, Ozzy nem queria fazer um disco novo, mas nem sempre nesse meio você faz exatamente o que quer: "O Ozzfest estava indo bem e eu só queria fazer como o Grateful Dead e continuar em turnê. Só que a gravadora disse que queria um novo álbum de Ozzy Osbourne...", disse ele à Classic Rock. Na mesma entrevista, ele louvou a prticipação de Tim Palmer: "Trabalhar com Tim me lembrou Randy Rhoads. Se não fosse por ele, não haveria um álbum, ele tem uma paciência incrível, assim como Randy."

Como boa parte do material já estava pronto antes da volta de Zakk Wylde, não há nenhuma faixa de sua autoria. E, diferentemente do que costumava fazer, Ozzy dividiu a composição com músicos da banda e gente de fora, como o próprio Palmer e o velho colaborador do Aerosmith Marti Frederiksen.

Down to Earth foi bem comercialmente falando. Foi 1º lugar na Suécia, 2º no Canadá e 4º nos Estados Unidos, além de conquistar os habituais Disco de Platina no Canadá e Disco de Platina duplo nos EUA.

Ainda em outubro, saiu em turnê com com Rob Zombie na Merry Mayhem Tour, que durou até dezembro. Logo no começo de 2002, teve início a Down to Earth Tour e dela saiu o ao vivo *Live at Budokan*, gravado no Nippon Budokan Hall em Tóquio no dia 15 de fevereiro de 2002.

Mais polêmica

Ainda em 2002 aconteceu uma das maiores polêmicas da carreira de Ozzy: o relançamento dos discos *Blizzard of Ozz* (1980) e *Diary of a Madman* (1981) teve baixo e bateria regravados pelos à época integrantes da banda de Ozzy, Robert Trujillo e Mike Bordin, já que a pendenga com Bob Daisley e Lee Kerslake ainda não tinha sido resolvida. Ozzy e Sharon se contradizem nessa questão. Ela garante que o vocalista foi o responsável pela decisão. "Ele resolveu tirá-los das gravações por causa do comportamento abusivo e injusto de Daisley e Kerslake", disse ela. Ozzy negou: "Não tive nada a ver com essa decisão, Sharon fez tudo sem meu conhecimento. Eu não teria feito aquilo." Já Bordin, em entrevista concedida em 2015, resumiu sua participação nesse rolo todo de uma forma bem sincera e direta: "Aquilo realmente foi uma merda...

A pendenga com os dois músicos acabou no ano seguinte, com ganho de causa para Ozzy. E os dois discos receberam novas edições quando completaram trinta anos, dessa vez com as gravações originais sendo mantidas.

Mike Inez

Fotos: Divulgação

Celebridade

No início dos anos 2000 começou a febre dos reality shows na TV – algo que perdura até hoje. E não demorou para a coisa chegar em Ozzy Osbourne, o que não é difícil de entender. Além de ser casado com sua empresária, o Madman nunca foi daquelas celebridades que procuram esconder sua família, pelo contrário. São muitas as fotos disponíveis na internet mostrando o vocalista com seus filhos ainda crianças. Mais que isso, como vimos no capítulo anterior, Aimee, a filha mais velha do casal, logo que nasceu já acompanhou os pais na Bark at the Moon Tour (1983).

Assim, em 1998 a família foi objeto de um documentário produzido para a emissora britânica Channel 5 pela September Films intitulado Ozzy Osbourne

Mostrando a família na TV

Uncut. O filme acabou sendo exibido nos Estados Unidos pelo Travel Chanel e virou um furor, sendo inclusive premiado no tradicional Festival Rose D'Or, realizado em Montreux (SUI) e que se destina a produções realizadas para a TV. "De repente, todo mundo queria fazer programas de TV com a gente", comentou Ozzy. No ano 2000, a família participou do Cribs, programa da MTV que tinha como objetivo mostrar as casas (ou mansões...) de celebridades dos mais variados tipos.

Óbvio que uma família como a de Ozzy chamaria a atenção dos produtores. Um astro consagrado do rock, uma esposa extremamente bem sucedida como empresária que ainda lidava com os demônios do marido e não levava desaforo pra casa e três filhos adolescentes morando todos na mesma casa era um prato cheio para um programa de TV. "Os caras da TV (que gravavam o reality show) não acreditavam no que viam na maior parte do tempo. 'É sempre assim?', eles perguntavam. 'Essas coisas não acontecem com todas as famílias?', eu quis saber. 'Não desse jeito', foi a resposta.

Em seguida chegou o inevitável convite para a família estrelar o reality show que viria a se chamar The Osbournes. Ozzy não sabia no que estava se metendo.

Continua...

The Ozzman Cometh (1997)

Reunion (Black Sabbath, 1998)

Down to Earth (2001)

Live at Budokan (2002)

By Lu*Ch@qu£

HEADPHONES IN FURY

POWERED BY EDIFIER fonesdeouvido.com.br alta fidelidade para todos

Por Leonardo M. Brauna • Foto: Rodrigo Dantas

W.A.S.P.

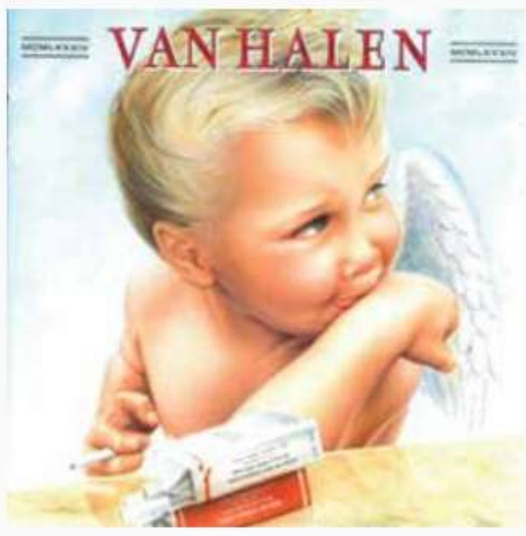
ÁLBUM: THE LAST COMMAND
MÚSICA: WILD CHILD

"O W.A.S.P. lançou este álbum quando o glam rock dominava as rádios americanas e o Brasil começava a dar mais importância ao heavy metal, claro, com uma ajudinha do primeiro 'Rock in Rio', em 1985. Esta música é o que chamo de meu xodó! Tenho um carinho especial por ela, por ser uma canção que traz lembranças boas de quando eu era pequena, com meu pai escutando *Wild Child* em seu Chevette. Ela também é especial por ter sido o meu primeiro contato com o heavy metal. Por isso, esse valor sentimental, e você sabe, o primeiro amor a gente nunca esquece (risos) – Nossa, que clichê! Mas é isso mesmo, essa máxima se encaixa perfeitinho na minha, digamos, 'iniciação' ao heavy metal. É praticamente impossível esta música sair dos meus ouvidos."

ANNIHILATOR

ÁLBUM: ALICE IN HELL
MÚSICA: ALISON HELL

"Esta é uma das bandas que me fizeram ficar literalmente apaixonada pelos instrumentos de cor vermelha, pois, ao ver aquela guitarra flying V do Jeff Waters no clipe de *Alison Hell* fiquei deslumbrada. Este foi o meu primeiro contato com o Annihilator e, a partir daí, me ascendeu uma paixão que carrego até hoje por esta e por outras bandas canadenses, como Exciter e, mais recentemente, Skull Fist. Sobre a *Alison Hell*, a técnica tritone é como um clímax, dá uma tensão incrível e, para quem conhece um pouco mais, sabe que essas notas (tônica e quarta aumentada) eram proibidas em igrejas por possuírem ares sombrios. O Annihilator extravasa muito nisso, inclusive era característica marcante do Black Sabbath, por exemplo."



VAN HALEN

ÁLBUM: 1984
MÚSICA: HOT FOR TEACHER

"*1984* é um álbum muito respeitado no mundo do rock, não é à toa que é um dos 200 álbuns definitivos do Rock and Roll Hall of Fame. Para a banda não deve ter sido fácil gravá-lo em meio a brigas entre David Lee Roth e Eddie Van Halen, mas foi excelentemente recebido pelos fãs. Com a introdução de um motor de carro, que depois você descobre que é uma bateria bem trabalhada com os surdos e bumbos, *Hot for Teacher* é uma música incrível. Possui uma guitarra com tapings e riffs simples, porém muito marcantes. Isso sem falar da vontade de cantar e pegar seu carro e ir para estrada, não é?"

FURY

ÁLBUM: THE GRAND PRIZE
MÚSICA: BURNOUT

"Vamos de um single recém lançado por esta banda inglesa, que depois saiu em seu último álbum, agora em 2020. *Burnout* é o tipo de música que você gostaria de ter conhecido em um programa de rádio enquanto bebe com amigos. Ela tem aquela coisa de chamar atenção no meio da conversa. O hard rock e heavy metal tradicional de hoje podem não ser muito fortes como antes, mas a qualidade grita no novo cenário. Com introdução de uma linha de baixo exuberante e vocais, digamos suaves, por conta da frequência, tonalidade e melodias marcantes da música, vai ser difícil tirar *Burnout* da minha playlist."

QUIET RIOT

ÁLBUM: METAL HEALTH
MÚSICA: METAL HEALTH

"Alguns relançamentos chamam de *Metal Health (Bang your Head)* devido o refrão e o lançamento original a chama apenas pelo título do álbum, *Metal Health*, mas o que importa para mim é que esta é a música que me faz ter uma parede de amplificadores Marshall em um palco. Ouvir essa música em volume baixo deveria ser crime federal, o que falar desse refrão e acordes que trazem uma sensação de surpresa e logo em seguida uma animação imensurável? Não dá pra falar nada, apenas sentir a adrenalina correr nas veias. A vontade de explodir tudo é constante!"

DR. SIN

ÁLBUM: BRUTAL
MÚSICA: FIRE

"Nos anos 90 o Brasil precisava de bandas que exportassem o nosso hard rock pra o mundo, como foi o Angra para o metal melódico e o Sepultura para o thrash metal, aí veio o Dr. Sin para salvar. Essa música me conquistou pela velocidade e técnica, tudo nela é impecável. Uma banda que podia ser mais valorizada do que é atualmente, pois qualidade de som não falta. Foi curioso ver que uma música como esta tenha se tornado trilha sonora de novela, como foi na Record."

By_Lu*Ch@qu£

www.resenhando.com.br
Resenhando
Música com entretenimento, informação e opinião!
TODA SEMANA NO YOUTUBE!
Apresentação
Daniel Dutra, Claudio Borges e Jay Roxx
Roteiro e produção
Daniel Dutra
Direção e edição
Luiz Cláudio Amaral
/resenhandorock
/resenhandorock
/resenhandorock
/resenhandorock
bit.ly/resenhandorock
APOIO
ROADIE CREW
rua
HEADBANGER HEAVIEST HEAVY METAL STORE
CD'S · DVD'S · ACESSÓRIOS HEADBANGER
HEADBANGER DA DEPRESSÃO
ASE
METAL NA LATA
REALIZAÇÃO
CONECTAZL

Lançamento CD duplo digipack
Primeiro registro de heavy metal com orquestra sinfônica no Brasil
CD 1
Live at Goiania Theater
CD 2
Live at Goiania Theater
COMPACT disc DIGITAL AUDIO
HEAVENS GUARDIAN
YOSJG
ORQUESTRA SINFONICA JOVEM DE GOIAS
MEGAHARD RECORDS
Já nas lojas em todo o país!
heavensguardian.br@gmail.com
/heavensguardiann
/heavensguardian
www.heavensguardian.com.br
Live at Goiânia Theater
Special Guest on Drums:
Ricardo Confessori
Special Appearances:
Alírio Netto,
Eduardo Ardanuy,
Marcello Pompeu

By..Lu*Ch@quE

COLLECTION

Por Antonio Carlos Monteiro

É muito fácil e muito difícil falar sobre Andre Matos. Fácil porque sua obra vale a pena ser ouvida e lembrada sempre. Difícil porque para muitos (este redator incluído) é bem complicado aceitar que um talento tão absurdo e que ainda poderia oferecer tanto em termos de boa música tenha nos deixado tão cedo. De todo modo, é sempre gratificante revisitar sua discografia, já que se trata de um trabalho de altíssimo nível. Desde os primeiros passos com o Viper, Andre já se mostrava diferenciado como vocalista e frontman, a despeito de contar com apenas 15 anos de idade quando do lançamento de *Soldiers of Sunrise* (1987). A partir daí sua trajetória simplesmente decolou – e nem poderia ser diferente. Do sucesso no Viper à pausa na carreira para se dedicar ao estudo de música, Andre alcançou a consagração no Angra, que, junto com o Sepultura, colocou o heavy metal brasileiro no circuito mundial. Depois, colocou seu talento a serviço de bandas e projetos como Virgo, Shaman e Symfonia, além de sua carreira solo. Andre Matos tinha muito ainda a oferecer, não fosse seu falecimento precoce aos 47 anos. Mesmo assim, além de shows memoráveis, deixou uma rica discografia, que vamos relembrar aqui.

IMPERDÍVEIS

THEATRE OF FATE (VIPER, 1989)

Se o álbum de estreia do quinteto, *Soldiers of Sunrise*, mostrava uma banda de imenso potencial, *Theatre of Fate* confirmou isso para o mundo. A mistura de heavy metal com música erudita, recheada por belos arranjos e melodias inspiradas, fez o Viper se tornar conhecido em diversos países, especialmente no Japão, onde alcançou vendas superiores a nomes como Nirvana e Van Halen. Andre ainda não se destacou como compositor, mas, além de responder pelos teclados, foi o responsável por todos os arranjos, chegando até a comandar The Kubala Strings Quartet, quarteto de cordas que comparece nas faixas *Prelude to Oblivion* e *At Least a Chance*. Sua performance vocal se mostra insuperável neste trabalho, como se comprova em *Moonlight*, música que fecha o disco e única assinada por ele – ela é baseada na *Sonata Op. 27 n. 2*, de Beethoven, popularmente conhecida como *Moonlight Sonata*. Primeiro disco do Viper gravado com um produtor estrangeiro, Roy M. Rowland, *Theatre of Fate* contém verdadeiros hinos do metal brasileiro, como a insuperável *Living for the Night*. Mais importante que isso, no entanto, é o fato de o álbum permanecer atual até hoje, mais de trinta anos após ter sido lançado, sendo que trabalhos bem mais novos soam pra lá de datados. Logo em seguida, Andre sairia do Viper e pouco tempo depois juntou-se ao Angra para fazer história.

HOLY LAND (ANGRA, 1996)

Quando falamos em "fazer história", um exemplo claro é *Holy Land*. Decididos a encontrar um diferencial em meio ao power melódico que se fazia na época, Andre, Kiko Loureiro, Rafael Bittencourt, Luis Mariutti e Ricardo Confessori tiveram a sacada de mesclar ritmos brasileiros à sua música – algo que já havia sido mostrado no disco de estreia, *Angels Cry*, na faixa *Never Understand*. Mais que isso, basearam o álbum no Brasil da época do descobrimento, o que deu abertura para inúmeras intervenções sonoras inusitadas. Se a intenção era se destacar na multidão, a banda conseguiu isso com louvor – e nem o fato de o Sepultura ter feito na mesma época um álbum em que também misturava heavy metal com música brasileira (*Roots*, que saiu no mesmo ano de 1996) diminuiu o brilho deste trabalho. O processo de composição, com os músicos ficando uma temporada reclusos em um sítio com o único objetivo de se concentrarem na música que viria a fazer parte do álbum, certamente contribuiu para que temas do gabarito de *Nothing to Say*, *Silence and Distance*, *Make Believe* e *Carolina IV* conquistassem público e crítica. A exemplo do que acontecera com *Angels Cry*, Andre se mostrou um dos principais responsáveis pelo trabalho de composição, assinando, sozinho ou em pareceria cm outros músicos, sete das nove músicas do álbum, mostrando a criatividade que podia colocar a serviço da música.

By_Lu*Ch@ou£

EXCELENTES

ANGELS CRY (ANGRA, 1993)

O Angra surgiu, como dizia o próprio Andre, para ser uma espécie de "dream team" do metal brasileiro. "Mas a vontade de montá-la foi genuína, queríamos fazer uma banda excelente", afirmou. E o primeiro disco não decepcionou. E apesar de a gravação não ter sido exatamente um mar de rosas, o resultado foi mais do que satisfatório. Um dos problemas foi o lugar onde ela aconteceu: o estúdio de Kai Hansen, em Hamburgo (ALE), era um antigo bunker da II Guerra Mundial, ou seja, um lugar fechado e claustrofóbico. "Não tinha ventilação, não tinha luz", relembrou o vocalista. Além disso, a exigência natural dos produtores Charlie Bauerfeind e Sascha Paeth foi algo novo para os músicos. Porém, mesmo com os percalços, os cinco saíram de lá com um disco que colocaria o Angra no circuito das grandes bandas. Além de confirmar ser um pianista/tecladista de primeira e um vocalista soberbo, Andre pôde mostrar seu talento como compositor, assinando oito das dez faixas do disco (metade delas em parceria com Rafael Bittencourt). De *Angels Cry* saíram temas como *Evil Warning*, *Never Understand* e a insuperável *Carry On*, até hoje presença obrigatória nos shows da banda.

VIRGO (VIRGO, 2001)

Tudo começou na época da gravação de *Angels Cry*, acontecida entre julho e agosto de 1993, portanto pouco mais de um ano após a morte de Freddie Mercury. Sascha Paeth e Andre Matos, ambos fãs confessos do Queen, comentavam a falta que a banda fazia. Andre lembrou que "ninguém estava fazendo um som como o que eles faziam e, numa de viagem mesmo, a gente pensou em tentar fazer uma música daquele tipo, um rock'n'roll eclético e bombástico." O projeto ficou engavetado até que em 2001 surgiu a oportunidade perfeita com a saída de Andre do Angra. Muitos estranharam que o Virgo (nome escolhido por tanto Andre como Sascha serem do signo de virgem) não tivesse nada de heavy metal. Mas essa era a intenção. Com faixas escritas pelos dois integrantes principais e muito piano em todas elas (chega até a se sobressair à guitarra), o álbum não nega que Queen foi a influência principal da dupla. Tem desde melodias suaves, como em *Fiction*, a algo beirando o pop, a exemplo de *Take Me Home*, até chegar em *Blowing Away*, rockão que lembra aqueles que o Queen fazia nos primeiros discos. Um segundo álbum ficou apenas na intenção da dupla.

RITUAL (SHAMAN, 2002)

A saída de Andre, Luis Mariutti e Ricardo Confessori do Angra gerou considerável comoção na época. Mas nenhum dos lados se apertou. Se Kiko e Rafael se juntaram a novos músicos e soltaram o excelente *Rebirth* (2001), o trio que deixou a banda juntou-se ao irmão de Luis, o guitarrista Hugo Mariutti, para montar o Shaman. Andre jurava que "nossa ideia principal é fazer música com prazer e ter uma excelente harmonia dentro da banda." Só que eles provaram que era possível fazer isso com música da mais alta qualidade. *Ritual*, disco conceitual falando de cultura indígena e shamanismo, foi gravado no Gate Studio (ALE) e trazia a assinatura de Sacha Paeth na produção ao lado da banda. O repertório inspirado continha temas poderosos, como *Here I Am*, *Time Will Come* e *Pride*. Lançado por uma grande gravadora, a Universal, o álbum acabou emplacando a música *Fairy Tale* na trilha da novela "O Beijo do Vampiro", da TV Globo. Isso tornou a banda conhecidíssima no Brasil, o que resultou numa tour de 130 shows pelo país. Foi dessa turnê que saiu o primeiro CD/DVD ao vivo do quarteto, *Ritualive* (2003), gravado no Credicard Hall, em São Paulo.

BONS

SOLDIERS OF SUNRISE (1987)

Sim, foi um espanto. Afinal, era uma banda formada por garotos (o mais velho, o baixista Pit Passarell, tinha 19 anos quando *Soldiers of Sunrise* foi lançado), mas que tinha som e postura de gente grande. Claro que se percebia ali muita imaturidade, mas nisso o tempo dá um jeito. O que jamais mudaria era o talento daqueles meninos, especialmente do vocalista, o mais novo da turma e que claramente se inspirava em Bruce Dickinson – desde a indumentária até a movimentação em cena. Aqui Andre ainda dava seus primeiros passos na arte de compor, já que só assina quatro faixas, sendo uma com Pit Passarell, o principal compositor da banda, e três em conjunto com todos os demais integrantes. Mas seu vocal, mesmo ainda sem técnica, como ele próprio confessaria, já se destacava pelo alcance e pela afinação impecável – o show de lançamento foi gravado em vídeo por Ricardo Batalha e está disponível no YouTube para quem quiser conferir. Com produção de André "Pomba" Cagni, baixista do Vodu, o disco tinha como destaques *Knights of Destruction*, *Nightmares* e a faixa-título.

TIME TO BE FREE (SOLO, 2007)

O primeiro disco solo de Andre tem título emblemático: *Time to Be Free*, algo como "hora de se libertar". Lógico que todo mundo concluiu que ele estava "se libertando" das bandas. "Eu não nego 100%. Talvez por tabela também represente isso. Liberdade é realmente o mote deste álbum", falou ele à época para a ROADIE CREW. Ao lado dos irmãos Hugo (guitarra) e Luis Mariutti (baixo), André Hernandes (guitarra), Fábio Ribeiro (teclado) e Rafael Rosa (bateria), Andre assina todas as faixas com as mais diversas parcerias, dentro e fora da banda. Mas mesmo com vários compositores envolvidos, é um disco bem uniforme e que mostra o vocalista de volta para o heavy metal melódico puro e simples – não há nem resquício de ritmos brasileiros como acontecia principalmente com o Angra. Produzido por Roy Z e mixado pelo eterno parceiro Sacha Paeth, o disco alcançou posições de destaque em paradas internacionais, como um 2º posto no Japão e 4º na Rússia. Além disso, a faixa *Rio* foi eleita a melhor canção de heavy metal de 2007 pelo Worldwide Prize Music Awards.

CUIDADO

IN PARADISUM (SYMFONIA, 2011)

É bem complicado escolher um álbum para colocar a marca de "cuidado" numa discografia tão brilhante e consistente como a de Andre Matos. Mas este trabalho capitaneado pelo ex-guitarrista do Stratovarius, Timo Tolkki, e, contando com integrantes com passagens por bandas como Sonata Arctica e Helloween, carece de alguma consistência, mostrando-se pouco inovador na maior parte do tempo. Porém, Andre, que assina o repertório com Tolkki, defendia-se: "Quando alguém diz: 'É mais do mesmo, não traz nada de novo, soa como Angra e Stratovarius', eu respondo: 'É exatamente o que a gente queria'." Lançado o disco, começaram os problemas: primeiro foi o baterista Uli Kusch que pediu para sair; depois a turnê que se seguiu acabou sendo um fiasco. Então o guitarrista, conhecido por ser um dos músicos mais temperamentais do heavy metal, decretou o fim do Symfonia. Andre não esperava isso, mas não ligou muito: "Para mim foi bastante satisfatório. E eu não estava obviamente apostando todas as minhas fichas no Symfonia, pois seguia com minha banda solo no Brasil e ela sempre foi prioridade."

OUTROS: Além dos citados acima, Andre deixou mais um álbum de estúdio com o Angra (*Fireworks*, 1998, seu último registro com a banda), dois EPs ao vivo (*Live Acoustic and FNAC*, gravado em Paris em 1996, e *Holy Live*, 1997) e dois EPs de estúdio, *Evil Warning* (1994) e *Freedom Call* (1997). Ainda há o registro da primeira demo com o quinteto, *Reaching Horizons*, lançada em 1992 apenas em fita cassete, além de alguns singles, como o de *Lisbon*, que saiu em 1998. Com o Shaman, há ainda mais dois álbuns, *Ritualive* (ao vivo, 2003) e *Reason* (2005). Sua carreira solo possui outros dois trabalhos de estúdio, *Mentalize* (2009) e *The Turn of the Lights* (2012). Por fim, há ainda o registro da volta do Viper com Andre aos palcos em *To Live Again – Viper Live in São Paulo* (2015), que acabou se tornando seu último disco oficial.

By_Lu*Ch@qu£

Kyle Konkiel, Chris Cain, Tommy Vext, John Boecklin e Doc Coyle convocam os fãs para formarem a sua nação

BAD WOLVES

LÍDERES DA ALCATEIA

Grupo americano canaliza suas emoções de forma honesta e voraz, trazendo muito peso e melodia

Por Guilherme Spiazzi

Antes de criar o Bad Wolves, Tommy Vext (vocal, ex-Westfield Massacre e Divine Heresy), Kyle Konkiel (baixo, ex-In This Moment e Scar the Martyr), Doc Coyle (guitarra, ex-God Forbid), Chris Cain (guitarra, ex-Bury Your Dead) e John Boecklin (bateria, ex-DevilDriver) já haviam experimentado relativo sucesso com as suas respectivas bandas. Quisera o destino que o cover de *Zombie* (The Cramberries), gravado para o álbum de estreia, *Disobey* (2018), amplificasse o nome do Bad Wolves. Depois de girar o mundo promovendo o debut, o grupo está de volta com *N.A.T.I.O.N.*, álbum em que, como nos conta Vext, encontrou equilíbrio entre o peso e a melodia, entre o metal e a rádio.

Considerando toda a atenção recebida pelo Bad Wolves na sua estreia, como foi trabalhar em *N.A.T.I.O.N.* sabendo que agora havia um público esperando por algo?

Tommy Vext: Por um lado foi mais fácil trabalhar nesse segundo disco. Acho que a diferença entre compor *Disobey* e *N.A.T.I.O.N.* é que durante o primeiro disco ainda não tínhamos um nome e estávamos desenvolvendo a nossa sonoridade. Boecklin e eu nunca havíamos composto juntos quando começamos essa banda. Tivemos que entender o estilo um do outro, além de aprender a comunicar aquilo que queríamos passar, bem como decidir o tipo de banda que seríamos. Só ali já tínhamos bastante trabalho com o desenvolvimento uma parceria e uma sonoridade. Lançamos *Disobey*, fizemos bastante sucesso e rodamos o mundo. Passamos bastante tempo com o público, encontrando os fãs e conversando com eles, inclusive online. Conseguimos ver aquilo que os afetava, quais eram as suas impressões e experiências em nossos shows. Acredito que toda essa informação acabou sendo destilada em *N.A.T.I.O.N.*, que é essencialmente sobre os fãs, a nossa nação. É esse grupo internacional de pessoas que se autodenomina 'wolfpack' (N.R.: alcateia). Eles se batizaram e nos deram uma carreira. Acho que foi mais fácil fazer esse disco sabendo disso tudo.

Acredito que isso explica a sonoridade mais diversificada de *N.A.T.I.O.N.*, em comparação com *Disobey*.

Tommy: Cada integrante possui a sua criatividade e, com isso, tivemos diferentes times compondo para o álbum. Mesmo estando em turnê, continuei indo para o estúdio compor. Sempre que estava de folga, em Los Angeles (EUA), eu ia para o estúdio. Fazia isso porque estava inspirado depois de tocar na Europa ou na Austrália etc. Boecklin fazia o mesmo, assim como Coyle e Cain. Quando chegou o momento de decidir quais músicas iriam para o disco, todo mundo apresentou material. Nós tentamos compor mais músicas do que precisávamos para escolher as melhores para o álbum.

Essa fase intensa de composição resultou num disco de sonoridade

By_Lu*Ch@qu£

mais pesada e refinada, somada da mesma faceta radiofônica apresentada pelo grupo em *Disobey*. O quão importante é manter o equilíbrio entre essas características?

Tommy: Somos fãs de Nirvana, Metallica, Pantera, Alice in Chains, mas também escutamos Whitechapel, Meshuggah, Periphery e Animals As Leaders. É uma coisa polarizada que traz uma influência de Beatles, Led Zeppelin, Pink Floyd – bandas clássica do rock, fundidas com influências de Guns N'Roses. Isto se liga ao outro extremo, representado por bandas do djent e death metal. Nós tiramos de tudo isso. Acho que algumas músicas têm uma cadência emocional e história e, com isso, elas acabam sendo mais melódicas. O que acontece é que a gravadora é quem escolhe os singles e eles, inadvertidamente, geralmente escolhem aquelas que são mais melódicas para a rádio. Nós simplesmente compomos a música... No que depende de nós, acho que ter *No Messiah* e *Foe or Friend* no rádio seria muito bom, mas não acho que a rádio aguenta (o peso) dessas músicas (risos).

Acredito que canções que passam uma mensagem eventualmente encontrarão o seu público e se ligarão fortemente a ele. Você enxerga essa relação e busca escrever letras para endereçar algo que julga importante?

Tommy: Enquanto letrista, sempre me pergunto o significado daquilo que estou escrevendo e do que estou expressando. Pergunto-me se aquilo tem alguma importância. Os meus artistas favoritos que cresci ouvindo traziam letras bastante diretas. Caras como Trent Reznor (Nine Inch Nails) escolhia sobre o que queria falar e acertava em cheio. Também há outras bandas que eu amo, como Pearl Jam e Deftones, cujas letras dão bastante espaço para a interpretação. Quando se trata de músicas que têm uma intenção por trás, como *Sober* (*N.A.T.I.O.N.*) e *Remember When* (*Disobey*), elas são tão profundas quanto, *Zombie*, por exemplo. Dolores O'Riordan (N.R.: vocalista do The Cramberries falecida em 2018) tinha um significado para essa música. Quando ela foi lançada, se tratava de uma mensagem política. Falar sobre algo real tem tudo a ver conosco.

Falando em *Zombie*, o Bad Wolves fez bastante barulho na sua estreia graças a esta versão em seu disco de estreia. Como encara tudo que aconteceu para a banda desde o lançamento desse cover?

Tommy: *Zombie* acabou sendo uma plataforma de lançamento pela qual não esperávamos. Aquela tragédia (N.R.: Vext faz menção ao falecimento de O'Riordan dias antes do lançamento de *Zombie* como single) aconteceu e nós não sabíamos exatamente o que fazer, então tentamos fazer a coisa certa. Houve o momento do luto. Muitas vezes cantei essa música no palco pensando em O'Riordan e chorando. Era uma sensação de descrença, dor e tristeza, que se tornou essa coisa bonita onde estávamos tocando essa música ao vivo e as pessoas estavam de luto com a gente. Juntos, nós superamos isso. Depois disso veio o medo de que seríamos aquele tipo de banda de apenas um sucesso. Aquela sensação boa deu lugar para a ansiedade, até que *Hear Me Now* conquistou o primeiro lugar nas paradas. Na sequência, *Remember When* meio que explodiu. Hoje temos músicas como *Sober* entre as melhores. Acho que isso mostra que nós viemos para ficar.

OF TRUTH AND SACRIFICE
Eleven Seven Music - Imp.

Veja, faixas como *Here me Now* e *Zombie* não soam como as restante de *Disobey*. Somos uma banda de metal que tem algumas músicas de rock. O público do rock nos abraçou e levou o metal para muita gente que nunca o ouviu. Acho que *N.A.T.I.O.N.* traz um balanço entre músicas de metal e rock.

Sendo assim, qual faixa de *N.A.T.I.O.N.* foi a mais desafiadora de se compor e gravar? Além disso, de qual delas você tem mais orgulho?

Tommy: (N.R.: pensativo) Eu não saberia dizer que foi a mais difícil de compor e gravar. *Learn to Walk Again* foi uma das últimas que compusemos e quase não entrou no disco, porque não estávamos muito empolgados com ela. Por outro lado, o pessoal da gravadora estava muito empolgado com ela e isso nos deixou meio confusos (risos). Diante disso, dedicamos um pouco mais de tempo recompondo *Learn to Walk Again* e *The Consumerist*. Na verdade, fizemos isso umas duas ou três vezes e parece ter funcionado. Essas foram mais desafiadoras por conta disso. Falando de orgulho, *No Messiah* continua sendo uma das minhas favoritas no álbum. Ela foi a primeira composta por Boecklin para o disco.

Esperava que você citasse *Foe or Friend* como desafio. Afinal, essa música, que é uma espécie de continuação de *Remember When*, fala da sua relação com o seu irmão, que tentou matá-lo.

Tommy: Bom, em 2010 eu tive que testemunhar contra o meu irmão, pois ele havia tentado me matar. Além disso, ele contratou um assassino para acabar comigo. Eu tive que ser colocado sob os cuidados do serviço de proteção a testemunha por cerca de dez meses enquanto o FBI (N.R.: Departamento Federal de Investigação) procurava pelo meu irmão e esse assassino de aluguel que, eventualmente, acabou sendo morto. Enfim, a conversa telefônica que se escuta em *Foe or Friend* é a reprodução da ligação que o meu irmão fez dizendo que iria me matar antes de irmos para o seu julgamento.

Colocar essa história para fora na forma de música provoca que tipo se sensação em você?

Tommy: Faço isso por dois motivos. Primeiro para colocar para fora e fazer com que o ressentimento não afete a minha vida. Em segundo lugar, eu coloquei a gravação na faixa porque sabia que teria que ouvir aquela voz por, no mínimo, um ano. É uma forma de lembrar que o meu irmão nunca mais fará parte da minha vida. Não porque eu não o perdoe, mas porque ele não está bem e eu não arriscarei a minha vida com alguém que é um psicopata.

Acredito que seja impossível cantar coisas desse tipo sem que haja uma grande carga de emoção. De que forma você alia emoção com a técnica?

Tommy: Acredito que a emoção aparece mais quando você está cantando sem se preocupar em ouvir a sua voz. Eu não necessariamente canto para me divertir. Canto porque sinto muito dor emocional. Quando as suas letras são honestas, elas canalizam a honestidade da sua emoção. Acho que Jonathan Davis é o exemplo perfeito disso. Veja os primeiros discos do Korn, assim como do Rage Against The Machine; eles não soam lindamente, mas você os sente. Você sente que aquela pessoa estava passando por uma dor.

Angústia, Peso e Sinceridade

Com novo trabalho depois de um momento sombrio, Andrew Craighan (quase) não poupa detalhes para explicar o caminho até The *Ghost of Orion*

Por Daniel Dutra

Foram quase cinco anos de espera desde *Feel the Misery* (2015), mas o tempo teve outro sentido para o My Dying Bride até o novo álbum, *The Ghost of Orion*, sair do forno. Em setembro de 2017, Aaron Stainthorpe viu seu mundo desabar com a notícia de que sua filha, então com 5 anos, estava com câncer. A banda inglesa parou, obviamente, e durante o forçado intervalo perdeu dois integrantes: o baterista Shaun Taylor-Steels e o guitarrista e cofundador Calvin Robertshaw, que havia retornado em 2014, depois de 15 anos afastado. Como tristeza pouca é bobagem no doom metal do My Dying Bride, o grupo sorriu com a recuperação da filha de Aaron – que um ano depois "venceu uma das mais cruéis e amargas criações de Deus", segundo o próprio vocalista –, arrumou a casa com dois novos integrantes – Jeff Singer (bateria, ex-Blaze e Paradise Lost) e Neil Blanchett (guitarra) estão ao lado de Aaron, Andrew Craighan (guitarra), Lena Abé (baixo) e Shaun Macgowan (teclados e violino) – e lançou um belo disco. Para falar um pouco sobre tudo isso, batemos um papo com Craighan, que foi de uma sinceridade tão forte quanto a música do sexteto. Além de umas pitadas de bom humor, acredite.

Você e o Aaron são os únicos integrantes originais do My Dying Bride, e são 30 anos de história. Como você foi afetado pelo problema familiar do Aaron, durante o período em que ele lidou com o câncer da filha pequena?

Andrew Craighan: Boa pergunta, e eu preciso ser honesto, porque realmente não me afetou a ponto de eu sentir a mesma coisa que o Aaron. Não seria justo dizer que sofri como ele, e o que fizemos foi dar ao Aaron o espaço necessário e todo apoio possível, que, em um caso assim, é sempre muito menor do que alguém pode achar que é. A verdade é que a pessoa se sente perdida, e cabia a mim estar presente sempre que ele precisava e levar esperança. Tudo aquilo não era a meu respeito, então minha perspectiva é que eu deveria tentar manter o My Dying Bride vivo, mesmo sem saber se seria bem-sucedido nisso, e fazer isso como um aspecto positivo para a vida do Aaron. Claro que também era por mim, uma vez que não vou fingir que sofri ou tirei profundas lições do que aconteceu. A dor era completamente do Aaron. Todos ao redor apenas tentaram que a situação ficasse mais leve, e isso é muito difícil quando você se sente impotente, já que não é o tipo de situação na qual se pode ajudar com pequenas coisas operacionais do dia a dia. Assim, o que estava ao meu alcance era mesmo manter a banda operacional e sem levar nenhum problema para o Aaron, que estava lidando com algo pesado demais. E digo isso porque nada podia ser comparado ao que ele estava vivendo.

Falei isso porque acredito que houve um impacto em *The Ghost of Orion*. A música *Tired of Tears* é obviamente muito pessoal para o Aaron, mas é emocionante também para quem escuta.

By_Lu*Ch@qu£

E você faz parte do processo criativo do My Dying Bride...

Andrew: E vou tentar falar em nome de Aaron agora, porque ele deliberadamente evitou escrever mais letras a respeito do que passou. Quando conversamos sobre o porquê de ter feito assim, a resposta que tive foi que se ele tivesse se concentrado demais naquele período da sua vida, falando sobre isso nas letras, acabaria odiando as músicas. Aaron já havia sido consumido pelo que aconteceu, e é claro que ele iria botar algo para fora, como fez em *Tired of Tears*, mas as canções foram compostas normalmente. Eu não tentei direcioná-lo a nada, afinal, nós já tocamos no My Dying Bride e lidamos com angústias e tormentos, de maneira genuína e, no caso do Aaron, de um jeito ainda mais profundo desta vez. O meu problema era administrar a banda, lidar com as pessoas indo e vindo, então a minha dor era essa e nada comparada à do Aaron. Musicalmente, *Tired of Tears* já estava pronta, e ele a usou para exorcizar seus demônios. Depois, disse que não queria mais tocar no assunto.

Você falou em administrar o My Dying Bride, e Calvin Robertshaw e Shaun Taylor-Steels deixaram a banda antes das gravações. Ou seja, esse foi o tipo de peso nos seus ombros.

Andrew: Ah, sim, e não foi nada divertido. Foi um cenário meio estranho, e não posso entrar em detalhes sobre o que aconteceu, especialmente em relação ao Calvin, porque ele saiu da banda por muitos motivos errados. Acredito que tem algo que posso dizer sem ferir os sentimentos de ninguém: eles escolheram o pior momento para ir embora, porque Aaron estava atravessando o pior momento da luta da filha contra o câncer. As razões de Calvin foram egoístas, e quando ele justificou sua saída, minha reação foi falar: 'Porra, isso é sério?'. E Shaun... Bem, eu nunca vou entender por que ele quis ir embora. Isso serve para o Calvin também, mas são situações diferentes por causa das razões, mas acontece que nós não estávamos brigando, os ensaios estavam fluindo bem até que começou 'Hoje eu não posso ensaiar' e... Melhor mesmo eu não dar mais detalhes. De qualquer maneira, tenho certeza de que a verdade vai aparecer e todos vão achar inacreditável o que houve.

Algo semelhante aconteceu em 2014, quando Hamish Glencross (guitarra) saiu antes de *Feel the Misery*. Mas foram situações diferentes?

Andrew: Sim. Hamish estava tocando também no Vallenfyre, fazendo muitos shows e ensaios com o grupo, e adquiriu alguns hábitos ruins, que não combinam com o My Dying Bride. O problema é que ele mantinha esses hábitos quando estava conosco, o que nos deixou bastante desconfortáveis. Também não posso dar mais detalhes, e você pode imaginar a razão (risos).

Sem dúvida. Então, como estão as coisas com Neil Blanchett agora? Especialmente para você.

Andrew: (rindo) Vamos ver (risos). Até agora está tudo bem, e conheço Neil há muitos anos, desde 1992 ou 1993, acredito que depois de termos lançado *Turn Loose the Swans* (1993). Ele era do Garden of Remembrance, uma banda de doom metal similar ao My Dying Bride, se bem me lembro, e nos conhecia. Não posso dizer que era um grande fã nosso, só que nos apoiava, e costumávamos conversar. Acredito que ele seja um grande fã agora (risos), mas nós mantivemos contato ao longo dos anos, e eu sempre o considerei um amigo. No entanto, por causa do que rolou de 2014 de para cá, com as saídas de Hamish, Calvin e Shaun do jeito que elas aconteceram, porque foram um choque, o problema para mim atualmente é que não confio mais em ninguém. Não mais, mesmo. Por mais que eu esteja dizendo a você agora que Neil é um cara legal, já vi caras legais fazerem coisas realmente estúpidas (risos). Claro, não posso dizer que ele vá fazer algo assim, mas imagine daqui a uns dois anos acontecer de conversamos novamente e você falar: 'Acabou que o Neil não durou muito'. Eu vou poder responder: 'Mas eu disse que não confiava naquele puto' (risos). A verdade é que, no momento, ele gosta de estar na banda, gosta do que estamos fazendo e gosta, realmente gosta do som do My Dying Bride, porque é muito diferente do que ele toca em seu outro grupo, Valafar, que faz um death metal que eu não consigo curtir. Ou seja, nunca vou dizer que será ótimo, mas que torço para seja ótimo, porque tudo o que eu quero é um pouco de normalidade e estabilidade, e Neil trouxe isso. É um cara legal, e vamos cruzar os dedos para que ele continue assim.

THE GHOST OF ORION
Nuclear Blast/Shinigami - Nac.

Preciso perguntar sobre Jeff Singer, e não apenas porque creio que foi uma ótima escolha. O fato de ele ter tocado alguns anos no Paradise Lost (N.R.: de 2004 a 2008) tornou a transição mais fácil na mudança de baterista?

Andrew: Interessante você colocar dessa maneira, porque o som do Paradise Lost não é semelhante ao nosso, inclusive nos arranjos de bateria, mas preciso dizer algo: Jeff trouxe para o novo álbum um frescor que estávamos precisando desesperadamente. O entusiasmo dele é incrível, e se juntou a nós com um espírito vencedor, o que nos ajudou bastante. Como o seu estilo é diferente daquele que a música do My Dying Bride pede, Jeff teve de aprender algumas coisas e se adaptar ao nosso estilo, o que não foi problema algum para ele. Curiosamente, o Paradise Lost o chamou de volta para fazer alguns shows, mas por empréstimo (risos), e ele está adorando (N.R.: esta entrevista aconteceu em 4 de março, ou seja, antes da paralisação por causa da pandemia do novo coronavírus). Bom, ele se adaptou, mas também injetou personalidade própria, e eu respeito muito isso. É um novo ângulo para nós, porque continuamos fazendo aquilo que amamos e que tornou o My Dying Bride o que é, só que ao mesmo tempo temos algo diferente. Não diria que é mais rock'n'roll, mas um estilo mais... Honestamente, eu não consigo nem descrever, mas a verdade é que foi algo positivo para a banda. O mais importante, preciso repetir, é o entusiasmo que Jeff mostra por estar no My Dying Bride. Ele chega a estar feliz demais, e não estamos acostumados com isso (risos), e provou ser um grande sujeito. Novamente, espero que continue assim, que não faça nada estúpido.

Bom, eu iria mesmo perguntar qual foi a colaboração dele, porque a bateria do My Dying Bride está num outro nível em *The Ghost of Orion*.

Andrew: Há uma empolgação diferente, sem dúvida, e é isso que você falou. Jeff deu ao novo disco algo que não se encontra em nenhum outro em nossa discografia. Sabe o que é mais engraçado? Normalmente, eu não gosto de falar sobre assuntos relacionados à bateria, porque acho chato demais (risos), mas desta vez é diferente, porque só tenho coisas positivas a dizer. Jeff melhorou o som do My Dying Bride com a sua abordagem,

By_Lu*Ch@qu£

mas não vou conversar com ele sobre isso, para que não fique cheio de si (risos). Seu momento está nas músicas do disco.

Já que estamos falando da sonoridade do My Dying Bride, Aaron declarou recentemente que vocês tentaram tornar a banda um pouco mais acessível no novo álbum. É interessante, porque algumas pessoas podem imaginar um direcionamento mais pop, mas definitivamente não é o caso...

Andrew: Não mesmo. Acontece que a Nuclear Blast nos pediu determinadas coisas, mas eu não tenho interesse em lidar com esse tipo de situação, então pedi ao Aaron que cuidasse disso. Ele escreve aquilo que tem vontade, e eu não me meto porque não é assim que fazemos as coisas. No entanto, acho que vou contradizê-lo, porque não compusemos deliberadamente um álbum mais acessível. Não era o nosso desejo, então a tradução do que Aaron falou é simples: nós escolhemos deliberadamente um tipo diferente de produção. Isso foi planejado e debatido, e ser acessível... Eu não gosto dessa palavra exatamente porque me faz pensar 'Porra, as pessoas vão dizer que ficamos pop', e você está certo: não foi o que aconteceu. Mas acabou sendo a melhor escolha para definir nossa opção por uma produção mais polida, talvez um pouco mais moderna e não tão doom como se estivéssemos tocando numa caverna. Queríamos sair da caverna, na verdade. E sabe o que mais é estranho? Para alcançar esse som mais polido, tivemos como base dois discos: *Rituals* (2016), do Rotting Christ, e *Instinctus Bestiallis* (2015), do Gorgoroth. Eu amo esses trabalhos, então conversei com Mark Mynett, nosso produtor, e pedi a ele que observasse a direção que o Rotting Christ havia tomando no seu então novo álbum. É muito bem produzido, mas ainda assim fenomenal! Não falta força, honestidade e ímpeto, e queríamos fazer a nossa versão desse caminho para a música do My Dying Bride. E tem *Instinctus Bestiallis*, que é absurdamente brutal do início ao fim, mas perfeitamente gravado, não exatamente um disco de necro black metal ou de death metal... OK, não é para imaginar que eu pedi ao produtor que o My Dying Bride soasse como Gorgoroth, porque isso nunca vai acontecer (risos). Somo bestas diferentes, mas queríamos a brutalidade e a precisão desses dois trabalhos. A música daquelas duas bandas não sofreu mudanças, apenas foi gravada de uma maneira precisa, então eu queria esse nível de profissionalismo. São discos acessíveis porque foram muito bem produzidos, mixados e masterizados. E foi esse o resultado que atingimos em *The Ghost of Orion*.

> "(...) o que fizemos foi dar ao Aaron o espaço necessário e todo apoio possível."
>
> Andrew Craighan

Aaron Stainthorpe, Neil Blanchett, Andrew Craighan, Shaun Macgowan, Jeff Singer e Lena Abé: um novo My Dying Bride depois das turbulências

SEVENTH SIGN FROM HEAVEN

PESADO, TÉCNICO E CONCISO

Novo disco da Seventh Sign From Heaven trás em sua natureza, o melhor do Heavy Metal Tradicional.

A venda pelos links:

www.blackrockstore.com.br // www.submarino.com.br // www.americanas.com.br
www.diehard.com.br // www.locomotivadiscos.com.br

Escute nas plataformas digitais:

Spotify · DEEZER · YouTube · Music

VOICE MUSIC · ROADIEMETAL WEB RÁDIO • SITE • ASSESSORIA · fusão

IT'S ONLY ROCK'N'ROLL

Por Antonio Carlos Monteiro

Antonio Carlos Monteiro é jornalista, músico, mantém o site tonymonteirorock.blogspot.com.br e é redator da Roadie Crew

A DIFÍCIL MISSÃO DE DESCOBRIR O REAL VALOR DAS COISAS

Há poucas semanas, participei de uma excelente live com meu amigo e talentosíssimo jornalista Sergio Martins sobre a discografia da minha banda do coração, Rolling Stones. Mostrei algumas raridades do quinteto britânico que possuo, tanto em CD como em vinil, até que em determinado momento uma pessoa que acompanhava o papo mandou a pergunta: qual o item mais valioso da sua coleção? Pensei, argumentei, enrolei e não consegui dar uma resposta. Falei sobre alguns itens raros e contei algumas histórias de como consegui alguns discos, mas falhei miseravelmente na hora de atribuir um valor financeiro a algum deles.

Fiquei com isso na cabeça alguns dias e foi uma verdadeira revelação. Tudo bem, a gente trabalha com rock, mas junta discos, fitas, revistas e todo tipo de badulaque relacionado a isso simplesmente porque amamos esse tipo de música.

Não sei como funciona para quem coleciona outro tipo de coisa. Imagino que aqueles milionários que colecionam carros antigos, por exemplo, devem ter uma visão bem mais, digamos, "mercantilista" na hora de adquirir as peças de sua coleção – certamente um acervo que contenha um carro raríssimo, daqueles que foram feitas poucas unidades e boa parte se perdeu pelo mundo, deva ser muito mais importante do que outra que tenha itens menos raros. Talvez até alguns colecionadores de discos tenham uma visão parecida em relação aos seus acervos, mas creio que uma coleção que começa e se desenvolve de forma natural tem outros valores – você vai pegando aqueles itens que te interessam, não se desfaz de quase nenhum e quando vai ver é dono de uma bela coleção.

Nesse contexto, dá pra dizer que não tem preço um disco como o CD-R que tem a gravação do primeiro e único álbum da banda Billion Dollar Babies, formada por parte dos músicos que tocaram com Alice Cooper no início de sua carreira e montaram esse grupo após a separação. Em contato com o guitarrista Michael Bruce, perguntei se o disco havia saído em CD (o vinil é um dos itens raros da minha coleção). Ele disse que não e tempos depois apareceu em casa um CD-R gravado por ele com o disco e uma carta manuscrita. Esse CD nem deve tocar mais, só que é daqueles que não têm preço. Como também é impossível atribuir valor à cópia de *Angels Cry* com o autógrafo de Andre Matos e a dedicatória "Ao velho amigo e também ACM", referindo-se às iniciais dos nossos nomes serem iguais – pra quem não lembra, ele era Andre Coelho Matos.

Não, jamais vou conseguir colocar um preço em cada item que possuo. Mas sei que em termos afetivos minha coleção tem um valor absolutamente inestimável.

BROTHERHOOD

Por Luiz Cesar Pimentel

Luiz Cesar Pimentel é jornalista, escritor

UNITED FORCES CAN'T BE STOPPED

Vamos falar português claro. Os profissionais que mais se ferrarão com a pandemia são os responsáveis por você estar lendo ESTE texto NESTA revista: os artistas. Não é exagero.

Pois desde o mais recente corte de receitas deles, que atende pelo pomposo nome de plataformas de streaming, artistas passaram a depender de aglomerar pessoas em shows.

Não sou nem pretendo ser futurólogo, mas penso que quando retornarmos a uma certa normalidade, os megaeventos e festivais, que juntam dezenas de milhares de pessoas, serão os primeiros a se reestruturar, pois atraem público pelo efeito boiada. Na matemática projetada (mais uma vez sem qualquer rigor científico, pois é totalmente da minha cabeça) diria que contemplam 1% ou menos dos artistas. E os 99% que dependem de empreitadas quase diárias para se manterem? São os que vivem de apresentações de pequeno e médio portes.

Nesse universo de lives gratuitas, o que pode estar sendo plantado na cabeça do público em potencial? Uma mosca pessimista me diz que muito provavelmente a noção de valor para se assistir a um show tangencia ou equivale à quase gratuidade.

É importante colocarmos em contexto todas as intempéries por que passou o mundo artístico nos últimos anos. No final dos 90, a música digital pôde ser distribuída entre computadores. Só que ao virar digital igualmente pôde ser replicada sem perda de qualidade e distribuída com facilidade sem qualquer controle. É o famoso 'tá bom mas tá ruim'. Na jogada, o arquivo físico que tanto nos fascina, seja em CD, DVD, Bluray ou vinil, perdeu completamente o valor de mercado e deixou de contribuir para formar uma renda para o artista. Aí passamos para um modelo híbrido de rendimento via shows + direitos autorais. Por direitos autorais entenda a execução pública da música em rádios, TV, shows, comerciais etc.

Mas aí veio a explosão do streaming calçada em regras (e valores) próprios. O montante que os músicos faturam com a música consumida do Spotify ao YouTube é pífio, mesmo para índices altíssimos de requisição. Outro dia o Peter Frampton postou algo como: "*Show me the Way* foi ouvida 60 milhões de vezes e recebi 1500 dólares por isso". (Não foram exatamente esses números; estou apenas dando noção de grandeza.) Noves fora, restou o quê? Sim, os próprios: shows. Daí voltamos ao início deste texto. A conta não fecha. O que faremos a respeito?

Eu tenho uma ideia. Quem topa participar propositivamente de um movimento para ajudarmos a produção da mais fascinante das artes?

A LOOK AT METAL

Por Claudio Vicentin

Claudio Vicentin é editor da Roadie Crew

CAMPO DE BATALHA

Por Ricardo Batalha

Ricardo Batalha é redator-chefe da Roadie Crew

PODE SER POSSÍVEL SALVAR UMA BANDA?

Rupturas, em todos os sentidos, são ruins, mas muitas vezes necessárias. Seja ruptura de músicos de uma banda, amizade ou relacionamento, tudo pode acontecer. Sempre achamos, temos esperança, que nossas relações serão duradouras. Porém, a visão não é tão simples assim.

Levando para o lado da cena musical, ter uma banda não é tarefa fácil. Quem se lembra do Metallica e suas sessões de terapia em *Some Kind of Monster* (2004)? A banda abriu as portas para os fãs e mostrou um dos períodos mais turbulentos de sua carreira.

Dentro de uma banda pode existir amizade ou coleguismo, que são diferentes. Pode acontecer de, por exemplo, o baterista ser muito amigo do guitarrista, mas é colega do vocalista. O guitarrista, durante uma turnê de centenas de dias, nas horas vagas sair apenas com o baixista e não gostar do baterista.

Para resolver conflitos, o melhor caminho sempre será a conversa, expor o que está sentindo. Quando a escuta e o diálogo são as regras, muitas vezes surgem soluções pacíficas para as brigas. Até porque, várias vezes, imaginamos que a outra pessoa saiba das suas angústias, mas não. E, então, quando você coloca para fora, nem era um grande problema. Além disso, guardar esses sentimentos ruins é trazer problemas para sua saúde.

O Metallica pode ter sido a primeira banda no universo do metal a levar isso em conta e se abrir, mostrando seus monstros, mas sabemos que outras bandas usaram a mesma ferramenta (terapia em grupo) para resolver suas questões.

O ser humano é complexo e singular, pela questão dos valores que cada um tem, da questão da relação, dos vínculos que está formando ou formou ao longo da vida. Algumas vezes pode-se tentar de tudo, mas a ruptura é inevitável e, às vezes, necessária. Esse é o momento que a conclusão é que não se tratava de falha de nenhum dos lados, mas falta de "liga" ou ainda, liga passageira. Aquela boa limpeza de sentimentos e sair fora daquilo que não faz mais sentido. Aquela pessoa que passa pela sua vida e depois sai. Acredito que tudo tem um propósito. Ninguém cruza nosso caminho sem um motivo. E isso nos ajuda a crescer como pessoa, ser mais inteligente emocionalmente. Fica uma dica de leitura: "Inteligência Emocional", de Daniel Goleman.

Claro que abordei o tema, pois temos um pequeno especial sobre o assunto nesta edição, onde mostramos as rupturas de algumas bandas. Cada uma de sua maneira. É interessante perceber como cada uma delas se deu e como alguns reataram e outros permanecem distantes.

NÃO EXISTE O "NOVO NORMAL"

Em tempos de pandemia, chega a ser irônico ter saído de casa pela última vez para assistir a um show do Virus, promovendo um álbum intitulado *Contágio*. Mais que isso, olhar para trás e constatar que, no pior ano da história da humanidade, em meio a tantas incertezas, realizei o sonho de estar no "Monsters of Rock Cruise", de 8 a 13 de fevereiro. Assim, vira e mexe, sozinho em quarentena e quase autoinstitucionalizado em casa, surgem memórias de shows passados que compareci, e toda a expectativa que esses eventos geram. Alguns deles marcam profundamente, como quando fui pela primeira vez, junto com a equipe da ROADIE CREW, ao "Wacken Open Air", em 2001.

Antes do embarque, fui ao restaurante Windhuk, localizado no bairro de Moema e que considero um dos melhores de São Paulo. Como costumo ir lá com a família e amigos desde criança, perguntei ao dono se ele ainda tinha o cardápio traduzido. Contei que iria viajar para a Alemanha e ele se animou. Peguei o menu, anotei tudo que gostava para poder pedir os pratos em alemão. Óbvio que não existia "Google Translator". Fiz isso e me dei bem. No "Wacken", próximo ao palco Party Stage, havia dezenas de barracas, mas quase não entendíamos o que estavam vendendo. Porém, sempre que queria pedir alguma coisa, eu tirava o papel da carteira e falava. Deu certo.

Alguns shows foram marcantes em 2001. Primeiro, o Saxon, que tinha voltado a utilizar o sistema de iluminação "The Eagle", torre de luz em forma de águia. O Motörhead, por sua vez, usou o "Bomber", enorme torre de luz em forma de avião. Também deu orgulho em ver o Krisiun no Party Stage, ainda mais que o guitarrista Moyses Kolesne usava uma camiseta da ROADIE CREW e o vocalista e baixista Alex Camargo, ao nos ver, ainda mandou um "É 'nóis' na fita!" no meio do show. Para mim, foi especial ver a banda italiana Death SS, porque o tecladista, na ocasião, era Oleg Smirnoff, que eu tinha trabalhando anos antes como roadie durante a turnê do Eldritch e Angra, em 1997.

O que eu mais queria poder fazer? O mesmo que você, caro leitor: sair de casa e ter uma vida normal. Porém, precisamos esperar e ver o que vai acontecer. Com prudência, mantendo a sanidade e, claro, tendo orgulho de termos vivenciado, presencialmente, tantos eventos marcantes. Ver 'Lives' na tela do celular, no monitor do computador e na televisão ajuda a passar o tempo. Não existe o chamado "novo normal" e nada se equipara a emoção de estar sentindo a vibração de um espetáculo. Com público gritando e agitando ao nosso lado.

By_Lu*Ch@qu£

PROFILE

ALYSON GARCIA (AS THE PALACES BURN)

Por Guilherme Spiazzi • Fotos: Divulgação

Primeiro disco que comprou:
"Europe - *The Final Countdown*."

Melhor disco de Heavy Metal:
"Iron Maiden - *The Number of the Beast*."

Último disco que comprou:
"Judas Priest - *Firepower*."

Disco dos anos 2000 que recomenda:
"Nevermore - *Dead Heart in a Dead World*."

Quatro bandas que chamaria para um festival:
"Judas Priest, Iron Maiden, King Diamond e Queensrÿche."

Música que mais gosta de tocar:
"As The Palaces Burn - *Arcanum*."

Disco que mudou sua vida: "Iron Maiden - *Piece of Mind*. O meu primeiro contato com o heavy metal."

Disco que mais ouviu na vida:
"Angra - *Holy Land*."

Melhor capa de disco:
"Iron Maiden - *Somewhere in Time*."

Disco que daria a seu pior inimigo:
"Sigue Sigue Sputnik - *Flaunt it*."

Disco que gostaria de ter gravado:
"Queensrÿche - *Empire*."

Música que gostaria de ter composto:
"Queen - *Bohemian Rhapsody*."

Disco dos anos 70 que recomenda:
"Deep Purple - *Machine Head*."

Disco dos anos 80 que recomenda:
"Queensrÿche - *Operation: Mindcrime*."

Disco dos anos 90 que recomenda:
"Judas Priest - *Painkiller*."

Música que melhor define sua carreira:
"As The Palaces Burn - *The Devil's Hand*."

Três hinos do Rock/Metal para você:
"Iron Maiden - *The Number of the Beast*, Dio - *Holy Diver* e Judas Priest - *Painkiller*."

Um músico que definitivamente não o agrada:
"Tony James."

Para qual música de outro artista você adoraria gravar uma nova versão?
"Por incrível que pareça, estou realizando isso neste momento com a As The Palaces Burn! Essa homenagem sairá em nosso single á ser lançado no segundo semestre de 2020. Trata-se de *Hall of the Mountain King*, do Savatage."

Site:
www.asthepalacesburn.net
facebook.com/asthepalacesburn/

Uma música que adora, mas não sabe por que... Afinal, ela é horrível e você sabe disso:
"Billy Idol - *Eyes Without a Face*."

Qual banda gostaria de ouvir fazendo uma versão de alguma música de seu grupo?
"Queensrÿche."

Além de seus projetos atuais, em qual banda você gostaria de tocar um dia?
"Angra."

Uma banda que você é tão fã que o faria comprar o tributo deles a Kenny G.:
"Judas Priest."

Qual outro instrumento você gostaria de saber tocar?
"Guitarra."

Quando você acorda, qual música prefere ouvir?
"Hard rock."

Além de Rock e Metal, quais são os seus estilos musicais prediletos?
"Música instrumental, new age e blues."

Se você não fosse músico, o que gostaria de ser?
"Historiador."

Como foi seu encontro mais bizarro com um fã? "No restaurante em meio a uma comemoração, eu estava com minha família e a pessoa, que até então eu não conhecia, me abraçou, se juntou a mesa e se meteu nas fotos do evento (risos)."

Complete a frase: Eu sou um sucesso quando...:
"Posso colocar a minha alma no trabalho".

By_Lu*Ch@uf

ROADIEMETAL

WEB RÁDIO • SITE • ASSESSORIA

Atualmente um dos maiores veículos de divulgação especializada em música pesada. A Roadie Metal atua em vários campos, sendo o primeiro programa de rádio via streaming pelo Facebook e YouTube no Brasil. Atuamos também como assessoria de imprensa de várias bandas brasileiras e recentemente a empresa se transformou em um selo digital com distribuição mundial de artistas do nosso cast em todas as plataformas de Streaming do mundo.

Attomica – Thrash Metal – São José dos Campos/SP

Uma das mais importantes bandas do Thrash Metal brasileiro, o Attomica lançou em 2018, o excelente álbum The Trick. Atualmente a banda está trabalhando em novas composições e promete para 2021, um novo disco de estúdio. Confira toda a discografia da banda nas plataformas digitais.

Atual Formação:
André Rod – Vocal/Baixo
Marcelo Souza – Guitarra
Argos Danckas – Bateria

Burn Incorporated – Heavy Metal – Monte Alto/SP

Em 2020 a banda composta por jovens músicos brasileiros, encontrou em seu vocalista, Vincenz Nucitelli, o nome certo para assumir também os vocais da banda. Ao lado dos músicos Raphael Alonso (Baixo) e Gabriel Alonso (Guitarra), a banda liberou recentemente o single, Until My End, para audição completa nas plataformas digitais e em um clipe oficial no YouTube.

Formação:
Vincenzo Nucitelli – Vocal/bateria
Gabriel Alonso – guitarra
Raphael Alonso – baixo

Arken – Heavy Metal – São Paulo

Após um longo período de composições, o Arken apresentou oficialmente o primeiro single de seu novo disco de estúdio. Ainda mais velos e técnicos, a nova música Hope, é uma excelente maneira de apresentar ao público o que está por vir. Acesse e confira em todas as plataformas digitais!

Formação:
Rafa Perera – Guitarra
Arthur Lopes – Baixo
Fabio Lima – Vocal
Renato Passero – Guitarra
Reinaldo Bello – Bateria

CxDxFx – Crossover/Hardcore – Ituiutaba/MG

O novo disco de estúdio deste grande nome mineiro, terá como produtor o renomado músico, Manu Jocker (Uganga/ExSarcófago). O álbum que está sendo preparado terá o nome de ReVolta e tem previsão de ser lançado no segundo semestre de 2020.
Confira as obras já lançadas pela banda no YouTube ou nas plataformas digitais.

CxDxFx:
Léo Araújo – Vocal;
Zé Denes – Guitarra;
Silas Demétrio – Baixo;
Thales Matheus – Bateria

A Drink To Death – Death Metal – Brasília

Essa é uma das mais gratas revelações do metal extremo da cidade de Brasília. Trabalhando em single, a banda, A Drink To Death, já disponibilizou algumas músicas para usuários de plataformas digitais. Com letras fortes e cantadas em Português, esta banda trabalha duro para apresentar um dos melhores discos de 2020.

A Drink To Death:
Felipe Vasconcelos – Vocal
Enok Lucas – Guitarra
Jeff Leite – Guitarra
Guilherme Marcos – Baixo
Aquiles – Bateria

Seventh Sign From Heavy – Heavy Metal – Picos/PI

Acaba de ser lançado em formato físico e digital, o segundo registro de estúdio da Seventh Sign From Heaven. A banda buscou em Thiago Bianchi, o nome certo para comandar a produção deste disco, que é simplesmente uma obra-prima do Heavy Metal brasileiro. Vá atrás e confira:

Seventh Sign From Heaven é:
Mark Neiva: Vocal/Guitarra
Emanuel Lima: Guitarra
Filim Nascimanto: Bateria
Zinha Soares: Baixo

Angelique – Symphonic/Doom Metal – Rio De Janeiro

UAo todo são sete integrantes, sendo três vocalistas e o melhor, a banda não se preocupa em seguir uma métrica única, pelo contrário, sua obra é diferenciada e a cada single novo lançado, a perspectiva absorvida pelo ouvinte é totalmente diferente. A Angelique esta em fase final de produção de seu primeiro disco e vários singles podem ser conferidos em todas as plataformas digitais.

Angelique;
Camila Oliveira – Vocal
Lincoln Lopes – Vocal
Beltane Tristesse – Vocal
Jonathan Dimithri – Guitarra
Bruno da Silva – Baixo
John Vasques – Teclado/Piano
Guilherme Ramos – Bateria

Monday Riders – Hard Rock – Goiânia/Go

Sabe aquele som contagiante e que te pega logo nos primeiros arranjos? Pois bem, isto é exatamente o que acontece com quem confere o recém lançado disco, Fire Blood and Gasoline, que além de versão física, se encontra disponível em todas as plataformas digitais. Essa é uma das melhores bandas do Centro-Oeste brasileiro, não deixe de conferir.

Monday Riders é formado por:
Jairo Resenrods – vocal
Marco de Sensi – guitarra
Wagner Felix – baixo
Paulo Meneses – bateria

Arkana Fen – Symphonic Metal – Brasil/Austrália/Mexico

Este é um projeto que envolve músicos do Brasil, Austrália e México.
De forma sublime, sua sonoridade é única e cativante. Até o momento dois EPs foram lançados nas plataformas digitais, sendo que o terceiro capítulo desse conteúdo conceitual, está muito próximo de ser lançado.

Arkan Fen:
Ellie Kamphuis – Vocals
Eric Murdarak – Guitars
Icaro Ravelo – Drums & Keyboards

(Magnética – Rock and Roll – Bebedouro/SP

Após o lançamento do disco, Homo sapiens brasiliensis (2018) e do EP, Frankenstein (2019), a banda Magnética está finalizando a produção de mais um álbum de estúdio que será lançado ainda em 2020. Toda a obra do grupo pode ser conferida nas plataformas digitais.

Formação:
Rafael Musa – Vocal/Guitarra
Murilo Mikelin – Baixo
Riberto Carminatti – Bateria

Confira nossas condições e traga sua banda para a assessoria que mais cresce no país.

gleison@roadie-metal.com
@roadie_metal
facebook.com/RoadieMetal
facebook.com/roadiemetalassessoria

Site oficial
WWW.ROADIE-METAL.COM
Assessoria
WWW.ROADIE-METAL.COM/PRESS
YouTube /roadiemetal

Body Count

By_Lu*Ch@auf

ROADIE CREW

Heavy Metal & Classic Rock

By_Lu*Ch@uc

ROADIE CREW

Heavy Metal & Classic Rock

By_Lurch@quf

NUCLEAR BLAST

NUCLEAR BLAST

A Nº1 EM MÚSICA EXTREMA

Shinigami 死神 Records

VERSÃO DIGIPACK DUPLO
E ACRÍLICO SIMPLES

PRIMAL FEAR
METAL COMMANDO

DÉCIMO TERCEIRO ÁLBUM DE ESTÚDIO DA BANDA ALEMÃ DE POWER METAL.
O EQUILÍBRIO PERFEITO ENTRE AS ORIGENS E O ESTILO ATUAL DA BANDA.

VERSÃO DIGIPACK E ACRÍLICO
POSTER SOMENTE NAS
PRIMEIRAS 250 CÓPIAS DE CADA

DESTRUCTION
BORN TO THRASH
LIVE IN GERMANY

PRIMEIRO ÁLBUM AO VIVO COM A NOVA
FORMAÇÃO DA BANDA ALEMÃ DE THRASH METAL.
GRAVADO EM 2019 NO FESTIVAL ALEMÃO PARTI.SAN OPEN AIR.

TESTAMENT
TITANS OF CREATION

PARADISE LOST
OBSIDIAN

VADER
SOLITUDE IN MADNESS

LAMB OF GOD
LAMB OF GOD

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

IN FLAMES
CLAYMAN
(20TH ANNIVERSARY EDITION)

BLUES PILLS
HOLY MOLY!

PROMOÇÃO

PROMOÇÃO: ACRÍLICO OU DIGIPACK?

A PARCERIA NUCLEAR BLAST BRASIL / SHINIGAMI RECORDS ESTARÁ SORTEANDO 5 KITS
(CONTENDO CADA UM: 3 CDS + 1 ECOBAG DA SHINIGAMI RECORDS) ENTRE TODOS AQUELES QUE RESPONDAM
A SEGUINTE PERGUNTA: *QUAL FORMATO DE CDS (DIGIPACK OU ACRÍLICO) VOCÊ PREFERE?*

ENVIE SUA RESPOSTA PARA O E-MAIL SORTEIO@SHINIGAMIRECORDS.COM ATÉ O DIA 18 DE SETEMBRO DE 2020.

PARA MAIS INFORMAÇÕES OU ESCLARECER DÚVIDAS ENVIE UMA MENSAGEM PARA O E-MAIL ACIMA CITADO.

www.shinigamirecords.com.br 11 3719-0993 loja@shinigamirecords.com

anúncio: www.jduartedesign.com